**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

Patricia Gomes Furlanetto

**O ASSOCIATIVISMO COMO ESTRATÉGIA DE INSERÇÃO
SOCIAL**

*As Práticas sócio-culturais
do mutualismo imigrante italiano
em
RIBEIRÃO PRETO
(1895 – 1920)*

**São Paulo
2007**

PATRICIA GOMES FURLANETTO

O Associativismo como estratégia de inserção social: As
práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em
Ribeirão Preto (1895 –1920)

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de
Doutora em História Social.
Orientadora: Profa. Dra. Nanci
Leonzo

**São Paulo
2007**

Dedicatória

Essa pesquisa só foi possível porque a vida me ofereceu a maravilhosa experiência de conhecer, sentir e viver um sentimento que muito se fala, mas poucos o têm plenamente: a amizade! Assim, a conclusão dessa longa etapa só poderia ser dedicada aos meus dois amigos que a vida me proporcionou: Silvana Lúcia Campos e Célio Figueira da Costa Filho, por nunca terem me abandonado. Contudo, não poderia deixar de dedicar também essa Tese ao meu querido pai, que mesmo sem entendê-la direito, apoiou-me incondicionalmente.

Agradecimentos

Iniciar agradecimentos é sempre muito difícil! O medo de esquecer de alguém é grande, uma vez que foram tantas as pessoas que compartilharam dessa longa caminhada; cada um contribuindo à sua maneira, mas... Vamos lá!

Agradeço ao Prof. Dr. Michael M. Hall e ao Prof. Dr. Luigi Biondi por terem sido, além de referenciais, pessoas que em poucas conversas iluminaram com simplicidade e humildade o caminho tortuoso de uma pesquisa. Sem deixar de citar também o Prof. Dr. Angelo Trento, não apenas pelo sorriso que me foi oferecido apenas com a notícia de que era eu a pessoa que estava estudando associativismo italiano no interior do Brasil, mas também pela referência que sua pesquisa significou para mim.

Agradeço aos vários professores da Universidade de São Paulo que me incentivaram, ofereceram pistas e apoio, especialmente às Profas. Dras. Maria Inez Borges Pinto, Zilda Márcia Gricoli Iokoi, Raquel Glezer, Maria de Lourdes Janotti e ao Prof. Dr. Augustin Werner (in memoriam). Ao Prof. Dr. Cezar Augusto Carneiro Benevides, Pró-Reitor de graduação da UFMS, por ter participado da minha qualificação, pelas indicações, sugestões e principalmente pelo incentivo à continuidade da pesquisa.

Mais agradecimentos aos funcionários do Setor de Pós-Graduação do Departamento de História, em especial à Andréia, Elizabete Priscila e ao Oswaldo pelo carinho, orientação, eficiência e amabilidade.

Agradeço ainda ao Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, de forma especial e carinhosa à Tânia Registro e ao Mauro - o apoio, ajuda e força dessas duas pessoas foram incalculáveis.

Agradeço ao Arquivo Público do Estado de São Paulo e a Biblioteca Nacional, que me permitiram ampliar as relações existentes nessa pesquisa e demonstrar a atenção que nos é oferecida.

Agradeço ao Arquivo Edgar Leuenroth, ao Centro de Memória da Unicamp e à Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, por me oferecerem a possibilidade de trabalho com documentos e publicações voltadas ao meu tema.

Agradeço ainda à Sociedade de Socorro Mútuo Unione Italiana de Ribeirão Preto, por ter aberto seus arquivos e, principalmente, à secretária e amiga que ganhei nesses longos anos: Celina de Fátima! Ela é a “alma” desta associação.

Agradeço ao Jornal “A Cidade”, especialmente, a mais um amigo conquistado, o jornalista Nicola Tornatore que me abriu o arquivo privado dessa imprensa, tornando-se um grande interlocutor da minha pesquisa.

Agradeço ao 1º Cartório Civil de Ribeirão Preto, na pessoa do Dr. Maurício pela atenção e disponibilidade em atender-me e permitir minha pesquisa com tanta tranquilidade.

Agradeço à ANPUH, por todos os Simpósios oferecidos nacionais e regionais, dos quais tive o prazer de participar e trocar experiências, aflições e incentivos.

Agradeço à Fundação de Ensino Octávio Bastos por ter me dado uma das minhas maiores experiências, no campo profissional. Aos meus colegas de docência e a Reitoria por ter me oferecido a chance de lecionar e fazer pesquisa no Ensino Superior.

Agradeço a todos os meus alunos tanto do Ensino Superior, quanto do Ensino Básico. A todos que me ensinaram a acreditar e defender a docência como a minha melhor escolha.

Agradeço aos meus amigos que tiveram a paciência de me ouvir, inúmeras vezes, sobre o mesmo tema: Á Evelin, Maria Cecília, Thiago, Patricia, Danilo, Júlio, Dora, Delean, Cássio, Paulo, Ana Mércia, Ana Claudia, Valério, Geisiel, Marcela, Chiara, Ana Carolina, Rita, Zilda, Adhemar, Renato e tantos outros...!

Agradeço à família Prates e à família Gaino pela adoção que recebi, mostrando-me que podemos fazer parte de várias famílias.

Agradeço, com imenso carinho, ao Sidney, principalmente, por ter me mostrado, na prática, o que significa lutar para continuar vivendo.

E, finalmente, agradeço à minha família, que mesmo distante, ensinou-me a ter força e coragem, especialmente, à minha avó Luisa que com sua sabedoria encanta a todos.

Agradecimentos Especiais

Desejo fazer um agradecimento especial aos meus maiores interlocutores e críticos, mas presentes: Marcos Silva, Silvio Luis Gonçalves Pereira, Célio Figueira da Costa Filho, Sidney Oliveira Pires Junior e Ana Mércia Silva Roberts.

À Silvana minha “amiga e irmã” por todas as horas que imaginei não conseguir, e ela estava ali, ao meu lado, sem a sua ajuda “logística” e “emocional” essa tese não teria sido finalizada.

Ao Célio meu amigo e companheiro que, com sua tranquilidade, calma, paciência e racionalidade, acompanhou todas as minhas superações e esteve ao meu lado em todas as quedas, sempre acreditando que eu levantaria.

E, finalmente, um agradecimento especial à minha Orientadora, Profa. Dra. Nanci Leonzo, que soube entender minha temporalidade, meus obstáculos, medos e acompanhar, pacientemente, meu ritmo e as minhas superações.

Por não conseguir sempre por em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade¹.

¹ SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 45.

Resumo

Esta tese tem como objetivo a análise das práticas associativas de imigrantes italianos na cidade de Ribeirão Preto entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. A escolha da cidade de Ribeirão Preto deveu-se, além da expressividade do fluxo migratório italiano, ao perfil do imigrante e à sua participação na dinâmica sócio-econômica de uma sociedade local inserida na expansão cafeeira no Estado de São Paulo. O foco da reflexão, por sua vez, centrou-se na forma como esses imigrantes se organizaram e intensificaram suas relações através de mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade, ganhando novos espaços e significados num país que desconhecia políticas de previdência social. No decorrer da dinâmica cotidiana e das inúmeras adaptações, essa prática associativa adquiriu novos significados através de uma mediação entre a (re)criação de uma identidade coletiva de “italianidade” e os costumes diversos de um grupo que, apesar de heterogêneo, em vários momentos necessitou demonstrar coesão. Além da contingência gerada pelo próprio ato de migrar, os diversos segmentos sociais de uma Itália em processo de unificação, ao criarem suas redes sociais, depararam-se com a necessidade de uma identidade étnica, apesar dos diversos conflitos de interesses. Assim, o objetivo de conquistar a liberdade/dignidade, fosse pelo trabalho, pelo exercício da cidadania, ou pela declaração afirmativa de luta de classes, possuiu a solidariedade e identidade étnica como instrumento hábil. Para tanto, enfoquei a formação das sociedades italianas *Società Operaia di Mutuo Soccorso Unione Italiana*, *Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza*, *Società Unione Meridionale*, *Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Pàtria e Lavoro* e a *Società Dante Alighieri*. A documentação em questão se insere num conjunto de livros de atas, listas de sócios, imprensa de língua nacional e italiana, registros de impostos e outros registros referentes aos membros das sociedades e da cidade de Ribeirão Preto. Diante desse grande conjunto documental, optei por analisar a formação das respectivas sociedades, seus principais integrantes e suas inúmeras estratégias e, ao analisá-lo, procurei compor uma leitura que refletisse sobre as práticas desses imigrantes e como lograram associações que tiveram grande importância na cidade de Ribeirão Preto.

Palavras-chave: imigração italiana, Ribeirão Preto, associativismo

Abstract

The object of this thesis is to analyze the practices of communal associations of Italian immigrants in Ribeirão Preto city at the end of the 19th century and in the first two decades of the 20th century. Ribeirão Preto was chosen not only because it received a large number of Italian immigrants, but also for their profile and participation in the social and economic dynamics of a society located in a region of expanding coffee plantations in the State of São Paulo. The specific focus was the way these immigrants organized themselves and developed strong relationships via mechanisms of mutual help and solidarity, creating new spaces and meanings in a country where social welfare policies were unknown. By virtue of the daily routine and numerous adaptations, these association practices gained new significance through a dialogue between the (re)creation of a collective identity of “Italianness” and the diverse customs of a group that, while heterogeneous, on various occasions needed to show cohesion. Besides the specific circumstances created by the migration itself, the varied social segments of an Italy in the process of unification, in creating their social networks, came up against the need for an ethnic identity, in spite of the numerous conflicts of interest. Therefore, the aim of conquering freedom and dignity, be it by work, by exercising citizen's rights or by a conscious declaration of class struggle, could count on the existing solidarity and ethnic identity in the community. In this light, I focused on the formation of the Italian societies *Società Operaia di Mutuo Soccorso Unione Italiana*, *Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza*, *Società Unione Meridionale*, *Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Pàtria e Lavoro* and the *Società Dante Alighieri*. The documents in question are part of a set of minutes of meetings, member lists, the Portuguese and Italian language press, tax and other records referring to members of the societies and inhabitants of Ribeirão Preto. Faced with this large set of documents, I decided to analyze the formation of those societies, their leading members and their varied strategies and, on the basis of this analysis, to present a reading that would reflect the practices of these immigrants and how they managed to set up these important societies in Ribeirão Preto.

Keywords: Italian immigration, Ribeirão Preto, associative movement.

Riassunto

Questa tesi ha come scopo quello di effettuare un'analisi delle pratiche associative degli immigrati italiani nella città di Ribeirão Preto, nello stato di São Paulo, in Brasile, nel periodo compreso tra la fine dell'Ottocento ed i primi vent'anni del Novecento. La scelta della città di Ribeirão Preto è dovuta, oltre che all'intensità del flusso migratorio italiano, al profilo dell'emigrante e al suo ruolo nella dinamica economico-sociale di una società locale pienamente inserita nel contesto dell'espansione del caffè nello stato di San Paolo. Al centro della nostra riflessione vi è lo studio dei modi attraverso cui questi immigrati si organizzarono e come intensificarono i loro rapporti per mezzo del mutuo soccorso e della solidarietà, conquistando nuovi spazi in un paese che ignorava le politiche sociali. Nella dinamica quotidiana e negli innumerevoli processi di adattamento, questa pratica associativa acquisì nuovi significati attraverso la mediazione tra la (ri)creazione di una identità collettiva di "italianità" e le abitudini diverse di un gruppo che, malgrado fosse eterogeneo, in vari momenti ebbe bisogno di dimostrare una certa coesione. Al di là della contingenza generata dall'atto stesso dell'emigrare, i diversi segmenti sociali di una Italia da poco unificata si confrontavano costantemente con il bisogno di una identità etnica, malgrado i vari conflitti di interesse. Di conseguenza, l'obiettivo di conquistare la libertà e la dignità, sia attraverso il lavoro, l'esercizio della cittadinanza, o con la lotta di classe, annoverò tra i suoi strumenti anche quello della solidarietà e della identità etnica. Ai fini dello studio di tali tematiche, ho focalizzato la formazione delle società italiane di Ribeirão Preto: *Società Operaia di Mutuo Soccorso Unione Italiana*, *Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza*, *Società Unione Meridionale*, *Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Patria e Lavoro* e a *Società Dante Alighieri*. Le fonti utilizzate sono formate da un insieme di verbali e liste di soci, dalla stampa brasiliana in lingua portoghese e italiana, dai registri delle tasse e da altri documenti della città di Ribeirão Preto e relativi ai membri delle società in questione. Tale *corpus* documentale è stato utilizzato per analizzare la formazione delle società italiane, i loro principali associati, e le loro innumerevoli strategie, cercando di leggerle in modo tale da riflettere sulle pratiche di questi immigrati e su come costruirono le loro associazioni che tanta importanza ebbero nella città di Ribeirão Preto.

Parole-chiave: immigrazione italiana, Ribeirão Preto, associazione

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Divisão por nacionalidade dos requerentes de lotes para o Núcleo colonial	49
Tabela 2 - Imigrantes saídos do Alojamento da Capital em direção a Ribeirão Preto	52
Tabela 3 – Nascimentos ocorridos em Ribeirão Preto	53
Tabela 4 - Imigrantes separados por nacionalidade saídos do Alojamento da Capital em direção a Ribeirão Preto – 1901	55
Tabela 5 - Imigrantes separados por nacionalidade saídos do Alojamento da Capital em direção a Ribeirão Preto – 1902	55
Tabela 6 - Imigrantes separados por nacionalidade saídos do Alojamento da Capital em direção a Ribeirão Preto – 1905	55
Tabela 7 - Sociedades Étnicas – Interior do Estado de São Paulo com data de fundação provável a partir de 1895	59
Tabela 8 - Levantamento da quantidade de atividades profissionais elencadas no Almanach Illustrado de Ribeirão Preto, referente ao ano de 1913:	87
Tabela 9 - Composição do Conselho Diretor Provisório da <i>Unione Italiana</i> em 1895	101
Tabela 10 - Composição do Conselho Diretor da <i>Unione Italiana</i> em 1896	102
Tabela 11 - Composição do Conselho Diretor da <i>Unione e Fratellanza</i> em 1899 ..	102
Tabela 12 - Composição do Conselho Diretor da <i>Unione Meridionale</i> em 1900. ...	103
Tabela 13 - Composição do Conselho Diretor da <i>Pàtria e Lavoro</i> em 1904.....	103
Tabela 14 - Levantamento das participações de alguns sócios em diversas Diretorias	111
Tabela 15- Atividades desenvolvidas pelos sócios da Sociedade <i>Unione Meridionale</i>	118
Tabela 16 - Lista de homenageados e suas ocupações profissionais.....	149
Tabela 17 - Membros da Liga Operária e da Sociedade <i>Unione Italiana</i> , no período de organização da Liga.	190
Tabela 18 - Comissão para a organização das homenagens ao dia 20 de setembro de 1899.	205
Tabela 19 - Relação das Sociedades de Ribeirão Preto entre os anos de 1890 a 1920	220
Tabela 20 - Lista de Escolas Italianas registradas no Anuário Estatístico de São Paulo - 1911	225
Tabela 21 - Resumo do número de sociedades étnicas: Italianas e demais nacionalidades; contendo o número de sócios Efetivos, Honorários e Beneméritos do Estado de São Paulo (1902 – 1913).....	244
Tabela 22 - Composição do Conselho Diretor da <i>Unione Italiana</i> em março de 1900.	247
Tabela 23 - Comparativo entre Receitas e Despesas da Sociedade de Socorro Mútuo <i>Unione Italiana</i> entre o período de 1910 a 1920:.....	256

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	9
INTRODUÇÃO	12
1. INFRA-ESTRUTURA E CONDIÇÕES SÓCIO-CULTURAIS EM RIBEIRÃO PRETO: ENTRE A IMPOSIÇÃO DA ORDEM E OS ARRANJOS DA VIDA IMIGRANTE	30
1.1. DESEMPENHO ECONÔMICO E APORTES TÉCNICO E SÓCIO-CULTURAL: ENSAIOS DE MODERNIZAÇÃO E DE COSMOPOLITISMO.....	34
1.2. A IMIGRAÇÃO ENTRE AS NECESSIDADES BÁSICAS E AS CONTRADIÇÕES DO URBANISMO	41
1.3. O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS ASSOCIATIVISTAS NO INTERIOR PAULISTA.....	56
2. ESPERANÇA E SOLIDARIEDADE EM RIBEIRÃO PRETO: A EXPERIÊNCIA DAS SOCIEDADES ÉTNICAS DE MÚTUO SOCORRO	64
2.1. A ORGANIZAÇÃO DAS SOCIEDADES DE MÚTUO SOCORRO ITALIANAS EM RIBEIRÃO PRETO	67
2.1.1. Società Operaia di Mutuo Soccorso Unione Italiana	68
2.1.2. Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza	74
2.1.3. Società Unione Meridionale.....	76
2.1.4. Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Pàtria e Lavoro	78
2.1.5. Società Dante Alighieri	81
3. ATIVIDADES ECONÔMICAS E REPRESENTATIVIDADE DO GRUPO DIRIGENTE DAS SOCIEDADES ITALIANAS.....	86
3.1 IMBRICAÇÕES TEÓRICAS PARA AMPLIAR A COMPREENSÃO DE RELAÇÕES HUMANAS.....	91
3.2. A SOLIDARIEDADE, CONSCIÊNCIA ÉTNICA E OS ARRANJOS SÓCIO-CULTURAIS.....	99
3.3. ESTRATÉGIAS ENQUANTO PRÁTICAS SOCIAIS COTIDIANAS.....	105
4. ESPAÇO SOCIAL E IDENTIDADE: COSTUME, TRADIÇÃO E PODER.....	136
4.1. IDENTIDADE NACIONAL E DIFERENÇAS SOCIAIS NO INTERIOR DAS SOCIEDADES	139

4.2. AS SOCIEDADES DE SOCORRO MÚTUO ENTRE O MOVIMENTO GREVISTA E A NACIONALIDADE BRASILEIRA.....	181
5. LAZER, SAÚDE E EDUCAÇÃO: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE	200
5.1 UMA TRADIÇÃO INVENTADA: O “VINTE DE SETEMBRO” E A DIVERSIDADE DE POSSIBILIDADES DE SOCIABILIZAÇÃO	203
5.2 PRESTÍGIO: EVENTOS BENEFICENTES E LAZER	212
5.3 BENEFICÊNCIA E SAÚDE.....	219
5.4 EDUCAÇÃO.....	224
6. ESTATUTOS E ASSEMBLÉIAS: A ORGANICIDADE EM NOME DA LEGITIMIDADE.....	240
6.1 A FORMALIDADE COMO LEGITIMIDADE DAS SOCIEDADES EM RIBEIRÃO PRETO.....	245
6.2 AS PRÁTICAS ASSOCIATIVAS ITALIANAS E ALGUMAS ESTRATÉGIAS PARA A MANUTENÇÃO DO SENTIMENTO DE “ITALIANIDADE”.....	258
CONSIDERAÇÕES FINAIS	263
FONTES.....	270
BIBLIOGRAFIA.....	277
ANEXOS	289

INTRODUÇÃO

A imigração italiana entre os séculos XIX e XX resultou não só das diversas formas da expansão capitalista, mas também da relação estabelecida entre Itália e Brasil na lógica do processo de desenvolvimento nos dois países. Se no Brasil essa realidade pôde ser observada pela constituição de um mercado de trabalho livre para a grande lavoura e a transformação da terra em capital, isto é, renda territorial capitalizada, na Itália a expansão do capitalismo após 1850 se refletiu numa conseqüente mudança na divisão internacional do trabalho e na luta de grupos inteiros contra a proletarização. Tais realidades constituíram-se a partir da formação de instituições que atenderam às especificidades históricas do desenvolvimento inerentes ao capitalismo em formação e da dinâmica do intercâmbio desigual, tanto nas relações de valor de uso e de troca quanto nos investimentos ou não em tecnologias.

Estudar a imigração não é apenas observar o deslocamento perpetrado por pessoas ou grupos de uma localidade geográfica para outra, mas observar também a transição do sujeito, como parte de uma determinada sociedade dotada de padrões culturais que lhe fornecia referências de comportamento e de valores, para se estabelecer num país ainda desconhecido, organizado sob diferentes paradigmas.

Segundo Zuleika Alvim, não se deve tomar de modo linear o argumento segundo o qual experiências passadas determinam o comportamento futuro; ou seja, se as famílias italianas agiam de certo modo na Itália, agiriam da mesma forma

no Brasil². Nestes termos, Edward P. Thompson nos lembra que qualquer momento histórico é, ao mesmo tempo, resultado de processos anteriores e um indicador da direção de seu futuro³.

Assumindo a compreensão da imigração a partir de três fases – a primeira delas pela motivação para o deslocamento, a segunda, pela estrutura do processo migratório em si, e a terceira, pela análise das condições de assimilação do imigrante devido à estratégia social definida pela nova sociedade⁴ –, enfatizo que esta pesquisa centrou seus estudos nessa última fase; as formas, funções e estruturas, tanto da assimilação do outro, o estrangeiro, como da alteridade a ser construída no novo território, questões centrais desta tese, constituíram-se nos aspectos problemáticos abordados pelos questionamentos desenvolvidos neste trabalho.

Assim, com vistas ao título de Doutora em História Social, objetivei, através das práticas associativas organizadas pelos imigrantes italianos no interior do Estado de São Paulo, demonstrar as especificidades geradas não só no próprio desenvolvimento de um comportamento associativo, como também o quanto as contingências do espaço vivenciado instigaram estratégias diferenciadas dessas associações. Dessa forma, somente analisando a dinâmica e o cotidiano de adaptação na conquista de novos espaços e novos significados é possível ampliar a compreensão das estratégias que, aparentemente, apresentam-se desconexas, mas que ao ampliar o nosso olhar, o “jogo” se evidencia.

² ALVIM, Zuleika. **Brava gente!** Os italianos em São Paulo 1870-1920. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 14.

³ THOMPSON, Edward P. **Miséria da teoria:** ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 58.

⁴ MARTINS, José de S. **A imigração e a crise do Brasil agrário.** São Paulo: Editora Pioneira, 1973, p. 19.

Em síntese, é necessário considerar que o movimento migratório em direção a São Paulo esteve inserido num contexto de expansão do capitalismo e que gerou especificidades capazes de retirar os indivíduos de sua região de origem e os atrair para lugares distantes e desconhecidos. Todavia, é importante lembrar que esses sujeitos constituíam um obstáculo à expansão do capital ou à manutenção da ordem local, e, dessa forma, a migração para uma região desconhecida era proposta como solução. Nesse sentido, qualquer indagação a respeito dos motivos que fizeram milhares de italianos emigrarem em direção ao estado de São Paulo possui resposta clara e objetiva: a expectativa de melhores condições materiais de existência⁵.

O processo migratório proporciona, sem dúvida alguma, um momento de pausa na vida de grandes contingentes humanos que, de algum modo, vêm suas condições de existência exauridas no lugar de origem e vislumbram melhores condições de vida noutra localidade, onde provam das mais variadas sortes, imergem em ásperos redemoinhos, sentindo cotidianamente na carne os efeitos de inumeráveis processos dialéticos.

Aquele que migrou, premido por circunstâncias sócio-econômicas desfavoráveis foi vincado por duas maldições que, de algum modo, entrelaçam-se: as de Adão e Caim, conforme aponto no corpo da presente tese.

Explico-me: em referência a uma famosa metáfora utilizada por E. P. Thompson⁶, cuja influência intelectual proporcionou um dos aportes teóricos empregados na pesquisa, onde o autor conclui que além da maldição de Adão – cujo castigo em função de sua desobediência a Deus foi o de retirar o sustento de seu próprio suor, ou seja, do trabalho árduo –, o imigrante é obrigado a enfrentar a maldição do filho de Adão, Caim, que após matar o irmão Abel foi sancionado por

⁵ HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 207.

⁶ THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária**. vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Deus com o deslocamento perpétuo: “[...] Quando cultivares o solo, ele te negará seus frutos e tu virás a ser um fugitivo, vagueando pela terra”⁷. Se o migrante não consegue desvencilhar-se do trabalho, instituição já incrustada na essência da constituição sócio-psíquica e mental do ser humano, ao menos se esforça para não ser portador da herança nefasta dos “herdeiros de Caim”; além de fincar raízes em um solo que lhe desse amparo, o migrante busca alhures os frutos como prêmio ao suor vertido.

Desde meados do século XIX, imigrantes europeus, destacadamente italianos, entraram em número crescente no Brasil. A maioria foi encaminhada para as lavouras de café, onde assumiu funções exercidas anteriormente por escravos. Essa questão, já estudada por vários pesquisadores, trouxe grandes discussões sobre a permanência do imigrante no campo⁸, ao demonstrar aspectos sombrios da imigração, como a violência do patronato, que tratava o imigrante da maneira como outrora tratara o escravo, postura que incluía, naturalmente, a repressão física, assim como a penúria econômica. Por outro lado, o campo não foi o objetivo da maioria imigrante vinda para o Brasil, fato que resultou em uma relativa resistência de permanecer na lavoura⁹.

A opção pela cidade apresentava-se como o fim dos maus-tratos físicos e morais, assim como o fim do isolamento espacial – geralmente as fazendas possuíam encarregados, também, de vigiar entrada e saída de colonos de suas propriedades. Como resultado dessa situação, na passagem do século XIX para o XX, as cidades do Estado de São Paulo vivenciaram vasto incremento populacional,

⁷ Gênesis. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Edições Loyola. Tradução da CNBB, 2001, p. 20.

⁸ Sobre o tema ver: ALVIM, Zuleika. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo**; CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2003.; HOLLOWAY, Thomas. **Imigrantes para o café: Café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

⁹ HALL, Michael. **The origins of mass immigration in Brazil, 1874-1914**. Tese de Doutorado, Columbia University, 1969.

que redundou em um aumento da oferta de trabalho e a constituição de um mercado interno de consumo que abria novas oportunidades tanto para os detentores dos capitais gerados pelo café, quanto para indivíduos dotados de habilidades artesanais. Inseridos nesse contexto, os imigrantes acabaram por se tornar itinerantes à procura da autonomia de suas vidas. A fixação nas cidades definia a luta em nível de sobrevivência, pois representava a possibilidade do fim desses maus-tratos físicos e morais que sofriam.

Na condição de espaço privilegiado de conflito, a cidade também estimulava a solidariedade: em termos assistenciais e políticos, espalhavam-se por São Paulo inúmeras Sociedades Étnicas de Mútuo Socorro, as quais, na maioria das vezes, promoveram a solidariedade e ao mesmo tempo se debateram pela construção de uma identidade nacional fora do país de origem. Todavia, atitudes políticas de resistência também ganharam espaço. A título de exemplo, no ano de 1897, havia 98 associações mutuais; em 1908 já eram 170, somente na cidade de São Paulo¹⁰. Ainda que o número de associados fosse reduzido em comparação ao número de imigrantes estabelecidos no Estado, não é prudente desprezar tais organizações na constituição de complexa rede de relações, em especial no oeste paulista, representado, nessa tese, pela cidade de Ribeirão Preto.

Um dos mais importantes representantes da escola historiográfica marxista inglesa, E. P. Thompson, proporcionou um esteio teórico de grande valia para a pesquisa, uma vez que se nota, a partir das práticas efetivadas pelo grupo migrante italiano em prol da própria sobrevivência, a constituição de um “indivíduo de fronteira”, que necessitou, ao mesmo tempo, realizar a manutenção, ou até mesmo a (re)criação do sentimento pátrio – inclusive como resposta à sustentação de sua

¹⁰ ALVIM, Zuleika, op. cit., p. 172.

honra –, e se inserir no contexto de uma sociedade de adoção que apresentava outros códigos de existência cotidiana. Enfim, uma complexa relação dialética inerente ao processo de auto-afirmação, relação que impregnou de forma indelével o *modus operandi* da “colônia italiana” estabelecida na região cafeeira paulista, obrigada, ao menos a princípio, a lastrear seu esforço físico com os frutos da terra.

A cidade de Ribeirão Preto foi eleita como o espaço consagrado a essas indagações que me levaram a campo. Cabe ressaltar que não me propus promover uma historiografia urbana, mas sim social, tendo o espaço urbano como pano de fundo: uma cidade em pleno exercício de se fazer cidadina, uma vez que se tratava ainda de um espaço urbano embrionário, cujo crescimento era alavancado pelo vigor da cafeicultura em sua marcha frenética para o “Novo oeste paulista”¹¹.

Embora a cidade fosse receptáculo de tendências organizativas diversas, entre elas as mutuais, surgidas a reboque da imigração e das manifestações que ganhavam corpo nas grandes cidades, a dinâmica das sociedades de socorro mútuo desenvolveu-se por meio do estabelecimento de características muito próprias, revestidas de vicissitudes bastante particulares, principalmente em um espaço onde urbano e rural não estavam claramente definidos.

Ademais, na tentativa de se equilibrar em um tênue fio fronteiriço, muitas vezes as práticas sócio-culturais e políticas no interior das mutuais resvalavam num verdadeiro “salve-se quem puder”, que desembocou em atitudes pouco convencionais, situadas num universo também de fronteira entre o corporativismo étnico e o individualismo oportunista, ou, em outras palavras, entre as práticas que

¹¹ Atualmente, essa região corresponde geograficamente ao leste e ao nordeste do Estado de São Paulo. Entretanto, no período estudado, Martinho Prado Junior denominou esta região como “Oeste Novo” e a região de Campinas, Limeira e Rio Claro de “Oeste Antigo”.

objetivaram a necessidade de afirmação social e as que buscaram as melhores formas de inserção na dinâmica capitalista.

Nessa direção, a leitura de Thompson mais uma vez indicou novos aportes, pois as práticas culturais estiveram no cerne da construção cotidiana da identidade e da sobrevivência imigrante, afinal, conforme defende o historiador, a formação da classe operária faz parte do processo de industrialização, não como sua consequência, mas como parte integrante. Ademais, Thompson flexibilizou o conceito de cultura dentro do mundo marxista e o despiu da carga de subjugação à idéia de infra-estrutura, ao adotar uma noção ampliada, indicando tratar-se de um substrato para relações preñes de complexidade e de convergência dos mais variados aspectos que compõem a vida em sociedade – políticos, sócio-econômicos ou, mais propriamente culturais. Nesse sentido, o universo da simbologia ganhou espaço no amplo espectro que compõe as realidades culturais e limpou a expressão “cultura” de uma carga extra-sensorial que parecia revesti-la.

Um segundo movimento teórico-metodológico empregado na análise das estratégias (re)inventadas constantemente pelos imigrantes para a sobrevivência na sociedade de adoção baseou-se na possibilidade da articulação dos conceitos-chave do sociólogo Pierre Bourdieu às ações imigrantes no contexto social das mutuais. Na complexa sociologia bourdiesiana, o mundo social é compreendido à luz de três conceitos fundamentais que se entrelaçam para a produção de uma apreensão do real, mesmo que incompleto.

Segundo Bourdieu, o *campo* corresponde a um espaço social permeado por relações objetivas, nas quais as lutas dos agentes determinam e legitimam seus capitais (sociais, culturais, econômicos, políticos e simbólicos) e suas representações. Cabe notar que, na construção desse conceito, o sociólogo francês

travou um diálogo com a idéia weberiana de “esferas” e com o conceito de “classe social”, colhido em Karl Marx. O conceito de *habitus*, por sua vez, diz respeito ao comportamento e atitudes em sociedade, filiados às experiências passadas, portanto, vivenciadas historicamente, os quais constituem a base tanto da percepção quanto da ação, numa espécie de balizamento social, uma vez que permite ao indivíduo o pensamento e a ação. Assim, as *estratégias*, entendidas como produtos da interação entre *habitus* e *campo* objetivamente orientadas, mas nem sempre conscientes, permitiram a compreensão da dinâmica sócio-cultural desses sujeitos históricos.

Desse modo, no interior de uma temática – a imigração – que conta com uma riquíssima bibliografia, seja ensaística ou acadêmica, para não citar a prosa criativa, ative-me num tema cuja carência acadêmica já havia sido notada¹². Uma das questões levantadas que explica a pouca produção de conhecimento sobre associativismo imigrante é justamente a dificuldade em encontrar tal documentação.

Em sua obra *Trabalho Urbano e Conflito Social*, Boris Fausto afirma que nesse período a cidade conheceu profundas transformações ocupacionais. Conforme estudos de vários pesquisadores, a classe operária esteve praticamente constituída por imigrantes, cuja passagem pelos movimentos de resistência proletária do início do século deixou marcas passíveis de serem quantificadas. Entretanto, o mesmo não ocorreu com as ocupações terciárias (inclusive as informais), como carroceiros, verdureiros, sapateiros e pedreiros, isto é, o contingente de trabalhadores semi-qualificados ou manuais, que se desenvolveu, sobretudo, a partir das crises cíclicas do café e das atividades industriais.

¹² FAUSTO, Boris **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991, pp. 41-42.

Conforme observa De Luca, a cidade, enquanto espaço potencial de conflito, acionava mecanismos capazes de estimular a solidariedade¹³, contexto no qual se desencadeou a formação de uma rede de Sociedades Mutuais. Nesses termos, ela afirma ser fundamental frisar que o mutualismo não deu origem e nem se confundiu com o sindicalismo. Primeiro, porque as associações de socorro mútuo não eram organizações exclusivamente operárias, e nelas se encontravam profissionais de diversos ramos. Em segundo lugar, o objetivo principal das mesmas era, essencialmente, remediar as situações cotidianas. Para a cidade de São Paulo, outro estudo que se destacou foi a tese de Luigi Biondi sobre as sociedades mutuais italianas e sua associação e inter-relação com os socialistas italianos emigrados para o Estado de São Paulo¹⁴. Através de uma grande capacidade de análise, as sociedades estudadas pelo autor exemplificam a impossibilidade de uma relação etapista entre mutuais e sindicatos; além disso, o estudo das sociedades étnicas traz indícios do quanto essas práticas estão imbricadas e compõem o perfil do operariado brasileiro.

Diante dessas pesquisas relacionadas com a prática associativa, o primeiro percurso metodológico de meu trabalho consistiu na busca de documentos primários que, pela própria natureza de minha proposta, consistiram em registros tanto da existência quanto do funcionamento das sociedades mutuais selecionadas para o estudo. Assim, deparei-me com um conjunto de Livros Atas de Assembléias e de Conselhos Diretores das Sociedades Mutuais, além de jornais, registros comerciais e contábeis, e almanaques da época e região enfocada, para que fosse possível

¹³ DE LUCA, Tânia R. **O sonho do futuro assegurado**. São Paulo: Contexto, 1990, p. 18.

¹⁴ BIONDI, Luigi. **Entre associações étnicas e de classe: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado, Unicamp, 2002.

uma análise mais aprofundada em relação à dinâmica imigrante e à atuação das sociedades mutuais, essencialmente, em cidades menores.

Malgrado a quantidade significativa de vestígios do meu objeto de pesquisa, não faltaram dificuldades de análise das entidades italianas de socorro mútuo no interior de São Paulo, em função da exigüidade de maiores registros oficiais e das adversidades ocasionadas pela leitura de fontes primárias redigidas numa espécie de “jogo de palavras” que se anunciava como a escrita italiana praticada na época. Apesar desses obstáculos, a documentação existente, sobretudo as Atas – fartamente analisadas –, constituíram-se em documentos preciosos, altamente significativos enquanto registros históricos nos quais pulsam toda a carga de contradição e de tensão existente no interior das mutuais e nas relações com a sociedade de adoção.

Naturalmente, para a elaboração do produto de pesquisa finalizado, composto pela presente tese, concorreu uma gama variada de registros, além desses documentos primários. No sentido de reconhecer as práticas sócio-culturais cotidianas e os rituais desenvolvidos pelas mesmas, para em seguida descer a particularizações da *práxis* social indicada, utilizei uma extensa bibliografia, que serviu principalmente de esteio para a defesa do argumento segundo o qual as ações realizadas no interior das mutuais transcenderam a simples função da solidariedade, para firmarem-se como estratégias de sobrevivência, disputas e ascensão social na sociedade de adoção.

Assim, a luta pela (re)criação de algumas referências capazes de dar sustentação à uma memória coletiva desses imigrantes italianos, ocorrida através de um conjunto variado de práticas, como escolas, festas, homenagens e atividades de lazer em geral, usualmente cimentadas sob o sentimento pátrio, ofereceu, num

primeiro momento, mesmo com os imigrantes se encontrando fragmentados em diversos níveis sociais, uma união que aparecia como necessidade para fazer frente às condições adversas da sociedade de adoção.

Essas associações de socorro mútuo situaram-se no processo de desenvolvimento dos núcleos urbanos formados no decorrer da economia cafeeira, com vistas a consolidar um conjunto de estratégias em resposta às diversas contingências produzidas naquele contexto. Aliás, estratégia é a expressão adequada para situar as variadas ações dessas organizações, pois se o assistencialismo significou a construção dos meios práticos para o provisionamento da existência de uma população fronteiriça, imigrante, as ações em favor do desenvolvimento de um sentimento identitário igualmente lançaram mão de tantos outros mecanismos de sobrevivência no interior da sociedade de adoção, conforme veremos no decorrer deste trabalho.

Por sua vez, é especificamente nesse ponto que se situam as minhas justificativas para a escolha das sociedades mutuais como objeto de estudo da pesquisa; ou seja, embora sejam abundantes os estudos a respeito da imigração em geral, há uma carência historiográfica a respeito das sociedades mutuais, sobretudo estudos que busquem explicitar suas práticas sócio-culturais.

No primeiro capítulo, *“Infra-estrutura e condições sócio-culturais em Ribeirão Preto”*, procurei reconstituir os elementos factuais fundamentais para a compreensão da história de Ribeirão Preto, por meio da análise das condições sócio-culturais e do desenvolvimento da infra-estrutura urbana. Tomei o desempenho econômico e os aportes técnico e sócio-cultural como um ensaio de modernização e, ao mesmo tempo, um posicionamento cosmopolita ante o aporte humano exógeno que passou a vincar o desempenho material da cidade.

Inseri também, nesse capítulo, a discussão sobre o mutualismo, entendido como prática social vinculada às necessidades básicas e às misérias do urbanismo, de um lado, e, de outro, vinculado ao processo de construção de alteridades e de assimilação estrangeira no contexto associativista do interior paulista, cujas práticas sócio-culturais e políticas possuíam em regras e repertórios próprios, muitas vezes distintos daquilo que ocorria nos centros maiores, conforme saliento mais de uma vez em situações distintas, ao qual se chama auto-representação imigrante.

No segundo capítulo, *“Esperança e Solidariedade em Ribeirão Preto: a experiência das Sociedades Étnicas de Mútuo Socorro”*, foquei a pesquisa na edificação das mutuais na cidade de Ribeirão Preto. Nessa parte, conforme o título faz remissão, situo a experiência das Sociedades Étnicas de Mútuo Socorro dentro do espírito da esperança e da solidariedade que, malgrado toda sorte de contradições e tensões reinantes no interior das sociedades, permeia a existência de tais agremiações.

Todavia, além de situar a solidariedade cotidiana no contexto das mutuais, notei e transformei em registro historiográfico a história de estratégias, por vezes encanecidas, que marcaram a pavimentação dos caminhos para a construção da alteridade. Assim, fica patente que a construção de uma identidade imigrante, tanto com relação à constituição de uma mitologia nacional italiana, quanto à inserção na sociedade de adoção, passa pela existência das Sociedades de Mútuo Socorro, com relação propriamente às estratégias e, ao mesmo tempo, às práticas sócio-culturais cotidianas.

Para dar maior visibilidade às idéias que nortearam a presente tese, promovi a apresentação das mutuais naquilo que as mesmas possuíram, ao mesmo tempo, de ordinário e original; afinal, o objetivo foi justamente o de indicar as tensões

subreptícias às mesmas. Assim, são arroladas as condições mais fundamentais de existência da “Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione Italiana”, da “Unione e Fratellanza”, da “Società Unione Meridionale”, da “Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Pàtria e Lavoro” e da “Società Dante Alighieri”.

Além de dar curso à defesa dos argumentos já desenvolvidos anteriormente, no terceiro capítulo, intitulado “*Atividades econômicas e representatividade do grupo dirigente das sociedades italianas*”, contemplo subsídios para argumentos futuros. Nesse ínterim, enfoco as atividades econômicas e a representatividade do grupo dirigente das sociedades italianas na cidade de Ribeirão Preto, cujo contexto permitiu observar a diversidade de ocupações profissionais no interior da sociedade de adoção, assim como lançar bases para temas vindouros, como a questão do movimento operário *strictu sensu*, cujas raízes não se encontram como pré-etapa nas mutuais, ainda que as mesmas tenham contribuído para reforçar o espírito de cooperação e delinear um perfil desse movimento.

Há, nesse capítulo, um momento de alta voltagem intelectual, pois contemplou um dos pontos nevrálgicos da orientação teórica dessa pesquisa: a mediação do diálogo que estabeleci com o passado, realizada pela confluência de teses centrais da teoria e da prática historiográfica de E. P. Thompson com o pensamento sociológico de Pierre Bourdieu. Embora este suporte intelectual ainda seja pouco usual, amiúde há um esforço integrador dessas duas vozes da intelectualidade contemporânea, que propuseram novos olhares às práticas sócio-culturais que embasam minha tese com respeito às estratégias imigrantes.

Busquei, portanto, através de uma confluência epistemológica, o instrumental para ampliar a compreensão das relações humanas fronteiriças. Aliás, a despeito da pesada carga antropológica que permeia o discurso de tais fronteiras, é impossível

deixar de, ao menos, tangenciar um conteúdo antropológico, ainda que mínimo: “Da parte da história parece chamar atenção o uso de conceitos e domínios como a cultura, a estrutura, as noções de símbolo e mito”¹⁵. Não tentei estabelecer nenhum debate/embate História-Antropologia; porém, é inegável o recurso à terminologia bastante usual no universo antropológico, tais como cultura, simbologia, signo e representação, que figuram com frequência no texto.

Não resta dúvida de que as práticas sociais no interior das mutuais eram mediadas por redes de solidariedade. Todavia, está claro também que um dos nós fundamentais para a compreensão do alcance destas mesmas práticas residiu em formas de representação da solidariedade, cuja realidade foi marcada pelo sobrepujamento de arranjos sócio-culturais às manifestações solidárias.

Note-se, mais uma vez, que a questão da consciência étnica esteve presente de modo insistente no interior das mutuais. Reitero esse postulado, porque o tema da consciência étnica abre caminho para estabelecer a discussão mais detidamente a respeito das estratégias adotadas como práticas sociais cotidianas, afinal, o imigrante é um indivíduo de fronteira. Tomei, então, essa idéia como um fulcro no universo da temática imigrante.

Enfim, conforme sustento adiante, seja qual for a realidade que o imigrante foi capaz de desenvolver para si, tratou-se de um indivíduo situado entre a experiência do seu lugar original, muitas vezes situado além de suas possibilidades de permanência, a realidade materializada pela sociedade de adoção, tantas vezes vincada de toda má sorte de existência. Daí tornar-se necessário o desenvolvimento

¹⁵ SCHWARCZ, Lília K. M. História e Antropologia: embates em região de fronteira. In: SCHWARCZ, Lília K. M. *et alii* (org.) **Antropologia e história: debates em região de fronteira**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000, pp. 11-31.

de estratégias que, ao mesmo tempo, legitimaram e garantiram uma ascensão material.

Já no quarto capítulo, *“Espaço social e identidade: costume, tradição e poder”*, pulsam as polêmicas no interior das sociedades mutuais em torno dos significados das homenagens e do desenvolvimento dos rituais na busca de uma identidade imigrante, e, ao mesmo tempo, no esforço para a sobrevivência em um contexto de adoção pátria. Desse modo, a construção da identidade nacional e a inserção na sociedade de adoção dotada de status sócio-econômico tornaram-se um horizonte, e, num contexto vincado de contradições acaloradas em torno da representatividade identitária, construiu-se, também, a própria relação de classes sociais – ao mesmo tempo em que os associados das mutuais se envolviam em questões de classe, buscavam preservar a identidade étnica por meio de várias ações simbólicas para a manutenção de uma “italianidade”. Assim, estabeleço um elo com o segundo capítulo, no qual informo, sinteticamente, as contradições que as mutuais encerraram em Ribeirão Preto.

Nesse sentido, a carga antropológica que reveste a expressão “cultura” ganha seus contornos mais nítidos, assim como o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência e pertinência à sociedade adotiva atingem o clímax, uma vez que há uma multiplicação do real, a partir do momento em que situações fronteiriças são evidenciadas à exaustão – desde o próprio imigrante, indivíduo fronteiriço por excelência, até os debates acalorados no interior das mutuais, que abriga desde o sentimento burguês até o espírito anarquista, passando pela proposta socialista, além da incorporação dos intensos debates além-mar, expressos pelas posturas pró e anti-monarquismo.

Nesse contexto, não faltam limiares, uma vez que as sociedades de socorro mútuo não deixaram de se situar, de algum modo, também entre o movimento grevista e a nacionalidade brasileira – sobre o pano de fundo, muito têm se desvincilhado as mutuais de uma espécie de raiz do movimento operário, conforme disse ainda há pouco. Todavia, sem nenhum temor de exagero com relação à temática dos limites, cumpre identificar a necessidade de recriar espectros de relações sociais, assim como uma “italianidade”, uma vez que muitos imigrantes não trouxeram esse sentimento da Europa, mas o edificaram do lado oeste do Atlântico, uma vez que a Itália não havia vencido a fase final do seu processo de unificação.

No quinto capítulo *“Lazer, Saúde e Educação: espaços de Sociabilidades”*, dediquei-me a descortinar a dinâmica desses espaços com reprodutores sociais, através das iniciativas educacionais e promoções de eventos onde o espaço adquiriu uma pluralidade de articulações capaz de promover adequações aos costumes dentro de um constante processo de transformação. Além disso, pude ainda ampliar a análise para uma expansão da prática associativa que ocorria num país onde ainda não havia uma política social, fato que conferiu, assim, uma maior complexidade entre o público e o privado sobre as responsabilidades sociais e o prestígio social que isso lhes conferia. Nesse contexto, resplandecem as múltiplas estratégias em um contexto urbano que é impulsionado pelo intenso desenvolvimento econômico norteador pela cafeicultura e, desse modo, outras sociedades são evidenciadas em suas práticas sociais que, no limite, também servem de esteio para algum tipo de necessidade social, afinal, apesar do grande incremento econômico, as misérias do urbanismo e da própria limitação republicana não deixavam de existir. Nesse caso, a visibilidade conquistada pelos filantropos no caso da gripe espanhola em Ribeirão Preto, mais precisamente no ano de 1918, não

deixa de se revestir de um caráter estratégico, evidenciando um universo de práticas sociais que conferem valores que, por vezes, passam ao largo da filantropia.

No último capítulo, *“Estatutos e Assembléias: a organicidade em nome da legitimidade”*, o ponto central de minha análise foi o papel das regras enquanto instrumentos de mediação ou de legitimação dos componentes dos diversos grupos. A importância da formulação de estatutos e da forma organizacional do funcionamento das sociedades apresentou-se como componente essencial na composição de posições diferenciadas nesses espaços sociais, além do fato de ter trazido um acúmulo de experiências para o exercício de formulação de diversas formas organizacionais coletivas.

Outra questão que trabalhei na parte final desse capítulo foi a das tentativas de organização de uma federação das sociedades mutuais, com objetivo de perceber, num primeiro momento, o quanto os conflitos entre os interesses pessoais e coletivos se inseriram nesse período de expansão das mutuais. Já num segundo momento, perceber como, mesmo sem a efetivação dessa federação e com as transformações políticas econômicas e sociais pós década de 1920, o sentimento de “italianidade” não desapareceu nos descendentes desses imigrantes do início do século XX. Fato que provocou um ressurgimento de associações italianas que voltaram a alimentar o valor positivo da italianidade no Brasil, apoiadas por uma política global de valorização de novas relações étnicas como mediação entre as tensões produzidas pela chamada “sociedade global”.

Vista de Ribeirão Preto a partir da Estação da Cia. Mogiana de Estrada de Ferro. Em primeiro plano se avistam barracas e vendedores ambulantes, em seguida, ponte sobre o córrego Ribeirão Preto e Rua General Osório. Data: 1903. Fotógrafo: n/ident. (APHRP – F100 - Fundo PM)

CAPÍTULO 1

INFRA-ESTRUTURA E CONDIÇÕES SÓCIO-CULTURAIS EM RIBEIRÃO

PRETO: ENTRE A IMPOSIÇÃO DA ORDEM E OS ARRANJOS DA VIDA

IMIGRANTE

1. INFRA-ESTRUTURA E CONDIÇÕES SÓCIO-CULTURAIS EM RIBEIRÃO PRETO: ENTRE A IMPOSIÇÃO DA ORDEM E OS ARRANJOS DA VIDA IMIGRANTE

O pequeno núcleo de casas construídas nas imediações dos córregos “Retiro” e “Ribeirão Preto”, ponto inicial da cidade, desenvolveu-se, transpôs esses córregos e continuamente se alastra, caminha, pontilhando todos os arredores de formosas vilas, atingindo dia-a-dia proporções de verdadeira capital, para lhe justificar mais ainda a denominação de “Capital do Oeste”.

Plínio Travassos Santos

O texto acima, uma descrição do memorialista Plínio Travassos Santos escrita em 1948, é bastante oportuno como ponto de partida para a reflexão sobre modos de abordagem da temática do desenvolvimento urbano. Contudo, minha questão em relação à forma como tratar o “inegável” desenvolvimento da cidade de Ribeirão Preto, sem elaborar uma digressão a respeito do progresso localizado num “passado idílico”, seria impossível, afinal, em vários textos dos chamados “memorialistas”, os relatos sobre as plantações de café e a chegada das ferrovias e dos imigrantes são pontilhados de euforia.

Por outro lado, a maioria dessas “falas” desmerece os problemas tipicamente urbanos, assim como a complexidade de relações que o desenvolvimento trouxe. Trata-se de discursos bem estruturados, como o do então prefeito da cidade, João Rodrigues Guião, em seu livro *O Município de Ribeirão Preto na Comemoração do 1º centenário da Independência: 1822-1922*, no qual são apresentadas a infraestrutura urbana e as ações de seu governo, além de consideráveis doses de propaganda do extraordinário desenvolvimento cafeeiro e citadino, assim como as facilidades que foram oferecidas aos imigrantes que ali chegavam.

Também em língua italiana não faltam textos elogiosos à pujança material de Ribeirão Preto e região:

È come la maggior parte delle città dell'interno dello stato di S. Paulo, di costruzione moderna, e deve in massima parte la sua prosperità ed il suo rapido sviluppo alla coltivazione del caffè, per la cui cultura i suoi terreni sono di una feracità straordinaria¹⁶.

Em tais textos “memorialistas”, torna-se notória uma não-adoção de critérios historiográficos definidos, ainda que fossem pautados pela intenção de prestarem serviço à história da cidade. Todavia, ao mitificar fatos e personagens, o discurso caracteriza, muito a contento, o conceito evolutivo e linear que pairava sobre a intelectualidade da época. Mesmo a grande obra em cinco volumes intitulada *A História de Ribeirão Preto*, de Rubem Cione, produzida já na segunda metade do século XX, demonstra por meio da adoção da noção de verdade positiva dos fatos que a concepção de construção histórica ainda estava impregnada da concepção factual da história, vincada de linearidade e, naturalmente, de possibilidades de legitimação e manutenção de uma cultura homogênea.

Nessa direção, a cultura concebida como discurso e prática constrói sentidos que influenciam e organizam muito das nossas próprias ações. Sentidos que, por sua vez, são elaborados a partir das memórias que conectam o presente com o passado e das imagens construídas a partir dessa relação conectiva. A denominada “invenção da tradição”, analisada por Hobsbawm e Ranger¹⁷, enquadra – por vezes edifica – um passado uniforme que explica a origem e dá significados aos valores e às normas.

Questão também trabalhada por Eagleton, que sintetiza a perfeição, a importância de se perceber a constante transformação cultural: “Se cultura significa

¹⁶ *Il Brasile e Gli Italiani* Edizioni del **Fanfulla**, Bemporad e Figlio, Firenze, 1906.

¹⁷ HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz”¹⁸.

Cumprе ressaltar que novas pesquisas historiográficas¹⁹ atentam para o fato de que historiadores positivistas não eram ingênuos e, tão menos, cultivavam um fetichismo inócuo sobre o documento. Pelo contrário, possuíam plena consciência da construção histórica e, desse modo, tinham objetivos cristalizados a partir de uma postura didática capaz de controlar a subjetividade para, enfim, promoverem uma obra pragmática responsável pela construção de uma identidade, assim como de uma história nacional e, no caso, regional e local.

Apesar da evolução histórica de uma cidade constituir-se num objeto bastante complexo e sedutor, esta pesquisa não direciona seu olhar para uma História Urbana; mas, diante da multiplicidade de questões suscitadas pelos estudos mais atuais nesta área²⁰, reflete a problematização que tange à urbanização com a finalidade de correlacionar o processo de estruturação física citadina às dinâmicas sociais, cujos intercâmbios promovem enredos carregados de significados complexos e intrincados. Afinal, as relações entre as diversas camadas sociais – internacionais, nacionais e regionais – que convivem e constroem o cotidiano regional, ao mesmo tempo em que desafiam a organicidade dos projetos e dos discursos urbanos, são partes essenciais da história social.

¹⁸ EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 11.

¹⁹ Sobre o tema ver: DOSSE, François. **A História**. Bauru: Edusc, 2003; DIEHL, Astor A. **Cultura historiográfica**. Bauru: Edusc, 2002.

²⁰ Sobre História das Cidades ver: BRESCIANI, Maria Stella M. **Cidades & História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA, ANPHU, 1992; CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996; LANNA, Ana Lucia D. **Uma cidade em transição: Santos 1870-1913**. São Paulo: Hucitec, 1996.

Há vários estudos acadêmicos sobre urbanização e imigração no estado de São Paulo que se dedicam indiretamente a Ribeirão Preto, ou incluem essa cidade de modo mais específico. É necessário, então, apresentar uma síntese de algumas dessas análises historiográficas, para em seguida apontar a deficiência com relação à questão da convivência social que existe dentro da vasta bibliografia sobre imigração; principalmente naquilo que diz respeito às práticas associativas, pois, apesar de muitos estudos delinearem alguns tópicos sobre as Sociedades de Socorro Mútuo, em nenhuma obra as mesmas se tornaram objeto central. Não posso deixar de ressaltar, ainda, o fato de que poucas pesquisas se centram nesta temática.

Desde a década de 1970, a partir da defesa do trabalho de Ernesta Zamboni²¹ sobre a organização da rede fundiária em Ribeirão Preto, a região tornou-se objeto de estudo em várias áreas do conhecimento, como História, Economia e Urbanismo. Os mais diversos objetivos foram delineados a partir da apropriação deste objeto espacial, não esquecendo que essas pesquisas trilharam caminhos distintos em ambientes acadêmicos específicos. E, a partir de pressupostos diversos, Ribeirão Preto conta hoje com uma massa de produção acadêmica que necessita ser avaliada, até mesmo para entender que tipo de produção recente quebra ou reafirma memórias e olhares, para promover algum modo de readaptação que alcance novos horizontes, inclusive no âmbito da historiografia regional.

Enfim, as temáticas da imigração e do estudo regional ofereceram e ainda oferecem uma riqueza de abordagens das ações humanas à historiografia. Ademais,

²¹ ZAMBONI, Ernesta. **Processo de Formação e Organização da Rede Fundiária da Área de Ribeirão Preto (1874 a 1900)**: uma contribuição ao estudo de estrutura agrária. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, São Paulo, 1978.

é inegável que a diversificação das fontes utilizadas enriquece o universo da interpretação histórica, em particular, e das humanidades, em geral.

Minha intenção quanto à sondagem dos alicerces da edificação de Ribeirão Preto é alinhar os subsídios da história da cidade concernentes à questão central eleita como tese – analisar os modos de organização e manifestação social do imigrante enquanto mecanismos de resistência e de sobrevivência –, e, ao mesmo tempo, apresentar por meio de uma contextualização crítica, o debate acadêmico que vem ao encontro de minhas inquietações. Soma-se ainda a tais esforços o intento de promover um panorama da evolução histórica urbana o mínimo factual do ponto de vista histórico e geográfico.

1.1. DESEMPENHO ECONÔMICO E APORTES TÉCNICO E SÓCIO-CULTURAL: ENSAIOS DE MODERNIZAÇÃO E DE COSMOPOLITISMO

A edificação da primeira igreja contribuiu, sobremaneira, para que ocorresse um constante aporte de população em uma região já ocupada. Segundo Pierre Mombeig, em obra clássica²², a movimentação populacional na localidade antecede naturalmente a construção da capela, sendo possível encontrar dados a respeito de mineiros foragidos – “homiziados”, conforme expressão de época – que se apossaram de terras desabitadas do “sertão desconhecido”, que constituía então a nossa região alvo.

²² MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.

Já em sua dissertação a respeito da fundação da cidade de Ribeirão Preto, José Antonio Lages apresenta de modo detalhado todo o processo de doação de terras ao Patrimônio Religioso; a formação das grandes fazendas e, finalmente, a demarcação do chamado Patrimônio de São Sebastião, no ano de 1856²³. Esse temário é encontrado, também, na dissertação de Valéria Valadão, que questiona as exigências relativas à documentação e às ações necessárias para a formação do Patrimônio Religioso, entre as quais a construção de uma capela, conforme apresentei anteriormente²⁴.

Desse modo, a recorrência a Mombeig e à importância dos estudos contemporâneos, como os já citados e outros que virão, estão ancorados justamente no caráter inédito do debate acerca do povoamento da região. Assim, ainda que o processo de intensificação do povoamento regional, ocorrido na segunda metade do século XIX, seja um fenômeno histórico previamente estudado, salienta-se em uma pesquisa como a de Lages não somente um modo sistemático de tentar desvendar todos os momentos dos autos da criação da Comarca, mas o desenvolvimento de um debate com a historiografia a respeito da necessidade de legitimação das posses de terras diante das transformações que o país atravessava. Assim, os trabalhos mais recentes sobre a temática colocam à mesa uma plêiade de novas abordagens e de novos documentos preñes de conteúdos de grande significado para a historiografia.

A preocupação com a construção de um patrimônio eclesiástico estava envolta de objetivos que iam bastante além da mera assistência religiosa, pois, segundo palavras de Lages:

²³ LAGES, José A. **O povoamento da Mesopotâmia pardo-mogi guaçu por correntes migratórias mineiras: o caso de Ribeirão Preto**. Dissertação de Mestrado, UNESP, Franca, 1995.

²⁴ VALADÃO, Valéria. **Memória Arquitetônica de Ribeirão Preto: Planejamento Urbano e Política de Preservação**. Dissertação de Mestrado, Unesp, Franca, 1997.

[...] é também um ato político significativo. Não era apenas o acesso garantido à tão desejada assistência religiosa, mas igualmente, o reconhecimento daquela incipiente comunidade, de fato e de direito, perante a igreja oficial, portanto perante o Estado. [...] desejavam também o usufruto da formalidade civil com todo o direito à segurança que pudesse propiciar. É como se a passagem de simples indivíduos a cidadãos, de homens sem direitos a homens com direito, elevados a uma categoria superior e aceitos como concidadãos de uma nova sociedade²⁵.

Segundo Valadão, o sistema sesmarial havia sido eliminado em 1822, mas como nenhum sistema novo fora proposto na ocasião, novos colonizadores mineiros chegavam à região do vale do Rio Pardo e, assim, garantiam a sucessão das divisões e subdivisões das antigas sesmarias: a legitimação da propriedade ocorria pela permanência da ocupação, por heranças ou através da transmissão por meio de escrituras²⁶.

O sistema de doações de terras por parte dos latifundiários foi mantido por muito tempo como um modelo de criação de núcleos urbanos, além das exigências relativas à documentação legal e aos valores das doações, outras tantas eram cumpridas, como, por exemplo, a constituição de um patrimônio religioso estabelecido como regra desde o início do século XVIII pelas “Constituições primeiras do arcebispado da Bahia”.

É impossível empreender uma reflexão mínima que seja sobre a formação de Ribeirão Preto sem, ao menos, tangenciar sua relação com a Lei n.º 601, de 1850, conhecida como “Lei de Terras”, que imputava limites balizados pelo poder de compra à possibilidade de acesso à terra. Note-se que essa Lei surgiu por ocasião da assinatura de outro instrumento jurídico, a “Lei Eusébio de Queiroz”, que proibia o tráfico de escravos, enquanto dava início à crise final da escravidão, acenando para

²⁵ LAGES, José, op. cit., p. 221.

²⁶ VALADÃO, Valéria, op. cit., p. 22.

a necessidade vindoura de implementação da mão-de-obra livre, portanto assalariada.

Deste modo, cumpre ressaltar que, ao limitar o acesso à propriedade por meio do poder de compra, o ponto nevrálgico da “Lei de Terras” constituiu uma tentativa de circunscrever de forma legal o acesso de homens sem recursos à propriedade rural. Dessa maneira, tratava-se de mais um esforço, dentre vários, de não comprometer o desenvolvimento capitalista centralizador que havia se iniciado ainda no período colonial.

Assim como ocorre com outras leis da época, a Lei de n.º 601 pode ser analisada não apenas como um instrumento jurídico no processo de mercantilização da terra, mas também como um instrumento de defesa de posseiros e sesmeiros irregulares que proliferaram perifericamente em relação ao centro do desenvolvimento capitalista nacional, capitaneado pela capital Rio de Janeiro, desde que as pessoas que se apossassem da terra cumprissem uma série de regras e deveres. E era justamente na condição de posseiros que repousava a situação da maioria dos “proprietários” na região do Rio Pardo antes do desenvolvimento cafeeiro, ou seja, a carência de oficialização da posse de terras era uma situação imperativa.

Esse caso já foi estudado por Warren Dean, ocasião na qual o historiador analisou a aliança entre a igreja e o latifúndio na condição de uma saída estratégica para o controle legal da região²⁷. Nesse sentido, antes mesmo da construção de capelas – tão essenciais ao processo de evolução da malha urbana –, assim como do debate a respeito da exata localização de uma igreja, a disputa pelo controle das regiões é mais que notável nos documentos de doações.

²⁷ DEAN, Warren, op. cit., p. 52.

A rede fundiária que se construiu paulatinamente serviu ainda como meio de troca de concessões para servir de moradia a quem mantivesse um relacionamento com os doadores. Assim, o sistema de lotes ao redor da capela pôde configurar-se como o delineamento inicial da paisagem urbana. Contudo, conforme já foi reforçado anteriormente, isso não significa que antes da edificação da capela não houvesse um determinado povoado na região, de modo geral, e no entorno do templo, de maneira particular, pois isso significaria dizer que não existiram diversos confrontos de interesses na composição da futura freguesia.

No dia 2 de abril de 1870 foi assinada pelo Dr. Antônio Cândido da Rocha, Presidente da Província de São Paulo, a Lei n.º 51, que criava a Freguesia de São Sebastião do Ribeirão Preto, e em meados desse mesmo ano a capela foi elevada à condição de Matriz, mais precisamente no dia 16 de julho de 1870. Todos os registros oficiais de nascimento, matrimônio e óbito, ficariam sob sua competência, com todas as implicações jurídicas e sociais decorrentes.

O crescimento populacional e econômico, e, por conseguinte, o avanço das edificações da Freguesia de São Sebastião do Ribeirão Preto, mantinha-se bastante vigoroso. Por isso, sua autonomia política e administrativa era reivindicada com empenho. Dessa maneira, foi elevada à categoria de Vila através da Lei de n.º 67, no dia 12 de abril de 1871 – desmembrada do município de São Simão, a localidade passava a denominar-se Vila de Ribeirão Preto.

Todavia, o desmembramento de fato ocorreu após a eleição dos vereadores e juízes de Paz, em 22 de fevereiro de 1874, sendo que a edificação da Câmara Municipal da Vila foi finalizada em 4 de junho de 1874, data de sua instalação. Ribeirão Preto contava então com quatro ruas, seis travessas e dois largos – e,

segundo o primeiro censo demográfico geral do Brasil, realizado em 1872, habitavam-na 5.552 pessoas, das quais 857 eram escravas²⁸.

É importante salientar o primeiro artigo da lei que elevou Ribeirão Preto à condição de Vila, pois o mesmo apresenta um plano geral do nascimento daquilo que poderia se chamar de núcleo urbano, ou seja, o embrião da futura cidade que logrou se tornar importante pólo regional, sobrevivendo, inclusive, ao período cafeeiro que, no limite, foi o responsável pelo salto qualitativo de seu desenvolvimento urbano. O referido artigo da lei define o seguinte: “Fica elevada à categoria de Villa a Freguezia do Ribeirão Preto [...] devendo seus habitantes construir a Casa de Câmara e Cadeia”²⁹.

Se as construções de uma Câmara, de uma cadeia e de uma igreja matriz delineavam para Ribeirão Preto um projeto urbanístico bastante simples – além de óbvio, na perspectiva cultural de seu tempo –, impunham-se questões mais refinadas a respeito de infra-estrutura e saúde pública. Logo nas primeiras atas da Câmara já eram levantados questionamentos, por vezes debates acalorados, a respeito de doenças epidêmicas, assim como da edificação de um hospital de isolamento, temas que apareciam com frequência, juntamente com a proposição de construção de praça, matadouro etc.

Em sua dissertação de mestrado, Rodrigo Santos de Faria aborda a temática acima, circunstância em que considera também toda a estética modernizadora posta

²⁸ Todos esses dados factuais e de Registro Legal foram retirados da **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, IBGE, 1958. v 2, p. 32.

²⁹ SÃO PAULO. Assembléia Legislativa Provincial, Lei n.º 67, art. 1º. Apud: FARIA, Rodrigo S. de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas, 2003.

em andamento na cidade no início do século XX³⁰. Na construção da imagem de um novo centro econômico e, por conseguinte, de um novo vetor de representatividade política, os registros priorizavam o engendramento do universo urbano de extrato burguês e deixavam de lado, como de praxe nas experiências desse tipo, as mazelas sociais típicas da contradição do desenvolvimento capitalista, sobretudo em áreas que até há pouco tempo prestavam-se à exploração de metrópoles européias.

Naturalmente, os incômodos representados por problemas sociais que desvirtuavam a ordem em um universo vincado pela perspectiva positivista não apareciam nas projeções visuais e, tão menos, nos discursos de Martinho Prado Junior e de Luis Pereira Barreto³¹, que remetiam sempre às amplas potencialidades agrícolas de Ribeirão Preto: “É na constituição física e na espessa camada de terreno roxo, que reside o segredo da sua uberdade e toda a garantia da província de São Paulo”³².

Na passagem da década de 1870 para a década de 1880, Ribeirão Preto havia se integrado à chamada “frente pioneira” da expansão do café, fato que promoveu uma inflexão no seu desenvolvimento sócio-econômico e espacial. Nesse sentido, em resposta a um desenvolvimento inexorável das relações do capitalismo, à época em sua fase industrialista, houve a substituição de meios de transporte arcaicos por outro típico da modernização científico-tecnológica empreendida pela segunda Revolução Industrial. E a reboque do contingenciamento técnico, ocorreram modificações estruturais nas propriedades fundiárias regionais, que se

³⁰ FARIA, Rodrigo S. de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930)**: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas, 2003.

³¹ Os Artigos de Luis Pereira Barreto e de Martinho Prado Junior foram publicados no Jornal **A Província de São Paulo**, nos anos de 1876 e 1877, e direcionam-se, sempre, à produção cafeeira e as análises sobre a qualidade da terra do chamado “Oeste Paulista”.

³² BARRETO, Luis. P. A Terra Roxa. Jornal **A Província de São Paulo**, São Paulo. 6 dez. 1876.

integraram em definitivo ao mercado internacional do café no ano de 1883, quando ocorreu a chegada dos trilhos da Companhia Mogyana à região.

O último quartel do século XIX foi o período da grande expansão do café, época em que as estradas de ferro substituíram o transporte por meio de animais eqüestres. Depois de concluso o eixo ferroviário fundamental de integração litoral-interior, representado pela linha férrea Santos-Jundiaí, a rede ferroviária brasileira obteve muitos avanços, embora essencialmente restrita a São Paulo – a Companhia Paulista de Estrada de Ferro fazia a ligação Jundiaí – São Carlos e, posteriormente, chegando a Jaboticabal. A Companhia Mogyana, por sua vez, fundada em 1872, tinha início em Campinas e chegava até a região de Ribeirão Preto.

A reboque da consolidação da monocultura cafeeira na região, bem como dos trilhos que inauguravam um novo movimento no ritmo dos transportes, integrando o interior paulista ao Porto de Santos, houve um deslocamento populacional cada vez maior numericamente em direção ao chamado “Novo Oeste Paulista”. Assim, nas sendas renovadas das dinâmicas material, demográfica e tecnológica, outros arranjos nas relações humanas fincaram suas raízes no *rosso* do solo basáltico paulista. Há, inclusive, uma rica literatura reflexiva sobre as mais variadas realidades que concernem ao desenrolar do cotidiano regional.

1.2. A IMIGRAÇÃO ENTRE AS NECESSIDADES BÁSICAS E AS CONTRADIÇÕES DO URBANISMO

Maria Angélica M. Garcia, em sua dissertação de mestrado, descreveu as condições de vida, trabalho e lazer dos trabalhadores rurais de Ribeirão Preto e

região³³. Com base na questão agrária e nas relações de trabalho estabelecidas no seio da expansão cafeeira, seu estudo analisa o trabalhador rural como sujeito ativo no desenho da trajetória da expansão do capitalismo.

A autora aborda ainda os mecanismos de conflito, controle e adaptação do novo modelo de mão-de-obra, marcados por novos modos de relação trabalhista, bem como o processo de desenvolvimento da agricultura cafeeira na região, acompanhado das contraditórias transformações da exploração da terra e das relações de produção.

Garcia dedica-se ao cotidiano desses trabalhadores para refletir sobre as variadas formas de sobrevivência que suas relações assumiram, ao aprofundar sua análise no sistema de colonato, que se tornou a principal relação de trabalho nas plantações de café, ao integrar toda a família do trabalhador através de contratos firmados com base no Decreto n.º 213, de 22 de fevereiro de 1890³⁴.

Especificamente sobre o período cafeeiro, Dalci C. Antunes de Freitas, em sua tese defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, elegeu a cultura material nas fazendas de café (com ênfase à presença de estrangeiros) como objeto de trabalho³⁵. Enquanto isso, a dissertação de Luciana S. G. Pinto demonstrou a evolução da economia cafeeira e as transformações da estrutura urbana, assim como as suas atividades³⁶.

³³ GARCIA, Maria A. M. **Trabalho e Resistência**: Os trabalhadores Rurais na Região de Ribeirão Preto (1890-1920). Dissertação de Mestrado, Unesp, Franca, 1993.

³⁴ SALLUM JUNIOR, Bráslcio. **Capitalismo e cafeicultura**: 1880-1930. São Paulo: Duas Cidades, 1982, p. 95.

³⁵ FREITAS, Dalci C. A. de. **Os Signos da Modernidade nos Cafezais**. Tese de doutorado, ECA, USP, São Paulo, 1994.

³⁶ PINTO, Luciana S. G. **A dinâmica da Economia cafeeira de 1870 a 1930**. Dissertação de Mestrado em História Econômica, UNESP, Araraquara, 2000.

Quanto ao desenvolvimento urbano de Ribeirão Preto, em específico, os trabalhos de Elaine Gumiero³⁷, Lliamar Tuon e Rosana Cintra vieram a enriquecer o debate a respeito do cotidiano, das manifestações culturais e da dinâmica social em Ribeirão Preto. Rosana Cintra, por sua vez, produziu uma pesquisa sobre a dinâmica populacional do italiano no final do século XIX: através da análise de documentação serial, seu texto reflete a composição demográfica e propõe um resgate das formas de relacionamentos, integração e adaptação do italiano³⁸.

Já na dissertação de Tuon, a preocupação com a vivência de culturas diversas compondo a sociedade ribeirão-pretana do início do século XX demonstrou a grande confluência de culturas, de nacionalidades e de ideologias em um espaço vincado pela ambivalência. Pois, ao mesmo tempo em que havia uma “elite intelectual” ávida por propagar suas idéias e influenciar mandatários, as várias camadas sociais existentes criavam suas representações e as manifestavam com vigor no cotidiano³⁹.

A contribuição prestada pelo levantamento de fontes dessa natureza é inegável para a definição dos moldes da presente tese, justamente porque essas fontes compõem um amplo espectro de referências a respeito do cotidiano e de seus arranjos sócio-culturais, enriquecidas ainda mais pela imprensa da época. Nesse contexto, depara-se não apenas com a tendência à mimese dos hábitos europeus, principalmente franceses, como também se pode auferir a importância dos papéis sócio-culturais desempenhados pelas demais nacionalidades em seu embricamento

³⁷ GUMIERO, Elaine M. **Ribeirão Preto e o desenvolvimento do seu comércio (1890-1937)**. Dissertação de Mestrado, UNESP-Franca, 2000.

³⁸ CINTRA, Rosana A. **Italianos em Ribeirão Preto: Vinda e Vida de imigrante (1890-1900)**. Dissertação de Mestrado, UNESP, Franca, 2001.

³⁹ TUON, Lliamar I. **O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)**. Dissertação de Mestrado, UNESP, Franca, 1997.

com os resquícios de características humanas de um povoado nascente, cuja centelha havia sido acesa por viajantes mineiros do século XVIII.

É necessário observar que, em seu conjunto, a maioria desses estudos lança lume sobre fatos ocorridos entre o final do século XIX e a década de 1930, período de grande significado para o desenvolvimento tanto regional, quanto nacional. A proclamação e implantação da República, o empreendimento cafeeiro e o crescimento urbano ocupam lugares fundamentais num contexto não apenas de pujança material, mas de valorização dessa nova dinâmica econômica inscrita na cafeicultura, cuja expansão para o interior da província (posteriormente, Estado) de São Paulo acarretou um enorme fluxo migratório.

Até meados do século XIX, Ribeirão Preto era um povoado que nem sequer aparecia nos quadros estatísticos provincianos⁴⁰. É justamente nesse universo de fluxos humanos e desenvolvimento econômico, que se torna fundamental refletir acerca da realidade material aliada à multiplicidade social impressa no processo histórico.

A partir do final do século XIX, Ribeirão Preto viveu a efervescência do novo “Eldorado”. A abundância derivada da produção do café e os rendimentos elevados obtidos da transação comercial desse produto de exportação constituíam sinais característicos da “tonificação muscular” da economia dessas novas áreas. Nessa época, entre os anos de 1890 e 1902, a população sofreu um aumento de 340%, passando de 12.033 para 52.910 habitantes, sendo que 27.765 eram italianos⁴¹.

Pierre Mombeig cita em seu livro:

Em um total de 123.069 imigrantes distribuídos pelas fazendas de São Paulo entre 1898 e 1902, um pouco mais da terça parte (49.799) concentrou-se em apenas cinco municípios: Ribeirão Preto (14.293),

⁴⁰ LAGES, José A., op. cit., p. 96.

⁴¹ **Relatório da Câmara Municipal de Ribeirão Preto**, apresentado em 10 jan. 1903.

São Simão (7.837), São Carlos do Pinhal (7.739), Araraquara (7.679) e Jaú (6.191)⁴².

Houve uma verdadeira corrida rumo ao “oeste paulista”, e, nesse contexto, o surto de progresso material em Ribeirão Preto, especificamente, atraiu, por um lado, muitos cafeicultores, comissários e especuladores, mas, por outro, trouxe muitos imigrantes que, à custa de esforço e de economia, contribuíam enormemente para a materialização de uma nova constituição paisagística e, por conseguinte, de uma nova paisagem humana.

Como já foi dito, Ribeirão Preto assistiu à definição de sua organização social urbana à medida que se tornou freguesia, no ano de 1870, e vila, em 1871, ocasião em que foi desmembrada de São Simão. Sua primeira Câmara foi eleita no ano de 1874, período em que acorriam à localidade os cafeicultores de outras regiões, além de capitalistas e especuladores, que promoviam um surto de crescimento econômico e de incremento demográfico na nova vila, uma forte aspirante à condição cidadina⁴³.

O aumento populacional foi responsável não só por uma diversificação de hábitos, mas também pela proliferação de novas atividades no comércio, nos serviços e no lazer. Enfim, foi responsável por uma diversidade cultural e econômica fundamentais à própria edificação urbana, cuja existência repousa, por excelência, em atividades terciárias. Essa dinamização foi possível devido ao fato de que nem todo o contingente populacional se deslocou para o trabalho nas fazendas de café, pois parte considerável permaneceu na área urbana e, à medida que a lavoura cafeeira alcançava altos índices de produtividade, a inserção dos imigrantes e a implantação da ferrovia se uniam num trinômio que mudava e, ao mesmo tempo, direcionava os rumos e os sentidos paisagísticos de Ribeirão Preto.

⁴² MONBEIG, Pierre, op. cit., p. 172.

⁴³ LAGES, José A., op. cit., p. 246.

Tanto a região de Ribeirão Preto quanto o núcleo urbano propriamente passavam por diversos processos de acomodação social no último quartel do século XIX, realidade que desde a década de 1870 motivava debates na Câmara a respeito dos problemas como o desenvolvimento e a organização da área urbana. Nesse contexto, as ações do poder público já se direcionavam para o ordenamento do expansionismo urbano e para a erradicação do ambiente rural que ainda impregnava a vila, senão em toda a extensão espacial, ao menos na área que gravitava no entorno da Matriz⁴⁴.

O discurso sanitário a respeito das pestes propunha ações que iam desde a construção de hospitais de isolamento até ação policialesca, numa concepção da saúde como vetor de desordem, de modo que as práticas urbanísticas que grassavam pelo Brasil de então ecoavam de modo explícito nesta “nova fronteira” do desenvolvimento nacional. Grandes construções, calçamentos, iluminação, praças e jardins tornavam-se projetos essenciais para a transformação da paisagem rústica numa paisagem de “civildade”.

Todavia, o “banho de civilização” promovia uma nuclearização e não especificamente uma potencialização do progresso urbano, ou seja, o intento civilizatório era acompanhado de uma postura seletiva: enquanto a agricultura e a cidade se desenvolviam e contribuíam para a diversidade, o “poder público municipal não desenvolveu nenhum projeto ou plano para regularizar a expansão urbana”, nos diz Gumiero⁴⁵.

Todavia, loteamentos particulares próximos ao centro eram organizados e proporcionavam boa lucratividade, enquanto bairros que, aos poucos, compunham-

⁴⁴ FARIA, Rodrigo S. de, op. cit., p. 107.

⁴⁵ GUMIERO, Elaine Maria. **Ribeirão Preto e o desenvolvimento do seu comércio (1890-1937)**. Dissertação de Mestrado, UNESP-Franca, 2000, p. 124.

se de trabalhadores nos arredores do eixo central apresentavam características rurais em sua pouca organização, numa negação explícita à concepção de modernização urbana que o poder público vislumbrava, qual seja: a paisagem ordenada como expressão da fisionomia que uma cidade moderna deveria apresentar.

Mesmo sem infra-estrutura, a área que se estendia do largo da matriz até a “Estação Ferroviária da Companhia Mogyana” configurar-se-ia como o grande eixo comercial. Enquanto isso, nos fundos da estação, organizava-se um bairro de trabalhadores da ferrovia e de população modesta economicamente – dentre outros bairros que surgiam como resposta ao crescimento demográfico da cidade, cujo exemplo ilustrativo é a atual Vila Tibério, que surgiu de um loteamento realizado em 1894, e que gerava alta lucratividade na compra e venda de seus terrenos.

A construção das estações suburbanas também contribuiu para a configuração da urbanização regional. Foi este o caso da “Estação do Barracão”, vetor de conformação dos atuais bairros Ipiranga e Campos Elíseos⁴⁶, onde havia um “barracão” que servia de alojamento aos estrangeiros recém-chegados até sua transferência para as fazendas. A partir desse núcleo, surgiu então um povoamento cuja população era dominada numericamente por imigrantes, que constituíam um significativo exército de reserva para o mercado agrário e urbano.

Vale ressaltar ainda o processo semelhante que envolveu a estação ferroviária da Vila Bonfim, que já em 1898 era elevada à categoria de cidade, em face do rápido desenvolvimento que o comércio e os serviços dessa porção atingiram.

⁴⁶ A estação de nome “Barracão” foi inaugurada em 1900, sendo seu nome derivado do galpão que servia como hospedaria, e que batizou também os bairros que se desenvolveram ao seu redor: chamados na época de “Barracão de Cima” e “Barracão de Baixo”, constituem hoje os bairros Ipiranga e Campos Elíseos, respectivamente.

Nos últimos anos da década de 1890, a zona urbana de Ribeirão Preto já centralizava diversificadas atividades comerciais, de prestação de serviços manufatureiros e de lazer, incentivando os cafeicultores a construírem suas residências nessa cidade, atraídos principalmente pelas várias opções de divertimentos, como os cassinos, os teatros, as casas de bilhares, os espetáculos permanentes com atrações musicais⁴⁷.

Outro fato de relevo para o processo de urbanização foi a criação do “Núcleo Colonial Senador Antônio Prado”, no ano de 1887, que perseguia a atração de trabalhadores para as lavouras de café, bem como para o suprimento das necessidades de gêneros de subsistência do município. Além disso, tinha por objetivo também subsidiar a transformação do perfil do morador urbano por meio da introdução de imigrantes, destacadamente o italiano. Os lotes possuíam 10 ha e custavam 1.250 francos, sendo adquiridos mediante facilitações no pagamento e garantia de praticidade no escoamento das produções⁴⁸.

Ainda que aparentemente esse Núcleo Colonial tenha sido estruturado com a finalidade de organizar o exército de reserva de mão-de-obra para fazendeiros, é inegável que suas pequenas propriedades concretizaram uma conexão entre os espaços urbano e rural. Situação que permitiu aos membros das famílias nucleares que se incorporassem ao mercado de trabalho urbano, pequenas indústrias ou artesanato, ou produzissem gêneros alimentícios diversificados para o abastecimento da população da cidade.

Segundo José de Souza Martins, o desenvolvimento dos núcleos coloniais no Estado de São Paulo foi mediado pela economia cafeeira, pois foram criados

⁴⁷ GUMIERO, Elaine Maria, op. cit., p. 128.

⁴⁸ Sobre o Núcleo Colonial ver: SILVA Adriana C. B. da. **Imigração e Urbanização: O Núcleo Colonial Antonio Prado em Ribeirão Preto**. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia – Programa de pós-graduação em Engenharia Urbana, UFSC, São Carlos, 2002.

especialmente para a produção de alimentos destinados ao mercado consumidor constituído no contexto da expansão cafeeira⁴⁹. No próprio cafezal desenvolvia-se a cultura de gêneros alimentícios, e essa economia de excedentes desenvolvida junto ao café era capaz de indicar os limites ou êxito de um Núcleo Colonial.

No caso específico de Ribeirão Preto, se considerarmos que foram disponibilizados 196 lotes e que, segundo o Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, no ano de 1894 havia 804 pessoas morando no Núcleo, torna-se insuspeito afirmar que o incremento populacional ampliou a demanda e a produção de alimentos, vestuários e demais gêneros de primeira necessidade. Outro ponto relevante é a presença maciça de imigrantes que requereram os lotes do núcleo, conforme a tabela a seguir:

Tabela 1 - Divisão por nacionalidade dos requerentes de lotes para o Núcleo colonial

País de Origem	Total de Representantes
Itália	96
Portugal	16
Alemanha	11
Espanha	08
Brasil	05
Bélgica	02
França	02
Sem indicação	43
Total	183

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir dos requerentes de lotes para o Núcleo Colonial Antonio Prado.

Em sua dissertação, Adriana C. Silva organizou uma série de dados retirados dos requerimentos de lotes no “Núcleo Colonial Antonio Prado”, a partir dos quais a autora afirma que os “Títulos de Propriedade” não indicam a nacionalidade, mas que nos requerimentos é possível encontrar essa informação, cuja conclusão indica que, mesmo que se leve em consideração que nem todos requerentes conseguiram obtê-los, mais de 50% dos requerimentos dos lotes foram realizados por italianos.

⁴⁹ MARTINS, José de S., op. cit., pp. 201-203.

Segundo essa documentação, também é possível analisar a movimentação interna dos imigrantes que chegavam ao interior Brasil, que encontravam na circulação um meio de sobrevivência e de adaptação. Desse modo, o Núcleo transforma-se em uma saída estratégica, pois a população flutuante encontrava nesse espaço uma possibilidade real de instalar algum tipo de comércio e de oficina, dentre outras atividades que lhe proporcionasse maior independência material.

Outra importante referência sobre a intensa dinâmica do desenvolvimento da cidade é o curto tempo em que transcorreu sua emancipação: segundo Holloway, os Núcleos recebiam emancipação quando a maioria dos proprietários já tivesse saldado suas dívidas de aquisição do lote⁵⁰. Ademais, havia interesse governamental em emancipar os núcleos, devido à desoneração de seus custos, uma vez que o município poderia contar com os impostos dos terrenos.

A localização do Núcleo próximo ao centro urbano de Ribeirão também auxiliou em seu rápido desenvolvimento, pois a urbanização avançava horizontalmente à medida que havia necessidade de áreas para a expansão da cidade. Soma-se a isso o aumento dos lotes rurais – chácaras, como eram chamados os mais distantes –, destinados à pequena lavoura policultora.

Através desse *corpus* de informações, torna-se possível considerar que a cidade de Ribeirão Preto possuía uma característica bastante particular: uma combinação urbano-rural dentro do corpo da cidade, que permitia, assim, o desenvolvimento de atividades importantes tanto dentro do comércio e da rede de serviços, quanto na agricultura⁵¹. A presença estrangeira, em especial a italiana, não

⁵⁰ HOLLOWAY, Thomas. **Imigrante para o café**. São Paulo: Paz e Terra, 1984, p. 197.

⁵¹ O Núcleo Colonial “Antonio Prado” foi emancipado em 1883, o que demonstra o quão rápida foi sua ocupação. A cidade necessitava de novas áreas para a expansão e o Núcleo colonial foi rapidamente ocupado por diversas atividades. Isso fica bem demonstrado a partir do lançamento dos impostos prediais.

se restringia apenas às propriedades rurais, mas também era decisiva ao incrementar grande variedade de atividades urbanas. No final do século XIX, Ribeirão Preto já era considerada a “Capital do Café”, símbolo de riqueza e de prosperidade, sendo os cafeicultores da região tidos como a vanguarda da economia cafeeira. Assim, não se deve menosprezar a instituição de enormes fazendas e de Companhias Agrícolas, como a de Francisco Schmidt, ou a Companhia Agrícola de Ribeirão Preto; e ainda menos dispensável, nesse contexto, é o enorme contingente de imigrantes que compôs a mão-de-obra destas plantações⁵².

E foi neste universo que o processo de urbanização de Ribeirão Preto se acomodou entre estruturas agrícolas e componentes urbanos, como ferrovia, correio, teatro, edifícios públicos e escolas. Nesse sentido, configuraram-se expressões diversas e variadas possibilidades de relação no processo de convivência social, afinal, não foram apenas agricultores que chegaram ao município.

Em 1905, a população de Ribeirão Preto era estimada em 56.800 habitantes, enquanto São Simão contava com 28.850 – do total da população ribeirão-pretana, 21.552 pessoas concentravam-se na zona rural e, dentre esses, apenas 4.717 eram nacionais. Já no ano de 1920, havia 75.000 munícipes⁵³.

Uma vez não restritos às fazendas, os imigrantes, em conjunto com artesãos, construtores e empresários, entre outros, se estabeleceram na cidade e, nesse ambiente determinado pelo desenvolvimento capitalista, grupos étnicos e segmentos sociais diversificados passaram a conviver, e, inclusive, sobreviver sob as frondosas ramificações do ambiente urbano “protocosmopolita”.

⁵² KANDAS, Esther. **A instituição da Companhia Agrícola de Ribeirão Preto (1891-1895)**. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, 1979.

⁵³ Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**. Volumes de 1905 e 1920. Typ. do Diário Oficial.

A partir da tabela 2 é possível observar a dimensão da movimentação de imigrantes em direção à “Capital do Café” desde o final do século XIX:

Tabela 2 - Imigrantes saídos do Alojamento da Capital em direção a Ribeirão Preto

Ano	N.º de Imigrantes
1892	2.313
1893	*
1894	1.392
1895	5.461
1896	*
1897	3.763
1898	1.775
1899	1.062
1900	1.313

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico de São Paulo**. Volumes de 1892 a 1900.

* Dados não fornecidos pelo Anuário.

Embora cubram poucos anos e sejam dados oficiais, esses anuários fornecem um número bastante próximo do total de imigrantes que se deslocaram do alojamento em direção às cidades do Estado de São Paulo, e a quantidade de pessoas segundo suas nacionalidades. Nos períodos contemplados pelos anuários, fato ocorrido a partir de 1901, torna-se patente a representatividade dos italianos na composição do contingente migrante de Ribeirão Preto.

Porém, devido ao Decreto Prinetti, o contingente italiano apresentou significativa diminuição, repercutida especialmente a partir de 1905, quando os espanhóis destacaram-se numericamente, conforme pode ser observado nas tabelas 4, 5 e 6. No entanto, ao observar o ingresso de italianos entre 1901 e 1902, é possível vislumbrar a quantidade de migrantes da Itália que já se encontrava na região antes mesmo de serem arrolados no Anuário.

A superioridade numérica italiana também pode ser observada no registro de nascimento de crianças, cujos pais se declaravam italianos (tabela 3). Com poucas palavras, a historiadora Zuleika Alvim sintetiza de modo cristalino o papel

fundamental exercido pela família imigrante, pois era, segundo a historiadora, “a unidade fundamental da organização do trabalho”⁵⁴. A questão familiar é indicativa de que a composição migrante em esteio familiar estava relacionada às exigências do subsídio da passagem.

Tabela 3 – Nascimentos ocorridos em Ribeirão Preto

Ano	Nascimentos	Nacionalidade dos Pais							
		Italianos		Brasileiros		Portugueses		Outras Nacionalidades	
		Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
1893	1689	807	814	485	575	129	129	237	145
1894	1787	830	831	573	601	118	104	155	140
1895	1617	761	762	434	453	138	126	170	162
1896	1322	718	739	323	338	123	113	125	121
1897	2012	1156	1471	480	511	175	154	171	143
1898	2033	1196	1211	413	443	168	155	230	195
1899	2146	1318	1335	409	452	165	153	184	173
1900	1480	926	936	270	308	114	99	141	108
1901	2094	1267	1277	408	445	203	180	194	170
1902	2084	1275	1301	415	447	172	127	192	174
1903	1801	1072	1105	322	369	233	185	137	127
1904	2099	1221	1244	443	476	229	205	185	153
1905	1717	1080	1093	388	413	107	82	129	116
1906	2075	1165	1192	493	493	226	204	165	168
1907	1718	1016	1045	395	403	127	101	148	168
1908	1569	918	922	349	376	134	96	112	119
1909	2063	1107	1122	489	538	222	166	237	230
1910	2217	1160	1163	544	591	237	175	276	288

A partir do ano de 1911 – não aparece mais as informações por Nacionalidades de pais e mães.

Ano	Nascimentos	Pais Estrangeiros	Pais Brasileiros
1911	2193	1610	583
1912	2374	1738	636
1913	2273	1574	699
1914	2756	-	-
1915	2529	-	-
1916	2700	1892	808
1917	2051	1382	669
1918	1877	1166	711
1919	1824	1066	758
1920		Não receberam informações	

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo.** Volumes de 1892 a 1920.

Contudo, de maior interesse ainda é perceber as conseqüências vegetativas desse tipo de migração, pois a maioria das famílias era jovem e, portanto, possuía capacidade de se ampliar na terra adotiva. Dessa maneira, houve um aumento

⁵⁴ ALVIM, Zuleika, op.cit., p. 75.

demográfico imediato à sequência da política de imigração, embora seja um aumento conseqüente em face desta política, justamente.

Note-se, todavia, que a empreitada pelas veredas dessa temática não contempla especificamente as taxas de fecundidade, de nupcialidade e de mortalidade. Entretanto, é indispensável ressaltar o quanto o processo migratório trouxe de modificações na dinâmica demográfica e social, tanto da família que imigrou, quanto na constituição de novas famílias de origem imigrante no país de adoção⁵⁵.

Segundo Bassanezi, outra questão a ser analisada é a cadeia migratória que a migração familiar provocou, isto é, a chegada de um grupo primeiramente desencadeou o conseqüente convite para que outros grupos familiares – ligados por laços de parentescos, amizade ou origem regional – também imigrassem para a mesma região⁵⁶. Esse processo sugere uma hipótese bastante consistente para a manutenção dos casamentos endogâmicos, assim como para a manutenção das características tradicionais dos agrupamentos, fato esse que se inscreve no conjunto dos meios de manutenção e sobrevivência dos traços culturais.

Outra informação relevante é a de que entre 1898 e 1905, Ribeirão Preto foi a cidade do Estado de São Paulo que mais recebeu imigrantes saídos do alojamento. Isso demonstra a proporção das propagandas realizadas sobre a região, a permanente comunicação entre os imigrantes e o desenvolvimento não só das fazendas de café, como da área urbana.

⁵⁵ Sobre esta temática ver: BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. **Família e Imigração Internacional no Brasil**. CEDHAL – Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, USP, texto 7, 1996; e CINTRA, Rosana A. **Italianos em Ribeirão Preto: Vinda e Vida de imigrante (1890-1900)**. Dissertação de Mestrado, UNESP, 2001.

⁵⁶ BASSANEZI, Idem, 1996.

Tabela 4 - Imigrantes separados por nacionalidade saídos do Alojamento da Capital em direção a Ribeirão Preto – 1901

País de Origem	Nº de Imigrantes
Itália	5.341
Portugal	559
Espanha	172
Brasil	159
Áustria	63
França	02
Alemanha	01
Total	6.297

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**, volume de 1901.

Tabela 5 - Imigrantes separados por nacionalidade saídos do Alojamento da Capital em direção a Ribeirão Preto – 1902

País de Origem	Nº de Imigrantes
Itália	2.486
Portugal	237
Espanha	165
Brasil	25
Áustria	140
Alemanha	05
Total	3.058

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**, volume de 1902.

Tabela 6 - Imigrantes separados por nacionalidade saídos do Alojamento da Capital em direção a Ribeirão Preto – 1905

País de Origem	Nº de Imigrantes
Espanha	2.140
Itália	822
Portugal	413
Grécia	403
Brasil	22
Alemanha	07
Diversos	04
Áustria	04
França	01
Total	3.816

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**, volume de 1905.

A necessidade econômica e o desenvolvimento do capitalismo trouxeram os imigrantes; mas a convivência entre esses diversos povos não ocorreu de maneira harmoniosa, pois mundos diferentes se cruzavam e a convivência social era a um só

tempo um emaranhado de relações conflituosas e de solidariedade. Assim como de identificações alimentadas nos fluxos constantes que promoviam encontros circunstanciais de agrupamentos humanos firmados sob identidades regionais semelhantes além-mar – note-se ainda que a presença de imigrantes em variados setores da sociedade alicerçava e orientava aquelas relações ambivalentes.

É importante lembrar que muitos imigrantes vinham de forma espontânea e seu itinerário era mais fácil de ser modificado. Logo, além desses imigrantes que vinham subvencionados, e que, na maioria dos casos, se direcionavam à lavoura num primeiro momento, existia também uma movimentação das várias atividades econômicas realizadas tanto nas áreas rurais como nas áreas urbanas, que auxiliavam no desenvolvimento dessas novas regiões que iam sendo ocupadas pelo café.

1.3. O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS ASSOCIATIVISTAS NO INTERIOR PAULISTA

Há uma carência na vasta bibliografia sobre imigração no que tange à questão da convivência social, principalmente sobre as formas associativas. Muitos estudos delineiam alguns tópicos sobre as Sociedades de Mútuo Socorro, todavia em nenhum deles o tema se torna objeto central: em geral teses e ensaios se voltam à análise dos imigrantes enquanto colonos nas plantações de café, ou como integrantes dos movimentos operários em grandes cidades, principalmente em São Paulo, ou, ainda, como industriais bem sucedidos; porém, quase não existe

produção a respeito das condições de vida dos diversos segmentos sociais inseridos no meio urbano de pequenos e médios centros.

Entretanto, existe uma questão levantada pela historiadora Zuleika Alvim, ao duvidar da afirmação feita por Ângelo Trento de que as Sociedades de Mútuo Socorro tinham caráter puramente “urbano” e de “classe média”, pois, em sua análise, seria incorreto transferir o quadro referencial europeu para todo o Estado de São Paulo.

Se olharmos a carta postal da província de São Paulo feita em 1880, vemos que Barretos, Lençóis e Brotas – de onde se desdobra Torrinha – eram regiões fronteiriças com a floresta inexplorada. No entanto, Barretos tem uma SMS fundada em 1895, Lençóis em 1892 e Torrinha em 1895. Em Dourado, cuja população só chegou a 8mil habitantes em 1920, já havia uma SMS nas mãos de italianos desde 1893⁵⁷.

Diante desse contexto, é difícil criar uma dicotomia entre o rural e o urbano, uma vez que a urbanização do país se processou exatamente a partir do período estudado. Contudo, é possível pensar que mesmo com o grande número de imigrantes que vinham financiados para o trabalho na lavoura, as cidades surgidas ao redor destas fazendas também necessitavam de mão-de-obra diversificada para o seu desenvolvimento, gerando, dessa forma, nas cidades, um ambiente favorável ao desenvolvimento de atividades.

Tal fato permitia a existência, portanto, de oportunidades para se produzir e vender bens – desde tijolos até roupas, passando por bebidas, móveis, sapatos, bem como alimentos para o abastecimento dos núcleos populacionais das cidades e das fazendas que se centravam na plantação de café⁵⁸. Daí, o ir e vir entre o chamado espaço urbano e rural era limitado pelas possibilidades ou não de inserção no trabalho, seja na lavoura, seja nos diversos ofícios da área urbana.

⁵⁷ ALVIM, Zuleika, op. cit., p. 171.

⁵⁸ SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

A importância de se estudar de modo mais aprofundado as práticas de convivência social em centros urbanos menores, onde o urbano e o rural estão extremamente próximos, por vezes amalgamados, deve-se ao fato de que o contato entre “colonos”, fazendeiros, empresários locais, artesãos e operários não é distante, realidade que realimenta a própria convivência numa criação de timbres bastante pessoais para a edificação do próprio universo local e regional.

Esse quadro fica patente quando se constata, por exemplo, a fundação da Sociedade Espanhola de Mútuos Socorros em Ribeirão Preto, em 1904, sendo que somente no próximo ano é que ocorreu uma chegada substancial de imigrantes espanhóis. Ou, ainda, quando se encontra em Ata um debate sobre a maneira como atender os sócios que residiam nas colônias⁵⁹.

É também importante citar o caso de um artigo escrito em 1897, em uma revista italiana de nome “La Riforma Sociale”, assinado por Ferruccio Mosconi, que demonstra justamente a consciência já desperta em alguns setores com a presença do que o autor chamou de “classe intermediária” para um verdadeiro desenvolvimento do Brasil, numa remissão direta à cidade de Ribeirão Preto.

Per citare un esempio, Ribeiron Preto, stato di S. Paolo, pochi anni fa non era costituito che da una ventina di casipole; ora, dopo l'impianto della linea ferroviaria, ha circa 20.000 abitanti i quali vivono esercitando i mestieri, le arti e il commercio atti a dar la vita alla colonia di 35.000 italiani sparsi nei dintorni⁶⁰.

Dentro desse contexto, o anuário do Estado de São Paulo também oferece dados relevantes para a reflexão dessa dinâmica, pois apresenta uma seção voltada para as associações beneficentes, o que permite debruçar sobre o aparecimento das Sociedades de Mútuo Socorro em cidades recém nascidas. E é exatamente por

⁵⁹ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione e Fratellanza* – Ata n.º 21, 10 jul. 1902.

⁶⁰ MOSCONI, Ferruccio. Le classi sociali al Brasile e loro funzioni. **La Riforma Sociale**, vol VII, anno IV, 15 jun. 1897.

isso que apresentavam uma população reduzida e, ao mesmo tempo, uma grande capacidade de abrigar experiências organizativas inéditas, como atesta a presença de tais Sociedades – quando se trata de regiões da chamada “frente pioneira” cafeeira, essa afirmação é tão mais real, a partir da significativa proliferação das Sociedades étnicas, destacadamente as italianas.

Tabela 7 - Sociedades Étnicas – Interior do Estado de São Paulo com data de fundação provável a partir de 1895

Município	Sociedade	Ano da Informação	Tempo Informado	Ano Provável de Fundação	Data do Município
Amparo	Grêmio Portuguez de Beneficência	1905	13	1892	8 de Abril de 1829
Annapolis	Società Italiana di Mutuo Soccorso	1918	22	1896	
Araras	Società Operaria Humanitaria Italiana di Mutuo Soccorso	1912	22	1890	15 de Agosto de 1862
Araraquara	Società Italiana di Beneficenza de Araraquara	1906	15	1891	22 de Agosto de 1817
Atibaia	Società Italiana di Mutuo Soccorso	1920	27	1893	24 de Junho de 1665
Avaré	Società Italiana di Mutuo Soccorso	1913	18	1895	15 de Setembro de 1861
Barretos	Sociedade União Syria	1920	25	1895	25 de Agosto de 1854
	Società di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza	1913	18		25 de Agosto de 1854
Botucatu	Società di Beneficenza Italiana	1902	16	1886	15 de Abril de 1855
Batataes	Società Italiana di Beneficenza Filocarista	1910	21	1889	1839
Bragança	Società Democratica di Mutuo Soccorso	1902	11	1891	(Paulista) 24 de Outubro de 1856
Brodowski	Società Italiana di Mutuo Soccorso "Dante Alighieri e" Pàtria e Dovere"	1918	23	1895	22 de Agosto de 1913
Brotas	Società Italiana di Mutuo Soccorso Vittorio Emmanuele III	1909	20	1889	3 de Maio de 1859
	Società Italiana di Mutuo Soccorso	1914	25	1889	3 de Maio de 1859

Município	Sociedade	Ano da Informação	Tempo Informado	Ano Provável de Fundação	Data do Município
Campinas	Società Principe di Napoli e Vittorio Emmanuele III di Mutuo Soccorso	1917	21	1896	14 de Julho de 1774
	Sociedade Beneficente Portuguesa de Beneficencia	1902	29	1873	14 de Julho de 1774
	Circulo Italiani Uniti	1902	21	1881	14 de Julho de 1774
Casa Branca	Società Italiana di Beneficenza Principe di Napoli	1912	19	1893	1841
Cravinhos	Società Italiana di Mutuo Soccorso Lavoro e Fratellanza	1913	16	1897	
Descalvado	Società Fratellanza Italiana di Mutuo Soccorso	1920	35	1885	8 de Setembro de 1832
Espirito Santo Pinhal	Società Italiana di Mutuo Soccorso "Dante Alighieri"	1907	19	1888	27 de Dezembro de 1849
Franca	Società di Mutuo Soccorso Fratelli Italiani Uniti	1920	28	1892	24 de Abril 1856
Itapira	Società Giuseppe Garibaldi	1910	19	1891	24 de Outubro de 1820
Itatiba	Società Giuseppe Garibaldi	1920	28	1892	1 de Novembro de 1857
Jundiahy	Società di Mutuo Soccorso Umberto I	1920	31	1889	28 de Março de 1865
	Società Fratellanza Italiana di Mutuo Soccorso	1912	20	1892	28 de Março de 1865
Leme	Società di Mutuo Soccorso "Fratellanza Italiana"	1918	21	1897	29 de Agosto de 1876
Lençoes	Società Italiana di Mutuo Soccorso "Stella d'Italia"	1910	18	1892	(Paulista) 28 de Abril de 1858
Limeira	Società Italiana di Mutuo Soccorso Umberto I	1920	33	1887	15 de Setembro de 1826
Mococa	Società Nuova Italia	1920	26	1894	24 de Março 1871
Palmeiras	Società Italiana di Mutuo Soccorso "Regina Margherita"	1920	25	1895	(Santa Cruz das) 3 de Junho de 1876
Pedreira	Società di Mutuo Soccorso "Fratellanza e Lavoro"	1920	26	1894	31 de Outubro de 1896

Município	Sociedade	Ano da Informação	Tempo Informado	Ano Provável de Fundação	Data do Município
Pindamonhangaba	Società Italiana di Mutuo Soccorso Regina Margherita di Savoia	1914	25	1889	10 de Julho de 1705
Piracicaba	Società Italiana di Mutuo Soccorso	1912	15	1897	1 de Agosto de 1767
	Sociedade Portuguesa de Beneficencia	1918	21	1897	1 de Agosto de 1767
Pirassununga	Società Italiana di Mutuo Soccorso	1918	25	1893	6 de Agosto de 1823
Ribeirão Preto	Società Operaia di Mutuo Soccorso	1920	25	1895	19 de Junho de 1856
Rio Claro	Società Italiana di ISTRUZIONE i Beneficenza	1914	20	1894	10 de Junho 1827
Santa Rita do Passa Quatro	Società Italiana "Pàtria e Dovere"	1920	31	1889	22 de Maio de 1885
São Bernardo	Società Italiana di Mutuo Soccorso Uniti	1918	20	1898	(dos Campos) 20 de Agosto de 1945
São João da Boa Vista	Società Italiana Principe di Napoli	1907	15	1892	24 de Junho de 1824
São José Rio Pardo	Società Italiana di Mutuo Soccorso Reuniti	1902	16	1886	20 de Março de 1885
	Società Italiana XX di Settembre	1905	19	1886	20 de Março de 1885
São Simão	Società Beneficente Pàtria e Dovere	1911	18	1893	4 de Março 1895
Sertãozinho	Società Italiana di Mutuo Soccorso Insegnamento XX di Settembre	1920	27	1893	5 de Dezembro de 1896
Sorocaba	Società Operaia Italiana di Mutuo Soccorso e Beneficenza	1912	19	1893	15 de Agosto de 1654
Tambahú	Società Italiana XX di Settembre	1916	21	1895	24 de Julho de 1886
Torrinha	Società Italiana di "Mutuo Soccorso"	1920	25	1895	1888
Vargem Grande do Sul	Società Italiana Operaia Dante Alighieri	1907	14	1893	26 de Setembro de 1874

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo.** Volumes de 1892 a 1920.

Assim, a fundação das Sociedades Italianas em cidades como Ribeirão Preto pode ser entendida com vistas não apenas ao contexto mais amplo de afirmação das relações capitalistas, mas também como estratégia que persegue, através de

meios e condições específicas, a representatividade perante a sociedade receptora; ou seja, trata-se da maneira pela qual os imigrantes se organizam e assimilam a nova pátria, com especial atenção às especificidades da região onde se fixavam.

Revista Comemorativa do 1º Centenário da Sociedade de Socorros Mútuos de Ribeirão Preto. (1895-1995) Data 1895. Fotógrafo não identificado, p. 15.

CAPÍTULO 2

ESPERANÇA E SOLIDARIEDADE EM RIBEIRÃO PRETO: A EXPERIÊNCIA DAS SOCIDADES ÉTNICAS DE MUTUO SOCORRO

2. ESPERANÇA E SOLIDARIEDADE EM RIBEIRÃO PRETO: A EXPERIÊNCIA DAS SOCIEDADES ÉTNICAS DE MÚTUO SOCORRO

Além das relações sociais produzidas no ambiente de trabalho, no que diz respeito ao processo de convivência, os imigrantes italianos desenvolveram modos de organização social com o objetivo de assegurar que suas referências além-mar fossem capazes de dar sustentação à memória coletiva de seu agrupamento, por meio de práticas sócio-culturais variadas, como criação de escolas, organização de festas e homenagens, procurando aglutiná-los sob o mesmo teto generoso do “sentimento pátrio”.

Diante dessa realidade, neste capítulo serão apresentadas as Sociedades de Socorro Mútuo na cidade de Ribeirão Preto entre os anos 1895 e 1920. Tal apresentação tem como objetivo o fato de que, no decorrer da tese, seja possível confrontar os interesses dessas associações perante a sociedade de adoção, através da observação das estratégias utilizadas diante de uma consciência social dominante, que, na dinâmica do cotidiano, alicerçou uma relação com o novo agente social bastante peculiar, e, assim, observar a busca de uma melhor qualidade de vida por parte dos imigrantes, bem como as construções de referências de comportamento da sociedade de origem diante das especificidades engendradas na sociedade de adoção.

Ao observar o número elevado de imigrantes que chegaram a Ribeirão Preto durante o período estudado, como veremos adiante, a composição numérica das Sociedades de Socorro Mútuo na cidade pode parecer insignificante, sobretudo se

nos atentarmos exclusivamente às massas migratórias. No entanto, ao estudar esses grupos, é possível abarcar tanto as relações de solidariedade, quanto as relações de conflito, podendo ser, assim, esclarecida a disputa de poder dentro de um determinado grupo, e, naturalmente, entre grupos distintos.

Através da documentação levantada a respeito do funcionamento dessas sociedades, com a pesquisa foi possível acrescentar algumas reflexões sobre os estudos de coletividade e de “cultura associativa”, a partir de uma concepção que apreende a cultura não somente como:

[...] a produção [...] no sentido de peças de teatro, conferências, música, mas as celebrações, os costumes, as normas que regiam as associações operárias. Em outras palavras, como através dessas práticas e desses rituais os membros das associações percebiam o mundo e a si mesmos⁶¹.

Para Batalha, a cultura associativa do operariado do Rio de Janeiro na Primeira República transcendia os limites da militância, visto que a heterogeneidade nela observada conferia diversos cruzamentos entre diferentes segmentos sociais e nacionalidades distintas, tornando, portanto, necessária uma reflexão sobre a forma como as diversas manifestações foram simbolicamente apropriadas pela “cultura associativa”. Essa observação leva-nos a compreensão da cultura como um modo de organizar a vida e o uso do corpo, que as diversas sociedades criam em momentos específicos de acomodação ou reacomodação do grupo⁶².

Quanto a Ribeirão Preto, trata-se de uma cidade que se desenvolveu rapidamente e de maneira diversificada a partir da segunda metade do século XIX, numa região que, em tempos pretéritos à cafeicultura, havia sido povoada, sobretudo, por mineiros. No entanto, em fins do referido século, a urbe tornava-se

⁶¹ BATALHA, Cláudio. Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: **Cultura de classe**. Campinas: Unicamp, 2004, p. 97.

⁶² MAUSS, Marcel. **Antropologia e sociologia**. 2ª ed., São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 536.

verdadeira “torre de babel” face ao ingresso de variados grupos de migrantes externos.

Era notório então o esgarçamento das relações sociais e culturais numa sociedade em processo de constante transformação e de (re)acomodação, na qual a convivência humana não era em nada harmônica, pois mundos mentais distintos cruzavam tênues fronteiras. Um campo onde atuavam múltiplos agentes produzindo múltiplas relações, mas que tinha nos italianos sua maioria, presença fundamental em quase todas as manifestações sociais que engendraram a história da cidade, em cujas ocasiões organizavam e reafirmavam sua coletividade.

A partir desse contexto, procurei refletir a respeito da funcionalidade das sociedades mutualísticas dos imigrantes italianos adaptadas à região e ao momento histórico em que se organizaram, lembrando que a criação dessas associações deve ser pensada como estratégias e experiências apreendidas e, de certa forma, reproduzidas culturalmente – tal como uma “cultura associativa” que foi construída de modo paulatino por meio da dinâmica dessas sociedades, e que cumpre um papel importante dentro das transformações capitalistas que ocorriam no Brasil e, mais especificamente, na região cafeeicultora.

O poder público, representado pela Câmara Municipal, tinha como principal objetivo garantir instrumentos indispensáveis ao desenvolvimento econômico da cidade. Desse modo, através dos Códigos de Posturas, as leis de âmbito municipal investiam em infra-estrutura, como a construção de matadouro, de prédios públicos, de estações ferroviárias e de praças.

O resultado das intervenções urbanísticas ancoradas na disciplinarização e na higienização do espaço urbano levou à instituição de um *modus operandi* que se entroncava com a temática imigrante nas mais distintas facetas que lhe concernem,

pois no seio da proposta positivista também havia a questão da “reinvenção” do brasileiro. Sendo assim, não faltaram críticos à imigração (como, por exemplo, o médico Franco da Rocha), que vislumbravam no migrante internacional a potencialização da degenerescência humana brasileira.

Além da disciplina do espaço, da higienização e dos debates positivistas – interesses compulsivos de segmentos do poder público –, os empreendimentos realizados pelos chamados “missionários da civilização”, como Oswaldo Cruz e Pereira Passos, eram utilizados como referências para uma postura urbanística vinculada de iniciativas excludentes e racistas, de modo que a tônica da reforma urbana do Rio de Janeiro, inspirada no modelo parisiense, alastrou-se por todo o país, e políticas de saneamento e embelezamento se constituíram em instrumentos de controle da ordem social e o imigrante tornava-se, em determinados momentos, aliado e em outros como componente a ser segregado⁶³.

2.1. A ORGANIZAÇÃO DAS SOCIEDADES DE MÚTUO SOCORRO ITALIANAS EM RIBEIRÃO PRETO

Nesse universo, as sociedades étnicas e as não-étnicas (benéficas, em geral) tiveram um papel importante em cidades nascentes, como Ribeirão Preto, pois constituíam espaços de lazer e de solidariedade, além de contribuírem como reforços à (re)afirmação de identidades coletivas nacionais e estrangeiras.

⁶³ CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da ordem: a doença mental na república**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 26. Quanto à discussão a respeito dos missionários da civilização: CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da República. In: Maria Alice Resende (org). **República do catete**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2002, pp. 61-87.

Soma-se às funções apresentadas o fato de que tais sociedades proporcionavam amparo aos desvalidos, aos pobres e aos desempregados, que se multiplicavam nos centros urbanos: funcionavam como abrigos para mendigos, asilos para órfãos, hospitais, escolas e, enfim, associações de mútuo socorro, que surgiam com inúmeras estratégias de sobrevivência e que conquistavam um papel importante na dinâmica da cidade.

No início da década de 1890, a população de origem italiana residente em Ribeirão Preto aumentou significativamente: entre os anos de 1890 e 1900 a população absoluta de 12.033 habitantes saltou para 59.195⁶⁴, sendo que os italianos contribuíram expressivamente para esse crescimento. A maioria desses imigrantes fixou-se nas fazendas sob o regime de colonato, mas uma parte se dedicou às ocupações urbanas, ou, ao menos, exerciam atividades qualificadas nas fazendas e possuíam certo trânsito entre o campo e a cidade.

2.1.1. *Società Operaia di Mutuo Soccorso Unione Italiana*

A *Società Operaia di Mutuo Soccorso Unione Italiana* foi criada em 1895, a partir da união de duas outras: a *Società Umberto I* e a *Principe Amadeo*, das quais restaram referências residuais apenas na ata de fusão para a criação da *Unione Italiana*. Note-se que neste documento aparecem os nomes de representantes das duas sociedades:

⁶⁴ Repartição de Estatística do Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico de São Paulo**. Volumes 1890- 1900. Typ. do Diário Oficial.

Hoje, 13 de outubro de 1895, às 18 e 30 horas, na casa do Sr. Ângelo Alario, se reúnem os senhores Ângelo Alario, Evaristo Faganucci e Giovanni Beschizza, representando a Sociedade “Príncipe Amadeo” e o senhores Valente Fantato, Antonio Maggiorin e Enrico Zapparoli representando a Sociedade “Umberto I”, ambos assistidos pelo Sr. Carlo Olivi, funcionando como secretário⁶⁵.

A partir de informações exíguas – verdadeiros vestígios documentais – a respeito destas aparentes primeiras associações criadas por italianos, foi possível levantar apenas hipóteses, como: essas duas sociedades eram pequenas e tinham se organizado para suprir necessidades básicas tanto em uma nova terra, quanto em uma nova cidade.

Outra hipótese é pensar que a prática associativa não se desenvolvia apenas em grandes centros urbanos (São Paulo, Santos, Rio de Janeiro), uma vez que a fusão de tais sociedades sugere uma precisa demonstração de organização, legitimidade e representatividade, sendo que o formalismo apresentado pela ata sugere que a prática organizacional e o ritual já estavam presentes nestas primeiras sociedades.

Os italianos presentes também chamam a atenção, como no caso de Giovanni Beschizza, por exemplo, que foi anunciado em uma edição especial intitulada: *Il Brasile e gli Italiani*, organizado pelo jornal *Fanfulla* e publicado em 1906, como um grande comerciante de Ribeirão Preto. Ângelo Alario, por sua vez, era responsável pela publicação de um jornal em língua italiana, *L'Unione Italiana*, que circulou na cidade entre os anos de 1896 e 1897⁶⁶.

Por sua vez, no jornal de língua nacional, *A tribuna*, foi veiculado um anúncio em 1898 que se referia a uma casa de câmbio chamada “Ângelo Alario & Anselmi”. Além destes casos pinçados na imprensa, aparecem, nas listas de lançamento de

⁶⁵ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* – Ata n.º 1, 13 out 1895.

⁶⁶ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1989, p. 503.

impostos de indústrias e profissões⁶⁷, nomes como Evaristo Faganucci, registrado como alfaiate em 1894; Valente Fantato, proprietário de uma fábrica de cerveja, em 1892, e Enrico Zapparoli, sócio de uma confeitaria, em 1899.

Apesar das poucas informações disponíveis a respeito das duas Sociedades, ao analisar suas diretorias é possível afirmar, com base nas ocupações profissionais dentro do contexto de crescimento da cidade e da política imigratória para lavoura cafeeira, que seus membros representavam uma certa “elite” em relação ao restante do grupo étnico. Esses indícios também permitem pensar que a presença italiana no meio urbano já era forte e que se apresentava dividida em diversos segmentos sociais, resultantes da variada gama de atividades que a cidade oferecia.

Além disso, desde o princípio, os italianos manifestaram a necessidade de manutenção de laços, sejam fraternais ou estratégicos, que reforçassem e/ou recriassem uma identidade italiana – o próprio nome escolhido para a nova sociedade, *Unione Italiana*, é, por si só, uma demonstração de estratégias inseridas num processo ao mesmo tempo interpretativo e criativo da experiência ítala fora do continente europeu⁶⁸.

No dia 18 de abril de 1938, o governo promulgou o Decreto-Lei nº 383, que proibiu os brasileiros natos ou naturalizados, ainda que filhos de estrangeiros, de pertencerem a clubes e sociedades com fins beneficentes ou assistenciais fundados por imigrantes⁶⁹. Embora esse decreto tenha representado um golpe fatal no fluxo de criação dessas sociedades, a permanência de algumas com outros nomes

⁶⁷ ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DE RIBEIRÃO PRETO: **Relação de declaração de Impostos de indústrias e profissões**, anos 1899-1900.

⁶⁸ GERA, Bianca, ROBOTTI, Diego. L'influenza della tradizione mutualistica piemontese sull'organizzazione delle Società do Mutuo Soccorso dei lavoratori italiani in Argentina. In: BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio; PEPE, A. **La Riscoperta delle Americhe**. Milão, Nicola Teti Editore, 1992, pp. 265 – 276.

⁶⁹ DE LUCA, Tania R., op. cit., p. 150.

permitiu a sobrevivência de certos contatos sociais e da memória dos fundadores italianos, representando, ao mesmo tempo, identidade e resistência por intermédio de uma “reprodução cultural”.

Nacionalizada em 28 de julho de 1940, na esteira da “campanha de nacionalização” ocorrida no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, a Sociedade *Unione Italiana* existe ainda hoje e se apresentava, até 2004, com o nome de Sociedade de Mútuo Socorro de Ribeirão Preto, quando retomou a sua denominação original, na tentativa de reviver seu passado e seus antigos objetivos que, naturalmente, não existem mais, a partir de uma memória fluida que busca estimular novos arranjos sócio-culturais sub-reptícios às esperanças pretéritas.

Com sede própria desde os primeiros anos de funcionamento, a sociedade *Unione Italiana* apresenta características específicas em relação às outras. Durante toda a sua existência, ela não se fundiu com nenhuma outra Sociedade, mas adquiriu uma capacidade peculiar de se adequar às vicissitudes de momentos históricos variados: se dentro de seu tecido foi erigido o primeiro núcleo de resistência operária de Ribeirão Preto, por outro lado, recebeu homenagens de funcionários do regime fascista de Mussolini, além de realizar discursos complacentes, como em 1945, quando do seu aniversário de cinquenta anos, assim descrito em trecho do jornal da cidade:

Em 1940 como conseqüência da nossa evolução jurídica, surgiu a lei de nacionalização das sociedades existentes em território brasileiro, visando estabelecer maior contacto e maior compreensão entre nacionais e alienígenas [...] e essa transformação, constituiu, sem dúvida alguma, motivo de satisfação entre os italianos remanescentes⁷⁰.

⁷⁰ Sociedade de Socorros Mútuos de Ribeirão Preto. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 21 out. 1945, nº 14909.

Na primeira década do século XX, essa mesma *Unione Italiana* abrigou a Liga Operária, que, em conjunto com a sociedade, promoveu diversas manifestações no interior da cidade, como por exemplo os movimentos favoráveis às oito horas de trabalho com a presença de anarquistas e socialistas, demonstradas tanto em ata quanto na imprensa:

Da Conferencia realizada no teatro pelo Dr. Antonio Piccarolo, em benefício da Sociedade União Italiana, verificou-se o seguinte resultado: entradas 148.000; despesas 91.900; saldo que vae ser entregue à sociedade 56.100⁷¹.

Várias festas em homenagem ao dia 1º de maio foram organizadas pela Liga Operária e pela sociedade. Apesar de não ter sido encontrado nenhum livro de ata das reuniões da Liga, a partir do trabalho da historiadora Lílian R. de Oliveira Rosa⁷² é possível cruzar alguns nomes como, por exemplo, os fundadores da chamada “União Geral dos Trabalhadores de Ribeirão Preto” (30 de março de 1925), Guilherme Milani e Rômulo Pardini, constavam como sócios da Sociedade *Unione Italiana*.

Outro nome que aparece com frequência em seu livro de atas como também na imprensa é o de Alfredo Farina, um anarquista aprisionado em 1907 – sendo que um dos motivos do decreto de sua ordem de prisão estava ligado à sua participação nas decisões sobre as greves organizadas pela Liga Operária em prol das oito horas de trabalho⁷³ –, além de Augusto Pennazzi, correspondente do Jornal *Avanti* em Ribeirão Preto, responsável pela tentativa de organizar a *Società Operaia Intenazionale*, em 1902, e também sócio da *Unione Italiana*.

⁷¹ Antônio Piccarolo em 1907 era proprietário do jornal *Il Secolo* e representava um grupo de socialistas reformistas que debatia formas de defender os interesses da colônia italiana. A citação encontra-se: Jornal **A Cidade**, 04 jan. 1907.

⁷² ROSA, L. R. de O. **Comunistas em Ribeirão Preto**. Franca: Editora Unesp, 1999.

⁷³ GERALDO, S. **O resgate da memória proletária em Ribeirão Preto**. Dissertação de Mestrado, ECA – USP, São Paulo, 1990, p. 81.

A participação destas pessoas no I e no II Congresso Operário Brasileiro, realizados em São Paulo, em 1906 e 1913⁷⁴ respectivamente, demonstra a influência das idéias anarquistas e socialistas dentro da sociedade, uma realidade presente, também, no II Congresso Socialista Brasileiro, em 1902, quando Ribeirão Preto marcou presença através de nomes como o notório anarquista italiano Andrea Ippolito, que chegou ao Brasil como agricultor, no ano da Proclamação da República, e se direcionou às lavouras cafeeiras de Ribeirão Preto. Todavia, já no início do século XX, encontrava-se na cidade, onde mantinha um pequeno comércio de “Secos e Molhados”, e participou com afinco da organização de Sociedades – *Unione Meridionale*, a *Unione Italiana*, a *Pàtria e Lavoro* e a *Dante Alighieri*.

A partir das constatações anteriores, é possível seguir a reflexão empreendida por Luigi Biondi, a qual afirma que nas cidades onde os adeptos do socialismo e do anarquismo não estavam estruturados em grupos, participavam de Sociedades de Socorro Mútuo⁷⁵ – para reforçar ainda mais essa realidade, acrescento a informação de que mesmo após a organização do *Circulo Socialista*, ligado ao grupo paulistano do “*Avanti!*”, eles permaneceram nas sociedades étnicas e mutuais.

A preocupação com o assistencialismo e com a necessidade de uma caixa de socorros ainda está presente no primeiro estatuto da União Geral dos Trabalhadores de Ribeirão Preto⁷⁶, o que demonstra atitudes contrárias às indicações do I Congresso Operário Brasileiro (1906), que orientou os movimentos operários que deixassem em segundo plano as obras assistenciais para a classe operária.

⁷⁴ ROSA, L., op.cit., p. 32.

⁷⁵ BIONDI, Luigi. **Entre associações étnicas e de classe: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo**. op. cit., p. 215.

⁷⁶ Apud: ROSA, L., op. cit, p. 40.

2.1.2 Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza

Outra sociedade fundada ainda no final do século XIX em Ribeirão Preto, mais exatamente no dia 17 de julho de 1898, foi a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza*. Desde seu início, essa organização demonstrou preocupação bastante especial com relação à sua legitimidade, e, nesse sentido, promoveu esforços concentrados no sentido de formular uma tradição – uma “reprodução cultural”, no sentido que Pierre Bourdieu propõe⁷⁷ –, ou seja, implementar uma série de ações, entre elas, a criação de uma escola para que os filhos fossem alfabetizados na língua materna; e a definição de uma bandeira, de um hino e de diplomas para serem entregues aos sócios homenageados.

Outro diferencial dessa sociedade foi a organização da *Compagnia di Publica Assistenza Internazionale*, em 1900; em um período em que a Santa Casa ainda estava sendo construída, estes italianos reunidos organizaram uma companhia de atendimento médico não só aos sócios, como também para a população em geral.

A riqueza de detalhes presente nas atas indica uma multiplicidade de conflitos e contradições, por vezes incongruências, como as disputas concernentes à representação da sociedade, verificada por meio da importância simbólica que estes cargos adquiriam na sociedade; a preocupação em homenagear políticos e a elite econômica da região; pelos esforços para transformar eventos da Sociedade em demonstração de tradição e, ao mesmo tempo, de poder, trabalho e organização institucional. A análise dessa multiplicidade de fatos presentes naquela

⁷⁷ BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. ORTIZ, Renato (org). São Paulo: Ática, 1983, p. 76

documentação permite a elaboração de um conhecimento vivo e relativamente autêntico, a respeito das estratégias associativas.

O primeiro presidente da sociedade *Unione e Fratellanza* foi Oreste Fioretti, enquanto Alfredo Farina tornou-se seu primeiro tesoureiro. Fioretti, oriundo da região da Lombardia, teve seu registro na Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo em 30 de outubro de 1895⁷⁸. Quinze anos depois, seu nome aparecia na lista de arrecadação de impostos industriais como sócio de uma fábrica de camas chamada “Oscar Fioretti & Oreste Fioretti”, além de vários anúncios nos jornais da cidade.

O também lombardo Alfredo Farina não consta nos registros da Hospedaria, mas aparece com frequência nos jornais da época, sendo responsável pela publicação de dois periódicos de língua italiana em Ribeirão Preto: *Lo Scudiscio*, semanário humorístico, e *Il Messaggero*, um semanário socialista que circulou em 1907, ano em que respondeu a um processo movido por Giovanni Beschizza, sob alegação de ter sofrido injúrias em uma matéria veiculada no periódico de responsabilidade de Farina⁷⁹.

Entretanto, o caráter mais reivindicativo de Farina não caracterizava a imagem da sociedade italiana. Ainda mais se se considerar que em diversos momentos ele próprio assumiu posições de acomodação ao *status quo* vigente, além de promover ações cujo objetivo era alcançar o reconhecimento da sociedade local em relação à colônia italiana, como no caso da nomeação de dois cafeicultores e políticos da cidade à condição de sócios honorários: a aprovação do Conselho

⁷⁸ Memorial do Imigrante. **Base Eletrônica de Dados do Livro de Registro de chegada dos imigrantes e migrantes alojados na Hospedaria**. São Paulo, 2005. A ficha de Oreste Fioretti está incompleta, constando apenas o dia de sua chegada e seu estado civil como casado.

⁷⁹ Sobre o processo movido contra Alfredo Farina, tanto o jornal **Diário da Manhã** quanto o jornal **A Cidade** noticiam o desenrolar dos autos, mas sempre em favor do Senhor Giovanni Beschizza.

Diretor foi registrada em ata no dia 06 de outubro de 1898,⁸⁰ e contou com o apoio de Farina, então secretário.

2.1.3 Società Unione Meridionale

A *Società Unione Meridionale* foi fundada em 10 de maio de 1900, sem sede própria, e teve como característica singular o fato de ter sido uma associação regional. Segundo Luigi Biondi⁸¹, nas duas últimas décadas do século XIX, com o aumento da imigração do sul da Itália, aumenta o número de sociedades regionais, fenômeno que ocorre também nos Estados Unidos e na Argentina. No caso de Ribeirão Preto, essa sociedade surge com objetivo de representar os imigrantes provenientes das províncias meridionais. Em um dos artigos do estatuto transcrito em ata fica bem perceptível a preocupação em definir o que eles compreendiam como meridionais.

Segundo seu estatuto, era seu objetivo tornar uma só família formada pelos “italianos” provenientes das províncias meridionais (das quais fazem parte as províncias de Teramo, L’Aquila, Chieti, Campobasso, também consideradas províncias meridionais) com o fim de auxiliar mutuamente em caso de necessidade, propagar a instrução entre os sócios e os filhos dos sócios⁸².

⁸⁰ Os dois cafeicultores eram Joaquim Firmino de Andrade Junqueira e Francisco Maximiano de Andrade Junqueira. LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione e Fratellanza*. Ata s/n.

⁸¹ BIONDI, Luigi., op cit., p. 100.

⁸² LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Meridionale*, Ata n.º 03, 31 mai. 1900.

Nessa mesma ata, também se mostram receptíveis aos sicilianos, alegando que seus costumes eram parecidos. Considerada uma região que emigrou posteriormente à setentrional e numa quantidade menor segundo a historiografia que se ocupa do processo migratório⁸³, acompanhar o desenvolvimento desta associação e principalmente a fusão que fará com a *Unione e Fratellanza*, em 1903, nos oferece preciosas pistas sobre o processo de assimilação desses italianos na cidade de Ribeirão Preto.

A trajetória percorrida pela *Unione Meridionale* nos oferece ainda mais pistas, ao possibilitar a reflexão a respeito da (re)criação da identidade da nacional italiana fora do Velho Mundo. Segundo Martins, a diferença regional não pode ser apagada, pois impõe ao menos um limite, fornecido pela diferença de dialetos⁸⁴. Isso sem contar a questão do imigrante que tem a origem numa mesma localidade, pois servia como um forte fator para acentuar a auto-segregação, isto é, em um primeiro momento eles se uniam a partir da região de origem para corresponder aos interesses comuns determinados pela sua nova situação social.

Seu primeiro Conselho Diretor foi composto por Giovanni Prianti, presidente; Girolano Ippolito, vice-presidente, Andrea Ippolito e Giuseppe Miceli, conselheiros, e Luigi de Maio, tesoureiro. Prianti era farmacêutico e teve muita participação em diversas sociedades; o comerciante Girolano Ippolito teve várias casas comerciais, principalmente de “Secos e Molhados”, e também vários imóveis de aluguel, além de ter feito parte da comissão fundadora da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto, em 1905.

Andrea Ippolito, como informado anteriormente, tornou-se proprietário de uma casa de “Secos e Molhados” e Giuseppe Micelli aparece, na edição especial do

⁸³ ALVIM. Zuleika, op.cit., p. 62.

⁸⁴ MARTINS, J.de S., op. cit., p. 198.

jornal *Fanfulla*⁸⁵, como proprietário, desde 1893, de uma casa comercial de diversos artigos, além de atuar como representante de uma casa bancária que enviava dinheiro de italianos à sua pátria, Itália. Enquanto Luigi de Maio se apresenta como proprietário da “mais antiga fábrica de doces no interior do Estado”, segundo propaganda veiculada no jornal ribeirão-pretano *A Cidade*, no dia 1º de abril de 1910.

A partir dessas informações a respeito da *Unione Meridionale* torna-se evidente que seus fundadores se estabeleciam na cidade ao mesmo tempo em que instalavam suas atividades comerciais. Na sua maioria eram trabalhadores não-manuais ou manuais qualificados. Por sua vez, a estratégia de organização no entorno da região de nascimento trazia, portanto, não somente um modo de organizar uma sociedade de mútuo socorro entre eles, mas também um mecanismo de criação de certa representatividade e força econômica e social na sociedade ribeirão-pretana. Uma demonstração dessa necessidade é constar logo na segunda ata do Conselho Diretor a decisão de conceder o título de sócio honorário aos vários representantes oficiais da elite de Ribeirão Preto.

2.1.4 Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Pàtria e Lavoro

Da fusão das Sociedades *Unione e Fratellanza* e *Unione Meridionale*, ocorrida em 17 de setembro 1903, surgiu a *Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Pàtria e Lavoro*. Esta sociedade durou até 1910, e durante este período tornou-se a

⁸⁵ *Il Brasile e Gli Italiani*. Edizioni del **Fanfulla**, Bemporad e Figlio, Firenze, 1906, p. 1137.

representante “oficial” da colônia italiana erradicada em Ribeirão Preto, inclusive com o vice-consulado funcionando no mesmo prédio. Durante essa primeira década do século XX, a população de origem italiana residente na cidade havia crescido consistentemente. A presença de famílias constituídas de diversas profissões registradas e mesmo o aumento do número de eleitores de origem estrangeira demonstram que essa população havia alcançado algum tipo de posição em diversos níveis da estrutura social e econômica de Ribeirão Preto.

Durante a primeira década do século XX, a população de origem italiana residente na cidade cresceu de forma consistente. A presença de famílias constituídas de diversas profissões registradas, e mesmo o aumento do número de eleitores de origem estrangeira, demonstram que essa população havia alcançado algum tipo de posição em diversos níveis da estrutura social e econômica de Ribeirão Preto.

A fusão dessas sociedades demonstra certa instabilidade na composição da coletividade. A diversidade das atividades econômicas, de profissões e de diferentes origens regionais traduzia-se numa variedade de comportamentos sociais, provocando conseqüentemente tensões e conflitos em torno da questão da representatividade da “colônia” perante a sociedade.

A partir da documentação da formação da *Pàtria e Lavoro*, da leitura das suas atas de reuniões e da composição social de seus sócios, as adequações remoadas e as recriações de posturas, as concepções ideológicas e as práticas culturais demonstram diferenças sociais e políticas no bojo da colônia italiana. O primeiro Conselho foi formado por membros das duas antigas sociedades: Girolano Ippolito, presidente, Vincenzo de Bonis, vice-presidente e Giuseppe Micelli, tesoureiro.

Todos já haviam participado dos Conselhos Diretores da *Unione Merionale*. O presidente e o tesoureiro também já haviam participado da *Unione Fratellanza*. Porém, o que mais chama a atenção era a formalidade com que essa sociedade fora organizada, e a preocupação em homenagear, já na ata de fundação, o Real vice-cônsul – ele próprio garantiu presença –, bem como outros “ilustres” italianos da cidade⁸⁶.

Essa sociedade encabeçou as cerimônias festivas da colônia italiana, organizou uma escola, manifestou apoio a várias autoridades citadinas e também se posicionou em defesa de algumas situações específicas entre italianos e autoridades brasileiras. Nesse sentido, é interessante notar os posicionamentos aparentemente contraditórios que, quando analisados dentro das conjunturas determinadas, adquirem significados que vão além da simples ação coletiva.

Um caso exemplar é a posição da sociedade de ataque à polícia diante da morte de um italiano que não pertencia à sociedade ocorrida no bairro do Barracão, Ribeirão Preto, no ano de 1905, e a indignação em relação ao vice-cônsul pela demora em se posicionar com relação ao fato – situação embaraçosa que ocorreu dois anos após esse mesmo representante do governo italiano ter sido considerado sócio-honorário da sociedade.

A *Pàtria e Lavoro* vivenciou quase toda a primeira década do século XX; sua transformação no ano de 1910 num comitê da *Società Dante Alighieri*, em Ribeirão Preto, indica que provavelmente uma sociedade com denominação local não era mais suficiente para o reconhecimento desse grupo social que havia se desenvolvido na cidade, que necessitava cada vez menos dos “socorros mútuos” e

⁸⁶ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* – Ata s/n 20 set. 1903.

cada vez mais de “prestígio” no interior da complexidade social que Ribeirão Preto havia adquirido.

2.1.5 Società Dante Alighieri

Essa sociedade, desde a década de 1910 até o processo de nacionalização ocorrido no final da década de 1930, se transformou na maior associação italiana da cidade. É fundamental ressaltar que ela não aceitou a lei que impunha a nacionalização a esse tipo de entidade. Por isso, foi ocupada pelo poder público e o seu prédio utilizado pela Sociedade da Legião Brasileira. É bastante provável que, por esse motivo, não foi encontrado nenhum livro de ata da *Dante Alighieri*. Há, no entanto, os livros de Presença do Conselho Diretor e da Assembléia Geral.

Ainda com a carência de alguns documentos, a partir dessa documentação existente é possível tomar ciência dos nomes que permaneceram na sociedade, dos que faziam parte do Conselho Diretor e dos eventos oficiais organizados em sua sede: os chamados setores médios, profissionais liberais e grandes empresários italianos da cidade participavam freqüentemente das reuniões da sociedade, que representavam nos eventos oficiais, conforme a imprensa explicita:

SOCIEDADE DANTE ALIGHIERI - COMITATO DI RIBEIRÃO PRETO

Domingo passado, 5 do corrente realizou-se a eleição do conselho administrativo e mais comissões da sociedade “Dante Alighieri” (Comitato di Ribeirão Preto) na antiga sede da sociedade “Pàtria e Lavoro” hoje fundida com aquela.

Foram eleitos:

Consiglio direttivo:

Girolano Ippolito, Dr. Giulio Gallo, Raffael Di Zinno, Oreste Fioretti, Luigi de Maio, Carlo Torre, Carlo Barbieri, Andrea Ippolito, Ovidio Stefani, Giovanni Prianti, Domenico Aceri, Michele Mancini, Giovanni

Nociti, Francisco Palumbo, Pietro Sinieghi, Giovanni Beschizza, Enrico Taffo, Antonio Bellonzi, Filippo Strazzeri, Vincenzo Io Giudice.
Comissão de escrutínio
Giovanni Prianti, Nicola De Luca e Isaia Grassi.
Revisores de contas
Luigi Restamo, Francisco Ambrosio e Battista Toso.
Junta para a eleição
Aristide Muscari, Clemente Beschizza e Valente Fantato⁸⁷.

Aparentemente, as sociedades Dante Alighieri possuíam características comuns que as uniam. Por esse motivo, as sociedades que utilizavam esse nome eram também chamadas de “Comitato”, isto é, uma representação local do que seria uma imensa rede de comitês sediados na América, África e Ásia, que se ligavam à sede em Roma fundada em 1889 e que tinha como objetivo maior a criação de escolas de italiano no exterior.

La seconda lettera è quella indirizzata, il 21 novembre 1888, a Carducci dal triestino Giacomo Venezian. Tale documento suggeriva “... di guardare le cose dall’alto, nel senso di considerare l’italianità di Trieste come uno strumento per rafforzare negli italiani la coscienza di nazione e cioè la coscienza dei doveri di nazione, un momento etico e educativo. Infatti, operando per salvaguardare l’italianità oltre i confini nazionali, si opera per salvaguardarla entro i confini della Patria⁸⁸”.

No Brasil, os comitês da Dante Alighieri se desenvolveram de forma expressiva na primeira década do século XX. De acordo com o Anuário estatístico de São Paulo, em 1915 havia dez comitês espalhados por diversas cidades do interior do Estado. Na cidade de Ribeirão Preto, essa sociedade alojou, além do Real vice-consulado, a organização do *Circolo Italiano* de Ribeirão Preto, no ano de 1919 – associação não-beneficente que funcionava como um clube com objetivos claros de criação de espaço sócio-cultural. Ligada ao Instituto de Cultura Italiana, tinha como objetivo oficial a organização de eventos recreativos que demonstrassem

⁸⁷ Sociedade Dante Alighieri – comitato di Ribeirão Preto. **A Cidade** – 08 jun. 1910. Ano VI.

⁸⁸ Società Dante Alighieri. Comitato di Firenze, Itália. Disponível em: <http://www.dantealighieri.it/origini.htm>. acessado em 02 abr. 2007.

a cultura italiana como propulsora de iniciativas culturais. Em 1922, o *Circulo Italiano* une-se oficialmente à Dante, tornando-se uma espécie de departamento recreativo da mesma.

Dessa forma, a sociedade Dante Alighieri confere ao seu *status* não só a sociedade que representaria a “elite” italiana fixada na cidade, como também uma espécie de elite intelectual que seria responsável pela constante reelaboração da cultura e da memória italianas. Seus membros italianos ou descendentes conviviam com sócios sem ligação étnica com a Itália, mas com uma relação frutífera de interesses econômicos, sociais e de poder simbólico diante da sociedade ribeirão-pretana.

A existência dessas associações étnicas entre imigrantes não foi um fato isolado, pelo contrário, era uma experiência já conhecida na Europa, como foi o caso dos italianos; na América, ela adquiriu uma (re)interpretação “criativa”, pois, enquanto na Itália a maior parte dessas sociedades serviu de instrumento para a integração das classes operárias, na América, especificamente no Brasil, num primeiro momento, essa prática adquiriu como referência a matriz nacional. No entanto, como alega Ângelo Trento: “a própria proliferação dessas associações mostra como elas surgiram e se cindiram mais por rivalidades de ordem pessoal do que por um impulso efetivo de solidariedade em favor dos compatriotas em dificuldade”⁸⁹.

Nesse sentido, ao analisar os livros de atas de sociedades de mútuo-socorro italianas, em Ribeirão Preto, foi possível acompanhar a dinâmica de situações contingenciais, onde as experiências individuais e coletivas manifestavam-se dentro

⁸⁹ TRENTO, Angelo, op. cit., p. 161.

de um conjunto de habilidades utilizadas, principalmente, como estratégia para a conquista de um espaço na sociedade local.

Casa Beschizza por volta de 1910. Localizada na Rua Saldanha Marinho foi editora de cartões-postais. Fotógrafo: n/identificado. (APHRP – GERODETTI, João Emilio. **Lembranças de São Paulo**: o interior paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2003, p. 193).

CAPÍTULO 3

ATIVIDADES ECONÔMICAS E REPRESENTATIVIDADE DO GRUPO DIRIGENTE DAS SOCIEDADES ITALIANAS

3. ATIVIDADES ECONÔMICAS E REPRESENTATIVIDADE DO GRUPO DIRIGENTE DAS SOCIEDADES ITALIANAS

A alteração da composição demográfica em Ribeirão Preto pode ser observada através dos números de nascimentos e de registros da chegada de sucessivas levas de imigrantes, que se dirigiam, sobretudo, para a lavoura cafeeira, embora também tenham assentado no meio urbano, onde promoviam consideráveis alterações. Visto que, diferentemente dos radicados no meio rural, que geralmente se subordinavam aos contratos de colonato, os migrantes estrangeiros que acorriam à cidade se ramificavam em segmentos sociais diversificados.

Subsídios consistentes, os “Almanaques Municipais” constituem documentos de grande valor para a compreensão desse contexto, tanto em função dos assuntos que veiculavam, quanto do formato como apresentavam tais informações. A cidade de Ribeirão Preto produziu algumas dessas obras, dentre as quais o “Almanach Illustrado de Ribeirão Preto”, publicado no ano de 1913. Dividido em quatro partes, esse almanaque apresenta dados históricos, geográficos, nomenclaturas comerciais, industriais e agrícolas, além de temas variados transcorridos na época.

Na seção onde são arrolados proprietários de estabelecimentos comerciais e industriais, a presença italiana é preponderante – quase metade dos empresários possui sobrenome italiano. Dentre os demais nomes que figuram nesse almanaque, aparecem outras nacionalidades estrangeiras – espanhola, portuguesa e síria, por exemplo. Essa composição de nacionalidades explicita a contribuição do imigrante para a reconfiguração regional:

Tabela 8 - Levantamento da quantidade de atividades profissionais elencadas no Almanach Illustrado de Ribeirão Preto, referente ao ano de 1913:

Nomenclatura da Atividade profissional	N.º de proprietários	N.º de proprietários com origem Italiana
Açougues	06	03
Agencia de Cia. Pesca	01	-
Agencias de Jornaes	02	-
Agencias de Loterias	05	01
Agencias de Negócios	09	02
Agencias de Seguros	02	01
Agencias de Bancos	04	02
Armazéns de Seccos e molhados	65	46
Bancos	04	01
Bilhar	01	-
Bazares	02	01
Botequins	14	09
Capitalistas	08	02
Casas de bicycletas	02	02
Casas de Armas	02	01
Casas de Machinas de costura	02	01
Casas de móveis	03	02
Casas de Louças	01	-
Casas de Brinquedos	01	01
Casas de Pastos	01	01
Charutarias	04	-
Chapelarias	01	01
Compradores de café	18	01
Confeitarias	06	04
Depósito de lenha	03	02
Depósito Material	01	01
Hospedarias	06	-
Hotéis	06	01
Livrarias e Papelarias	06	01
Lojas de Fazendas e Armarinhos	23	05
Padarias	09	06
Pharmacias	12	03
Refinações de assucar	04	03
Restaurantes	10	04
Typographias	09	01
Fábricas de Bahús	01	-
Fabricas de Calçados	05	03
Fábricas de Cigarro	02	01
Fábricas de Cerveja	03	02
Fábricas de Sabão	03	02
Fábricas de Cadeiras	02	02
Fábricas de Doces	01	01
Fábricas de Confeitos	01	01

Nomenclatura da Atividade profissional	N.º de proprietários	N.º de proprietários com origem Italiana
Fábricas de Massas	03	03
Fábricas de Instrumentos Muzical	02	-
Fábricas de Carroça	03	02
Fábrica de Peneiras	01	-
Fábrica de Vime	01	01
Fábrica de Camas	01	01
Fábrica de Licores	01	01
Fabricas Fogos	02	02
Cortume	01	01
Machinas de Beneficiar café e arroz	03	01
Moinhos de Café	04	-
Serrarias	03	01
Vidraceria	01	01
Advogados	17	-
Cirurgiões e dentistas	14	02
Engenheiros	03	02
Empreiteiros	08	08
Médicos	19	05
Parteiras	04	02
Photographos	06	02
Solicitador	01	-
Alfaiates	34	20
Barbeiros	23	12
Carpinteiros	05	05
Consertador de armas	01	01
Costureiras	24	18
Engraxates	01	01
Guarda-livros	15	05
Ferreiros	04	03
Ferradores	04	04
Funileiros	06	06
Leiloeiros	01	01
Marcineiros	11	06
Marmorista	01	01
Modistas	09	06
Ourives	03	01
Official de Lavar Chapéus	01	01
Relojoeiros	05	02
Sapateiros	23	19
Tintureiros	03	01
Selleiros	03	02
Serralheiros	04	02
Total	550	272

Fonte: Almanach Illustrado de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Sá, Manaia e Cia., 1913, pp. 41-51.

Os dados da tabela fornecem um panorama significativo a respeito do desenvolvimento e da ramificação das atividades econômicas que um dos principais centros urbanos do interior paulista poderia fornecer ao chamado mercado inter-regional, sendo que a presença maciça de imigrantes europeus diversificou e, reiteradamente, sofisticou os investimentos nos setores secundário e terciário da economia. Ademais, a implantação do sistema ferroviário e de meios de comunicação mais eficazes integrou Ribeirão Preto aos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, e ampliou as expectativas de ampliação do mercado consumidor de produtos e serviços.

Segundo Martins, no contexto da expansão capitalista e da inserção periférica do Brasil enquanto país agro-exportador, torna-se necessário valorar a ideologia do trabalho como consciência coletiva alienadora em convivência com outras questões, como as resistências organizadas em atos de solidariedade e também com o ideal de que o trabalho livre tornar-se-ia o meio de ascensão social e o fim da pauperização⁹⁰.

Assim, mesmo que o chamado “complexo cafeeiro”⁹¹ tenha assumido a dianteira do desenvolvimento econômico do país num nível macro-econômico, a necessidade de aprofundar a reflexão sobre essa dinâmica no nível do cotidiano faz com que não se minimize o poder consumidor e produtor ligados indiretamente à produção cafeeira, principalmente através dos intercâmbios regionais.

De algum modo, o imigrante que se fixa na cidade ou se relaciona freqüentemente com esse espaço se contrapõe a uma concepção individualista do sistema econômico ao qual se insere e dos processos sociais nos quais se vê

⁹⁰ MARTINS, José, op. cit., p.17.

⁹¹ Este termo foi cunhado por Wilson Cano em seu famoso trabalho **Raízes na Concentração Industrial em São Paulo**, publicado pela primeira vez em 1977, como resultado de seus estudos sobre os desequilíbrios regionais da economia brasileira.

enredado. Dessa maneira, a organização coletiva de sociedades, por mais que tivessem interesses localizados, demonstra como não é possível negar os reflexos da ideologia coletiva que acabava por ser praticada no dia-a-dia das relações sociais.

De uma forma geral, a nacionalidade estrangeira acabou se tornando num instrumento de ajustamento às expectativas do processo capitalista no chamado “Novo Mundo”. Daí entendê-la como o “fundamento da aceitação da categorização racial pelo imigrante era de cunho competitivo, dado que por ela se filtravam as oportunidades na sociedade de adoção”⁹².

Os imigrantes tornaram-se então itinerantes à procura da autonomia em suas vidas, e a opção pelas cidades definiu a luta, em termos de sobrevivência, pois representava o fim do isolamento, dos maus-tratos físicos e morais aos quais estavam submetidos nas fazendas de café, ou mesmo no país de origem. Participantes da constituição de um mercado interno de consumo que abriu novas oportunidades tanto para os detentores dos capitais gerados pelo café, quanto para indivíduos dotados de habilidades artesanais, as cidades conheceram um crescimento populacional e um acentuado processo de urbanização – conforme Boris Fausto analisou na obra *Trabalho Urbano e Conflito Social*⁹³, a cidade conheceu profundas transformações ocupacionais a partir da segunda metade do século XIX.

Ao assumir que “a cidade enquanto espaço potencial de conflito estimulava a solidariedade”⁹⁴, é fundamental não confundir mutualismo com sindicalismo e, muito

⁹² MARTINS, José, op.cit., p. 181.

⁹³ O livro **Trabalho Urbano e Conflito Social**, publicado pela primeira vez em 1976, observou o trabalhador como sujeito histórico e sua ação diante das condições materiais de existência e a conformação de seus comportamentos.

⁹⁴ DE LUCA, Tânia, op.cit., p. 18.

menos, afirmar que essa prática associativista constituiu a raiz do perfil do movimento operário. Primeiramente, porque as associações de socorro mútuo não eram organizações exclusivamente operárias, pois em seus interiores instalavam-se profissionais de segmentos variados. Em segundo lugar, diferentemente da ação sindical, o objetivo primeiro das Sociedades era remediar situações cotidianas e permanecer como alternativa, proporcionando um espaço de construção de representações sociais que as revelavam como componentes ativas no desenvolvimento sócio-econômico da construção do espaço urbano.

3.1 IMBRICAÇÕES TEÓRICAS PARA AMPLIAR A COMPREENSÃO DE RELAÇÕES HUMANAS

Antes de remeter às contradições que ganhavam acento no universo das associações étnicas, cabe, à perfeição, lembrar que no interior das mesmas havia a luta pela preservação de referências capazes de dar sustentação a uma identidade coletiva de grupos imigrantes, que ocorria por meio de um conjunto variado de práticas, como escolas, festas e homenagens acontecidas sob a cimentação do sentimento pátrio. Ainda que os imigrantes se encontrassem fragmentados em classes sociais, num primeiro momento a união étnica ganhava contornos bem definidos na condição de respostas às necessidades de enfrentamento às adversidades encontradas no contato com a sociedade de adoção.

Mediante pagamento de mensalidades de pequena monta, as sociedades de socorro mútuo constituíam-se, de modo geral, em instituições que propugnavam a promoção da cidadania mínima – senão da dignidade – aos seus societários, e,

desse modo, constava em suas ações os cuidados com a saúde e a garantia de auxílio na velhice, na invalidez ou em doenças mais graves, assim como o custeio do funeral do sócio falecido⁹⁵.

Entretanto, à medida que cresciam, essas associações adquiriam particularidades no bojo da realidade em que eram organizadas e, naturalmente, abrigavam as mais variadas manifestações de confrontos políticos. Desse modo, no contexto do debate a respeito das especificidades que lhes concerniam, encontra-se a necessidade de lhes retirar a condição de antecessoras dos sindicatos, ainda que o movimento dos trabalhadores participasse do jogo de poder no interior dessas instituições étnicas. Todavia, somente de posse de uma análise mais detida e, por isso mesmo, mais aprofundada, é que se torna compreensível os papéis – inclusive convergências, quando forem os casos – das solidariedades étnica e classista, assim como a convivência dessas duas tipologias organizativas dentro de um mesmo organismo social.

Em que pesem as estratégias de solidariedade que intentavam, ao menos, servir de esteio aos fundamentos étnicos, muitas das práticas sociais no interior das mutuais revestiram-se de caráter político. Todavia, a partir dos argumentos de Tânia de Luca e de Luigi Biondi, torna-se bastante perceptível que essas associações não devem ser tratadas como uma primeira etapa da organização de trabalhadores, ou, menos ainda, como um estágio de pré-consciência operária, mesmo que, por vezes, os limites de um modelo de instituição insistam em roçar nas cercanias de outro. “Sindicalismo e mutualismo são, portanto, fenômenos contemporâneos e não

⁹⁵ DE LUCA, Tânia, op.cit., p. 18.

excludentes, ainda que nem sempre seja possível demarcar fronteiras claras entre eles”⁹⁶, afirma De Luca.

No início do século XX, somente no Estado de São Paulo havia mais de trezentas associações italianas registradas na “Repartição de Estatística do Estado”, e sua maioria era denominada como “operárias de beneficência e socorro mútuo”. O crescimento do número de sociedades está ligado ao processo de expansão capitalista e à política imigrantista colocada em prática na segunda metade do século XIX. Entretanto, isso não significa que a criação dos órgãos mutuais seja consequência exclusivamente da imigração em massa, pois dessa forma seria necessário ocorrer a imigração e só a partir do momento de acomodação desses imigrantes é que as organizações coletivas nasceriam. Tais processos ocorreram conjuntamente e nem sempre estiveram ligados exclusivamente ao contingente de massa imigratória.

No entanto, no que diz respeito especificamente às mutuais italianas, existe certo consenso de que a pouca atenção dispensada ao desenvolvimento relativamente pequeno gerado por estas associações está associada ao tipo de imigração ocorrida, principalmente no Estado de São Paulo; ou seja, ao privilegiar a vinda de famílias camponesas para o trabalho nas lavouras de café, a política de imigração acabou por retardar o crescimento de Sociedades de Socorro Mútuo, tão comuns na Itália e em outros países europeus, já no século XIX:

As próprias características da imigração italiana para o Brasil, concentrada inicialmente na imigração de núcleos familiares para as lavouras de café (obviamente uma maioria de famílias camponesas) foram talvez a causa principal de um certo atraso na fundação e no desenvolvimento de sociedades mutualistas urbanas, ou que, pelo menos, ainda que sediadas nos centros urbanos que iam se desenvolvendo ao longo das ferrovias paulistas, funcionassem como ponto de encontro entre os artesãos, comerciantes e operários

⁹⁶ Ibid., p. 11.

especializados italianos e os trabalhadores patrícios espalhados nas fazendas próximas⁹⁷.

Outra questão relevante levantada por Tânia de Luca diz respeito aos limites operacionais desse tipo de organização, pois, em sua maioria, essas sociedades foram fundadas no início do século XX, e contavam com um contingente exíguo de associados, fato que redundava em desempenho modesto das funções específicas a que se propunham. Além disso, seus esforços concentravam-se em uma constituição onírica da terra natal, transmitida às gerações futuras numa tentativa de perpetuação da mitificação:

Se, por um lado, os dados a respeito do ano de fundação, número de sociedades e de sócios estimulam análises de natureza estatística, o mesmo não ocorre quando o problema é enfocado do ponto-de-vista da identidade cultural, dimensão essencial quando se trata das sociedades de socorro mútuo de etnias⁹⁸.

Realizada essa necessária depuração de um suposto embasamento corporativista das mutuais, torna-se possível, então, empreender uma reflexão a respeito dos conflitos e processos de transformação a partir da problemática das limitações da empreitada mutualística. Para tanto, é bastante valorosa a perspectiva teórica proposta pelo debate historiográfico a respeito da articulação da história política, social e cultural empreendida pela “Escola Inglesa de Marxismo”, responsável pela produção de análises desde a década de 1960, centradas nos sujeitos produtores e receptores de cultura, assim como na contínua (re)alimentação entre cultura e as estruturas econômico-sociais.

Uma divisão teórica arbitrária [...] de uma base econômica e uma superestrutura cultural pode ser feita na cabeça e bem pode

⁹⁷ BIONDI, Luigi, op. cit., pp. 52-53.

⁹⁸ DE LUCA, Tania, op. cit., p. 132.

assentar-se no papel durante alguns momentos. Mas não passa de uma idéia na cabeça. Quando procedemos ao exame de uma sociedade real, seja qual for, rapidamente descobrimos (ou pelo menos deveríamos descobrir) a inutilidade de se esboçar a respeito de uma divisão assim⁹⁹.

A partir da documentação analisada na pesquisa, o recurso à teoria historiográfica inglesa permitiu uma compreensão mais ampla do conjunto de relações historicamente estabelecidas a partir de uma noção ampla do termo “cultura”. Portanto, tratam-se de relações carregadas de complexidade e convergência dos mais variados aspectos que compõem a vida em sociedade, sejam políticos, sócio-econômicos ou, mais amplamente, culturais.

[...] não podemos esquecer que “cultura” é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho¹⁰⁰.

Por sua vez, essa formulação teórica empreendida por Thompson possibilita igualmente uma reflexão sobre a experiência entre o vivido e o aprendido, captada através de uma não-dicotomia entre objetivismo e subjetivismo, por meio do entendimento da noção de *Habitus* trabalhada pelo sociólogo Pierre Bourdieu, como uma noção mediadora entre o indivíduo e a sociedade:

O produto de uma relação dialética entre a situação e o habitus, entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à

⁹⁹ THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Unicamp, 2001, pp. 254-255.

¹⁰⁰ THOMPSON, Edward. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 22.

transferência analógica de esquemas adquiridos numa prática anterior¹⁰¹.

Dessa maneira, somente ao transcender os dados numéricos e os objetivos oficialmente declarados pelas sociedades, é que se torna possível um diálogo entre as fontes e novas hipóteses.

Em sua tese sobre as sociedades na cidade de São Paulo, Luigi Biondi demonstrou que dois fenômenos deram características específicas às associações italianas paulistanas; primeiro, a relativa mobilidade social de muitos artesãos e comerciantes que chegaram a São Paulo antes da imigração em massa, e que, mais ou menos, fizeram dinheiro; e, em segundo lugar, o grande fluxo de imigração subvencionada a partir de 1887.

No caso da cidade de São Paulo especificamente, essa primeira leva de imigrantes produziu a fundação de Sociedades italianas menos próximas ao movimento socialista e/ou republicano, e mais ligadas ao Consulado Italiano, e, portanto, monarquistas – com o aumento do número de imigrantes surgem também as sociedades regionais ou agremiações de bairro, sobretudo na virada do século XX, as quais se encontravam fortemente ligadas aos processos de integração dos trabalhadores italianos na vida dos bairros populares¹⁰².

Vale registro o fato de que a transformação de algumas dessas Sociedades imigrantistas em sindicatos foi possível graças à existência de número consistente de militantes do Partido Socialista Italiano em suas diretorias, além de se situarem num contexto histórico eivado pela formação de substancial proletariado industrial e semi-industrial, mais precisamente entre os anos de 1898 e 1904.

¹⁰¹ BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras: Celta, 1972, p. 261.

¹⁰² BIONDI, Luigi, op. cit., pp. 60-66.

Contudo, o nascimento e a expansão das associações sindicais não eliminaram as atividades das sociedades mutuais mais populares, muito menos as atividades das mutuais mais elitizadas. Por outro lado, as disputas de poder em torno das diretorias de tais sociedades permaneceram iminentes à compreensão política imigrante, que valorizava e reorganizava todos os aspectos associativos da comunidade italiana em São Paulo.

A prática associativa tornou-se, então, um dado relevante da própria construção do tecido citadino, pois o desenvolvimento urbano nas últimas décadas do século XIX teve no crescimento das sociedades de socorro mútuo formadas por italianos, uma de suas características típicas. A criação desse tipo de associação é um dado concreto que comporta questões variadas e, portanto, considerações pontuais, como, por exemplo, o fato da prática associativa no Brasil ter contribuído para a realização de conquistas nos campos da assistência médica, educacional e da previdência social – que eram direitos até então negados e que a “cultura associativa”, através de suas práticas, percebia e disseminava suas visões de mundo¹⁰³. Outra consideração importante diz respeito à constante transformação dinâmica da vida vivida e percebida que acabam por provocar verdadeiras reinvenções destes conjuntos de práticas das sociedades.

Tais afirmações exigem que sejam evitadas certas generalizações a respeito do temário e das práticas promovidas pelas Sociedades, como se elas tivessem sido homogêneas em todo o Estado de São Paulo, pois existia uma variada constelação de realidades que condicionaram práticas sociais e culturais muito distintas, que tangenciaram a existência dessas instituições. Em certos casos, abrigaram campos de legitimação de suas representações e, noutros, reordenações dessas mesmas

¹⁰³ BATALHA. Cláudio, op. cit., p. 97.

representações a partir da definição de novas condições das pessoas que as compunham, sobretudo a ascensão sócio-econômica.

Acredito que as considerações empreendidas até aqui ressaltam a importância de se estudar de forma mais aprofundada estas sociedades em centros urbanos menores, localidades nas quais o urbano e o rural estavam extremamente próximos e o contato com os “colonos”, fazendeiros, empresários locais, artesãos e operários não era distante¹⁰⁴.

Isso significa que a transformação histórica acontece não por uma dada “base” ter dado vida a uma “superestrutura” correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural, de repercutirem nas idéias e valores humanos e de serem questionadas as ações, escolhas e crenças humanas¹⁰⁵.

Em uma região que se transformava rapidamente, fato intensificado pela crescente pluralidade étnica e que demandava crescentes contingentes de mão-de-obra, especializada ou não, as contradições se avolumavam e marchavam lado a lado com o desenvolvimento. Assim, a união de várias nacionalidades no interior de entidades que as representassem diante da sociedade receptora se tornou uma estratégia de sobrevivência na condição de produto do senso prático, pois, ao resgatar antigas experiências associativas dos países de origem, os estrangeiros adequavam-se ao novo ambiente e principalmente às novas necessidades.

No caso italiano, a questão da mononacionalidade pode ser analisada a partir de suas próprias especificidades: o sentido contingencial da identidade italiana (isto

¹⁰⁴ A questão do desenvolvimento urbano ligado ao desenvolvimento das Sociedades carece de reflexão, pois estas se localizavam em centros urbanos, embora esta afirmação não signifique que seja necessário um significativo desenvolvimento urbano para que as mesmas existam. Essa afirmação é reforçada justamente pelo fato de existirem também em centros urbanos menores onde sobreviviam fortes elos com o campo.

¹⁰⁵ THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses**. op. cit., p. 263.

é, a competição por postos de trabalho), observado pela predileção por italianos propagada nos discursos imigrantistas, bem como pela questão da auto-ajuda, que, num primeiro momento, não pode ser negada – ou seja, preocupações práticas de assistência médica, sanitária, de sobrevivência e de reconhecimento no novo ambiente –, mesmo que essa identidade tenha sido forjada num processo de criação tanto na Itália, como nas diversas regiões do mundo em que houve um movimento migratório italiano.

3.2. A SOLIDARIEDADE, CONSCIÊNCIA ÉTNICA E OS ARRANJOS SÓCIO-CULTURAIS

Ao flagrar os Conselhos Diretores das Sociedades apresentados e ao deter-se nos modos de manutenção ou transformação de posições socialmente definidas, é possível reconhecer nos seus espaços sociais as experiências do *campo* e da *estratégia*, conforme proposição de Pierre Bourdieu¹⁰⁶.

Desse modo, para se entender os comportamentos em um determinado *campo* – espaço permeado principalmente pelo poder simbólico, no qual as lutas dos agentes determinam e legitimam as representações –, é necessário o conhecimento das trajetórias percorridas por esses imigrantes até o momento da ocupação de uma posição ascendente, tanto no interior das mutuais, quanto no interior da sociedade de adoção.

¹⁰⁶ Em sua obra **Questões de Sociologia**, Pierre Bourdieu define “campo” como um espaço social, isto é, um sistema de posições diferenciais que confere aos agentes individuais ou coletivos, que ocupam determinados papéis e *status* diversos. E “estratégia” como produto do senso prático, de um determinado jogo social, historicamente definido. pp. 89-94.

Nesse instante, resplandece em toda a sua carga de tensão e complexidade a idéia bourdieusiana de *habitus*, isto é, o comportamento e as atitudes filiados às experiências passadas que constituem o esteio da percepção e da ação: uma baliza social que permite ao indivíduo pensar e agir. Apesar de o *habitus* constituir-se num sistema originado no passado e instrumentalizado numa situação presente, sua reformulação não é apenas um dado concreto, mas constante, fato que exige readaptações às diferentes estruturas sociais diante das transformações da realidade suscitadas pelas *estratégias* e que, no caso das sociedades mutuais imigrantes, foram muitas vezes traçadas às expensas de estratagemas que legitimassem novas condições sócio-econômicas de certos membros – as *estratégias*, diga-se de passagem, correspondem a produtos do imbricamento do *habitus* e do *campo*.

A confluência do pensamento de Thompson e de Bourdieu não se deve exclusivamente à matriz intelectual que nos leva à comunhão de uma raiz epistemológica, mas justamente ao alargamento do horizonte interpretativo do conceito de cultura. Nesse sentido, ambos – cada qual em resposta às vicissitudes de seu universo teórico-metodológico – promoveram uma flexibilização daquele conceito, sendo que, no caso específico de Thompson, a cultura foi despida de uma forma de subjugo à idéia de infra-estrutura.

Desse modo, é possível alargar a compreensão do associativismo italiano no Estado de São Paulo, ainda que o mesmo tenha sido considerado fraco e fragmentado em relação a outros países receptores, como ocorreu na Argentina, por exemplo. Assim, a necessidade de resgatar a inserção social dessas coletividades ganha um fôlego maior, afinal elas foram capazes de inaugurar mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade – espaços privilegiados para o desenvolvimento de

uma prática cultural associativa que desenhou o perfil de vários grupos sociais –, num país que desconhecia políticas mínimas de previdência e que não se comportava como um estado promotor do bem-estar social, exceto a existência das formas clientelistas que em nada edificavam o indivíduo e a sociedade.

Dessa forma, a fundação e o funcionamento das sociedades italianas em cidades como Ribeirão Preto devem ser entendidos tendo em vista não somente o contexto mais amplo de afirmação das relações capitalistas, mas também como uma estratégia que procura, através de seus meios e condições específicas, trazer representatividade perante a sociedade receptora. Ou seja, estratégias que demonstram a maneira pela qual os imigrantes se organizam paulatinamente e assimilam tanto a nova pátria quanto a região na qual se fixavam e, mais ainda, as práticas sociais que redundaram em *campos* dotados de diversos *habitus*.

Tabela 9 - Composição do Conselho Diretor Provisório da *Unione Italiana* em 1895

Cargo	Representante	Profissão	Região
Presidente	Ângelo Alário	Negociante	Lombardia
Vice-Presidente	Valente Fantato	Alfaiataria/Fabrica Cerveja/Secos e Molhados	Lombardia
Secretário	Antonio Mergiorim		Lombardia
Vice-Secretário	Carlo Olive	Negociante	Lombardia (Mantova)
Tesoureiro	Giovani Beschizza	Industrial, Fabrica Espelhos, Secos e Molhados.	Toscana
Vice-Tesoureiro	Luigi Deodero	----	----
Conselheiros	Giuseppe Zerberto	Fabrica bebidas/Sabão	Lombardia
Conselheiros	Vicenzo Biaggio	----	Emilia
Conselheiros	Giacomo Anselmi	----	Lombardia
Conselheiros	Emilio Fagnani	Construtor/Arquiteto	Molise
Conselheiros	Enrico Zapparoli	Confeitaria	Piemonte
Conselheiros	Cesare Rossi	----	----
Porta Bandeira Italiana	Gaetano Camarota	----	Basilicata
Vice Porta Bandeira - Italiana	Ignacio Franza	Construtor	Calabria
Porta Bandeira Brasileiro	Vicenzo Lo Giudice	Construtor/Padaria	Campânia

Cargo	Representante	Profissão	Região
Vice Porta Bandeira – Brasileiro	Pietro Comodino	----	----
Revisor de Contas	Pietro Senni	----	Lombardia

Fonte: Livro de Atas da Assembléia Geral da *Unione Italiana* – ano 1895

Tabela 10 - Composição do Conselho Diretor da *Unione Italiana* em 1896

Cargo	Representante	Profissão	Região
Presidente	Ângelo Alário	Negociante	Lombardia
Vice-Presidente	Vicenzo Biaggio		Emilia
Secretário	Antonio Meggiorim		Lombardia
Vice-Secretário	Carlo Olive	Negociante	Lombardia
Tesoureiro	Giovani Beschizza	Industrial, Fabrica Espelhos, Scope, Stacei	Toscana
2º Tesoureiro	Luigi Del Nero		Lombardia
Conselheiros	Giuseppe Zerbetto	Fabrica Bebidas/Fabrica Sabão	Vêneto
Conselheiros	Francesco Prospero		Vêneto
Conselheiros	Giacomo Anselmi		Lombardia
Conselheiros	Pietro Terreri		Molise
Conselheiros	Emilio Fagnani	Construtor/Arquiteto	Molise
Conselheiros	Giulio Terreri		Molise
Conselheiros	Gustavo Pergola	Negociante	Campania
Conselheiros	Giorgio Beschizza	Tipografia/Papelaria	Toscana
Conselheiros Suplentes	Giulio Fantato		Lombardia
Conselheiros Suplentes	Luigi Marine		Lombardia
Conselheiros Suplentes	Giovani Salari	Açougue	Lombardia
Revisor Contas	Dino Carmine		Piemonte
Porta Bandeira – Italiana	Vicenzo Lo Giudice	Construtor/Padaria	Campânia
Porta Bandeira Brasileira	Ignacio Franza	Construtor	Calabria
Vice Porta Bandeira – Brasileira	Felice Quaglia		Piemonte

Fonte: Livro de Atas da Assembléia Geral da *Unione Italiana* – ano 1896

Tabela 11 - Composição do Conselho Diretor da *Unione e Fratellanza* em 1899

Cargo	Representante	Profissão	Região
Presidente	Italo Ferratoni	Botequim	Vêneto (Padova)

Cargo	Representante	Profissão	Região
Tesoureiro	Orestes Fioreti	Fabrica Camas, Colchões e quadro/ Armazém de Secos e Molhados.	Lombardia
Conselheiros	Enrico Martelli	Comércio	Campania (Napoli)
Conselheiros	Girolano Ippolito	Agência Banco, Indústria Massa, Lavrador, Olaria.	Campânia (Salerno)
Conselheiros	Danielle Ferranti	Mecânico	Toscana (Pisa)
Conselheiros	Attilio Cina		Sicília
Conselheiros	Valentino Ferrante	Presidente Circulo Filodramático Ermette Nouvelle	Lombardia
Conselheiros	Giuseppe Miceli	Casa Comercial	Sicília

Fonte: Livro de Atas da Assembléia Geral da *Unione e Fratellanza* – ano 1899.

Tabela 12 - Composição do Conselho Diretor da *Unione Meridionale* em 1900.

Cargo	Representante	Profissão	Região
Presidente	Giovanni Prianti	Farmacêutico	Campânia
Vice-Presidente	Girolano Ippolito	Agência de Banco/Ind. Massa/lavrador/Olaria	Campânia
Secretário	Ippolito D'Ippolito	Professor	Campânia
Tesoureiro	Luigi de Maio	Fabrica Doces, Correspondente do Jornal Fanfulla	Campânia
Conselheiros	Andréa Ippolito	Padaria, Secos e Molhados	Campânia
Conselheiros	Giuseppe Miceli	Casa Comercial	Calabria
Conselheiros	Girolano Ippolito	Agência Banco/Indústria de Massa/Lavrador/Olaria	Campânia

Fonte: Livro de Atas de Assembléia Geral da *Unione Meridionale* – ano 1900.

Tabela 13 - Composição do Conselho Diretor da *Pàtria e Lavoro* em 1904

Cargo	Representante	Profissão	Região
Presidente	Girolano Ippolito	Agência de Banco/Ind. Massa/lavrador/Olaria	Campânia
Vice-Presidente	Vicenzo de Bonis	Empreiteiro e Construtor	Calábria
Tesoureiro	Giuseppe Miceli	Casa Comercial	Calábria

Cargo	Representante	Profissão	Região
Conselheiros	Vicenzo Lo Giudice	Construtor/Padaria	Campânia
Conselheiros	Carmelo Formica	Secos e Molhados	Ligúria
Conselheiros	Nicola Spinelli		Lombardia
Conselheiros	Luigi Larocca	Açougue	Lombardia
Conselheiros	Tenutte Carmine		Lombardia
Conselheiros	Francesco Ambrosio	Industrial / Sapateiro	Campânia
Conselheiros	Aniceto Scaravelli	Guarda-Livros/ diretor e proprietário Jornal “El Diritto”	Lombardia
Conselheiros	Giovanni Comitá		Lombardia
Conselheiros	Germano Barilari	Agricultor/Professor	Abruzzo
Conselheiros	Tenutte Carmine		Lombardia
Conselheiros	Batista Bataglia	Comerciante	Molazzana
Revisor Contas	Francesco Maurno	Negociante	Campânia
Revisor Contas	Fortunato Tessitore	Relojeiro	Campânia
Revisor Contas	Valente Fantato	Alfaiataria/Fabrica Cerveja/Secos e Molhados	Lombardia
Revisor Contas	Carlo Olive	Negociante	Mantova

Fonte: Livro de Atas de Assembléia da *Pàtria e Lavoro* – 1904.

Estas tabelas foram organizadas a partir da composição das primeiras diretorias de cada sociedade analisada. O propósito de tais tabelas está, principalmente, em observar o número relativo de “italianos” que se repetem na organização das sociedades, demonstrando, justamente, o quanto num primeiro momento a questão étnica é determinante na estratégia da organização associativa, mas que, dentro desse espaço, com o desenvolver da própria dinâmica do jogo social, a questão de representação social torna-se imperante, no sentido da necessidade de uma separação gradual entre o prestígio social e a preservação de uma identidade nacional.

A movimentação desses imigrantes na estruturação de novas associações – oficialmente, mutuais e étnicas – ganhou respaldo nas gradativas alterações do corpo de associados e dos debates que tais sociedades começavam a abordar, isto é, posicionamentos político-ideológicos e ações concretas, com as quais os membros fundadores começavam a não concordar, gerando assim a possibilidade de criação de um novo espaço, onde seus posicionamentos e representações pudessem ser determinantes.

3.3. ESTRATÉGIAS ENQUANTO PRÁTICAS SOCIAIS COTIDIANAS

O imigrante é notoriamente um indivíduo de fronteira, uma vez que, seja qual for a realidade que é capaz de engendrar para si, ele se situa entre dois mundos: de um lado, clama a experiência do lugar, tantas vezes situado além de suas possibilidades de permanência – por isso, representado invariavelmente a partir da apreensão onírica; de outro lado, a nova – e, por muitas vezes, dura – realidade materializada pela sociedade de adoção. Daí a necessidade de estabelecer estratégias que impliquem a legitimação enquanto indivíduo e, concomitantemente, o ímpeto à ascensão e conforto materiais.

Para exemplificar tais estratégias adotadas pelos imigrantes italianos, vários exemplos relevantes podem ser arrolados, como o caso de Valente Fantato, um vêneto que chegou ao Brasil provavelmente antes da abolição da escravidão, pois, em 1892, seu nome já constava dentre os proprietário de pequenos

estabelecimentos de “Secos e Molhados”¹⁰⁷ em Ribeirão Preto, além de ter participado das primeiras associações italianas das quais se tem notícia na cidade.

Ao acompanhá-lo, é notória sua participação na organização das sociedades mutualistas italianas, uma vez que foi partícipe da fundação da *Unione Italiana* (1895), da *Unione Fratellanza* (1898), da *Pàtria e Lavoro* (1903) e da sua transformação em um comitê da *Dante Alighieri* (1910).

Sua atuação na primeira década do século XX é representativa de um determinado grupo de italianos que, cotidianamente, estava não só em contato com a sociedade local, mas também procurava manter ligações estreitas com a colônia italiana, ligações que eram bastante diversificadas e variavam de acordo com o momento e as forças políticas presentes.

A seguidas transferências de Valente Fantato entre as sociedades não lastrearam escândalos, pois na maior parte das vezes ele pedia demissão do cargo ou simplesmente deixava de contribuir mensalmente para a associação. Sua eliminação, por exemplo, da *Unione Italiana*, em 1901, da *Pàtria e Lavoro*, em 1904, bem como seu retorno a *Unione Italiana*, da qual saiu em definitivo para formar o comitê da *Dante Alighieri*, foi justificada por motivo de falta de pagamento e sua reincorporação vista como procedimento normal.

A participação de Fantato em todas as Sociedades se deu de forma diplomática, isto é, ele compunha juntamente com outros sócios um cenário de legitimidade para as associações, pouco envolvido em questões de mútuo socorro; e sua presença é marcante em comissões, subscrições e eventos oficiais.

As estratégias do senhor Giovanni Beschizza constituem outro exemplo de construção de um poder simbólico na cidade de Ribeirão Preto: trata-se de um

¹⁰⁷ Registro de Impostos sobre comércio, indústria, profissões e produção de Café em Ribeirão Preto em 1899. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

toscano que chegou ao Brasil ainda jovem, em 1886, e juntamente com o seu irmão Luigi Beschizza fundou uma casa comercial que se tornou famosa em Ribeirão Preto, a “Casa Beschizza”. No ano de 1895 ele participa da fundação da sociedade *Unione Italiana* na condição de membro de uma das sociedades que participaram do processo de fusão¹⁰⁸.

Para se compreender a trajetória social deste imigrante, é necessária a compreensão de suas posições diante de certas disputas e reorganizações de *habitus*, bem como da necessidade constante de legitimar sua posição e, a despeito dessa condição, sua própria imagem. Suas ações seguem um determinado padrão, quando se observa sua vida como um todo; entretanto, seria um erro pensar num processo mecânico e determinado *a priori*. Disso resulta que argumentos teleológicos devem ser deixados de lado, para que seja possível apreender a dinâmica, a ousadia e mesmo a ingenuidade de determinadas situações vividas pelo imigrante, as quais exigiram uma criatividade e velocidade de ação, onde a história instituída e as experiências vividas manifestaram-se através de comportamentos simbólicos que direcionavam a contínua reconstrução de seu papel diante da sociedade e dele próprio.

No final do século XIX, portanto, ainda no início de sua experiência profissional na cidade, Giovanni Beschizza participou efetivamente na organização de Sociedades italianas de mútuo socorro, fazendo parte ativa dos conselhos diretores, principalmente com a função de tesoureiro, o que lhe trazia em um primeiro momento uma imagem de “bom contador”. Tal fato, para alguém ligado ao comércio e que no início do século XX administraria uma “Casa de Câmbio” sediada em seu próprio estabelecimento, certamente seria algo bastante positivo.

¹⁰⁸ Giovanni Beschizza participa da fusão das sociedades *Principe Amadeo* com a *Umberto I*, representando a sociedade *Principe Amadeo* em 1895.

Essa impressão primeiramente diante da “colônia italiana” e posteriormente da sociedade ribeirão-pretana é evidenciada na sua permanência nas sociedades étnicas, onde, mesmo não sendo sócio oficial, seu nome era referenciado quando o assunto estava relacionado à destinação do caixa social. Sua casa comercial era sempre lembrada como uma instituição séria, e Giovanni Beschizza sempre foi visto como capaz de executar a administração financeira do capital da sociedade, sendo um exemplo disso o caso da *Società Unione Meridionale*, que nunca teve um toscano como sócio, mas que manteve relações econômicas com sua casa comercial durante toda a sua existência.

Outra questão não diretamente ligada ao reconhecimento de práticas financeiras de Giovanni Beschizza está associada à sua atuação como representante dessas Sociedades e da sua concordância sobre o que ele estava efetivamente representando. Nesse sentido, torna-se mais clara sua constante mudança de Sociedade e suas incansáveis tentativas de organizar e participar de instituições que representassem o seu entendimento sobre a importância da “colônia italiana” na cidade de Ribeirão Preto.

Na *Unione Italiana*, a atuação de Beschizza foi ativa no início de sua organização, isto é, até a virada do século XX, período em que essa organização, aparentemente, representou a instituição mais organizada e legítima da italianidade. Desse modo, ao tomar parte dos Conselhos Diretores nos primeiros cinco anos de atuação da *Unione Italiana*, fez parte de diversas comissões, como, por exemplo, uma comissão de honra que deveria analisar o comportamento de um sócio que havia se alterado em assembléia¹⁰⁹ e que, segundo o regimento estatutário, deveria ser expulso. Entretanto, no decorrer do debate sobre as atitudes de diversos sócios,

¹⁰⁹ LIVRO DE ATAS da Assembléia geral da *Società Unione Italiana*. Ata n.º 27, 11 fev. 1900.

o que foi possível perceber é que nem sempre os regulamentos eram obedecidos, devido principalmente à importância de cada membro no conjunto das ações da sociedade.

Outro exemplo de grande interesse diz respeito a Giovanni Prianti, farmacêutico meridional reconhecido na cidade, que participou do início da *Unione Italiana* e depois da formação da *Unione Meridionale*, bem como na organização da *Pàtria e Lavoro*. Sócio que, em 1900, foi julgado por uma comissão que anistiou uma atitude cometida por ele, fora do regulamento¹¹⁰. Tal fato pode ser referenciado como exemplo das diferentes decisões das sociedades, diante de uma pessoa cujas ações foram pesadas por sua importância social e econômica na cidade de uma forma geral.

Em seu caso, é importante observar as mudanças de sociedades a partir da representatividade que elas adquirem perante sua vida profissional na cidade de Ribeirão. Sua participação na formação da única sociedade regional italiana na cidade em 1900 e a observação das características bem específicas desta instituição que, desde a sua fundação, mostrou-se preocupada com a sua legitimidade não só perante os sócios, mas perante a sociedade em geral, indicam o quanto a sua participação nas associações esteve diretamente ligada à sua inserção principalmente na sociedade local.

Há, portanto, semelhança no percurso desses dois imigrantes italianos (Beschizza e Prianti), um do norte e outro do sul, pois ambos deixaram de participar da *Unione Italiana* no mesmo período: na passagem do século XIX para o XX. A formação de outras sociedades italianas de mútuo socorro na cidade é um indício não só de um aumento de imigrantes, mas também de uma diversidade de opiniões

¹¹⁰ LIVRO DE ATAS da Assembléia Geral da *Società Unione Italiana*. Ata n.º 32, 1º jun. 1900.

sobre as estratégias que deveriam ser utilizadas na legitimação da presença italiana na região.

Ao prestar atenção na formação dessas novas sociedades é perceptível a presença de imigrantes já fixados na cidade, que, em sua maioria, já haviam participado de forma ativa na gerência da *Unione Italiana*. Já na formação da *Unione e Fratellanza*, nove membros compuseram o primeiro conselho diretor, dos quais apenas dois não haviam composto o corpo de sócios da *Unione Italiana*. No primeiro conselho Diretor formado na *Unione Meridionale* a situação foi semelhante: constituído por seis membros, apenas um não havia participado da *Unione Italiana*.

O interessante é que, dos membros do primeiro conselho diretor da *Unione Meridionale*, alguns haviam passado também pela formação da *Unione Fratellanza*, como é o caso de três sócios: Girolano Ippolito, Giuseppe Miceli e Giovanni Prianti. Os três eram meridionais, exerciam atividades comerciais na cidade desde a última década do século XIX, e, na passagem do século, apresentavam-se em ascensão econômica e, por isso, ganhavam prestígio diante da sociedade local e da colônia italiana.

Nesse sentido, a imagem construída e reconstruída dessas personagens na disputa pela representatividade da simbologia do “caráter italiano” fazia com que suas ações estivessem organizadas segundo as experiências adquiridas e apreendidas nesse cenário de expansão capitalista, que, de algum modo, fez com que o imigrante fixado na cidade freqüentemente se contrapusesse à concepção individualista desse sistema econômico. Assim, a organização coletiva das sociedades, por mais que elas tivessem interesses localizados, demonstra como não é possível negar os reflexos da ideologia coletiva que acabava por ser praticada no dia-a-dia das relações sociais.

Nesse contexto, a vida profissional desses imigrantes esteve diretamente ligada e correlacionada com suas práticas associativas, ao passo que suas experiências profissionais se tornavam mais sedimentadas e seguras e suas estratégias diante da coletividade se alteravam. O surgimento de novas sociedades italianas demonstrou o conflito de interesses e a posição de cada sócio tornava-se cada vez mais nítida, quase não permitindo um relacionamento harmônico entre elas. Uma disputa acirrada entre suas diretorias demonstrava o desejo de representar a “colônia italiana”.

Tabela 14 - Levantamento das participações de alguns sócios em diversas Diretorias

Nome	Unione Italiana	Unione Meridionale	Unione Fratellanza
Giovanni Prianti	CD- 1897/1898	CD- 05/1900	Sócio - 1900
Girolano Ippolito	Sócio - 1900	CD- 05/1900	CD - 1899
Ippolito D'Ippolito	Não aparece	CD- 05/1900	Não Aparece
Luigi de Maio	Sócio em 1900	CD- 05/1900	Não aparece
Andréa Ippolito	Sócio em 1896	CD- 05/1900	Não aparece
Giuseppe Miceli	Sócio em 1897	CD- 05/1900	CD - 1899
Girolano Ippolito	Sócio em 1900	CD- 05/1900	CD - 1899
Italo Ferratoni	CD – 1904 Sócio desde 1899	Não aparece	CD - 1899
Orestes Fioreti	Sócio em 1906	Não aparece	CD - 1899
Enrico Martelli	Sócio em 1897	Não aparece	CD - 1899
Danielle Ferranti	CD- 1903	Não aparece	CD - 1899
Attilio Cina	Nã aparece	Não aparece	CD - 1899
Valentino Ferrante	Sócio em 1895 CD- 1900	Não aparece	CD - 1899
Alfredo Farina	Sócio em 1899	Não aparece	CD - 1899

Fonte: Dados retirados das atas dos Conselhos Diretores das sociedades *Unione Italiana*, *Unione e Fratellanza* e *Unione Meridionale*.

A saída de Giovanni Prianti da *Unione Italiana*, no momento em que sua composição se alterava, é indicativa de sua preocupação empresarial, pois havia

estabelecido uma farmácia em Ribeirão Preto, cuja clientela se estendia à sociedade ribeirão-pretana como um todo, e não apenas à colônia italiana residente na cidade e adjacências. Daí a importância de associar seu nome a eventos e manifestações que não causassem, ao menos oficialmente, nenhum conflito com a sociedade local e, a um só tempo, com os diversos italianos ali fixados. E, mesmo se posicionando a favor da monarquia italiana, esse posicionamento se deu de forma não declarada, e os termos utilizados sempre estiveram ligados ao patriotismo e não a uma opção política, justamente para que estas questões não atrapalhassem seu desenvolvimento comercial, bem como o *status* que, ao poucos, amalhava na cidade.

No que tange ao posicionamento político, Giovanni Prianti, na maioria das vezes, só aparecia em momentos de radicalização, ou seja, momentos em que a definição de uma determinada posição tornava-se premente. Um exemplo foi a expulsão do sócio Pietro Cesarini da Sociedade *Pàtria e Lavoro* em 1906, fato que gerou problemas entre a Sociedade *Unione Italiana* e Giovanni Prianti, que, em 1907, deixa de ser um farmacêutico credenciado na referida instituição, tendo a diretoria justificado que ele era incompatível para ocupar tal cargo¹¹¹. O motivo desta incompatibilidade não foi descrito em ata, porém naquele mesmo ano ocorreu um evento oficial na Sociedade *Unione Italiana* e Giovanni Prianti participou como presidente da Sociedade *Pàtria e Lavoro*.

Tal evento se tratava da inauguração de uma peça em bronze esculpida pelo sócio Hugo Martini da *Unione Italiana*, uma grande medalha cunhada em bronze com a imagem de Garibaldi. Cabe lembrar que no ano de 1907 foi comemorado o centenário de nascimento de Giuseppe Garibaldi, e várias homenagens foram

¹¹¹ LIVRO DE ATA do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 55 – 27 jan. 1907.

organizadas na cidade: participar das mesmas denotava prestígio e inspirava respeito diante da colônia italiana, fatos edificantes à representação da imagem objetivamente orientada para a construção de um consenso de italianidade.

Giovanni Prianti não apenas participou dos eventos comemorativos, como lhe foi concedida a presidência da cerimônia por meio de um ato diplomático do presidente da *Unione Italiana*, Valentino Ferrante¹¹². Note-se que os presidentes das duas sociedades e diversos outros italianos representantes de vários segmentos e também componentes não-italianos da elite local organizaram no ano de 1907 uma comissão oficial para as comemorações.

Centenário de Garibaldi.

A comissão executiva dos festejos para o centenário de Garibaldi tem se reunido no vice-consulado italiano para deliberar sobre os festejos. Ainda ontem percorreram os seus membros o comércio local, angariando aos auxílios e tomando outras providências.

Sabemos que o senhor Dr. Afonso Geribello, que faz parte do comitê geral ofereceu seus valorosos serviços para ornamentação das ruas. Não tivemos ainda oportunidade de publicar os nomes de todos os cavalheiros que fazem parte do comitê geral, por isso fazêmo-lo agora, são os seguintes vice-cônsul Emilio Acerio, Dr. Julio Galo, Enéas da Silva, Meira Junior, Afonso Geribello, Macedo Bitencourt, Álvaro Motta, Camargo Neto, Augusto Loyola, Lucio Miranda, Floriano Leite, João Ghião, Antonio Ghião, Luis Barreto, Eduardo Lopes, Teodomiro Uchoa, os capitães Mario Pinto Torquato Silva, Renato Jardim, coronéis: Francisco Schimitt, Antonio Sampaio, senhores Toffoli, Giacomo Tealdo, Pietro Marzzola, Luis Salvatori, Antonio Bellonze, Albano de Carvalho, Celeste Luchesi, Orlando Orsolini, Francisco Morgontini, Giuseppe Gambassi, Valentino Ferrante, André Castaldelli, Enrico Gregóris, Cesari Crinci, Carlos Torre, Giovanni Morelo, Daniele Ferrante, Atílio Zanotti, Giuseppe Zuanelli, Giovanni Prianti, Vicente de Bonis, Giuseppe Micelli, Carmello Formica e Alfredo Farina¹¹³.

Amplamente noticiado na imprensa local, o centenário de Garibaldi foi comemorado no dia 4 de julho de 1907. Nesse contexto, é de grande interesse notar-se que, além da programação da comemoração, o jornal *A Cidade* publicou

¹¹² LIVRO DE ATA de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* – Ata n.º 47 – 07 set. 1907.

¹¹³ Centenário de Garibaldi. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 08 jun. 1907.

também as doações para a realização do evento – documento que se torna ainda mais relevante se for considerada uma hierarquização segundo quantia pecuniária.

29 DE JUNHO DE 1907

50.000 (réis): Vice-consulado italiano e Pietro Marzzola.

40.000 (réis): Giuseppe Micelli, o engenheiro José Tofalli e Stefani e Carvalho.

20.000 (réis): Eugenio Brait, Querino Alves Pereira, Giacomo Tealdo e Companhia, Dr. Julio Gallo, Grasseschi & Rossi, Antonio Gomes de Frutas, Dr. F. Barcelos, Celeste Fuchez, Antonio Belonzi.

10.000 (réis): Bittar Kabartti & Companhia de Diederichsen, Andrade Batista, M. Della Santa e Companhia, Dr. Lucio Lorenzo, Dr. César, Henrique Borozzi e Oreste Fioretti.

5.000: Manuel M. Junior, Ângelo Marzolla, Garcia de Souza, Carlos Belarmino, Ovídio Campos, Ângelo Rogério, Thomaz Rotolli, Carmello Tenuto, Antônio Mendes, Luis D. Zino, Nicolau D. Luca, Francisco Palombo, Aristides Fonseca, Miguel Mancini, Arlindo Machado, Francisco Ambrosio, João Priante, Jerônimo Ippólito, Vicente Lo Giudice, José Barreto, Pedro Folena, Vicenzo Rugani.

2.000 (réis): Eduardo Luj, Antonio Travassos, Luis Ambrosi, Gabriel Licone, Querino Palombo, Victor Jardim, André Ippólito, Rosário Messina, Luis Luccaro e Luis Bernardi¹¹⁴.

A partir das informações disponíveis acima, pode-se concluir que ter o nome relacionado a eventos oficiais e doações financeiras trazia ao imigrante o sentimento de pertencimento ao “circuito de poder”, isto é, à elite econômica e à política da cidade. Todavia, dadas as próprias vicissitudes materiais da época, não resta dúvida de que o número de membros da comunidade italiana que participavam destes eventos é bastante restrito.

No entanto, as ações empreendidas no interior destes grupos tornam-se relevantes ao se observar o quanto que o espaço e a imagem do imigrante italiano foram reforçados diante de objetivos comuns, por meio daquelas iniciativas: a doação de dinheiro para campanhas locais, nacionais e internacionais foi uma interessante estratégia de reconhecimento, e, nesse sentido, tais imigrantes

¹¹⁴ Centenário de Garibaldi. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 29 jun. 1907.

possuíam como finalidade comum alcançar prestígio social enquanto estratégia para uma maior possibilidade de sustentação.

Outro Conselheiro que pode ser tomado como exemplo nesse sentido, foi Andrea Castaldelli, um vêneto que chegou a Ribeirão Preto no final do século XIX e montou uma olaria – atividade mais que comum, bastante necessária numa cidade em constante construção. Em 1905, Castaldelli já contava com a cidadania brasileira – aliás, não só ele; a maioria dos componentes dos conselhos diretores das sociedades de Socorro Mútuo assumiu essa condição e já constava nos alistamentos eleitorais da cidade do início do século XX¹¹⁵.

Da mesma maneira que outros italianos fixados na cidade, Andrea Castaldelli exerceu várias atividades: no ano de 1900, constou como proprietário da referida olaria e, cinco anos depois, como representante do jornal em língua italiana *Il secolo*, da cidade de São Paulo, de propriedade do italiano Antonio Piccarolo. Onze anos depois, passou a constar como representante da fábrica de chapas de metal “Massucci & Petracco” da capital do Estado. A representação se localizava na Rua Florêncio de Abreu, uma das ruas centrais da cidade¹¹⁶, além de pagar imposto predial desde 1905 de uma propriedade na Rua Américo Brasiliense, outra rua central.

Acompanhar as ações de Andrea Castaldelli e apreender suas estratégias como produto do senso prático, aparentemente nem sempre consciente, mas ativa, proporciona uma análise da estruturação do *habitus*¹¹⁷ desse grupo de imigrantes que adquiriu certo *status* na cidade, mesmo que esta posição estivesse inserida muito mais entre os segmentos médios do que junto à classe dominante local.

¹¹⁵ Alistamento Eleitoral publicado no jornal **A Cidade**, Ribeirão Preto, 04 jun. 1905, nº.131.

¹¹⁶ Propaganda publicada no jornal **A Cidade**, Ribeirão Preto, 05 jan. 1911.

¹¹⁷ No sentido que Pierre Bourdieu utiliza quando se refere ao *habitus* como um processo de interiorização que ocorre de forma subjetiva.

Aceito na sociedade *Pàtria e Lavoro* no início de sua formação, em 1903, no ano seguinte Andrea Castaldelli apareceu disputando cargos no Conselho Diretor¹¹⁸. Sua maior participação nestas associações aconteceu no mês de julho de 1905, quando se tornou vice-presidente da *Pàtria e Lavoro* devido ao fato de o presidente eleito não poder assumir o cargo desde o início daquele ano, quando enfrentou sua maior polêmica, que correspondeu às conseqüências políticas do assassinato de um italiano no bairro Barracão, conforme noticiado nos jornais da cidade e amplamente discutido nas reuniões da *Pàtria e Lavoro*.

Nesse período, um dos nomes mais notórios foi o do meridional da província de Salerno, Girolano Ippolito, que exerceu diversas atividades comerciais na cidade, onde progrediu economicamente. Sua imagem perante a sociedade foi se adequando às transformações vivenciadas; a interiorização de novos *habitus* e sua relação às situações determinadas produziram uma práxis no sentido defendido por Bourdieu¹¹⁹, sobretudo em relação à questão sobre o consenso e manutenção do *capital simbólico*¹²⁰ do que vinha a ser a imagem do italiano.

Uma primeira impressão da importância que Girolano Ippolito fazia questão de explicitar é a de que, quando assinava no livro de registro de sócios da *Unione Italiana* (onde poucos sócios têm a referência da profissão anotada), sua profissão vem descrita como “banqueiro”. Em seu armazém de Secos e Molhados, sediado à Rua Duque de Caxias¹²¹, havia uma seção bancária e uma subagência de navegação que trabalhava com as companhias marítimas que faziam a linha Brasil-Itália; porém, sua atividade central estava no ramo comercial. Pode-se especular

¹¹⁸ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade Pàtria e Lavoro, Ata n.º I 03 jan.1904.

¹¹⁹ BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 19.

¹²⁰ Idem. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p. 10.

¹²¹ *Il Brasile e Gli Italiani* Edizioni del **Fanfulla**, Bemporad e Figlio, Firenze, 1906, p. 1141.

que a atividade financeira lhe trazia mais prestígio e, nesse sentido, usar o título de banqueiro lhe dava uma importância e um respeito diante dos outros sócios.

Em relação à participação de Girolano Ippolito nas sociedades italianas de socorro mútuo, suas ações estiveram sempre voltadas para a manutenção ou reestruturação dos princípios que sistematizavam um conjunto de características, parcialmente substituíveis, diante de determinadas condições, do que vinha a ser o “italiano fixado no Brasil”, numa espécie de relação prática com as contingências que a representação criada enfrentava cotidianamente. Girolano foi ainda membro fundador da sociedade *Unione e Fratellanza*, em 1898, e da *Unione Meridionale* dois anos depois, demonstrando grande preocupação em organizar uma sociedade que representasse a “colônia italiana”. Durante sua permanência na *Unione e Fratellanza*, uma das primeiras atividades que se tem descrita em ata foi a confecção de uma bandeira, de diplomas e da nomeação de personalidades de elite local como sócios honorários¹²².

Devido a problemas ocorridos na organização e administração de uma festa para arrecadar fundos para a sede social, a *Unione e Fratellanza* entrou em crise. Contudo, o que fica claro é que a saída de alguns sócios esteve mais ligada ao fato de que tais problemas de contabilidade fugiram ao controle do conselho diretor e foram parar na imprensa local de língua italiana¹²³, o que provocou problemas de reconhecimento da sociedade como representante da colônia italiana.

Diante dessa situação, Girolano retornou para *Unione Italiana*, mas não encontrou ambiente propício para suas ações¹²⁴. Pouco tempo depois dessa tentativa frustrada, ele participou da organização, em maio de 1900, da sociedade

¹²² LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza* – Ata s/n 16 out. 1898.

¹²³ Jornal **Los Scudiscio** de propriedade do italiano Alfredo Farina. Cf. LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza*. Ata s/n, 08 ago. 1899.

¹²⁴ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 8 – 29 mar. 1900.

Unione Meridionale – e, como já analisou Luigi Biondi¹²⁵, a composição do conselho diretor das sociedades meridionais chama atenção por ter sido formada por imigrantes já fixados na cidade e com um desenvolvimento econômico de referencial.

O caso da cidade de Ribeirão Preto não foi diferente, pois seus componentes já possuíam razoável reconhecimento por parte da sociedade local e imigrante; além disso, as preocupações com a homenagem à elite local, assim como a organização de símbolos que dotassem a nova sociedade de representatividade e tradição, foram rapidamente pensados e executados: bandeiras, diplomas e homenagens foram as primeiras ações da sociedade que se dizia de socorro mútuo, e que encontrava na sua organização um espaço para a formalização de estratégias para conseguir uma posição social cada vez mais solidificada.

Tabela 15- Atividades desenvolvidas pelos sócios da Sociedade *Unione Meridionale*

Sócio	Profissão
Andrea Ippolito	Padaria, Secos e Molhados/ Loja de Fazendas e Armarinhos
Antonio de Luca	Alfaiate
Batista Figliolino	NT
Carlo Torre	Farmacêutico/Correspondente Jornal Fanfulla/Jornal L'eco Italiano
Carmelo Formica	Casa de Massas e Secos e Molhados
Ippolito D'Ippolito	Professor
Domenico Barilari	Carpinteiro
Emilio Fagnani	Construtor/Arquiteto/
Enrico Croscio	Relojoeiro
Francesco Cattapani	Sem informação
Francesco Chiarelli	Funileiro
Francesco Crisci	Funileiro
Francesco D'Ambrozio	Fabrica de Calçados
Francesco Maurno	Negociante
Giovanni Croscio	Sem informação
Giovanni Prianti	Farmacêutico
Girolano Ippolito	Agência de Banco, Indústria de Massa Lavrador/Olaria/Gerente da Banca Italiana per l'America do Sul/Agente de Cia. De Navegação
Giuseppe Ignatti	Massas Alimentícias

¹²⁵ BIONDI, L., op cit., p. 167.

Sócio	Profissão
Giuseppe Miceli	Casa Comercial/Sapataria/ Representante do Fanfulla
Giuseppe Santis	Tintureiro
Gustavo Pergola	Negociante/Fabrica de Tecido
Luigi de Maio	Fabrica da doces/Correspondente do Fanfulla
Luigi Zaccaro	Maquina de Costura Consertador, Camas de ferro, maquinas e alfaiataria.
Pasquale Rocca	Barbeiro
Santo Coro	Sem informação
Sebastião Ciccone	Barbeiro
Silvio de Cenzo	Sem informação
Vicenzo Barillari	Marcineiro, Fabrica de Móveis, Oficina de Carpintaria
Vicenzo Croscio	Alfaiataria
Vicenzo de Bonis	Empreiteiros e Construtores/Secos e Molhados
Vicenzo Lo Giudice	Construtor/Padaria/Deposito Material
Vicenzo Manfredi	Negociante

Fonte: Dados retirados das atas e das declarações de imposto no período em que existiu a Sociedade *Unione Meridionale* (1900-1903).

Malgrado a negação do rótulo de instituição política, os componentes da *Unione Meridionale* posicionavam-se sempre a favor do Real Vice-consulado e da política local simbolizada pela disputa entre dois poderosos fazendeiros: Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira e Francisco Schmidt, os quais foram homenageados como sócios honorários assim que a sociedade foi constituída. Entretanto, após a crise provocada pela epidemia de febre-amarela enfrentada na cidade em 1903, as sociedades de socorro mútuo se reorganizaram.

A fusão da *Unione Meridionale* com a *Unione e Fratellanza* ocorrida no final de 1903 demonstra a importância que essas sociedades já haviam adquirido dentro da colônia italiana, principalmente porque a sociedade *Unione Italiana* neste período também se apresentava bastante prejudicada devido à epidemia, mas se organizou tendo como aliados os imigrantes associados ao socialismo ou ao anarquismo.

Desta fusão originou-se a sociedade *Pàtria e Lavoro*, que se tornou a sociedade representante “oficial” da colônia italiana e aliada de toda a política do Consulado Italiano até a sua transformação, em 1910, numa seção da Dante

Alighieri, deixando, definitivamente, para trás a questão do socorro mútuo. A elitização dessas sociedades acompanhou o crescimento do prestígio de seus sócios, principalmente dos seus conselhos. Dos diretores que participaram da composição da *Unione Meridionale* e da *Unione e Fratellanza*, 36% participaram da composição dos Conselhos da *Pàtria e Lavoro* e/ou da *Dante Alighieri*.

Individualmente, Girolano Ippolito exemplifica a alimentação do *habitus* no que diz respeito aos esquemas de percepção, concepção e ação que acabam se tornando comuns a um determinado grupo como um sistema subjetivo de pontos de vista concatenados¹²⁶. Sua preocupação com a imagem, o discurso e ação é inúmeras vezes percebida na sua presença marcante em todos os eventos oficiais, principalmente os que tinham ligação com a política oficial italiana:

MANIFESTAÇÃO

Domingo, 07 do corrente, às cinco da tarde, a “A Sociedade Italiana Pàtria e Lavoro”, tendo a frente o seu presidente o sr. Jerônimo Ippólito, acompanhado, da banda musical “Filhos de Eutuerpe”, fizeram entrega ao sr. Dr. Floriano Leite Ribeiro do diplomata de sócio, o qual estava artisticamente emoldurado e fôra conduzido pelo referido presidente e outro sócio.

A Sociedade reunira-se a Praça 13 de Maio em frente ao edifício da Câmara.

Tendo anteriormente sido distribuído um boletim convidando os amigos do sr. Dr. Floriano a cumprimentarem-no, felicitando-o pela administração que fez como prefeito, cargo que deixava de exercer, por ser sido eleito o major Ricardo Guimarães, reuniram-se naquele ponto, e incorporados à “Sociedade Pàtria e Lavoro”, dirigiram-se das 5:00 para as 6:00 da tarde, à residência do ex-prefeito.

Chegados os manifestantes uzou da palavra, como orador official, o senhor Dr. Leal da Cunha, medico residente, hoje, em Jardinopolis, o qual, saudando o manifestado, dissera que à frente daquelle magote de povo, vinha trazer ao prefeito modelo, que pelos mysteryos insondaveis da politica não tinha sido reeleito, os protestos de sua admiração, a manifestação sincera de seu agradecimento pelos serviços que prestou ao Ribeirão Preto, fazendo votos para auelle que o substituiu fizesse um administração pelos mesmos traços e vasada nos mesmos moldes de seus antecessores. Fallou ainda em nome da sociedade “Pàtria e Lavoro” o senhor Fôrmica Carmello respondeu agradecendo o senhor Dr. Floriano Leite.

¹²⁶ BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. op. cit., pp. 79-80.

Estiveram presentes à manifestação, os seguintes senhores: Dr. Carlos Mauro, Teophilo Leite, Orácio Batista, Francisca Cleto, José Manoel Mendes, Armando Novaes, Vergílio França Leite, Joel Nogueira, Álvaro Franco, Ananias Barão Filho, Carvalho de Miranda Filho, Pauliano Araújo, Dr. Eduardo Leite, Giacomo Torres, Ambrozio Francisco, João Alves Nogueira, Alfredo Porto, João Freitas, Raul Leite, Puccete Giuseppe, Sartorelli Giacomo, Thomaz Rotolli, Fideli Baroni, Agostinho Gonçalves, Marcos Lopes, Alexandre Abreu, Jerônimo Ippólito, Ten. Cel. Gabriel Junqueira, José Gambier, Valente Fantato, Dr. Fabio Barreto, Alexandre Silva, José Nogueira, Olegário Laudini, Iraçano Passos, Dr. Abel Leite, Raul Leite, João Gambier, José Freire, Domingos Paino, Julio Gaia, Onorio Ferreira, José Rocha, José Teotônio dos Santos, representante da “Ildirito”, Fôrmica Carmelo, Sgorlon Antonio, Raul Fagundes, Jorge José, Antonio João, Deconcillis Joseph, Pharmaceutico Antonio Gonçalves Roxo, Julio Leite e outras pessoas cujos nomes não podemos saber. O senhor doutor Floriano ofereceu aos manifestantes um profuso copo de agua, retirando-se estes as 6 ½ da tarde quando a banda Filhos de Eutuerpe se dirigiu ao jardim publico¹²⁷.

CONSULADO ITALIANO

A laboriosa colonia italiana desta cidade no patriotico intuito de receber condignamente o cav. Uff. Pedro Baroli, consul geral do Reino de Itália em São Paulo, prepara imponentes festas para 20 do corrente, em que aqui deverá chegar o illustre diplomata.

A comissão encarregada de promover as festas é composta pelos seguintes senhores distintos membros da colonia: - Presidente honorario: Antonio Bianchonia; Presidentes: Dr. Julio Gallo; Secretario: Carlos Torres; Thesoureiro: Ovidio Stefani; membros: dr. Constabile Matarazzo, Jeronymo Hippolito, João Beschizza, Arthur Sbragia, Pedro Marzola, Luiz De Maio, Francisco Palumbo e Vittorio Zamarion.

As ruas serão vistosamente enfeitadas, bem como o consulado Italiano em cuja frente se erguerá um artístico coreto para o concerto de uma magnifica de banda muzica(?), recepção no Consulado, grande banquete, fogos de artifício, excursões á diversas fazendas agricolas deste municipio e do de Sertãozinho. A comissão expedirá convites especiaes ás auctoridades, imprensa, associações, clubs e pessoas gradas.

A importante passeata civica que se realizará neste dia, se incorporarão as sociedades italianas de Batataes, Jardinópolis, Sertãozinho, Cravinhos e São Simão e as escolas italianas e as sociedades italianas locaes.

A comissão reúne-se hoje as sete e meia horas da noite na residencia do sr. presidente dr. Julio Gallo, para organizar definitivamente o programma, que opportunamente publicaremos¹²⁸.

¹²⁷ Manifestação. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 10 jan. 1905, n.º 8, Ano I.

¹²⁸ Consulado Italiano. **A Cidade**, 09 jan. 1910, n.º 1549, Ano IV.

Essas duas notícias publicadas no jornal *A Cidade*, um dos veículos mais lidos pela sociedade local, demonstram a preocupação de Girolano Ippolito em ser mostrado como “representante” da colônia italiana fixada em Ribeirão Preto. No ano de 1905, na condição de presidente da Sociedade *Pàtria e Lavoro*, organizou, em nome dessa sociedade, uma homenagem ao Dr. Floriano Leite Ribeiro, político renomado na cidade, que havia ocupado o cargo de prefeito entre 1903 e 1904, e naquele ano havia tomado assento em uma cadeira na Câmara.

Ainda que não se reelegesse, Floriano Leite possuía importante representatividade política; assim, a homenagem trazia à sociedade *Pàtria e Lavoro* e, especialmente, ao seu presidente, representatividade social por meio de toda a carga simbólica que a entrega do diploma lhe conferia – note-se, ainda, enquanto estratégia corporativa, o credenciamento do político junto à Sociedade na condição de médico, cujas consultas aos sócios apresentavam um desconto de 50%¹²⁹.

A segunda notícia apresentada, já no início de 1910, é um exemplo oportuno para ressaltar as estratégias de Ippolito: sempre presente em comissões de festas oficiais, ao compor uma comissão organizadora para receber o Cônsul Geral da Itália na cidade, tomou para a sua Sociedade e, conseqüentemente, para si, a responsabilidade de representar a colônia italiana. Noticiados os detalhes do jantar que fora oferecido, já no dia seguinte, fica evidenciado que todos os membros do Conselho Diretor da Sociedade *Pàtria e Lavoro* apresentaram lugares definidos no banquete ao lado de diversas autoridades da sociedade local.

Fica marcante a ausência de representantes da sociedade *Unione Italiana*. O único italiano presente no jantar que tinha ligações com essa sociedade era Giuseppe Fabretti. Através das discussões descritas em ata, a ausência oficial da

¹²⁹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* - Ata n.º VI, 08 jan. 1905.

sociedade havia sido definida em reunião de Conselho,¹³⁰ e o senhor Giuseppe Fabretti deveria escrever uma carta oficial na qual explicasse o não-comparecimento e convidasse o Cônsul para conhecer a Sociedade.

A *Unione Italiana* não tomou parte dos festejos devido a um problema acontecido em 1905, quando deveria ter recebido um lote de livros da *Dante Alighieri*, de Roma. Porém, os mesmos não chegaram à sua biblioteca e, segundo seu argumento, os livros teriam ficado na *Pàtria e Lavoro*, que possuía o apoio do Real Vice-Cônsul da época. Na tentativa de amainar a situação, o Presidente e seu Vice, além do Secretário da *Unione*, visitaram o Cônsul, mas o evento trouxe ainda mais problemas, pois a carta de Fabretti fora publicada em um jornal de língua italiana sem consentimento consensual do Conselho¹³¹.

O fato em questão demonstra um posicionamento não radicalizado por parte dos membros da Sociedade *Unione Italiana*, que, à época, representava o grupo mais resistente por parte das ações dos imigrantes organizados, enquanto que o Conselho Diretor da sociedade *Pàtria e Lavoro* manteve-se, ao menos externamente, num conjunto de práticas estrategistas capazes de reforçar o reconhecimento de suas qualidades sociais e, por consequência, de suas atividades, que deveriam ser vistas como relevantes à economia da cidade.

O processo de adaptação e aculturação dos italianos também pode ser observado na despedida prestada a Girolano Ippolito, que em 1912 recebeu um jantar no “Hotel De Martino”, por ocasião de uma viagem que realizaria a passeio para Europa.

¹³⁰ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 20, 11 jan. 1910.

¹³¹ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana*. Atas n.ºs 20, 21 e 24. 11 jan; 03 fev; 12 fev. 1910.

CAV. JERÔNIMO IPPOLITO

Trouxe-nos ontem as suas despedidas o cavalheiro Jerônimo Ippolito, abastado capitalista aqui residente que segue a passeio para a Europa. O senhor S.s. irá diretamente a Castellobate, sua terra natal fazendo depois, em companhia de sua Exma. Sra. uma excursão pelas grandes capitães europeas. Não podendo pela exigüidade do tempo despedir-se o cavalheiro Cav. Jerônimo Ippolito de todos os seus amigos o faz em outra secção desta folha. Ao distinto cidadão e sua exma. Família "A cidade" faz votos de feliz viagem. S.s embarcando hoje pelo rápido.

Ontem as oito horas da noite como noticiamos foi oferecido ao cavalheiro Jerônimo Ippolito no hotel Demartino um jantar íntimo, iniciativa de um grupo de patrícios e admiradores do S.s.

A cabeceira, da mesa em forma de "T" tomaram lugar os srs.: Cav. Jerônimo Hypolito, Dr. F. Donadio, regente do consulado italiano, Dr. J. Gallo, G. Malferrari, Orestes Fioretti, Carlos Barberi, cav. J. Besquisa, Virgílio Galvan, Dr. Veiga Miranda pelo Diário da Manhã e Dr. Mario Moura, por esta folha seguindo os srs. Theodoro Lohnoff, José Brancato, F. Palombo, Evaristo Silva, José Romeu, Salvador Zeri, Luis Restagno, José Adda, André Hypolito, Dr. Orestes Steffani, Frederico Bernal, Ovídio Steffani, José Tibiriça Barbosa, Albano Carvalho, Luis Rossiello, Caetano Fabrini, Jacintho Ambrosio, Alberto Barbosa, Carlos Torres, Dr. Roberto Pignatari, e Luis de Maio.

Ao Dessert o Cav. Jerônimo Hypolito foi brindado pelos srs. G.Malferrari, e Alberto Barbosa que leram discursos de saudações a S.s. Após esse brindes o Dr. F. Donadio, regente do consulado italiano apresentou ao Cav. Jerônimo Hypolito uma subscrição para offerta de um aeroplano ao exercito italiano precedendo esta apresentação de palavras de saudação ao cavalheiro manifestado. O senhor Jerônimo Hypolito recebendo a lista de subscrição para a abertura dela, pediu penna e tinta e abriu juntamente com esta lista uma outra para as obras do Asylo de inválidos de Ribeirão Preto, assignando em cada uma delas a quantia de 1:000\$000 conto de réis e pedindo às pessoas presentes que fizessem correr juntas as duas listas de subscrição.

Este gesto generoso e altamente definidor das elevadas qualidades de coração do Cav. Jerônimo Hypolito provocou commovidíssimos applausos a S.s. não só da parte de seus patrícios alli reunidos, como dos redactores dos matutinos locais alli presentes, drs. Veiga Miranda e Mário Moura, que pedindo a palavra brindaram o digno cavalheiro, e enaltecendo os dotes elevados que o apontam como um patriota italiano, um bom amigo de sua terra adoptiva em que honesta e laboriosamente enriqueceu e também piedoso bem feitor dos devalidos. S.s foi ainda saudado pelo professor Roberto Pignatari que brindou a Exma. Família do manifestado. Falou por ultimo o Cav. Jerônimo Hypolito, agradecendo a saudação e as muitas provas de amizade de que era alvo e pedindo à imprensa local que não deixasse de bater sempre, incessantemente sobre a necessidade de se fazer o asylo de inválidos para que, quando ele regressasse a Ribeirão Preto, fosse já concluído este instituto de caridade

Às dez horas da noite, na maior cordialidade terminou este banquete íntimo com que dignos representantes da colonia italiana e amigos

do cavalheiro Jerônimo Hypolito foram levar ao mesmo seu preito de justa homenagem e seus votos de viagem e regresso felizes. O senhor Juvenal Guimarães, correspondente do “Estado” nesta cidade, não podendo comparecer ao banquete, pediu ao senhor G. Malferrari que o representasse¹³².

Para analisar o sentido da trajetória social de Girolano Ippolito, esta notícia veiculada na imprensa permite perceber a construção de um poder simbólico por intermédio de um imenso senso prático apropriado pela cotidianidade no decorrer da história¹³³. Em 1912, Ippolito foi apresentado à sociedade como um grande capitalista, e o jantar de despedida para a viagem contou com a companhia de diversas autoridades e personalidades da “colônia italiana”, todas ligadas à Sociedade da qual ele participava ativamente naquele momento, o *Comitato Dante Alighieri de Ribeirão Preto*.

Mas o que mais chama atenção é o movimento por ele iniciado, quando foi convidado a participar de uma subscrição para auxiliar na aquisição de um avião para o governo italiano. Em seu discurso, afirma ser importante ajudar a Pátria-Mãe, mas entendia ser tão importante quanto ajudar a nova pátria, iniciar igualmente uma subscrição para a construção do asilo de inválidos da cidade. Em decorrência dessa iniciativa, o imigrante contou com o reconhecimento imediato tanto das autoridades locais, quanto das italianas, num jogo de prestígio ao mesmo tempo evidente e significativo.

O jornal *A Cidade* publicou no dia seguinte todos os valores doados no jantar de subscrição, bem como o nome de seus benfeitores¹³⁴. Aparentemente, essas matérias jornalísticas alcançavam significados maiores que o mero conhecimento público das doações, pois dava aos doadores o sentimento de pertinência à

¹³² Cav. Jeronymo Ippolito. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 09 mai. 1912, n.º 2341, Ano 08.

¹³³ BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 83.

¹³⁴ Subscrição. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 10 maio 1912, n.º 2342, Ano 08.

construção da nova sociedade ribeirão-pretana, como se fossem os novos desbravadores de um futuro vincado pela civilidade moderna. Outro dado interessante foi que a subscrição permaneceu aberta e o responsável por sua continuidade foi o também já reconhecido como Cavaleiro pela elite local, Giovanni Beschizza.

No caso do proprietário do Grande Hotel De Martino, o italiano Michele de Martino, é relevante observar que ele construiu sua representatividade a partir da presença marcante do seu estabelecimento em grandes eventos, principalmente em recepções às autoridades italianas. Ele teve pouca participação em diretorias das Sociedades, mas foi sócio primeiramente da *Unione Italiana*, no período da sua criação, e depois da *Pàtria e Lavoro*, na qual chegou a ser eleito presidente em 1905, cargo recusado, no entanto.

Nesse mesmo ano, ocorreu o homicídio de um italiano no bairro do Barracão, que movimentou os chamados “representantes” da colônia italiana; porém, mesmo sendo partícipe das reuniões, Michele de Martino não assumiu nenhuma posição pública. Deste modo, sua atitude demonstra, acima de tudo, uma estratégia de tentar se manter à margem da disputa de poder que esse assassinato acabou por envolver em relação aos cargos dentro do Real Vice-consulado de Ribeirão Preto.

Outro exemplo ainda é o de Giuseppe Micelli, um calabrês da província de Catanzaro, que chegou ao Brasil em 1891 e fundou em 1893 uma casa comercial em Ribeirão Preto – e que teve sua imagem valorizada justamente na relação de disputa gerada no real vice-consulado. Já tendo sido sócio da sociedade *Unione Italiana* logo após sua fundação, fez parte ainda dos conselhos diretores da *Unione Fratellanza*, da *Unione Meridionale* e do Conselho Diretor da *Pàtria e Lavoro*. No ano de 1904, apoiou a organização da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão

Preto, que teve a participação direta de Girolano Ippolito e Giovanni Beschizza na primeira diretoria formada no primeiro semestre de 1905¹³⁵.

Nesse momento, o Real Vice-Consulado, representado por Pietro Azzi, que iniciou sua administração também no início de 1905, manteve uma relação íntima com os diretores da Sociedade – Giuseppe Micelli era seu tesoureiro, além de secretário do Vice-Consulado, participando inclusive do evento que marcou a inauguração do prédio onde funcionaria a ACI¹³⁶, e da organização de uma comissão das “pessoas mais influentes da colônia italiana”¹³⁷, apoiado pela sociedade *Pàtria e Lavoro*, com vistas aos festejos de 20 de setembro.

Entretanto, aparentemente o assassinato de um italiano chamado Vincenzo Kariosti por um oficial no bairro Barracão no primeiro semestre e as comissões organizadas para socorrer as vítimas do terremoto ocorrido na Calábria no segundo semestre de 1905 provocariam uma pressão sobre a sua administração, causando sua transferência em 1906.

PRISÃO E RESISTÊNCIA

Falleceu ontem às sete horas da manhã na Santa Casa Vicente Kariosti, vítima de um tiro de garrucha que lhe dera o official de justiça José Vicente Onça, o fato que noticamos ontem.... Os medicos incumbidos da operação trabalharam até as duas horas da madrugada sendo impossível salva-lo devido a gravidade dos ferimentos.

No inquérito iniciado ontem que já depozeram duas testemunhas esta averiguando que Kariosti resistiu à prisão e tentou sobejuar o official e tomar-lhe a garrucha, dizem as testemunhas que se Kariosti conseguisse arrancar das mãos de Onça a arma que o matou, a cena se teria mudado - seria a victima o official de justiça¹³⁸.

¹³⁵ Associação Comercial e Industrial. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 17 jan. 1905, ano I, n.º 15.

¹³⁶ Associação Comercial. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 19 maio 1905. ano I, nº117.

¹³⁷ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* – Ata de 31 jul. 1905.

¹³⁸ Prisão e Resistência. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 27 abr. 1905. ano I, n.º 98.

CRIME DO OFFICIAL ONÇA

Sabemos que fôra distribuído, hontem, pela cidade, um boletim “apello” aos italianos para organisarem uma caixa de auxilio, a fim de se promover à accusação do official Onça que, no cumprimento de um mandado judicial, e defendendo a própria vida atirou a Vicente Carioste, fato que nos ocupamos a dias. O boletim é dos muitos que costumam sempre ao *jornal quebra* diretores e que peccam quase sempre, por faltar-lhes a devida calma, o necessário respeito às leis do paiz em que vive, e a confiança nas autoridades tribunaes que a executam. Não nos causa estranheza!¹³⁹

O TERREMOTO NA CALÁBRIA, SOCORRO AS VICTIMAS.

Os últimos despachos telephráficos dão minuciosas noticias do terrível desastre de que foi teatro o Sul da Itália a Calábria. Damos um resumo desses telegrammas, e por elles verão os nossos leitores quantas desgraças e quantas mortes e quantas victimas a quem a caridade, nesta hora triste tem o dever de socorrer.

Organizou-se nesta cidade em favor das victimas do terremoto um commitato de beneficência, composto dos senhores: Dr. Carlos Mauro, A. Novaes Lueiano Florindo, Giuseppe Micheli, Dr. A. Uchoa, Phelippe de Luca, Dr. Floriano Leite, Carlo Torre, Alfredo Farina, Micheli Sicca, Michele Mancini, Pietro Folena, Capitão Francisco Junqueira, Dr. Augusto Loyola, Brenno dos Santos, Major Durval Vieira de Souza, Padre Eurides Carneiro, Orestes Guimarães, Dr. Mena da Costa, Rodolpho Guimarães, Dibi Cattar, Mauricio Alonso, A. Tavares, João Hyibell, Carlos Macedo, José A. Sarmento, Dr. Álvaro Mota, Dr. Enéas da Silva pelo jornal “A CIDADE” e Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira.

Este commitato percorreu hontem as ruas da cidade tendo angariado até o meio dia a quantia de 620\$000 réis.

Deliberou também levar a effeito, no domingo próximo no teatro Carlos Gomes um espetáculo de beneficência pela troupi da empresa cassoule. “A CIDADE” (jornal) associando-se com muito gosto a obra eminentemente filantrophica do commitato faz um apello ao povo de Ribeirão Preto a fim de serem enviados aos infelizes calabreses todos aos socorros possíveis.

O Sr. Pietro Azzi, regente do real vice-consulado da Itália nesta cidade informa-nos que recebeu do consulado geral e fez distribuir aos agentes e correspondentes consulares dependentes do distrito vice-consular desde Tambaú até Santa Rita listas em branco para angariarem donativos em favor das victimas do terremoto da Calábria¹⁴⁰.

Aparentemente, devido aos fatos ocorridos na Calábria, as comemorações preparadas para o “vinte de setembro” foram canceladas por parte da sociedade

¹³⁹ Crime do official Onça. **A Cidade**, Ribeirão Preto 30 abr. 1905. n.º 101, ano I.

¹⁴⁰ Terremoto na Calábria. **A Cidade**, Ribeirão Preto 13 set. 1905, n.º 217, Ano I.

Pàtria e Lavoro. Entretanto, outras questões estiveram inseridas na polêmica, como as investigações sobre o assassinato do italiano no início do ano de 1905, que provocaram uma disputa de poder dentro do vice-consulado, ou mesmo o posicionamento da sociedade *Unione Italiana*, que comemorou a data com eventos que não tiveram nenhum apoio do real vice-consulado e nem da *Pàtria e Lavoro*.

A comemoração organizada pela *Unione Italiana* aponta um período de maior radicalização das duas sociedades presentes na cidade, como, por exemplo, a italianidade comemorada no dia 20 de setembro, que assumiu diversos significados diante das pressões e dos interesses diversos. No caso das comemorações de 1905 na cidade de Ribeirão Preto, elas acabaram sendo feitas por uma comissão formada por sócios da Sociedade *Unione Italiana* e por membros da Liga Operária, sem o apoio do real vice-cônsul, que estava muito mais preocupado em manter seu cargo.

O caso do assassinato, fato que aparentemente não teria maiores consequências diante da violência cotidiana reinante na cidade, acabou por se tornar uma referência. Segundo a Sociedade *Pàtria e Lavoro* e, também, de acordo com periódicos escritos em italiano, o caso não estaria sendo analisado corretamente e o real vice-cônsul não estaria acompanhando como deveria o processo. Num primeiro momento, a *Unione Italiana* participou de uma comissão que acompanharia o caso; entretanto, no decorrer do processo, ela se retirou e comunicou em assembléia que o problema estava muito mais ligado ao controle do real vice-consulado e que, mesmo considerando ineficaz a atuação de Pietro Azzi, não apoiaria as ações da *Pàtria e Lavoro*¹⁴¹.

Nessa mesma assembléia o assunto foi bastante debatido e o que fica subentendido é que a disputa pelo cargo carregava uma questão regional. O

¹⁴¹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana*. Ata n.º 42, 06 out. 1905.

secretário Giuseppe Micelli era calabrês, e, aparentemente, não muito aceito para um cargo que representava toda a nação italiana e principalmente a família de Savóia. Entretanto, a força dos meridionais e o apoio à monarquia davam forças ao secretário para que ele depusesse o real vice-cônsul. Já a força da sociedade *Pàtria e Lavoro* fica demonstrada quando ela enviou mensagens oficiais ao consulado geral da Itália e recebeu a visita do real vice-cônsul de Campinas para tentar solucionar o impasse.

É importante lembrar que neste momento o real Vice-Cônsul Pietro Azzi encontrava-se coagido, e não pôde estar presente para fazer sua defesa na reunião com o real Vice-Cônsul de Campinas, ocorrida na sede da sociedade *Pàtria e Lavoro*¹⁴². A saída de Pietro Azzi e a entrada de Giuseppe Micelli, que ficou no cargo até a nomeação e a chegada de um novo Vice-Cônsul, exemplificam o papel das sociedades de socorro mútuo na consolidação de uma política internacional por parte do Ministério das Relações Exteriores do Reino da Itália. O Ministério, ao acompanhar através dos consulados essas sociedades, acabava por participar indiretamente na determinação do que vinha a ser o sentimento pátrio¹⁴³.

Ter no cargo de Real Vice-Cônsul um italiano que tivesse o apoio da “colônia italiana” e representasse o ideal construído da virtuosidade italiana ampliava o espaço de legitimidade desses imigrantes nas sociedades locais. O processo contra o oficial que teria atirado contra um italiano ficou em segundo plano, mas trouxe à tona os conflitos entre imigrantes e nacionais. O próprio jornal *A Cidade* se posicionou na defesa do policial e afirmou que a “colônia italiana” estava sendo injusta – neste momento, a convivência nem sempre harmoniosa entre imigrantes e

¹⁴² LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* – Ata n.º 30, 10 dez. 1905.

¹⁴³ **Rassegna Contemporanea** diretta da G.A. di Cesaro e Vincenzo Picardi (giugno 1908 – anno I fasc 06).

nacionais ficou transparente e a disputa pelo cargo de vice-consulado ganhou urgência, para que a imagem da colônia italiana não se prejudicasse de forma irrevogável.

Inserido nesse contexto, Giuseppe Micelli representava o ideal burguês, que constituía plenamente a defesa do patriotismo além das fronteiras da “Terra-Mãe”. Representante de um grupo que se esmerava em fortalecer a imagem do italiano trabalhador, solidário e unido – características sempre importantes na interação da lógica capitalista no novo país – Micelli corporificava a superação dos conflitos trazidos pela atitude migratória, ao recriar de modo criativo a imagem do país distante e, ao mesmo tempo, valorizar calorosamente a pátria de adoção, além de ter sido um exemplo bem-sucedido da política migratória da Itália e do Brasil¹⁴⁴.

Assim, as questões de conflito e principalmente de disputa pela imagem que o “italiano” deveria ter perante a sociedade local se apresentou bastante tumultuada entre os sócios das diversas sociedades italianas organizadas. Assim, utilizando-me do raciocínio de Pierre Bourdieu sobre a função dos diferentes interesses e posições dos agentes, percebe-se a redefinição contínua desta imagem que, na maioria das vezes, continha ações imprevistas e não muito calculadas¹⁴⁵, como foi o caso dos Conselhos Diretores da sociedade *Unione Italiana*, no período em que a sociedade foi composta na sua maioria por trabalhadores semi-qualificados (pequenos artesãos, pequenos comerciantes e lavradores) e alguns profissionais liberais. Enrico Gregoris, Francesco Murdocco, Pietro Fabri, Ugo Martini, Valentino Ferrante, Antonio Angeli e Cesare Crinci foram grandes exemplos de sócios que acabaram por definir dentro do campo social uma posição antagônica e de disputa pela

¹⁴⁴ O fato de sua vida ter sido citada na edição especial do jornal “Fanfulla” em 1906, demonstra o quanto estas histórias individuais eram utilizadas de acordo com a política vigente dentro do Ministério.

¹⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p. 81.

legitimidade da representação da colônia italiana, dentro de uma ideologia coletiva praticada no cotidiano desses trabalhadores, diferentemente dos membros da *Pàtria e Lavoro*.

Na primeira década do século XX, período de criação de diversas associações étnicas e de classe, a sociedade *Unione Italiana* que já continha em seu nome o termo “operaia”, passou a agir juntamente com a Liga Operária que tinha sua sede no mesmo prédio da sociedade, além de ter um grande número de sócios conjuntos. Os italianos citados acima pertenciam às duas associações e participavam de vários eventos, onde as estratégias se direcionaram no sentido de fortalecer a identidade de classe, acima da identidade étnica. Um exemplo foi a tentativa de alterar o nome da sociedade no final de 1904, para “Società Unione Operaia Internazionale”¹⁴⁶. Estes diretores também se apresentaram com certa relevância nos eventos relacionados às manifestações de 1º de maio e de resistência, nem sempre organizada, à política consular.

Através de conferências, festas e ações de socorro mútuo, as idéias socialistas, principalmente as reformistas, como as de Antonio Picarollo, faziam-se presentes nas discussões sociais mais gerais. Essas questões políticas serão discutidas no próximo item; entretanto, o que se pretende exemplificar é que a legitimidade da representação da colônia italiana, a partir principalmente do século XX, passou a ser disputada mais claramente e seus agentes apresentaram-se mais firmes e consolidados em suas posições não só econômicas, mas também simbólicas.

Isto não significou a ausência completa de uma política essencialmente patriótica, mas sim uma aliança entre a recriação da pátria-mãe como o lugar onde

¹⁴⁶ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* – Ata n.º 23, 04 dez. 1904.

floresciam novas concepções que defendiam o povo sacrificado pelo capital. Desta forma, os sócios dessas sociedades construíram um espaço onde se defendia com maior liberdade uma democratização das sociedades mutualistas e sua intensa participação no fortalecimento da Liga Operária.

CONFERÊNCIA:

Às 3:00 horas da tarde de ontem, realizou o sr. Antonio Picarollo a anunciada conferência sobre a significação da data de 20 de setembro.

A concorrência ao teatro Carlos Gomes foi numerosa.

O orador discorreu eloquentemente sobre a história da revolução italiana, demonstrando que a burguesia tendo pregado a igualdade do homem e se revelando a favor do estado leigo contra o domínio religioso e dogmático merecia, as homenagens da posteridade; mas que desde o dia em que, para acautelar-se, os seus interesses se transformou em mercúrio devorando o próprio filho, porque viu o povo reclamar a realidade dos princípios pregados, deixou de merecer essas homenagens.

E assim concluiu o orador: "O 20 de Setembro não podia ser festejado pela burguesia e sim pelo povo, pelo proletariado porque se o 1º Maio era significação do grito pelo verdadeiro domínio econômico, 20 de setembro devia significar a integração do livre pensamento."

O orador foi bastante aplaudido pelos livre-pensadores que se achava no Teatro. Tocou antes e depois da conferência a banda musical "Verdi Gomes"¹⁴⁷.

No ano de 1905, o Conselho Diretor da *Unione Italiana* era formado por: Valentino Ferrante, Vítório Zamarion, Valente Gracco, Antonio Trombini, Aniceto Scaravelli, Francesco Murdocco e Daniele Ferrante, sendo que apenas Valentino Ferrante – por ser o presidente da sociedade – havia sido convidado para participar da comissão que organizaria as homenagens oficiais pela data de 20 de setembro.

Quando os eventos foram cancelados pelo consulado e pela diretoria da Sociedade *Pàtria e Lavoro*, os sócios mais ativos da *Unione Italiana* se adiantaram e organizaram um evento ligado apenas à associação. É neste momento que a presença de Antonio Picarollo, mesmo não sendo um socialista revolucionário,

¹⁴⁷ Conferência. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 21 set. 1905. Ano I.

representou uma clara oposição político-ideológica e por isso uma constante disputa.

Ao percorrer as ações desses grupos, o objetivo de conquistar a liberdade/dignidade, fosse pelo trabalho, fosse pelo exercício da cidadania ou ainda pela declaração afirmativa de luta de classes, aparecia ligado à solidariedade como prática necessária para um futuro mais livre. Assim, através das dinâmicas dessas sociedades mutuais em Ribeirão Preto, foi possível perceber essa linha tênue, mas coerente, onde o imigrante desejava o fim das injustiças sociais sofridas, o fim da condição de não-proprietário e a participação na vida política e social da nova pátria e que, através de ações diversas, mantiveram a “solidariedade” e a “identidade nacional” como temática hábil e de fácil aceitação.

Luiz Pereira Barreto e grupo de pessoas portando bandeiras e estandartes de diversas associações.
Data: 1909, Fotógrafo: Aristides Motta (APHRP – F699)

CAPÍTULO 4

ESPAÇO SOCIAL E IDENTIDADE: COSTUME, TRADIÇÃO E PODER

4. ESPAÇO SOCIAL E IDENTIDADE: COSTUME, TRADIÇÃO E PODER

CAV. PIETRO BAROLI

Completando a notícia que demos hontem do banquete offerecido ao sr. cav. Pietro Baroli, consul Geral da Italia, temos a accrescentar as seguintes notas:

O bello e vasto salão do Hotel De Martino estava ricamente ornamentado, offerecendo um lindissimo aspecto não só pelo artistico das folhagens, bandeirolas, como também pela farta iluminação.

À mesa que estava revestida de finos aparelhos de porcellana e bellos crystaes fôra disposta em forma de U; tomaram assento as seguintes pessoas, obedecendo aos lugares determinados previamente.

	A. Bianconi	Dr. E. Guilherme	Cav. Baroli	Dr. Julio Gallo	Dr. Mario Pires	
Cel. O. Campos Matarazzo						
J. Besquisa Donadio						
Mario Pinto						
F. Palumbo Paiva						
Carlos Torres Ribeiro						
A. Sbragia						
Miranda						
O. Stefani Miranda						
Dr. Mamede						
“O Diário de Maio						
Cons. Português						
Th. Locnofi Ragazio						
M. Mancini						
J. Nociti						
J. Sinieghi						
	J. Micelli					Dr. Toffoli
	A. Diederichsen					F. Braida
	F. Spinelli					P. Marzola
	A. Messina					O “São Paulo”
	F. Ambrosio					Th. Fedulo
	R. Ravaventi					A. Graseschi Franc. Selner
	G. Galileu					A. Bellonzi
	J. Fabreti					V. Ripoli
	F. Spano					V. Zamarion
	R. de Zinno					V. Lo Giudice
	N. Pircio					A. Muscani
	F. Pugliani					L. Zaccaro
	Z. Roinato					
						Dr. Matarazzo
						Dr. Donadio
						J. Hypolito
						Vital Paiva
						Dmings Ribeiro
						Dr. V. Miranda
						Franc. Selner
						“A Cidade”
						Luíz de Maio
						A. Stenani
						J. Ragazio

No salão contíguo ao banquete tocava uma optima orchestra de habeis professores sob a regencia do sr. prof. Sebastião Pimentel.

O serviço bengaleiro e chapeleiro foi feito pelo sr. Gabeiro Roteta.

O pessoal do Hotel De Martino auxiliado por habeis copeiros fez com todo o garbo o serviço do banquete.

Ao champanhe levantou-se o sr. Julio Gallo, presidente da comissão de festejos e saudou o Brasil na pessoa do sr. Presidente da Republica - Dr. Nilo Peçanha, saudação esta que foi correspondida por todos os convivas, erguendo-se nesta ocasião entre outros vivas as sr. dr. Eliseu Guilherme e Mario Pires, juiz de direito e Promotor Publico da Comarca.

Fallaram ainda:

Um alumno do Collegio Alexandre Manzoni, offerecendo ao sr. Consul um bouquet de flores naturaes e um quadro; o sr. Pio coelho em nome dos brasileiros e do jornal “São Paulo”.

Em agradecimento fallou o sr. Cav. Pietro Baroli que comovido agradeceu as provas de consideração que lhe tem sido dispensadas pelo povo desta cidade e ergueu o brinde de honra ao Presidente da Republica.

A orchestra executou então o hymno nacional e o hymno italiano, ouvidos de pé e tendo sido pelos presentes dado uma grande salva de palmas e calorosos vivas ao Brasil e a Italia.

O sr. Cel. Joaquim da Cunha mandou um cartão excusando-se de não poder comparecer ao banquete.

O photographo Zeferini rinati tirou varias photographias do banquete.

Foi incansável em gentilezas, em bem servir aos seus patrícios nos misteres do seu cargo o sr. João Miletto secretario do Vice-Consulado da Italia, nesta cidade, merecendo por isso os elogios dos seus companheiros¹⁴⁸.

Segundo José Carlos Moya, depois de encontrar um novo lugar para viver, o próximo passo no processo de adaptação dos imigrantes foi recriar as “redes sociais secundárias”, uma vez que as primárias correspondiam às relações essenciais para sobrevivência¹⁴⁹. Cabe, neste ponto, remeter à afirmação thompsoniana¹⁵⁰ de que os rituais não podem ser analisados como fatos isolados das relações sociais, tal como ocorre com o evento organizado para recepcionar o cônsul da Itália, acontecimento responsável por uma série de fatos perceptíveis em uma leitura minuciosa, tais como, a formulação de alianças e resoluções práticas de situações cotidianas do presente vivido por esses imigrantes.

A respeito da questão da nacionalidade, a “italianidade” desses imigrantes não foi trazida da Europa, mas sim edificada no Novo Mundo, uma vez que a Itália não havia vencido a fase final do seu processo de unificação no momento em que os

¹⁴⁸ Cav. Pietro Baroli. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 23 jan. 1910, n.º 1561, Ano VI.

¹⁴⁹ MOYA, José. C. **Primos y extrangeiros**: la inmigración española em Buenos Aires. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005, p. 277.

¹⁵⁰ Ver: THOMPSON, E. As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. Campinas: Unicamp, 2001.

fluxos migratórios de seus cidadãos iniciaram uma rota de ascensão – vale registrar que essa questão mereceu abordagens especiais de Ângelo Trento e Fabio Bertonha¹⁵¹.

Todavia, só se torna possível pensar os rituais como estratégias, tanto como definidores de identidade, como consolidadores das “redes sociais” necessárias para uma consolidação social no lugar de adoção, partindo do instante em que se acompanha a construção dos costumes que forjaram uma tradição.

As estratégias criadas por esses imigrantes através da representação que construíram e refizeram de si mesmos tentaram definir um consenso dentro do contexto determinado pela recepção organizada ao cônsul, isto é, a imagem de uma colônia italiana harmônica e patriótica, inserida e envolvida com a sociedade local.

Essa estratégia revestiu o evento de forte simbolismo e destacadamente dá significado ao sonho da migração bem-aventurada que, no entanto, não deixava de carregar em si um sentimento que extrapolava as fronteiras do país de origem e superava posicionamentos político-ideológicos, ou seja, o sentido pátrio de pertencimento à pátria-mãe.

Assim, os italianos, representantes de um grupo que naquele momento apresentava-se coeso na apropriação identitária, escondiam, por meios convenientemente desenvolvidos, os conflitos pela apropriação do capital simbólico da italianidade e do destino promissor.

O sucesso na construção de uma identidade italiana entre os imigrantes que se organizaram coletivamente proporcionou a definição de um espaço de pertencimento aos imigrantes. As sociedades étnicas tornaram-se fonte de legitimidade, constituindo-se em uma das formas mais eficientes de representação,

¹⁵¹ BERTONHA, João F. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 269-270.

principalmente para os imigrantes que desejavam construir um prestígio social diante da sociedade local: as preocupações em demonstrar a capacidade de organização, de formalismo e de associativismo conferiam aos sócios uma prática cotidiana de alianças que resolviam problemas no dia-a-dia.

A disputa pelo controle das diretorias das sociedades pressupunha a definição da identidade “colônia italiana” e, por conseguinte, a definição dos valores e características nela incutidos. Desde o final do século XIX, Ribeirão Preto convertia-se em centro regional de redes comerciais e industriais, tendo a maioria dos cargos ocupados por estrangeiros, principalmente por italianos¹⁵². Desse modo, a urgência da consolidação da imagem dos italianos na cidade era uma exigência concreta, tanto para os trabalhadores qualificados que se predispunham a organizar sua própria empresa, quanto para aqueles que se empregavam em busca de melhores relações de trabalho.

4.1. IDENTIDADE NACIONAL E DIFERENÇAS SOCIAIS NO INTERIOR DAS SOCIEDADES

As sociedades italianas formadas na América foram essenciais enquanto espaço de interação entre pessoas de várias regiões e de segmentos diferenciados, que disputaram, dentro de um universo heterogêneo, a capacidade de representar o “italiano” essencialmente patriótico – o ideal burguês –, ou o operário – o ideal socialista. Segundo Eric Hobsbawm, a articulação da idéia de nacionalidade e de

¹⁵² ALVIM, Zuleika. Italianos em São Paulo. Dimensiones de la italianidade en el estado de São Paulo em 1920. In: **Estúdios Migratórios Latinoamericanos**. Buenos Aires, nº.29, abril de 1995, pp. 113-118.

diferenças de classe acontece num processo constante de redefinições de concepções e de graus de importância de uma ou de outra, dependendo dos objetivos a serem alcançados¹⁵³.

Nesse sentido, se existiu algo comum nas ações desses dois grupos – burguês ou socialista – foi a defesa da identidade italiana num sentido mais amplo, mesmo que por vezes contraditória nas suas premissas, mas nem sempre nas formas de seus rituais ou símbolos. Exemplo disso foram as homenagens por ocasião da morte do rei Umberto I, em julho de 1900, que, no caso das sociedades italianas de Ribeirão Preto, representaram um momento de coesão entre as sociedades mutuais, mesmo com partícipes anti-monarquistas que ganhavam força na região. O evento organizado por duas sociedades das três existentes na época, contou com liturgia, préstitos funerais e a presença de diversas sociedades de outras nacionalidades com seus estandartes¹⁵⁴.

Ratifica-se neste ponto a análise feita por Biondi, que percebeu no momento da morte do rei uma reorganização por parte do movimento socialista italiano, que encontrou um espaço de manobra dentro do sentimento nacionalista e de uma “abertura” diplomática inserida no clima de um ritual fúnebre¹⁵⁵. As ações desses grupos anti-monarquistas consubstanciaram-se na negociação com a política diplomática do governo italiano, com o intuito de fortalecer a *Lega Democrática Italiana*, sediada na cidade de São Paulo, regulamentada como uma sociedade popular sem definição política definida em seu estatuto, mas que aglutinava, justamente, italianos que não viam sua nacionalidade ligada à imagem de um

¹⁵³ HOBBSAWM, Eric J. Qual é o país dos trabalhadores?. In: **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 79.

¹⁵⁴ A homenagem aconteceu no dia 15 de agosto de 1900. Cf. LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral das Sociedades *Unione Italiana* e *Unione e Fratellanza*.

¹⁵⁵ BIONDI, L. Identidade de classe e identidade nacional entre solidariedade. In: **Estudos Ibero-americanos**, julho 2000, pp. 138-140.

monarca. E foi possível correlacionar algumas das ações da *Lega Democrática*, em São Paulo, com a “união” das duas sociedades italianas em Ribeirão Preto na homenagem à morte do rei, mesmo já havendo a presença marcante na cidade de republicanos, socialistas e anarquistas nas associações. Entretanto, a não participação da nascente *Unione Meridionale* no evento expõe ainda a questão do tornar-se italiano no país adotivo, num processo essencialmente cultural de coesão na formação da “identidade italiana”.

As relações objetivas e os conflitos inerentes à disputa pela representação do italiano burguês ou operário demonstram a pertinência das colocações de Pierre Bourdieu sobre a compreensão do jogo social:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo da linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado as actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não como geralmente se julga, reduzir ou destruir¹⁵⁶.

Nesse *jogo de linguagem*, os “elementos materiais”, além de concretos, simbolizavam espaços, como as construções das sedes das sociedades mutuais. A existência de algo definido – localizado e referenciado – e respeitável pela sociedade local e pela comunidade italiana estava presente nas discussões que ocorrem nas reuniões e assembléias de suas sociedades, expressão e representação clara da legitimidade de poder e da importância dos imigrantes na sociedade local. A inauguração da sede da sociedade *Unione Italiana* aconteceu em “vinte de setembro” de 1897, e contou com a presença de banda de música, autoridades locais, do Real Vice-Cônsul e de representantes de outras colônias de imigrantes.

¹⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p. 69.

A estratégia de envolver em um determinado evento não apenas os sócios, mas também as autoridades, bem como a presença constante dos representantes de diversas colônias de imigrantes, como se a reunião de todos demonstrasse o quanto a presença dos mesmos era essencial ao desenvolvimento da cidade, era constantemente empregada pelas sociedades italianas de Ribeirão Preto. O “vinte de setembro” também era estrategicamente escolhido para que sua repetição ritualística, na condição de efeméride, pudesse demarcar um dos principais ícones da tradição inventada no novo espaço¹⁵⁷. Note-se que, passada mais de uma década da inauguração da sede da *Unione Italiana*, a *Dante Alighieri* lançou mão dos mesmos artifícios (e expedientes) na inauguração de sua sede:

SOCIETÀ DANTE ALIGHIERI

Teve a mais alta significação, como prova das mutuas symphias italo-brasileiras, a festa inaugurativa da nova séde da *Società Dante Alighieri* effectuada domingo ultimo nesta cidade.

Era realmente necessario que assim fosse, pois aquelle prospero gremio da colonia italiana em Ribeirão Preto, pelos seus fitos intellectuaes e pelo seu belo prestigio moral, condignamente reúne todas as qualidades para ser querida pelos brasileiros.

A inauguração realisou-se ás 8 horas da noite em ponto, com a chegada do dr. Luiz Pereira Barreto, estando o salão do predio da rua Duque de Caxias repleto de grados representantes da nossa distincta sociedade.

Quando, ao meio daquela concurrencia, brilhente, se enunciou a entrada do nosso eminente compatricio Pereira Barreto: foram de verdadeiro ebnthusiasmo as palmas que espontaneamente vibraram em todo o salão nobre. Iniciou-se a festa com esta singela, mas expressiva homenagem prestada ao grande sabio, que é hoje a mais completa organização scientifica do Brasil.

Presidiu á sessão o sr. Jeronymo Ipolito, sentando-se ao lado do presidente, os srs. drs. Luiz Pereira Barreto, cel Rodrigo Monteiro e Giovanni Miletto.

O discurso official pronnunciado pelo do. Nilo Deodati alcançou prolongados applausos e muita admiração, quer pelos conceitos, quer pelo brilho da forma. O termo da sua notavel oração foi o mais honroso para nós brasileiros - pois o orador terminou entregando ao

¹⁵⁷ O dia 20 de Setembro de 1870 marcou a conclusão do *Risorgimento*, movimento que se estendeu entre 1815 e 1870, cujo resultado foi a unificação italiana, concluído a partir da declaração da existência do Reino de Itália, com a anexação, por exemplo, de Roma, outrora capital dos Estados Pontifícios.

dr. Luiz Pereira Barreto em nome do “Circolo Reducci Garibaldino”, de São Paulo, um primoroso quadro com o retrato do illustre cientista.

Este, assim significativamente homenageado, respondeu exaltando com justiça as numerosas aptidões de operosidade da raça italiana, a mais importante cooperadora do progresso de São Paulo, e consequentemente do Brasil.

Em seguida ao discurso, do dr. Pereira Barreto, que obteve longos aplausos por interpretar o pensamento de todos os brasileiros ali presentes, falou o sr. Giovanni Miletto, representante consular da Italia, succedendo-se com a palavra o sr. Antonio Garcia de Souza, na qualidade de representante daquela sociedade, traduziram eloquentemente a estima, a consideração, a progressiva sympathia que nos merecem todos os italianos.

Produziram animados discursos tambem os srs. Pio Coelho, Victorio Buccelli e, pela segunda vez, o orador Nilo Deodati.

A concorrida festa inaugural terminou às 11 horas da noite, com uma abundante mesa de doces aos convidados.

A “Cidade”, que acompanha sympathicamente os progressos da colonia italiana, aqui deixa os seus leaes elogios á “Dante Alighieri”, pela forma com que honra a nome e enobrece a lingua de seu paiz¹⁵⁸.

A inauguração da sede do comitê da *Dante Alighieri* em Ribeirão Preto não poderia ser mais eloqüente quanto às alianças e à imagem de uma sociedade incumbida da representação oficial da “colônia italiana”. Nesse contexto, a presença do positivista Luis Pereira Barreto, tanto na condição de autoridade brasileira quanto de defensor da presença italiana no Brasil, assim como a presença do Real Vice-Cônsul, Giovanni Mileto, sinalizava a vitória das relações diplomáticas entre os dois governos.

Essa articulação das estratégias de legitimação social e pertinência territorial tornou possível esconder os problemas vivenciados pela política de imigração em massa, política apoiada de modo veemente pelo parlamentar Pereira Barreto. A imagem consolidada do italiano honesto, católico – a presença de um clérigo é sintomática – e preocupado com a “permanência” das características italianas na

¹⁵⁸ Societá Dante Alighieri. **A Cidade**. Ribeirão Preto, 27 ago. 1910, ano VI, n.º 1713.

comunidade imigrada mostrou-se plenamente realizada. A execução dos hinos do Reino Italiano e do Brasil reafirmaram a fidelidade ao rei e o respeito à terra adotiva.

Outra simbologia de interesse foi o presente recebido pelo Dr. Luis Pereira Barreto, brindado com seu próprio retrato, que havia sido enviado pelo *Circolo Reducci Garibaldino* de São Paulo para ser entregue em Ribeirão, pois naquela época o famoso médico residia na cidade. Não foi a primeira vez que o cientista, político e defensor da política imigrantista havia sido homenageado pelas sociedades italianas de Ribeirão Preto. Já no ano de 1908, ele havia recebido o título de sócio honorário das duas sociedades existentes na época. É de significativo interesse notar que, no mesmo ano (1908), a sociedade *Unione Italiana* e a *Pàtria e Lavoro* prestaram homenagens a Barreto – em junho e dezembro, respectivamente. As duas cortesias perpetradas pela comunidade imigrante abrigaram-se sob o mesmo argumento do desempenho do iminente brasileiro em defesa de Ângelo Lungaretti, que havia sido processado por assassinato¹⁵⁹.

Tais homenagens ultrapassam, portanto, as questões político-ideológicas das duas sociedades (as mesmas se responsabilizam por receber um outro retrato de Barreto, egresso de uma sociedade italiana de Rio Claro), pois se encerram como estratégias de firmação da “honra” do italiano.

Houve ainda outra estratégia de grande envergadura inerente à construção, reforma e ornamentação das sociedades, pois, além de identificar um espaço próprio dos italianos no cenário urbano, a edificação das mesmas representou concretamente a “história no seu estado objetivado”¹⁶⁰ e auferia o modo de pensar e

¹⁵⁹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 78, 04 jun. 1908 e LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* - Ata n.º 66, 12 dez. 1908.

¹⁶⁰ Para Bourdieu: “[...] Toda ação histórica põe em presença dois estados da história: a história no seu estado objetivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, etc., e a história no seu estado incorporado que se tornou *habitus*”. In: **Poder Simbólico**, p. 82.

agir dessa comunidade, mesmo quando se tratava de sociedade de alguma forma mais envolvidas em questões operárias, como a *Unione Italiana*, que já nos primeiros anos do século XX, ao mesmo tempo em que seus sócios se envolveram em questões de classe, a manutenção da identidade étnica foi mantida através de várias ações simbólicas, entre elas a não-aliança em ações que representassem posições antagônicas com as manifestações operárias ocorridas no período.

Em 1911, após organizar uma homenagem a diversos italianos “bem-sucedidos” residentes em Ribeirão Preto, a *Dante Alighieri* convidou a *Unione Italiana* para se unir às homenagens aos senhores Giovanni Beschizza e Girolano Ippolito. Todavia, a negativa em comungar desse evento foi veemente, cuja justificativa mais taxativa implicava no argumento da falta de condições econômicas para auxiliar na confecção de medalhas para a homenagem. Porém, na mesma ata em que o convite foi negado, debatia-se a reforma da sede¹⁶¹. A questão, então, torna-se clara: a negativa em participar das homenagens foi decorrente do posicionamento oficial de ambos contra as manifestações organizadas pelas *Unione Italiana* e Liga Operária em favor das oito horas de trabalho.

Em relação à reforma da sede, a *Unione Italiana* se portou com bastante cerimônia, justificando o empreendimento com o argumento de que seus sócios mereciam uma fachada da sede mais digna, com direito a quatro colunas dóricas que formariam uma arcada de 5 metros de altura na entrada¹⁶². A importância desse “monumento” pode ser contrastada com a definição de que todos os sócios deveriam pagar uma taxa para a execução da obra¹⁶³, além da mensalidade, numa clara discrepância com a freqüente falta de recursos para os tratamentos médicos

¹⁶¹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 44, 07 dez. 1911.

¹⁶² LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 52 07 mar. 1912.

¹⁶³ A taxa seria de 5.000 réis, definida em Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 52, 07 mar. 1912.

que, oficialmente, eram os objetivos centrais do estatuto. Nesse sentido, Le Goff afirma que:

O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos¹⁶⁴.

Assim, além de apresentarem significados ritualísticos e, por vezes, ditar normas, os símbolos ofereciam uma espécie de espelho onde o sócio imigrante se via representado. Desse modo, a preocupação com a legitimação simbólica da presença italiana em Ribeirão Preto também se consolidou através da riqueza de detalhes engendrados na organização das sociedades imigrantes. Desse modo, a leitura de Franco Cenni é muito simplista ao afirmar que:

[...] as origens de quase todas as Sociedades italianas que se formaram no Brasil são bastante parecidas: [...] são estabelecidas as linhas gerais, [...] e trata-se de juntar dinheiro para realizar aquilo que sempre foi a principal aspiração destes grêmios: a sede própria¹⁶⁵.

Todavia, a construção das sedes, as ornamentações, bandeiras, flâmulas e diplomas eram instrumentos estratégicos na composição do campo social. O objetivo foi o de sair do anonimato e ter capital simbólico para compor uma “espécie de orquestração sem maestro”¹⁶⁶, onde cada um possuía seu lugar e sabia o que fazer – mesmo que fosse questionar tal significado.

O formalismo apresentado em todas as Sociedades analisadas é capaz de chamar a atenção até mesmo de um leitor mais desatento: no caso da *Unione Meridionale*, por exemplo, em sua primeira reunião, em maio de 1900, foi decido, ante a inexistência de uma sede, por realizar as reuniões suas nas residências dos sócios, cujas casas ostentariam uma flâmula na fachada por ocasião dos

¹⁶⁴ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 526.

¹⁶⁵ CENNI, Franco. **Os italianos no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1975, p. 247.

¹⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p. 87.

encontros¹⁶⁷. Mesmo antes de definir seu estatuto, seu Conselho já havia preparado os diplomas a serem entregues às autoridades locais, como estratégia formal para anunciar o nascimento de uma nova Sociedade que, mesmo não tendo um caráter de identidade nacional italiana, mas apenas um caráter de cunho regional, possuía em seu quadro de sócios os membros mais importantes da colônia italiana que já mantinham relações econômicas e sociais com a sociedade local e demonstravam o desejo de “renovar” a instituição que representaria a colônia de italianos, deixando implícito que os meridionais possuíam as melhores características para tal feito.

Enquanto isso, outra sociedade também disputava essa representatividade: a *Unione e Fratellanza*, que também inaugurou sua sede no “20 de setembro”, em 1898. Nesse evento, o fazendeiro Francisco Schmidt e o Real Vice-Cônsul Matteo Philidory foram nomeados sócios-honorários, enquanto o renomado advogado Sebastião Lobo foi convidado a apadrinhar a bandeira social¹⁶⁸. A importância de tais eventos como estratégia essencial de reconhecimento pode ser medida pelo conflito criado por sócios que se sentiram prejudicados por não terem participado do ato de entrega do “Convite” ao Vice-Cônsul.

Tomar parte das comissões de entrega de diplomas trazia prestígio imediato no cotidiano de um imigrante com atividades urbanas, e repercutia na sua prática social diária. Ademais, na maioria das vezes, o retorno das homenagens vinha rapidamente: no início de 1899, o fazendeiro Francisco Schmidt realizou uma doação em dinheiro para a Sociedade *Unione e Fratellanza*, logo após ter recebido a visita oficial do Conselho Diretor em sua fazenda para lhe desejar uma “boa viagem

¹⁶⁷ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Meridionale* - Ata n.º 01, 10 maio 1900.

¹⁶⁸ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* – Ata s/n., 20 set. 1898.

a passeio pela Europa”¹⁶⁹. Homenagens feitas também à família Junqueira, representada pelo Cel. Francisco Maximiano de Andrade Junqueira, e “inimiga” política do fazendeiro Schmidt, demonstram que as honrarias eram administradas com propósitos que, naquele momento, iam além dos partidários.

A homenagem à elite alcançava os objetivos mais específicos de reconhecimento e aliança, no sentido de composição dos agentes “empreendedores” da economia e sociedade locais. Todas as sociedades analisadas homenagearam componentes da sociedade local com títulos de sócios honorários – a que menos entregou tais títulos foi a sociedade *Unione Italiana*, cuja prática mais comum era homenagear membros da comunidade italiana que haviam tido alguma participação na associação. Enquanto isso, na sociedade *Pàtria e Lavoro* essa prática culminou, em 1907, na organização de uma lista de nomes que deveriam receber o diploma.

O ano é muito sugestivo, pois em 1907 ocorreram muitas turbulências com os membros da colônia italiana que se manifestaram em favor de melhores condições de trabalho. No jornal *A Cidade* do mês de maio, por exemplo, foram veiculadas várias notícias sobre o movimento de greve organizado pela Liga Operária, com o apoio da *Unione Italiana*¹⁷⁰. No entanto, concomitantemente, o Conselho Diretor da *Pàtria e Lavoro*¹⁷¹, numa demonstração clara de não compactuar com tais manifestações, prepara uma homenagem a componentes da elite local em conjunto:

¹⁶⁹ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione e Fratellanza* – Ata s/n 22 mar. 1898.

¹⁷⁰ A Greve **A Cidade**, Ribeirão Preto, 15 e 17 maio 1907.

¹⁷¹ O Conselho Diretor era formado por: Giovanni Priante, Vincenzo Lo Giudice, Carmelo Formica, Aristide Muscari, Luigi La Rocca, Giuseppe Miceli, Micheli Mancini, Domenico e Germano Barilari e Francesco Chiurco.

Tabela 16 - Lista de homenageados e suas ocupações profissionais

Nome	Ocupação
Emilio Acero	Vice-cônsul da Itália
Cel. Francisco Schmidt	Fazendeiro e líder político
Cel. Elizeu Campos Pinto	Fazendeiro e vereador
Cel. Joaquim da Cunha Diniz Junqueira	Fazendeiro, Presidente do PRP e líder político
Cel. Manoel Maximiano Junqueira	Fazendeiro, vereador e Presidente da Câmara
Capitão Mario de Castro Pinto	Fazendeiro e vereador
Capitão Adolfo de Paiva Guimarães	Fazendeiro e vereador
Capitão José Antonio Sarmento	Militar
Major Antonio Pereira da Silva	Militar
Antonio Gomes de Freitas	Sem informação
Antonio Diederichsen	Fazendeiro, Comerciante e Empreendedor
Comendador Manoel Mendes	Sem informação
Dr. Afonso Geribello	Fazendeiro e Engenheiro-construtor
Dr. Eliseu Guilherme Christiano	Juiz de Direito
Dr. Menna da Costa Filho	Delegado de Polícia
Dr. Clodomiro de Mendonça Uchoa	Sem informação
Joaquim Macedo Bittencourt	Fazendeiro, vereador, professor e Prefeito Municipal
Enéas Ferreira da Silva	Ex-proprietário do jornal A Cidade
João Alves Meira Junior	Advogado, vereador e Prefeito Municipal
Mario Pires	Sem informação
João Leopoldo Rocha Fragoso	Médico
Major Saturnino de Carvalho	Fazendeiro e vereador
Albano José de Carvalho	Comerciante
Francisco Brait	Comerciante

Fonte: Tabela organizada a partir da Ata n.º 52 de Assembléia Geral da *Pátria e Lavoro* de 19/05/1907

A presença marcante do corpo de vereadores e lideranças políticas entre os homenageados, mesclada com a presença de alguns comerciantes, militares e bacharéis, foi marcada também pela presença mínima de italianos nessa lista – apenas dois –, visto que o objetivo principal era homenagear a sociedade local num ato afirmativo de composição e aliança com a elite.

Porém, nenhum outro evento se igualou em grandiosidade ao evento organizado pela sociedade *Unione e Fratellanza* para o batismo do *carro-lettiga*¹⁷² em 13 de abril 1902, no grandioso Teatro Carlos Gomes¹⁷³, que será discutida mais adiante. Pois, para que seja possível açambarcar melhor o significado desse evento, torna-se necessário retroceder cerca de dois anos, quando esta Sociedade vivenciou um período crítico, após ter sido realizada uma festa para arrecadação de fundos em 1899.

Aparentemente, devido ao orçamentário indevido, diversos sócios saíram da sociedade, principalmente depois que o jornalista anarquista Alfredo Farina pediu maior apuração sobre o fato, em seu jornal "*Lo scudiscio*"¹⁷⁴. Visto que a questão da honra de um dos sócios estava sob questionamento, muitos imigrantes deixaram a Sociedade para que sua imagem não fosse associada a tal escândalo. Desse modo, a simultânea organização da sociedade *Unione Meridionale*, no final do ano de 1899, parece nos mostrar que não foi uma simples coincidência.

A sociedade *Unione e Fratellanza*, por sua vez, passou por uma reestruturação entre 1900 e 1901, momento em que seus membros divergiam sobre questões de posturas políticas, debatidas de forma não aberta, mas resolvidas a partir das ações concretas. Claro exemplo está na expulsão dos sócios Augusto Penazzi e Pietro Fabri, uma vez que se posicionaram contra o Real Vice-Cônsul na organização da homenagem póstuma ao rei Umberto I. Ambos se declararam republicanos e alegaram que o Vice-Consulado só se apoiava na Sociedade quando

¹⁷² Uma espécie de maca para acomodar doentes, puxada por tração animal.

¹⁷³ O Teatro Carlos Gomes foi projetado pela Cia. Ramos de Azevedo de São Paulo como símbolo da elite cafeeira na construção de uma cidade moderna. Ele foi inaugurado em 1897 e era considerado o segundo maior teatro do Brasil, na época. Cf. BORGES, Maria E. **A Pintura na "Capital do café"**, pp. 27-28.

¹⁷⁴ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza* - Ata s/n, 08 ago. 1899.

havia interesse¹⁷⁵. As referidas expulsões aconteceram meses depois da reforma estatutária, ocasião em que foi declarado em ata que a Sociedade não era política nem religiosa, aceitando como sócios indivíduos de quaisquer partidos¹⁷⁶.

Através deste episódio, é possível analisar as ligações das Sociedades de pequeno porte com os órgãos oficiais do governo italiano no Brasil. É perceptível que, no momento de ameaça à aliança, as mutuais se posicionavam em bloco, ou, ainda, que as pessoas não alinhadas àqueles interesses perdessem posições, sendo levadas a deixarem as associações. Portanto, torna-se evidente que naquele momento, a *Unione e Fratellanza* quis manter seu funcionamento e conquistar espaço de legitimidade e representação oficial.

Foi dentro desse contexto que a *Unione e Fratellanza*, ainda frágil, organizou seu maior desafio: estruturar uma “Companhia de Assistência Pública de Saúde”. Naquele momento, a Santa Casa funcionava, então, de forma bastante precária, sob a organização e direção da Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto, que, embora formada pela elite local¹⁷⁷, trabalhava com a falta constante de leitos e de espaço para os tratamentos.

Nesse sentido, a organização dessa “assistência pública” pelos italianos traria, incondicionalmente, muito prestígio diretamente à colônia como um todo e, indiretamente, aos componentes organizadores, através de um maior reconhecimento de suas atividades econômicas pessoais.

A preocupação com a formalidade e a definição do regimento da assistência ocupou mais espaço de debate do que propriamente as simples questões sobre

¹⁷⁵ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza* Atas s/n 26 nov. 1901 e 30 jan. 1902.

¹⁷⁶ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza*. Ata s/n 09 jun. 1901.

¹⁷⁷ A Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto foi fundada em 1896. Cf. Repartição de Estatística do Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico de São Paulo**. 1910, v.2.

quais médicos e quais tipos de tratamento seriam associados à Companhia. Aparentemente, a idéia inicial consistia em realizar o tratamento por meio de visitas de médicos às residências e utilizar a Santa Casa apenas quando fosse preciso, até que a Companhia construísse seu próprio prédio.

A prioridade de tratamento aos italianos aparece nas discussões a respeito das regras, consubstanciadas, por exemplo, na definição de que a Companhia atenderia a todos, desde que a Santa Casa não se negasse a receber nenhum doente, pois, caso contrário, a Companhia se daria ao direito de atender prioritariamente italianos:

Caso o município local negue auxílio ou qualquer material para o serviço da Assistenza Publica; se negar o acesso da Assistência na Santa Casa. A Sociedade se reserva o direito de praticar assistência exclusivamente aos italianos¹⁷⁸.

Neste caso, é necessário notar que apesar de a Companhia utilizar o termo internacional em seu nome – *Compagnia di Publica Assistenza Internazionale* –, foi organizada e administrada somente por italianos sócios da *Unione e Fratellanza*, daí o fato de o empreendimento possuir maior significado em uma análise de prestígio do que propriamente do ponto de vista mutualístico e de assistência médica. Isso porque a duração da Companhia de Assistência foi extremamente curta, devido principalmente à epidemia de febre amarela que atingiu a cidade em 1903¹⁷⁹, bem como a conseqüente fusão da *Unione e Fratellanza* com a *Unione Meridionale* no mesmo ano, originando a *Società Patria e Lavoro*.

¹⁷⁸ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione e Fratellanza* – ata n.º 3 – 05 fev. 1902.

¹⁷⁹ TELAROLLI Jr., Rodolpho. Imigração e epidemias no estado de São Paulo. **História, Ciências, Saúde** — Manguinhos, III (2): 265-283 jul-out 1996. Segundo o autor, a doença assolou a maior parte da zona cafeeira paulista e gerou uma sucessão de epidemias, onde os mais atingidos foram os imigrantes, devido à ausência de contato anterior com o agente causador.

Contudo, antes da cidade ser atingida pela epidemia, torna-se mais clara a importância do evento organizado pela *Compagnia di Publica Assistenza Internazionale* e a *Unione e Fratellanza* para apresentar sua maior aquisição à cidade: “la carrozza-lettiga”, uma espécie de ambulância da época. Infelizmente, sem acesso às fontes da imprensa daquele ano, o único documento que fez menção ao fato é a descrição feita em ata do “solene” ato.

O Teatro Carlos Gomes, reservado especialmente para tal evento, contou com a presença de diversas autoridades, dentre as quais podem ser citadas não apenas o Juiz de Direito, Dr. Eliseo Guilherme Christiano, que declarou aberta oficialmente a solenidade para o “batismo” da *lettiga*, mas também o Cel. Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, convidado para ser padrinho do objeto, e Maria Domenica Bonaccorsi Livi, esposa de um dos sócios e madrinha da solenidade. O discurso do orador oficial, o médico Dr. Leal da Cunha, salientou a missão humanitária e caridosa da Sociedade italiana.

O ápice do evento foi a entrada do carro no palco do teatro, seguida da quebra de uma garrafa de *champagne* pelos componentes do cerimonial. Padrinho, presidente da solenidade e orador falaram, então, em uníssono: “*pel bene dell’umanità, u ti battezzo col nome Charitas*”, e na seqüência várias pessoas da platéia pediram a palavra e parabenizaram a *Unione e Fratellanza* e a nascente Pública Assistência; todavia, os agradecimentos foram especialmente calorosos aos italianos. No momento do batismo, vários fogos de artifícios espocaram na parte exterior do teatro, de onde o “carro-lettiga” saiu a passeio pelas principais ruas da cidade.

Como ocorre com os espetáculos, que encerram as mais variadas constelações de signos, alegorias, metáforas e, tantas vezes, estratégias, esse

espetáculo trouxe consigo a demonstração de solidez, estabilidade e capacidade de aglutinação da colônia italiana, além de transmitir a impressão de coesão e unidade de seus imigrantes à sociedade em geral e, mais especificamente, à sociedade de adoção.

Obviamente, o evento não deve ser analisado de maneira isolada, mas inserido no conjunto das relações sociais que o envolveram, quando o mesmo revestiu-se de significados nem sempre explicitados, como o caso da aliança estabelecida entre italianos e um dos maiores empregadores de imigrantes, fato ocorrido por meio do apadrinhamento do Cel. Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, um dos chefes políticos regionais, e, naturalmente, um dos fazendeiros mais importantes da região – por isso um dos “donos do poder” local, conforme expressão de Faoro¹⁸⁰. O trecho abaixo é pertinente para auferir a relevância da estratégia subjacente ao evento em questão:

O coronelismo, o compadrazzo latino-americano, a “clientela” na Itália e na Sicília partiram da estrutura patrimonial. Peças de uma ampla máquina, a visão do partido e do sistema estatal se perde no aproveitamento privado da coisa pública, privatização originada em poderes delegados e confundida pela incapacidade de aproveitar o abstrato governo instrumental (Hobbes) das leis. O patrimonialismo pulveriza-se, num localismo isolado, que o retraimento do estamento secular acentua, de modo a converter o agente público num cliente, dentro de uma extensa rede clientelista. O coronel utiliza seus poderes públicos para fins particulares, mistura, não raro, a organização estatal e seu erário com os bem próprios¹⁸¹.

Além de gerar um contato mais íntimo com os detentores do poder, as atitudes contidas tanto no evento, quanto no apadrinhamento que o acompanhou, constituíram iniciativas adequadas às relações de compadrio, mediadoras, em doses

¹⁸⁰ A respeito do “poder local”, há vozes dos mais variados timbres teóricos que se debruçaram de modos aprofundados, como LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**; FAORO, Raimundo. **Os Donos do Poder**; QUEIROZ, Maria Isaura de. **O mandonismo local na vida política brasileira**. SAES, Décio. **Estado e Democracia**: ensaios teóricos.

¹⁸¹ FAORO, Raimundo. **Os donos do poder**. São Paulo: Publifolha, 2000, Vol. II., pp. 259-260.

substanciosas, das convivências sociais na época, as quais podemos considerar como verdadeiras expressões da materialização do campo, segundo as noções bordieusianas discutidas neste trabalho.

Ademais, o evento proporcionou, igualmente, uma sugestiva análise a partir da noção thompsoniana de *contingência*¹⁸²; ou seja, mesmo que esses imigrantes italianos já tivessem convivido com a experiência política clientelista, típica de algumas regiões da Itália, como afirmado anteriormente¹⁸³, no Brasil essa experiência adquiriu uma nova composição. As raízes da clientela remontam ao Império Romano; todavia, na consolidação do Estado Nacional, no século XIX, a clientela ganhou força e legitimidade através do discurso de construção da própria constituição da nação, conforme afirma Norberto Bobbio¹⁸⁴; já no Brasil, dadas as próprias vicissitudes históricas vividas, ela assumiu particularidades resultantes dos enfrentamentos estratégicos no contexto do associativismo.

No caso desse grupo de imigrantes instalado no interior paulista, suas ações encontraram receptividade entre a elite, uma vez que tais ações lograram por reforçar esse costume da interdependência pessoal, não ligado diretamente à violência e nem à barganha.

Nesse momento, o aporte epistemológico thompsoniano ajuda a interpretação das práticas sociais imigrantes no interior paulista e de suas decorrências culturais, afinal, como apresentado anteriormente, Thompson retirou a cultura de um *status* subjugado à idéia de infra-estrutura, o que permitiu o alargamento das possibilidades interpretativas do fenômeno das migrações transatlânticas, que ganhou um corpo

¹⁸² THOMPSON, E. P. **Miséria da Teoria**. op.cit., p. 60.

¹⁸³ FAORO, Raymundo. República Velha: os fundamentos políticos. In: op. cit., pp. 195-283.

¹⁸⁴ BOBBIO, Norberto et al., Clientelismo. In: **Dicionário de Política**. Brasília: Editora da UnB, 1983, pp. 177-179.

robusto ao longo do século XIX, sobretudo em sua segunda metade. Lembrando Marx, quando em sua análise sobre a França de 1848, afirma que:

[...] os homens fazem a sua história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado [...]. Os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada [...]¹⁸⁵.

A re-significação do porvir cultural, por sua vez, assumiu ares fundamentais em um contexto histórico que envolveu uma plêiade de necessidades de edificações. A cidade de Ribeirão Preto, nascida havia pouco tempo, encontrava-se em plena efervescência econômica e demográfica. A inauguração de um novo sistema de relações trabalhistas, por seu turno, lançou desafios aos meios conservadores de mandonismo, ancorados nas relações de compadrio e clientelismo, senão de posse, como no caso da escravidão. E, por fim, a necessidade de consistência social por parte de um agrupamento étnico que buscou se estabelecer na sociedade de adoção e, ao mesmo tempo, delinear uma ascendência nacional ultramarina, na virada do século XX, no sentido do estabelecimento social e do engendramento da nacionalidade, é um claro exemplo do cruzamento do campo e do *habitus* na definição das *estratégias*.

Aparentemente, a presença de um número significativo de membros ligados a atividades comerciais (pequenas e médias oficinas ou diversas profissões qualificadas) que compunham as diretorias destas sociedades encontrava nas relações diplomáticas estabelecidas com a elite local e na reconstrução e manutenção de um sentimento patriótico, objetivos mais desejados do que propriamente o benefício do mútuo socorro, compondo estratégias que demonstram

¹⁸⁵ MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. In: Marx Engels Obras escolhidas vol. 1, Edições Avante! E Edições Progresso, Lisboa, 1982, 621 páginas, pp. 417-512, p. 417.

o quanto eles eram componentes importantes na construção da pátria adotiva, sem, com isso, deixar de alimentar a “preservação” de uma continuidade com o passado deixado na pátria distante.

Nesse sentido, os símbolos alimentam a existência de uma história, essa espécie de “tradição” formalmente institucionalizada, como defendem Eric Hobsbawm e Terence Ranger¹⁸⁶. A preocupação com a definição dos emblemas, estandartes e flâmulas foi o *leitmotiv* para a constante necessidade de se comunicar e indicar o motivo e posição da *Unione e Fratellanza*. Podemos apresentar como um exemplo claro o debate em torno das cores que comporiam os emblemas da sociedade *Unione e Fratellanza*: a bandeira seria composta pelas três cores da “Itália”, com uma estrela metálica sobreposta; além da definição de que o presidente usaria uma faixa de sete centímetros no braço esquerdo, com as três cores e a estrela; o vice-presidente, uma faixa com as três cores, sem a estrela; o tesoureiro, uma faixa com as três cores e duas chaves metálicas sobrepostas, enquanto o restante do conselho usaria uma faixa menor de cinco centímetros com as três cores e uma franja dourada¹⁸⁷.

No debate sobre a definição desses emblemas, a questão sobre o posicionamento político surgiu de forma polêmica. O argumento do conselheiro Cesare Crinci de que o uso das três cores da bandeira da Itália poderia significar um posicionamento oficial de apoio à Monarquia teve por base o próprio estatuto da Sociedade, que se dizia não-política. Entretanto, a defesa da permanência das três cores feita pelo secretário Aniceto Scaravelli é baseada na questão de que as mesmas significavam a nação e a identidade italianas, e não um posicionamento

¹⁸⁶ HOBBSBAWM, E. e RANGER, T. (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

¹⁸⁷ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza* - Ata n.º 7, 09 jun. 1901.

político de apoio à Monarquia ou à República¹⁸⁸. Este debate aconteceu em 1901, e os membros declarados oficialmente como republicanos, socialistas ou anarquistas saíram da Sociedade antes de sua fusão com a *Unione Meridionale*, em 1903. Porém, a despeito das cisões de cunho pessoal-ideológico, houve uma preocupação permanente das Sociedades em ornamentar suas sedes com imagens, como forma de trazer a pátria-mãe para dentro de seus espaços.

Na medida do possível, os salões das sedes eram decorados com retratos, quadros e mapas da Itália, fato que engrossava o caldo cultural da criação simbólica de um passado heróico vivido na Pátria de origem, apesar da peculiaridade de conceitos como “pátria”, “nação” e “nacionalismo”, por exemplo. Assim, Giuseppe Mazzini, Garibaldi, Vitor Emanuel e Umberto I, dentre outros personagens “ilustres da história da Itália”¹⁸⁹, compuseram o panteão de heróis que deram conformidade à construção da identidade nacional na terra adotiva.

Esse “passado” que em momentos de divergências serve de coesão, ainda que carregada de conflitos, foi capaz de inventar uma tradição simbólica que permitiu se adaptar a diversas interpretações e situações, ou seja, permitiu engendrar verdadeiras “comunidades imaginadas”, tal como definiu Benedict Anderson¹⁹⁰, ao edificar a idéia de uma comunidade onde os indivíduos jamais conheceriam todos os seus componentes, porém suas ações permaneceriam num subentendimento de que se conhecessem, uma vez que participavam da mesma comunidade, dotada de um passado em comum.

Para Fernando Devoto, apesar de as sociedades possuírem vias diversas, elas acabaram por conduzir uma forma de identidade semelhante, a nacional; e que

¹⁸⁸ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza* - Ata n.º 8, 07 jul. 1901. Mesmo que, no caso, Aniceto Scaravelli seja declaradamente republicano.

¹⁸⁹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione italiana* - Ata n.º 120, 15 jan. 1918.

¹⁹⁰ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Lisboa: Edições 70, 2005.

em centros menores, as diversidades políticas haviam sido bem menores¹⁹¹. Oficialmente, essas posições foram bastante amenas diante da polaridade de algumas sociedades em grandes centros como a cidade de São Paulo. Porém, a disputa pela representatividade existiu e o significado dado a cada evento se diferenciou claramente.

As comemorações do “20 de Setembro” são um dos melhores exemplos dos diversos significados de que podem se revestir uma data. Várias vezes utilizadas como estratégia de repetição, as mesmas reafirmavam os valores que deveriam ser intrínsecos à colônia italiana, contrastando com constante mudança, através da tentativa de tornar imutável ao menos alguns aspectos sociais.

VINTE DE SETEMBRO

Foram animadas as festas celebradas hontem por iniciativa da “Sociedade Dante Alighieri” em homenagem á data de Vinte de Setembro.

Ao alvorecer houve a salva de 21 tiros do costume, tendo a banda “Giacomo Puccini” percorrido todas as ruas da cidade em saudação ao grande dia da queda do poder temporal e da unificação do reino italiano.

Varias casas nacionaes e estrangeiras hastearam os pavilhões das duas nacionalidades, notando-se neste numero a camara municipal, o forum, os consulados e as redacções.

O que porem, mais expressivamente denotou o vivo patriotismo da colonia italiana, foi a bella passeata civica que realizou ás 4 horas da tarde. No extenso prestito figuravam os membros mais grados das sociedades locaes, representantes das agremiações União Syria e Beneficiencia de Ribeirão Preto, Dante Alighieri, Sociedade Hespanhola de Socorros Mutuos, Sociedade Ottomana, Sociedade União dos Viajantes, Umberto I, alumnos das escolas Regina Margherita, Zamarion, Bomvincini, etc. além de varios brasileiros e representantes da imprensa.

O imponente cortejo desfilou pelas ruas centraes, em ordem precedidos da banda “Giacomo Puccini” e tendo ao centro a illustre directoria da sociedade “Dante Alighieri”, com o respectivo estandarte e o formoso pavilhão da Italia.

A serie de cumprimentos foi iniciada pela saudação ao dr. Eliseu Guilherme, juiz de direito, pelo sr. Luiz de Maio, respondendo aquele

¹⁹¹ DEVOTO, F. Spazio sociale ed indetità nelle società italiane. in: BLENGINO, V.; FRANZINA, E.; e PEPE, A. **La Riscoperta delle Americhe**: Laboratori e sindacato nell’emigrazione italiana. In: America Latina 1870-1970. Milano: Nicola Teti editore, 1992. pp. 219-229.

magistrado; no Consulado da Italia falou o sr. João Nociti, agradecendo o sr. João Miletto, digno titular daquela agencia real; em frente á Associação Commercial pronunciou um discurso de saudações o sr. Alfredo Teixeira, respondendo o sr. Garcia de Souza, presidente daquela sociedade; na redacção do “L’Eco Italiano”, reputado orgam da colonia, discursou o sr. Garcia de Souza, respondendo o prof. Ciardi; na redacção do “Diario”, devido ao lucto do director, houve apenas cumprimentos, na residencia do sr. prefeito municipal, Luiz Baptista Junior, não houve saudações por estar ausente aquella autoridade; e, finalmente, em frente á redacção desta folha, que foi distinctamente saudada pelo sr. Pio Coelho, agradecendo o nosso companheiro Jovelino Camargo.

Da redacção da “Cidade” o prestito se dirigiu ao Theatro Carlos Gomes onde se effectuava a annunciada sessão letteraria.

Era animadissimo o aspecto do interior do theatro com a platéa e camarotes regorgitando de ouvintes.

A brilhante sessão foi presidida pelo dr. Elizeu Guilherme Christiano, tendo a seu lado os srs. drs. Mario Pires, Mamede da Silva, João Beschizza, João Miletto, Jeronymo Hyppolito, dr. Pereira Barreto, dr. Julio Gallo, Luiz Baptista Junior, Antonio Pinto da Motta, Carlos Torres, cel. Moura Lacerda, João Nociti, Francisco Pugliani; e muitos outros dignos membros da colonia italiana, além de representantes de associações e escolas.

Aberta a sessão pelo dr. juiz de direito, teve a palavra o preclaro cientista dr. Luiz Pereira Barreto, que discursou admiravelmente sobre a data; falando em seguida os srs. João Miletto, cel. Moura Lacerda, Prof. Aristides Muscari, todos entusiasmamente applaudidos.

Terminados os discursos, subiram ao palco os alumnos de diversas escolas, recitando lindas poesias em italiano. Muito se destacou a menina Anita Tessitori, recitando com sentimento uma poesia de Carducci.

A sessão foi encerrada pelo dr. Eliseu Guilherme, que se congratulou com a colonia italiana pela magnifica commemoração de XX de Setembro.

A’ noite realisou-se nos salões da Sociedade “Dante Alighieri” um animado baile, com selecta concorrência.

A “Cidade” reproduz hoje os seus agradecimentos pela forma gentil com que a estimada colonia italiana a tratou durante as festas, na pessoa de seus redactores¹⁹².

O programa organizado para a comemoração do “20 de setembro” no ano de 1910 demonstra, por sua vez, o papel das Associações na formação da identidade e na posição de baluartes da preservação e difusão da “tradição” e dos “costumes”. A presença de autoridades locais, consulares e personalidades dos diversos grupos de

¹⁹² Vinte de Setembro. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 21 set. 1910. n.º 1766, Ano VI.

imigrantes forjava uma síntese do que se defendia como a formação mais civilizada e moderna do “novo Brasil”.

A manutenção das datas comemorativas, assim como da língua italiana, ditaram as referências de conduta do “verdadeiro italiano”¹⁹³, que, apesar da naturalização brasileira e do trabalho pelo progresso do país adotivo, não perdia o estofo étnico do país de origem nas malhas da cultura associativa.

Em 1906 a *Pàtria e Lavoro* preocupou-se intensamente com as comemorações do “20 de Setembro”, através da organização de uma comissão da Sociedade que deveria agregar ao evento a inauguração de uma nova sede, assim como o aniversário da Associação. A defesa, descrita em ata, evidencia a preocupação: “*per no incarrere como s’e fatto l’anno scorso che poi la festa e carceta in mano dos socialistti e l’hanno festeggiata antipriotritticamente*”¹⁹⁴. Essa atitude deveu-se ao fato de que, em 1905, a data foi comemorada apenas pela *Unione Italiana*, que, com o apoio da Liga Operária, sediada no mesmo prédio, manteve os eventos agendados para a comemoração. Enquanto isso, a *Pàtria e Lavoro* cancelou os eventos comemorativos que havia organizado devido, oficialmente, às conseqüências decorrentes de uma série de terremotos que atingiram a Calábria.

O fato é que os eventos organizados para a comemoração de “20 de setembro” no ano de 1905 demonstram a utilização de datas oficiais para interpretações antagônicas como a palestra proferida por Antonio Picarollo no Teatro Carlos Gomes, a respeito do significado que possuía a homenagem à data em questão. Nela, o palestrante dissertou a respeito da importância da ocupação de Roma para o “povo” e defendeu que o fato teria sido uma vitória parcial, no sentido

¹⁹³ HOBBSBAWM, E. **Nações e Nacionalismo**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004, p. 127.

¹⁹⁴ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria Lavoro* - Ata n.º 41 – 12 ago. 1906.

de que a partir daí houve uma maior liberdade de pensamento. Assim, considerou o evento como uma fase em direção à autonomia econômica e política do “povo” italiano.

CONFERÊNCIA:

Às 3:00 horas da tarde de ontem, realizou o sr. Antonio Picarollo a anunciada conferência sobre a significação da data de 20 de setembro.

A concorrência ao teatro Carlos Gomes foi numerosa.

O orador discorreu eloquentemente sobre a história da revolução italiana, demonstrando que a burguesia tendo pregado a igualdade do homem e se revelando a favor do estado leigo contra o domínio religioso e dogmático merecia as homenagens da posteridade; mas que desde o dia em que, para acautelar-se, os seus interesses se transformou em mercúrio devorando o próprio filho, porque viu o povo reclamar a realidade dos princípios pregados, deixou de merecer essas homenagens.

E assim concluiu o orador: "O 20 de Setembro não podia ser festejado pela burguesia e sim pelo povo, pelo proletariado porque se o 1º Maio era significação do grito pelo verdadeiro domínio econômico, 20 de setembro devia significar a integração do livre pensamento."

O orador foi bastante aplaudido pelos livre pensadores que se achava no Teatro. Tocou antes e depois da conferência a banda musical "Verdi Gomes"¹⁹⁵.

Sobre a participação de socialistas e anarquistas nas sociedades mutuais, Biondi afirmou existir incentivo à sua participação, onde não houvesse organizações socialistas.¹⁹⁶ Em Ribeirão Preto, essa participação pôde ser observada em vários momentos, principalmente quando esteve em debate a função das sociedades. Justamente no momento em que a sociedade *Pàtria e Lavoro* definiu sua preocupação com a atuação dos socialistas italianos na comemoração de 20 de setembro, ela também debateu sobre a permanência do símbolo da monarquia italiana em sua bandeira.

¹⁹⁵ Conferência. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 21 set. 1905.

¹⁹⁶ BIONDI, L. **Entre associações étnicas e de classe**: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo. op. cit., pp. 184-243.

O relator da reforma estatutária encontrou na assembléia o apoio para a permanência do que ele chamou de símbolo patriótico e benemérito, convocando todos que fossem contra a se retirarem da sociedade¹⁹⁷. Foi dentro desse debate que o sócio Pietro Cesarini declarou-se revolucionário e defendeu a sua permanência dentro da sociedade, visto que, em seu primeiro artigo, a sociedade se dizia não-política. Chegou inclusive a correr um abaixo-assinado de 17 sócios pedindo a permanência de Pietro Cesarini e um voto de reprovação ao conselho que o tinha expulsado, demonstrando que esses socialistas tinham certo apoio dentro das sociedades. Contudo, Giovani Prianti, presidente na época, foi enérgico ao reprovar o Conselho que administrava a Sociedade por aceitar a entrada “*deste tipo de gente*”¹⁹⁸.

Outro fato que envolveu a questão da representatividade da Sociedade por socialistas ocorreu nas eleições para o novo Conselho da *Pàtria e Lavoro*, no início de 1906, quando Pietro Cesarini foi eleito vice-presidente de Girolano Ippolito, que alegou não poder assumir o cargo. Em uma situação como essa Cesarini deveria tornar-se o novo presidente; no entanto, aconteceu uma grande movimentação para que ele não assumisse essa função. Obviamente, a justificativa não recaiu sobre questões políticas, mas na sua falta de preparo para representar a comunidade italiana na cidade.

O secretário até reconheceu que “Pietro Cesarini é bom operário, bom amigo e bom sócio, mas não pode absolutamente ocupar um cargo de presidência, devido a pouca influência que exerce tanto na colônia italiana quanto no país que a hospeda”¹⁹⁹. A reunião da assembléia terminou com o desabafo de Cesarini ao

¹⁹⁷ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* – ata n.º 41, 12 ago.1906.

¹⁹⁸ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* – ata n.º 45, 04 dez. 1906.

¹⁹⁹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro* – Ata n.º 33, 21 jan. 1906.

acusar o secretário: “*Tu sei una bestia, un vigliaco, un imbecille*”. Essa discussão exemplifica o conflito latente dentro das Sociedades – todavia, havia meios variados para que as contendas não extrapolassem os limites da instituição e se alastrassem à sociedade em geral.

Na esteira desse embate, ocorreram novas eleições gerais para o Conselho, nas quais a presença de sócios como Vincenzo de Bonis e Vincenzo Lo Giudice ganhou relevo. Além de comporem o novo conselho, esses imigrantes também foram homenageados com títulos de sócios-beneméritos. A relação de ambos com a Sociedade chama a atenção por representar com rigor o fortalecimento dos laços entre os membros da colônia italiana que desenvolviam como prática diária apresentarem-se como exemplos de “imigrantes adaptados”.

Os dois eram construtores calabreses e participaram da execução de diversas obras importantes na cidade. Além de compartilharem das mesmas concepções político-ideológicas, suas relações sociais alcançaram vínculos familiares, pois Vincenzo Lo Giudice foi convidado para ser padrinho de casamento do filho de Vincenzo de Bonis, o Nicola de Bonis, em 1907²⁰⁰. Dentro da estratégia de ampliação de contatos, um casamento promovia elos com questões tanto étnicas e profissionais, quanto de solidariedade e consolidação da imagem da família italiana adaptada à nova terra.

Enquanto isso, o espaço de ação desses imigrantes mais militantes e resistentes à política oficial consular, ganhava força dentro da mais antiga sociedade étnica em funcionamento na cidade – *La Società Operaia Unione Italiana*, cuja mudança de perfil e de composição já era perceptível no período de fundação de outras Sociedades italianas. A saída de um grupo significativo de sócios fundadores

²⁰⁰ LIVRO DE REGISTRO - 1º Cartório Civil de Ribeirão Preto – Livro n.º 10- F138v.

para participarem da fundação de outras Sociedades de Socorro Mútuo demonstra a existência de conflitos dentro da direção da *Unione Italiana*, e, conseqüentemente, a entrada de novos sócios, que, paulatinamente, inseriram questões mais gerais nos debates de Assembléia, nas reformas estatutárias e no posicionamento oficial da Sociedade, colocando-as em outro âmbito; isto é, os debates entre etnia e necessidade de organização da classe operária passaram a ocupar um aspecto relevante na postura da *Unione Italiana*.

A negativa de fusão das Sociedades *Unione Italiana* e *Unione e Fratellanza*, em 1903, é um indício consistente, se observarmos que o pedido oficial de união partiu do próprio Real Vice-Consulado: o marquês Carlo Durazzo, Vice-Cônsul da cidade na época, presente em reunião de Assembléia da *Unione e Fratellanza*, dissertou a respeito da importância da coletividade para alcançar o bem dos italianos²⁰¹. A partir deste fato, foi possível entender o posicionamento oficial dos agentes consulares em tentar manter sob seu domínio as associações italianas; e, também, o posicionamento da resistência, que, mesmo que fragmentada, tentou organizar e manter uma política independente e, aparentemente, mais democrática por parte de algumas dessas sociedades que se negavam à submissão das diretrizes do Real Vice-Consulado.

É importante ressaltar, mais uma vez, a situação delicada dos anos de 1902 e 1903 por causa da epidemia de febre amarela, que provocou a fragilização de todas as Sociedades Mutuais Étnicas da cidade num primeiro momento, ou que pode, em tese, ter facilitado a união das sociedades que se encontravam em uma situação precária, devido, principalmente, ao grande número de sócios falecidos. Porém, a negação em participar da fusão das Sociedades e da organização de uma única

²⁰¹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza* – Ata n.º 05 30 ago. 1903 - Assembléia Extraordinária.

associação italiana permaneceu por parte da *Unione Italiana*. Numa atitude de total “ignorância” diante de tal pedido, o Conselho Diretor da *Unione Italiana* quase não debate a proposta e apenas alegou que não se devia dar atenção a esse pedido²⁰².

Naquele momento, as ações dos membros da *Unione* buscaram dar encaminhamento à sociedade, assim como apoio às famílias dos sócios atingidas pela epidemia. Quanto às ações da Sociedade perante a morte de diversos membros e a estratégia de se organizar uma comemoração fúnebre em homenagem aos sócios mortos, houve a garantia de uma imagem de coletividade e coesão dos membros da colônia italiana. Diante da situação, a *Unione Italiana* apresentava-se com poucos recursos; porém o Conselho Diretor não permitiu que seus membros mortos pela febre ficassem sem homenagens, mesmo que não fossem requintadas.

Nesse sentido, apesar de possuir sócios de segmentos mais populares, a *Unione Italiana* demonstrou a preocupação em oferecer homenagens fúnebres aos atingidos pela epidemia, evidenciando que, mesmo constituída oficialmente como uma sociedade étnica e mutuária, já existia uma clara distinção social dentro da “colônia italiana”, vistos que seus membros representavam apenas determinados segmentos sociais da colônia italiana, que se identificavam não só pela nacionalidade, mas também por suas condições sociais.

Em relação à noção de “representatividade de classe”, o fato da *Unione Italiana* levar em seu nome o vocábulo “operária” não significava que seu objetivo era representar exclusivamente o operariado, pois este termo era muito recorrente em diversas Sociedades italianas, por compreender diversos segmentos profissionais em diversos estatutos. Assim, ao abarcar pessoas “trabalhadoras” e “honradas”, o termo explicitou-se como conceito. Ademais, a mudança do perfil da

²⁰² LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 64, 16 jul. 1903.

Unione Italiana no início do século XX ficou demonstrada em Ata: seus Conselhos Diretores passaram a ser compostos por italianos que atuavam em atividades manuais ou de menor qualificação, além de se associarem ao funcionamento da Liga Operária de Ribeirão Preto²⁰³.

A presença de socialistas e anarquistas em Sociedades de Socorro Mútuo já foi analisada em diversas pesquisas, mas na maioria das vezes o caráter reivindicatório ganhou maior destaque nos estudos sobre o movimento operário²⁰⁴. Em *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*, José Albertino Rodrigues exemplificou essa visão: ao dividir o movimento sindical brasileiro em cinco fases, estabeleceu uma ordem evolutiva para as diferentes organizações operárias, como se elas não pudessem coexistir simultaneamente e, obrigatoriamente, se sucedessem²⁰⁵.

O mutualismo foi colocado como a primeira fase desse movimento operário, sendo classificado como uma organização operária que continha os elementos embrionários para o aparecimento do sindicato²⁰⁶. Outros trabalhos, como o de Sheldon Maran²⁰⁷, afirmam que a classe operária era composta na sua maioria por imigrantes anarquistas que sustentaram o movimento operário do início da República brasileira.

A partir da leitura dessas análises, observa-se o não-reconhecimento da influência das sociedades mutuais no perfil das futuras associações operárias e na formação de uma identidade operária, sendo colocada apenas como um embrião.

²⁰³ Apesar da pouca documentação a respeito do funcionamento da “Liga Operária” de Ribeirão Preto, a partir do cruzamento de informações contidas nas Atas da Sociedade Unione Italiana, nos periódicos da época e, também, em pesquisas já realizadas sobre o movimento sindical, foi possível chegar às conclusões aqui expostas.

²⁰⁴ A discussão bibliográfica sobre essa temática é encontrada em BATALHA, Cláudio. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: FREITAS, Marcos C. (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**; CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para a crítica da Ação Integralista Brasileira. In **Ideologia e mobilização popular**; MARSON, Adalberto. Lugar e identidade na historiografia de movimentos sociais. In: BRESCIANI, M S M. **Jogos do Político**: imagens, representações e práticas.

²⁰⁵ RODRIGUES, José Albertino. **Sindicato e desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Difusão Européia, 1968.

²⁰⁶ Ibid., p. 6.

²⁰⁷ MARAN, Sheldon. **Anarquistas, imigrantes e movimento operário brasileiro 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Exceção feita a Azis Simão, cuja obra enfocou o mutualismo como uma forma de organização tipicamente urbana, simultânea a de outras associações²⁰⁸. Logo, não se constituiu num espaço embrionário para a preparação da politização do operariado. Simão entendeu que o mutualismo teve um papel ativo na construção de identidades entre os trabalhadores, mesmo sem analisar a questão dos espaços culturais e a formação dessa classe em centros regionais.

Enfim, apesar das transformações na produção historiográfica que ganharam curso na década de 1970, e tiveram continuidade nos anos 1980, o mutualismo permaneceu como uma espécie de primeiro estágio sindical que acabava por desaparecer com a ação do Estado no setor previdenciário.

O mutualismo foi virtualmente soterrado pela luta de classes: a classe operária, sob influência do anarco-sindicalismo, desenvolveu as ligas de resistência e sindicatos de ofícios vários; a burguesia, através do Estado e da Igreja, tomava iniciativas no campo da filantropia e do paternalismo assistencialista. As associações de socorro mútuo sobreviventes são uma espécie de ruína de um passado irrecuperável em sua totalidade. [...] A visão geral é de que foram destruídas e substituídas pelo sindicato corporativista do Estado²⁰⁹.

Essa historiografia não reconheceu a prática associativa como área de conflito e disputas. Além disso, o surgimento de outras organizações que reivindicavam direitos por meios políticos institucionalizados não poderia desqualificar as estratégias dessas associações, que solucionavam de maneira própria alguns interesses da classe operária e assim também auxiliaram na criação das identidades operárias.

A historiografia da década de 1990 buscou solucionar essas lacunas ao adotar abordagem mais totalizante e trabalhar de modo distinto com os recortes tradicionais. Em relação à temática das organizações operárias não explicitamente políticas, houve um aumento dos estudos historiográficos pautados principalmente

²⁰⁸ SIMÃO, Azis. Sindicato e Estado e suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Dominus, 1966.

²⁰⁹ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!** São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 33.

na documentação produzida pela administração das associações. O tema do mutualismo foi redimensionado, principalmente pela pesquisa de Tânia De Luca que resultou na publicação da obra *O Sonho do futuro assegurado*, onde realizou um levantamento sobre o número de Sociedades de Socorros Mútuos existentes nas cidades de São Paulo e de Santos, do século XIX até meados da década de 1930.

Segundo a autora, havia a coexistência no tempo e no espaço de diferentes organizações operárias, e a complexidade do cotidiano não permitiria uma distinção tão nítida de acordo com suas atividades²¹⁰. Para De Luca, a riqueza e a diversidade do mutualismo não se expressaram somente através das finalidades, mas também pelos critérios de recrutamento dos sócios. A autora concluiu, então, que tais Sociedades não foram exclusivamente operárias, e que impuseram, inclusive, restrições de ordem política, moral e religiosa para o ingresso dos associados – além do fato de que muitas foram dirigidas por patrões que exigiam participação compulsória de seus empregados.

Ao afirmar isso, De Luca levantou como problemática de pesquisa o porquê da adoção por operários do formato mutualista como estratégia de sobrevivência, e quais suas conseqüências para a formação de uma cultura e identidade operárias. Talvez por ter sido uma obra pioneira, a autora não explorou a dinâmica interna das associações e os significados sociais do mutualismo para a mobilização operária.

Mas, a partir de sua obra, vários pesquisadores deram continuidade ao tema através da história social e do cotidiano operário²¹¹. No exercício de desvendar os entrelaçamentos de interesses, poderes e ações, tais autores lograram interpretar a

²¹⁰ “Sindicalismo e mutualismo são, portanto, fenômenos contemporâneos, e não excludentes, ainda que nem sempre seja possível demarcar fronteiras claras entre eles.” DE LUCA, Tânia, op. cit., p. 11.

²¹¹ Os vários pesquisadores deste tema reuniram resultados finais ou parciais de suas pesquisas nos CADERNOS AEL: **Sociedades operárias e mutualismo**, n.º 1 10/11, v 6, Campinas: IFCH/Unicamp, 1999.

dinâmica das organizações operárias. As obras de Luigi Biondi²¹² e Adhemar Lourenço da Silva Junior²¹³ comprovam as potencialidades do mutualismo para o estudo da formação da classe operária, retratando toda a complexidade inerente a esse processo. Mesmo seguindo caminhos diversos, esses dois pesquisadores auxiliam no entendimento de que as sociedades de socorros mútuos não podem ser analisadas apenas como promoção de objetivos coletivos de assistência. Enquanto Adhemar da Silva desenvolveu sua análise a partir da capacidade dos indivíduos em produzir estratégias coletivas, no sentido de que nem sempre o pertencimento às mesmas posições sociais produz a percepção de pertencimento a um grupo e a uma identidade, Luigi Biondi, além de questionar o pensamento etapista, interpretou o papel dos socialistas italianos na dinâmica do mutualismo em São Paulo.

A análise da relação entre etnia e classe operária busca compreender, por meio de associações mutualistas, o impacto que promoveram na formação da identidade operária. A documentação referente ao cotidiano do funcionamento dessas Sociedades e o mapeamento dos membros que atuaram nas várias associações permitiram a construção de interpretações que contextualizam a atuação das organizações operárias e os significados adquiridos e atribuídos a elas ao longo do tempo. A presença majoritária dos imigrantes italianos nessas sociedades, já salientada, principalmente na cidade de São Paulo, demonstrou a necessidade de refletir a introdução de algumas dessas questões vivenciadas nas contingências do interior do Estado de São Paulo.

Assim, a partir da análise das Atas da Sociedade *Unione Italiana*, foi possível acompanhar um pouco do cotidiano desses imigrantes que faziam funcionar um

²¹² BIONDI, Luigi. op. cit.

²¹³ SILVA Jr., Adhemar L. da. Etnia e classe no mutualismo do Rio Grande do Sul 1854-1889. In: **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XXV, n.º 2, dez. 1999.

movimento, ainda em formação, de resistência e de conquistas operárias. A presença de idéias socialistas e anarquistas na Sociedade passou a ser percebida devido à sua mudança de comportamento. Desde 1901, seu Conselho Diretor, apoiado pela Assembléia, teve um posicionamento conflituoso às nascentes sociedades italianas da cidade, como foi o caso do convite feito pela sociedade *Unione Meridionale* para o batismo de sua bandeira. A Assembléia decidiu não participar e alegou que os fundadores desta nova sociedade sempre se posicionaram de forma negativa em relação a *Unione Italiana*²¹⁴.

Todos os membros do primeiro Conselho Diretor da *Unione Meridionale* haviam sido membros da *Unione Italiana*²¹⁵, e, aparentemente, tinham se desligado da sociedade por motivos de falta de pagamento da mensalidade ou problemas administrativos internos. Porém, ao acompanhar as Atas mais detidamente, nota-se a discordância de alguns sócios em relação às decisões tomadas em Assembléia.

Um bom exemplo foi a decisão da *Unione Italiana* em participar de uma manifestação contra as ações do Czar russo em 1904²¹⁶. O sócio que defendeu esta proposição foi Cesare Crinci, um toscano anarquista com certa formação intelectual, apresentando-se sempre como professor. Na maioria das vezes que participou de conselhos diretores das Sociedades, ocupou o cargo de secretário, o que lhe garantia muito espaço de manobra, pois participava de todas as reuniões e tinha vários encaminhamentos sob sua responsabilidade. A proposta de apoiar a manifestação contra o Czar fora apoiada pela maioria da Assembléia, mas não teve

²¹⁴ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 22, 11 abr. 1901.

²¹⁵ O Conselho era composto por: Giovanni Priante, Girolano Ippolito, Ippolito d' Ippolito, Luigi de Maio e Giuseppe Micelli.

²¹⁶ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 13, 30 jul. 1904 e LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 15, 15 fev. 1905.

nenhum apoio da sociedade *Pàtria e Lavoro*, que havia sido organizada um pouco antes, em 1903, a partir da fusão da *Unione Meridionale* e *Unione e Fratellanza*.

Entretanto, não é correto afirmar que a *Unione Italiana* foi uma Sociedade de caráter anarquista, pois, já no mês de agosto de 1904, Cesare Crinci (membro da sociedade) solicitou o uso da sala em benefício do jornal anarquista *La Bataglia*, para uma palestra de Oreste Ristori²¹⁷, mas obteve uma negativa como resposta, tendo sido alegado que a sala não poderia ser alugada para fins políticos²¹⁸. Na seqüência, após Crinci acusar a Assembléia de “analfabeta e escrava”, alguns membros da Sociedade pediram sua expulsão.

Quem mais defendeu sua expulsão foi Francesco Murdocco, sapateiro calabrés de tendências socialistas reformistas, participante ativo dos conselhos da *Unione Italiana*²¹⁹. No início de 1905, na condição de vice-presidente, defendeu a expulsão de Crinci, sob a alegação de que havia difamado membros da Sociedade fora de suas paredes²²⁰. Ao que tudo indica, a disputa entre os dois foi movida mais por espaço no interior da sociedade do que por divergências políticas. Daí a tentativa de conciliação por parte de Cesare Crinci, ao enviar um pedindo oficial de desculpas para toda a Assembléia. Atitudes de reconciliação eram bastante praticadas por socialistas e anarquistas, que não queriam perder o espaço de ação proporcionado pela permanência nas sociedades. Isso sem contar a questão da imagem que a sociedade definia passar para a colônia italiana em geral.

²¹⁷ Oreste Ristori era toscano e anarquista. No Brasil tornou-se diretor responsável pela publicação do principal periódico anárquico no país, que funcionou em São Paulo, entre 1904 e 1913, com o nome de “*La Bataglia*”. Moveu intensa campanha contra a imigração ao Brasil, combatendo a exploração de colonos nas fazendas. Também incentivou a implantação de escolas libertárias. Viveu 32 anos no Brasil e foi expulso por Getúlio Vargas em 1936.

²¹⁸ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 14, 18 jul. 1904.

²¹⁹ Leitor do jornal *Avanti!*, mas principalmente influenciado pela propostas de Antonio Picarollo bastante presente na Sociedade *Unione Italiana*.

²²⁰ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 25 e Ata n.º 26, 08 jan. 1905 e 16 fev. 1905.

Dessa forma, os conflitos internos eram sempre minimizados diante da Sociedade em geral, que, no caso específico, representava não apenas a nacionalidade italiana, mas também o “operário”. Esse pensamento ficou demonstrado ao se destacar o momento em que os próprios membros do Conselho propuseram alterar o nome da sociedade para “Società Operaia Internazionale”. Esses sócios, participantes também da Liga Operária, passavam pelo processo de debate entre etnia e classe e refletiam os debates já calorosos do II Congresso Socialista Brasileiro, ocorrido em 1902, que desde então defendia a organização de Ligas Operárias não só de resistência, como também de cooperativismo e de socorro mútuo²²¹.

Segundo Biondi, as mutuais dos imigrantes italianos se desenvolveram de forma diferente do que as da Itália. O que se verificou na Itália, de um modo geral, é que as Sociedades de Socorro Mútuo eram sobretudo proto-ligas sindicais de ofício²²² – ao que parece, após 1900 difundiram-se na cidade de São Paulo sociedades italianas de bairro e de operários especializados, acompanhando o desenvolvimento da cidade²²³. No caso de Ribeirão Preto, nota-se que esse tipo de Sociedade (socorros mútuos) constituía espaços estratégicos do desenvolvimento da cultura associativa e, desse modo, as sociedades italianas acabavam por comportar diversos segmentos sociais, além de posições políticas e ideológicas conflituosas.

A sociedade *Unione Italiana* iniciou suas atividades dentro desse processo. Foi a união primeira da mononacionalidade, cujo grande desafio imigrante se

²²¹ Estas informações foram citadas: Congresso Socialista Brasileiro, **O Estado de São Paulo**, São Paulo de 30 mai. 1902 a 03 jun. 1902 e 28 ago. 1902, dedicados ao II Congresso Socialista Brasileiro. Cf. BIONDI, L. op. cit., pp. 226-243.

²²² BIONDI, Luigi, op. cit., p. 62.

²²³ DE LUCA, Tânia, op. cit., pp. 18-19.

concentrou, primeiramente, em conquistar o reconhecimento, o que inclui a percepção do outro como parte integrante do processo de desenvolvimento econômico e social do país de adoção. Entretanto, num segundo momento, quando uma parte representativa dessa colônia já tinha conquistado um relativo reconhecimento por parte da sociedade local, o conflito de interesses e de objetivos dentro da colônia fez com que os imigrantes fundassem ou reorganizem as Sociedades diante de propósitos mais específicos: os italianos mais bem sucedidos tanto econômica quanto socialmente tenderam a se separar de grupos ainda dependentes da prática associativa como espaço privilegiado para adquirir melhores condições de vida.

No caso de Ribeirão Preto, o aparecimento de outras associações italianas em momento posterior à fundação da *Unione Italiana* é grande indício das desavenças latentes. A fusão das *Uniones Meridionale* e *Fratellanza* sob seus discursos de identitários, e com o apoio sólido da política do consulado italiano, requeria para si o papel de representante oficial da colônia, sob o lema da identidade nacional. Enquanto isso, o grupo de imigrantes italianos que no seu cotidiano necessitava de uma organização assistencial de socorro mútuo e de fortalecimento das iniciativas “operárias” acabou por se distanciar não só na forma de pensar e agir dessas associações, como também se dividiram em associações distintas e às vezes conflitantes.

Mesmo com a criação em Ribeirão Preto, em 1902, do Círculo Socialista, ligado ao periódico “*Avanti!*”, e com a presença marcante de italianos, as associações permaneciam italianas e de socorros mútuos. Importante exemplo nesse sentido foi a Sociedade *Unione Italiana*, que permaneceu ativa, e, de certa maneira, manteve a disputa primeiramente com a *Pàtria e Lavoro* e, posteriormente,

com o comitê *Dante Alighieri* de Ribeirão Preto pela “verdadeira” representação da imagem do italiano residente no Brasil, tanto que a proposta de mudança de nome da sociedade, isto é, a retirada do termo “italiana” para o termo “internacional” não foi aprovada em Assembléia.

O discurso internacionalista operário defendido pelos membros socialistas mesclava-se o tempo todo com o discurso nacionalista – causando sempre conflitos e dissonâncias sobre os quais deveriam ser as ações da sociedade –, principalmente quando a ocasião necessitava de um posicionamento mais coeso por parte da colônia, como no caso da manifestação em apoio ao Dr. Carlo Mauro: o médico italiano havia prestado seus serviços por vários anos em Ribeirão Preto e se encontrava a trabalho no Hospital Umberto I²²⁴, na cidade de São Paulo, quando, em 1904, fora insultado por um jornal. Imediatamente, as duas sociedades se uniram para defendê-lo, num grande esforço para garantir a defesa do estrangeiro²²⁵ e, portanto, da sua imagem – nesse caso um italiano.

Porém, no cotidiano das Sociedades as atitudes conflitantes eram deveras expressivas. No mesmo ano de 1904 a *Unione Italiana* cedeu sua sede para palestras do professor Antonio Piccarolo, em nome do jornal socialista “*Avanti!*”, ressaltando que a proposta havia sido feita por Andrea Ippolito, presidente do Círculo Socialista da cidade, e igualmente sócio efetivo da sociedade²²⁶. E a mesma assembléia que num primeiro momento havia negado o espaço para o anarquista Oreste Ristori, acabou por ceder também no início de 1905²²⁷.

²²⁴ O Hospital Umberto I foi organizado e construído por uma das primeiras sociedades beneficentes italianas fundadas no Estado de São Paulo (1878), mas foi somente na última década do século XIX, com ajuda financeira do Governo Italiano que o projeto de criação do hospital iniciou-se, sendo concluído em 1904. Cf. CENNI, F. **Italianos no Brasil**, pp. 303-307.

²²⁵ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 3, 17 jan. 1904.

²²⁶ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 6, 28 jul.07 1904.

²²⁷ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 28, 12 mar. 1905.

Enquanto isso, já nos primeiros meses de funcionamento da *Pàtria e Lavoro*, em 1903, ocorreu a saída de vários sócios com posturas políticas divergentes da política oficial da Sociedade, como no caso do próprio Francesco Murdocco e do guarda-livros Aniceto Scaravelli, um toscano que chegara à cidade em 1900 e ingressou primeiramente na *Unione e Fratellanza*, e, posteriormente, colaborou na organização da *Pàtria e Lavoro*. Todavia, diante de seu posicionamento mais “democrático”, perdeu representatividade dentro desta Sociedade.

Scaravelli era um republicano ativo com aparentes conhecimentos de questões contratuais e regimentais, que não assumia posição anarquista ou socialista, mas que se declarava apenas como um republicano e democrático. Uma das discussões que manteve com Cesare Crinci, ainda na *Unione e Fratellanza*, foi a respeito da reprodução das três cores da bandeira italiana na bandeira da Sociedade. Segundo argumentou o toscano, as três cores representariam “a nação italiana, a unidade e, sobretudo, a liberdade de todos os homens de todos os partidos, especialmente dos republicanos”²²⁸.

As divergências em torno de ações a serem tomados por uma Sociedade mutuária eram permanentes e, por vezes, encanecidas. Vinham à tona em vários momentos, como no caso bastante significativo do posicionamento da *Unione Italiana* em relação ao famoso e já citado caso do assassinato de um italiano. Aniceto Scaravelli, diretor do jornal escrito em italiano *Il Diritto*²²⁹, posicionou-se como informante de todo o processo às reuniões de Assembléia. Foi, então, o maior defensor de um posicionamento que não fosse contrário ao Vice-cônsul, pois,

²²⁸ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione e Fratellanza* - Ata n.º 8, 07 jul. 1901.

²²⁹ Esse jornal foi criado em 1904 e circulou apenas dois anos, sempre dirigido por Aniceto Scaravelli. O jornal foi fechado depois de problemas administrativos com a sociedade *Unione Italiana*.

segundo sua análise, posteriormente aceita pela Assembléia, tratava-se de uma disputa de poder dentro da sociedade *Pàtria e Lavoro*.

A participação de Scaravelli na *Pàtria e Lavoro* apenas cessou quando assumiu seu “descontrole” sobre as contas relativas ao pagamento da impressão do novo estatuto da Sociedade, em 1905, assim como da falta de pagamento durante dois meses de trabalho de Cesare Crinci em seu jornal²³⁰. A maneira como Scaravelli foi expulso da Sociedade é bastante expressiva no que diz respeito às estratégias de significação a traços da identidade italiana, pois a principal alegação em pauta foi a “falta de honestidade” em sua gestão, o que lhe retirou a credibilidade administrativa que havia amecado em gestões anteriores.

Este episódio demonstra a importância dada à questão da moralidade dos sócios perante a sociedade local. Nesse sentido, as habilidades contábeis e de gestão de Scaravelli perdeu em importância, que reapareceu apenas em 1907, na condição de idealizador de uma “Sociedade Internacional de Socorro Mútuo e Previdência”, que aparentemente não teve continuidade. Segundo notícia apresentada na imprensa, a proposta era organizar uma caixa mútua de pensões que oferecesse pecúlio em caso de doença ou morte, sem ligação à questão étnica²³¹.

É importante destacar o número significativo de caixas cooperativas abertas nesse período. É possível analisar essa situação por meio da legislação que, paulatinamente, foi abrindo espaço para a organização de “previdências aos trabalhadores”. Contudo, essa mesma legislação acaba por minimizar justamente as ações de reivindicação de uma maior atenção à legislação trabalhista, que desde 1907 passava a permitir e ampliar as possibilidades de organização das “Caixas de

²³⁰ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 47 18 fev. 1906.

²³¹ Caixa de Pensões. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 24 maio 1907. n.º 740.

Pensões”, isto é, empresas de seguros. Essas organizações constituíam uma alternativa para o suprimento das necessidades cotidianas dos trabalhadores, bem como representavam a amenização das péssimas condições de vida. Desse modo, essa conjuntura foi um campo privilegiado para o florescimento dessas redes de “solidariedade”²³².

Em 1911 foi criado, em São Paulo, o “Departamento Estadual do Trabalho”; em 1918, uma “Comissão de Legislação Social”, e, finalmente, em 1923, foi decretada a “Lei Elói Chaves”, que estabeleceu regras para a organização das “Caixas de Aposentadoria e Pensão” (CAPs) para os trabalhadores das estradas de ferro²³³. Tais regras demonstraram a crise da república liberal, isto é, conflitos e resistências que nem sempre foram organizados pelas forças sindicais, principalmente porque, como salientaram Munakata e De Luca²³⁴, as caixas de aposentadoria foram claramente influenciadas nas Sociedades de Socorros Mútuos. Nesse sentido, a prática associativa mutualista teve um papel essencial na formação da identidade da cultura operária, e, portanto, na elaboração de leis trabalhistas e na proliferação de “caixas de pensão”, sem que isso redundasse num processo de auto-destruição das sociedades mutualistas.

No caso das Sociedades mutuais italianas, especificamente em Ribeirão Preto, a Sociedade *Operaria Unione Italiana* apresentou em seu histórico um reflexo inegável do desenvolvimento capitalista nas relações sociais, pois o crescimento da classe operária e de diversos setores médios na sociedade ribeirão-pretana, com participação expressiva do indivíduo estrangeiro nas mais diversificadas atividades,

²³² Sobre este tema ver: HOBBSBAWM, E. **Mundos do Trabalho**. O debate sobre o papel dessas redes de solidariedade na construção de uma identidade e cultura operárias.

²³³ MUNKATA, Kazumi. **A legislação trabalhista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

²³⁴ Ibid., p. 11.

marcou o desenvolvimento das práticas associativas como um todo²³⁵. Como no caso da “nova baixa classe média”, como explica Hobsbawm:

[...] composta de empregados de escritório, inseriu-se entre o velho estrato dos “artífices” e a classe média. Como sua situação econômica não era obviamente superior, seu principal objetivo era conseguir distinguir-se o mais nitidamente possível da classe operária, tanto através de um estilo de vida muito mais modelado no da classe média, quanto através de uma ideologia militantemente conservadora, patriótica e até mesmo imperialista²³⁶.

Assim, os sócios que não queriam ser identificados com as ações dessa nascente “cultura operária” afastaram-se da sociedade *Unione Italiana*. Nesse período, houve uma maior atuação de trabalhadores manuais e especializados nessa sociedade, trabalhadores que passaram a ocupar os cargos de diretoria. Em 1905, como já citado anteriormente, a Sociedade, aliada à Liga Operária, organizou isoladamente as comemorações do “20 de setembro”, ocasião em que foi dado um cunho popular ao significado desta data-signo, cuja síntese da palestra proferida por Antonio Piccarolo referia-se ao papel do “povo” na unificação italiana.

Neste mesmo ano a *Unione Italiana* já havia organizado as comemorações para o dia “1º de maio”, com uma conferência de Ernestina Lessina²³⁷, sugerida, mais uma vez, pelo anarquista Cesare Crinci²³⁸. Além disso, foi aprovada

²³⁵ Sobre as diversas associações em Ribeirão Preto: ver capítulo 5.

²³⁶ HOBBSAWM, E. **Mundos do trabalho**, op. cit., p. 266.

²³⁷ A anarquista Ernestina Lessina dedicou-se à defesa das mulheres operárias do começo do século e foi uma das fundadoras do jornal operário *Anima Vita*, em São Paulo. Detentora de brilhante oratória, nas manifestações de trabalhadores defendeu a emancipação feminina e operária: participou da formação da “Associação de Costureiras de Sacos”, em 1906, e lutou pela redução da jornada de trabalho e pela organização sindical. As mulheres trabalhadoras tiveram papel decisivo nas greves de 1901 a 1917, ao denunciar os maus-tratos e a exploração, sobretudo das costureiras e têxteis. Outros nomes de destaque nesse contexto foram os de Maria Lopes, operária paulista, que assinou, em 1906, junto a outras ativistas anarquistas (como Teresa Carini e Teresa Fabri) o “Manifesto às Trabalhadoras de São Paulo”, publicado no jornal anarquista *A Terra Livre*, incentivando as costureiras a denunciarem as degradantes condições de vida, jornadas longas e baixos salários.

²³⁸ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 31, 23 abr. 1905.

unanimemente a alteração estatutária na qual a Sociedade se comprometia a comemorar o “1º de maio” todos os anos.

O comitê proposto para a organização da comemoração é uma clara demonstração da presença do operário italiano na dinâmica dessa cultura: Silvio Fortis, Cesare Crinci, Serafino Alonso, Francesco Murdocco, Andrea Ippolito, Pietro Cesarini, Daniele Ferrante, Oreste Fioretti e Giovanni Morelo faziam parte não só da *Unione Italiana*, como também do “Círculo Socialista” e da “Liga Operária”, e tinham como profissões atividades que iam desde representantes do jornal socialista “*Avanti!*” até pedreiro, passando por barbeiro, proprietários de pequenos comércios e sapateiros. Tal fato demonstra que, inseridos em diversas atividades, esses imigrantes se sentiam porta-vozes do nascente operariado na cidade.

A presença de Ernestina Lessina foi noticiada no jornal *A Cidade*. É sintomática a publicação pelo jornal de uma carta enviada pelo senhor Antonio Rodrigues Pereira, na qual a conferencista foi elogiada, mas contradita em seus princípios por meio da filosofia positivista que o autor da missiva afirma abraçar:

[...] Quem vem a ser o mesmo a solução do problema social será: primeiro quando a massa das “parasitas” de que falamos estiver reduzida ao seu mínimo, quando a massa dos indivíduos úteis que são mantidos pelo proletariado não exceder as exigências sociais e satisfazer plenamente suas respectivas funções. Quando o proletariado for livre na acepção lata da palavra. Possuir domicílios inviolável e família sem que a mulher necessite de abandonar a educação dos filhos. Dispuser finalmente de tempo para desenvolver a inteligência e cultivar o sentimento. Senhora, no desenvolvimento dessas três condições que encerram as mais nobres aspirações encontráreis o resultado da elaboração do gênio mais fecundo que a humanidade pode se ufanar de ter produzido até hoje. Entre as obras do mestre o catecismo positivista dirige-se especialmente a mulher e o apelo aos conservadores aos homens do estado. Oxalá tenha eu conseguido despertar em vosso coração a curiosidade de meditar sobre esses volumes sagrados da religião da humanidade.
Seu respeitoso servo na humanidade

Antonio Rodrigues Pereira²³⁹.

A presença do debate entre as concepções de mundo e formas diferenciadas de organizar um novo mundo aparecia nos discursos e nas ações dos grupos. Enquanto a presença de Ernestina Lessina apontou a ação de socialistas e anarquistas na colônia italiana da cidade, alguns membros da sociedade *Pàtria e Lavoro* participavam da organização da “Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto”. E, nesse ínterim, outros operários, apoiados pelo patronato e liderados pelo Padre Euclides Carneiro, organizavam um centro de operários que se chamaria “Centro Operário São Benedito”²⁴⁰.

4.2. AS SOCIEDADES DE SOCORRO MÚTUO ENTRE O MOVIMENTO GREVISTA E A NACIONALIDADE BRASILEIRA

O ano de 1907 foi extremamente importante dentro do movimento operário brasileiro²⁴¹. O movimento grevista em São Paulo, favorável à jornada de oito horas diárias de trabalho, ganhou força e encontrou apoio em várias cidades do interior, inclusive Ribeirão Preto, àquela altura uma cidade consagrada ao universo sócio-cultural e econômico erigido no contexto da cafeicultura.

O DIA DE OITO HORAS

Alguns dias ouvimos pela cidade rumores vagos de um movimento grevista ou melhor de uma manifestação de solidariedade dos operários desta cidade aos seus companheiros de São Paulo e

²³⁹ Carta a Sra. Ernestina Lessina. **A Cidade**, 4 maio 1905, n.º 104, ano I.

²⁴⁰ CIONE, Rubem. **Historia de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Imago, 1987, v. 2.

²⁴¹ BEIGUELMAN, Paula. **Os companheiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Símbolo, 1977, pp. 41-47.

Campinas, os quais como é sabido estão desde muitos dias naquelas cidade em atitude pacifica declarada em greve exigindo dos patrões uma redução das horas diária de serviço. Afinal ontem a tarde foi distribuído profusamente pelas nossas ruas um boletim convidando a classe operaria em geral para uma reunião que se devia efetuar as seis horas da tarde no edifício do Centro Operário de Ribeirão Preto a fim de a semelhança do que estava sendo feito em São Paulo e Campinas os trabalhadores daqui pedirem pacificamente aos patrões o dia de oito horas para o seu serviço.

À hora determinada dirigimo-nos para o Centro Operário a Rua Saldanha Marinho, a fim de assistirmos a reunião convocada pela Classe Operaria. Estavam presentes cerca de 150 operários de todas as profissões.

Convidaram para presidente da reunião o senhor Vicente Vicário e para secretario o senhor Francisco Guglioto. Depois de vários oradores terem usado a palavra ficou resolvido pedir aos patrões que concedam hoje aos operários a redução para o dia de oito horas de trabalho sob pena de se declararem todos em greve pacífica. Foi nomeada uma comissão que se dirigirá hoje aos seus patrões pedindo a solução da proposta dos seus companheiros, a comissão ficou assim organizada: João Bertoni, Carmine Abruzo, Manoel Pereira da Silva, Farina, Vicente Bruno e Lourenço Gaeta.

COMUNICADO DO JORNAL A CIDADE

Amigos da Classe Operária que tanto tem contribuído para o nosso progresso, temos o dever de falar-lhes com a franqueza que nos caracteriza os operários devem revestir-se de toda calma defendendo os seus direitos e seus interesses, não se deixem porém explorar pelos indivíduos que mais exaltados se mostrem aparentados de melhores amigos mas que efetivamente não passam de pescadores de águas turvas.

Hoje deve realizar-se uma nova reunião as 06 hs da tarde no edifício União Italiana a Rua Amador Bueno²⁴².

CONTINUAÇÃO DO MOVIMENTO

Operário.

O dia de oito horas.

Os operários circunscreveram o movimento ontem pela manhã e passearam pelas ruas tendo quase todos os pedreiros abandonados os serviços de construção na cidade. As 10:00 horas da manha, grande números deles dirigiu-se como dissemos ontem as oficinas dos senhores Diderichsen a dissuadirem os seus companheiros daquela oficina de continuarem a trabalhar. Já aquela hora na força de vinte praças ali se achava para manter a ordem caso fosse alterada e garantir aos operários que estavam desde cedo nos seus trabalhos.

Não obtendo aqui a essência dos trabalhadores do sr. Diderichsen retiraram-se os promotores da greve. Dada a hora do almoço os operários daquelas oficinas retiraram-se voltando as onze horas, quase todos declarando muitos que hoje não voltaria ao trabalho. A

²⁴² O dia de oito horas, **A Cidade**, Ribeirão Preto, 15 maio 1907.

força retirou-se poucas horas depois quando a praça do mercado já se achava desocupada pelos grevistas.

Muitos operários pedreiros já ontem mesmo quiseram e prontificaram a trabalhar. A cidade esta calma, a polícia, entretanto esta preparada para manter a ordem contando não só pelo destacamento que já se acha completo, mas ainda com todos os amigos da tranquilidade da ordem publica²⁴³.

Além das notícias transcritas acima, o jornal publicou, no mesmo dia 17 de maio de 1907, uma resolução unânime tomada pelos industriais da cidade de São Paulo e transmitida aos empresários do interior, motivando procedimento contrário à redução das horas de trabalho. Contudo, é necessário ressaltar a diversidade não só de trabalhadores, como também do empresariado envolvido neste movimento grevista. Além, de se tratar de uma experiência que demonstrou as várias divergências entre grupos políticos e sindicais²⁴⁴, é necessário apontar a contrastante distinção entre os grandes e pequenos empresários, que no caso de cidades como Ribeirão Preto, onde não havia um número representativo de grandes indústrias, não raro os “patrões” comungavam de opinião semelhante a dos operários com relação à diminuição das horas de trabalho, e isso ampliou as conquistas das reivindicações do movimento.

Ao menos aparentemente, as notícias veiculadas pelo Jornal *A Cidade* indicam o modo de controle do movimento grevista na cidade. Segundo Biondi²⁴⁵, o ingresso na greve, defendido pela Federação dos Operários do Estado e São Paulo (FOSP)²⁴⁶ era precedido por um comunicado que também servia como pedido de diminuição da jornada de trabalho junto aos empresários. Em caso de recusa, a greve era iniciada, embora nem todas as categorias operárias dessem início ao

²⁴³ Continuação do Movimento. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 17 mai. 1907.

²⁴⁴ TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias**. Campinas: Unicamp, 2004.

²⁴⁵ BIONDI, Luigi, op. cit., p. 266.

²⁴⁶ FOSP – Federação Operária do Estado de São Paulo – fundada no final de 1905, aglutinou os debates sobre as formas organizacionais e operacionais do movimento operário, isto é, a formação do sindicalismo revolucionário, a atuação dos anarquistas e a presença dos socialistas.

mesmo tempo. Uma vez obtido o benefício, a categoria voltava ao trabalho. Isso fez com que o movimento grevista de 1907 ocasionasse uma sagacidade única, pois promoveu uma ação pulverizada e engendrou diversos posicionamentos e acordos²⁴⁷.

Foi encontrado um acervo pequeno de informações a respeito da formação da primeira organização operária no caso de Ribeirão Preto, mas esse fato remonta apenas ao início de 1907 e esteve envolvido no contexto do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, ocorrido em 1906²⁴⁸. Este, por sua vez, incentivou a formação de Ligas Operárias identificadas com as pressões pela diminuição das horas de trabalho sem redução salarial, principalmente. Como já foi aludido, Ribeirão Preto não possuía um grande número de empresas com muitos empregados nessa época, pois a maior parte do operariado se espalhava por pequenas e médias empresas.

Desde a eclosão das greves de 1906, um ano antes dos movimentos mais generalizados, na Companhia Paulista de Estrada de Ferro (Campinas – Jundiaí) outros movimentos ganharam corpo. No caso de Ribeirão Preto, os eventos ocorreram sob a liderança da Liga Operária, sediada na *Sociedade Unione Italiana*. As repercussões da greve dos ferroviários e de outras manifestações incentivaram a organização de estratégias por parte do operariado da cidade – daí a compreensão da importância circunstancial do fortalecimento da Liga Operária de Ribeirão Preto, assim como de sua união com uma sociedade mutualista étnica.

²⁴⁷ BEIGUELMAN, Paula. **Os companheiros de São Paulo**. São Paulo: editora global, 1981, pp. 41-47; FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, pp. 144-145.

²⁴⁸ O Primeiro Congresso Operário Brasileiro realizou-se entre os dias 15 a 20 de Abril no Rio de Janeiro. Com cerca de 50 delegados de 30 organizações operárias, debateram a importância do 1º de maio, a questão do assistencialismo e a necessidade de organizar uma confederação brasileira, o aumento de salário, jornada de 8 horas e principalmente a idéia de atuação direta do trabalhador. Cf. SIMÃO, A. **Sindicato e Estado**. São Paulo: Dominus, 1966.

O fato de as primeiras manifestações operárias terem sido organizadas de modo relativamente pacífico, não é nenhum indicativo de ausência de choques com a polícia. Naquela ocasião, ocorreram prisões de vários trabalhadores, sendo o caso mais notório, em Ribeirão Preto, o de Alfredo Farina, anarquista responsável pela publicação dos jornais *Il Messaggero* e *Lo Scudicio*, e um dos mais atuantes líderes do movimento. Conforme já foi dito, esse imigrante foi processado e condenado por uma ação oficial, movida pelo também italiano Giovanni Beschizza, que anos antes já havia participado da organização de sociedades italianas e de manifestações de elaboração da identidade étnica²⁴⁹, mas que naquele momento (1907) acusava seu compatriota de injúrias publicadas em escrito jornalístico.

INJÚRIAS IMPRESSAS

O senhor João Besquiza, negociante nesta cidade mandou intimar o senhor Alfredo Farina, proprietário e redator do jornal “Il Mensageiro” para na audiência de ontem do senhor Dr. Juiz de Direito exhibir o autografo de um artigo que segundo alega contem pesadas injúrias contra sua pessoa. Acusada a citação do advogado do senhor Besquiza, o nosso diretor senhor Dr. Enéas da Silva, o cidadão não compareceu seguindo processo preparatório da queixa crime nos seus termos anteriores.²⁵⁰

A prisão de Farina foi movida por questão particular, mesmo porque o processo dizia respeito à honra dos envolvidos, sendo o acusado responsável por injúrias. Todavia, o conflito de classe e de posições político-ideológicas entre indivíduos da mesma nacionalidade tornava-se gritante e superava a necessidade de solidificação da identidade italiana. Assim, nessa prisão, pesaram como agravantes a atuação do réu líder das manifestações em prol do movimento grevista e seu posicionamento anarquista.

²⁴⁹ De acordo com a Ata do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Fratellanza* do dia 11 de outubro de 1900, período em que Alfredo Farina compunha a diretoria, o conselho fez uma homenagem ao Senhor Giovanni Beschizza, presenteando-o como sócio-honorário da sociedade. Além disso, Alfredo Farina e Giovanni Beschizza já haviam participado das assembléias da sociedade *Unione Italiana*, entre 1899-1900.

²⁵⁰ Injúrias Impressas. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 31 de maio. 1907, n.º 746, Ano III.

Todavia, não é prudente menosprezar uma disputa subjacente à representação do “verdadeiro” italiano, pois, depois da sua soltura, Farina permaneceu na *Unione Italiana* e compôs, inclusive, uma comissão para solicitar o uso do Teatro Carlos Gomes em benefício da sociedade, junto ao coronel Francisco Schmidt²⁵¹. Ademais, antes mesmo de sua prisão em 1907, tomou parte da comissão oficial²⁵² para organização dos festejos do centenário de Garibaldi, no mês de julho, e para a comemoração da data cívica italiana, o “20 de setembro”²⁵³.

Entretanto, é necessário esclarecer que a questão das oito horas de trabalho não foi resolvida em 1907. Essa e outras, em relação à organização de uma legislação trabalhista, seguiram sob a pressão do movimento operário até a década de 1920, que gradualmente conseguiu fazer com que as indústrias adotassem as oito horas de trabalho.

Em Ribeirão Preto, por seu turno, a despeito de a maioria das fábricas e oficinas serem de pequeno e médio porte – assim como o comércio, pois apesar de seu desenvolvimento constante, não havia grandes conglomerados –, ocorreram várias eclosões de movimentos grevistas isolados. A partir de algumas notícias publicadas na imprensa local, é perceptível que, além de isoladas, as manifestações ocorreram de forma dispersa. Todavia, nem por isso deixou de haver conflitos e violência. A presença policial era certa em qualquer manifestação.

GREVE DOS PEDREIROS

BOLETIM - ATTITUDE PACIFICA – REUNIÃO

²⁵¹ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 74, 09 abr. 1908.

²⁵² Festejos já citado anteriormente, onde a comissão era formada não só por italianos, como também autoridades locais.

²⁵³ No jornal **O Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 21set. 1907: Alfredo Farina foi apresentado como orador oficial da solenidade e redator do jornal **Il Messaggero**, além de comunicar a presença da Sociedade *Unione Italiana* nas homenagens feitas no Real Vice-Consulado.

Hontem os pedreiros desta cidade declararam-se em grêve geral contra os empreiteiros, reclamando o augmento de salario e quinzenal.

Os empreiteiros Lourenço Malesan, Vicente Lorenzi e Antônio Gaetano já cederam nos pedidos dos grévistas. Hoje, na séde da liga, haverá uma reunião de todos os pedreiros e serventes.

Foi distribuido hontem por uma commissão de grévistas o seguinte boletim:

“A greve geral hoje proclamada continuará até que todos os empreiteiros se decidam a reconhecer nossos direitos”.

Com os empreiteiros Lourenço Malesan, Vicente Lorenzi e Antonio Gaetano, podem os companheiros trabalhar, porque esses tres empreiteiros, accederam aos nossos justos pedidos.

Amanhã, ás 7 horas da manhã, haverá reunião no séde da Liga, para a qual são convidados todos os Pedreiros e Serventes.

Viva a greve dos pedreiros!

A Comissão²⁵⁴.

Esta informação aponta tanto para a continuidade da organização do movimento grevista, quanto para o retorno às atividades, assim que as reivindicações fossem atingidas. O boletim permite entrever, também, a questão “paternalista” já apontada anteriormente²⁵⁵, que afetava principalmente pequenas empreiteiras, como no caso citado acima, onde os próprios “patrões” compartilhavam dos mesmos ideais e espaços de sociabilidade que seus empregados.

A organização da Liga Operária de Ribeirão Preto, assim como sua provável ligação com o Primeiro Congresso Operário Brasileiro de 1906, evidencia, ao menos nessa cidade, um dos primeiros momentos de ruptura entre a questão étnica-mutualista e os conflitos de classes. Porém, tais questões operárias não se apresentavam suficientemente maduras para uma efetiva separação, e, muito menos, para a obediência a uma das questões mais debatidas no Primeiro Congresso Operário, isto é, a organização de associações que promovessem a formação de caixa com fins que não fossem exclusivos para a organização das

²⁵⁴ Greve dos pedreiros. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 29 jun. 1911, ano VII, n.º 1992.

²⁵⁵ BIONDI, Luigi, op. cit., p. 271.

greves²⁵⁶. Diante da pouca documentação encontrada a respeito dessa organização, foi possível traçar apenas um perfil mínimo de seu funcionamento e de seus posicionamentos nos momentos mais agitados e mais tranquilos, devido ao fato de a mesma utilizar-se da sede da *Unione Italiana*, cujas atas da sociedade legaram algum registro à posteridade.

Um exemplo de registro de grande valor para os moldes da presente tese foi a festa promovida pela Liga, em conjunto com a *Unione Italiana*, em novembro de 1910, em comemoração à concessão oficial das oito horas de trabalho, anunciada pelo Dr. Fábio de Sá Barreto²⁵⁷, e que contou com a presença de vários trabalhadores da cidade, além do redator do jornal *A Lanterna*²⁵⁸, em um evento ocorrido em um dos teatros da cidade.

FESTA OPERÁRIA

Promovida pela sociedade Operária, realizou-se ontem às 7:00 horas da noite no salão Bijou Theatre após ligeira passeata pela cidade, uma seção comemorativa da concessão de oito horas de trabalho aos operários de Ribeirão Preto. A animada seção foi presidida pelo Dr. Fabio Barreto que proferiu um belo e caloroso discurso relativo ao facto comemorativo. Assim aberta a seção usou da palavra oficial o Sr. Eduardo Vassemmod, redator da lanterna, percorrendo longamente a respeito da causa proletária. Ao terminar o orador concitou aos trabalhadores a dedicarem-se a obra da emancipação das classes laboriosas. A seção esteve concorridíssima tendo-se os discursos muito aplaudidos. Achava-se presente a banda “Filhos de Euterpe”²⁵⁹.

A presença conjunta de um político de família renomada e conservadora e de um redator de um jornal anarquista, assim como a veiculação do evento em notícia

²⁵⁶ SIMÃO, Aziz. **Sindicato e Estado**. op. cit., p. 163.

²⁵⁷ Fábio de Sá Barreto nasceu em Resende (RJ), sobrinho de Luis Pereira Barreto, mudou-se para a região de Ribeirão Preto com a família, bacharelou-se em Direito e ingressou na vida política como vereador em Ribeirão Preto em 1905, onde conseguiu se eleger mais duas vezes, chegando ao cargo de prefeito em 1936. Tornou-se interventor do município durante o Estado Novo, falecendo em 1948. (Dados retirados do site oficial da cidade de Ribeirão Preto – <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br>.)

²⁵⁸ O jornal **A Lanterna** – anarquista – aparentemente surgiu dentro do contexto da organização da Associação das classes laboriosas e tinha como uma de suas funções divulgar as ações dos trabalhadores que iam desde espetáculos voltados ao lazer do trabalhador até a realização de conferências para a conscientização do trabalhador.

²⁵⁹ Festa Operária. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 10 nov. 1910.

num jornal declaradamente alinhado à política local, demonstra o quanto é necessário descortinar a relação de envolvimento das sociedades de socorro mútuo no desenvolvimento das Ligas Operárias, das Associações Operárias e da futura criação da União Geral dos Trabalhadores de Ribeirão Preto, em 1925. Demonstra, sobretudo, a impossibilidade de se delimitar uma fronteira entre as sociedades mutuais, notadamente as étnicas, e o desenvolvimento das estratégias de resistência da classe operária, delineadas muito mais a partir do cotidiano dinâmico de cidades de pequeno e médio porte, como Ribeirão Preto, do que a partir de uma organização sindical ou de uma consciência já delineada de conflito de classe.

Segundo Thompson, em seu trabalho mais conhecido, *A Formação da Classe Operária Inglesa*, o fazer-se do operariado faz parte do processo de industrialização, não se tratando, portanto, de uma consequência, mas sim de uma condição, de uma parte integrante. Logo, a luta de classes e a formação da classe se dão juntamente com sua transformação e seus questionamentos sobre jornadas, condições de trabalho e formas de pagamento²⁶⁰. Portanto, existe uma diversidade de fatores sociais e culturais dos trabalhadores que deve ser estudada, de modo que se possa refletir a respeito da formação de uma classe – com base na noção de classe empreendida por Thompson, consubstanciada na ação ou no agir humano, isto é, na capacidade dos homens e mulheres efetivamente existentes realizarem escolhas coletivas dentro de determinado contexto e de articularem interesses comuns.

Isso, unido à questão da interpretação das ações que atrelam as questões da comunidade italiana, que, de variadas formas, alimentavam determinados equilíbrios e alianças sob a questão da identidade e o conflito de classe, através das diretrizes de como o “operário” deveria agir, gerou uma atuação nada generalizante, na

²⁶⁰ THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária** – A árvore da liberdade. vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

organização das Ligas Operárias – principalmente, numa região onde as relações, além de estarem inseridas, ao mesmo tempo, na “insegurança estrutural do capitalismo” e num contexto da criação de variadas formas de sociabilidade do nascente proletariado urbano, não somente se associaram com a questão mutualista em geral, mas também mantiveram uma ligação direta com as sociedades étnicas²⁶¹.

O simples cruzamento dos nomes que aparecem nas atas de reunião da sociedade *Unione Italiana*, representando oficialmente a Liga Operária da Cidade, dá sustentação às teses arroladas de que não é possível uma generalização – afinal, a ligação íntima entre os sócios da sociedade de mútuo socorro e os membros da Liga torna-se patente não só com esse cruzamento, como também através das inúmeras notícias publicadas na imprensa local.

Tabela 17 - Membros da Liga Operária e da Sociedade *Unione Italiana*, no período de organização da Liga.

Nome	Ocupação e Origem	Atividade
Silvio Cecci	Toscana	Participou da diretoria da U.I. de 1906 a 1911.
Carmine D’Abruzzio	Lombardia	Participou da diretoria da sociedade <i>Unione Italiana</i> em 1907
Serafim Alonso	Pedreiro – Molise	Desde a sua entrada na sociedade participou muitas vezes da diretoria da UI
Giovani Bertoni	Sem informação	Sem informação
Giuseppe Fabretti	Professor – Lazio	Membro da U.I. em 1902, 1903, 1908, 1909, 1910.
Enrico Gregoris	Lavrador e comerciante – Friuli	Membro do Conselho Diretor da U.I. entre 1905 – 1910.
Valente Gracco	Livorno	Participou do Conselho Diretor por vários anos de 1905 até 1910

Fonte: Livros de Atas de Assembléia Geral da Società *Unione Italiana* (1905-1915).

²⁶¹ Sobre esta questão ver: FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade operária de Porto Alegre na primeira metade do século XX. **Cadernos AEL. Sociedades Operárias e Mutualismo**. n.º 10/11, v. 6, Campinas: Unicamp/IFCH, 1999, pp. 173-218.

Esse cruzamento ilustra uma das maiores divergências entre as posições dentro da FOSP e o maior jornal socialista que circulava no Brasil, o *Avanti!*, que também defendia a organização das Ligas, porém argumentava que a preparação para um movimento operário organizado não poderia desprezar as organizações e, muito menos, a experiência do mutualismo e do cooperativismo. Nesse sentido, as presenças do redator do jornal *Avanti!*, o socialista Donato Donati, e do secretário da FOSP, Giulio Sorelli – defensor do sindicalismo revolucionário –, tiveram papel atuante no movimento grevista de 1907, pois, segundo Biondi²⁶², a presença tanto de socialistas, sindicalistas revolucionários, quanto de anarquistas na organização das táticas da greve, demonstra a força dos círculos socialistas e desmistifica a ausência destes no movimento operário do início do século XX no Brasil.

A partir dessas relações, é possível pensar a questão do apoio e do incentivo da FOSP à organização de Ligas Operárias que se reunissem de forma autônoma, sem nenhum tipo de respaldo patronal que desviasse a atenção das nascentes organizações operárias e as táticas apresentadas no movimento grevista iniciado em 1907. Nesse contexto, também é possível refletir a respeito da dimensão do caráter étnico cujo maior préstimo ocorreu onde a atuação dos trabalhadores era mais organizada, a ponto de servir de argumento legitimador para a lei de expulsão de estrangeiros, proposta pelo deputado Adolfo Gordo²⁶³.

²⁶² BIONDI, Luigi, op. cit., pp. 245-258.

²⁶³ Merecem menção alguns artigos da Lei 1.641, de 7 jan. 1907, conhecida como Adolfo Gordo:

Art. 1º - O estrangeiro que, por qualquer motivo, comprometer a segurança nacional ou a tranquilidade pública pode ser expulso de parte ou de todo o território nacional.

Art. 2º - São também causas bastantes para a expulsão:

1a) a condenação ou processo pelos tribunais estrangeiros por crimes ou delitos de natureza comum;

2a) duas condenações, pelo menos, pelos tribunais brasileiros, por crimes ou delitos de natureza comum;

3a) a vagabundagem, a mendicância e o lenocínio competentemente verificados.

Contra essa medida repressiva, havia uma resposta que se inseria em vários debates: a campanha de naturalização e a propaganda da Federação de que os imigrantes podiam ter nascido em outro país, mas que haviam se tornado trabalhadores “brasileiros”, passando a defender a naturalização dos imigrantes e a união com os operários nacionais. Por seu turno, os socialistas representados pelo jornal “*Avanti!*” defendiam a não naturalização em massa dos italianos, enquanto não houvesse uma integração maior entre os operários italianos e nacionais²⁶⁴.

Segundo Rios, desde a Constituição de 1891 foi declarado que todo estrangeiro que estivesse no Brasil há pelo menos dois anos, e que dentro de seis meses não declarasse a intenção de manter sua nacionalidade, seria considerado brasileiro²⁶⁵. A questão é que essa naturalização, que poderia servir para uma organização política de grupos naturalizados, também trazia a questão da traição à pátria de origem e de sentimentos nacionalistas por parte dos brasileiros.

Angelo Trento afirma que os motivos que levaram ou não os imigrantes a utilizarem a concessão do governo paulista de reservar dois lugares para os italianos naturalizados na Assembléia Constituinte de São Paulo, em 1891, têm vários significados, entre eles, que a naturalização se deu muito mais por desinformação do que por uma negação à pátria de origem, sem reduzir, todavia, a importância das contingências ideológicas e da conveniência em optar ou não pela cidadania

Art. 4º - O Poder Executivo pode impedir a entrada no território da República a todo estrangeiro, cujos antecedentes autorizem incluí-lo entre aqueles a que se referem os arts. 1º e 2º.

Art. 9º — O estrangeiro que regressar ao território de onde tiver sido expulso será punido com a pena de um a três anos de prisão, em processo preparado e julgado pelo juiz seccional e, depois de cumprida a pena, novamente expulso.

²⁶⁴ Em sua tese, Luigi Biondi cita um artigo do jornal “**Avanti!**”, de 27 jun. 1907, no qual os socialistas de origem estrangeira só deveriam falar de organização partidária, a partir do momento em que os elementos “indígenas” participem em proporção apreciável. p. 294. (grifo da autora)

²⁶⁵ RIOS, José Arthur. Aspectos Políticos da assimilação do Italiano no Brasil. p. 19.

brasileira, que se apresentava ligada, principalmente, às questões diretas de participação na política local²⁶⁶.

No caso de Ribeirão Preto, havia um número relativo de italianos naturalizados; mas, ao observar as listas dos eleitores que foram anunciadas nos periódicos²⁶⁷, a imensa maioria dos naturalizados, isto é, que utilizavam esse direito ao voto, estava ligada, direta ou indiretamente, à economia urbana. Daí a questão das sociedades italianas afirmarem sempre a qualidade de italiano e não a cidadania italiana, além de terem a oportunidade de pleitear tratados de comércio entre os dois países, participar dos debates sobre a política imigratória, defender-se juridicamente e alicerçar alianças políticas, principalmente no nível municipal.

Dentro dessa polêmica, Biondi afirma que o maior problema da naturalização em massa foi também a incerteza da permanência no país adotivo²⁶⁸. Assim, é possível compreender que o maior número de imigrantes naturalizados estava associado a atividades urbanas. E que, no caso das organizações socialistas, das estratégias de ações sindicais e de um futuro partido socialista paulista, depois de muitos debates e frações, permaneceram envolvidos com as sociedades italianas e também com as Ligas Operárias, como no caso da *Unione Italiana* e a Liga Operária de Ribeirão Preto, que, juntas e com a participação de socialistas revolucionários, reformistas e anarquistas, encontraram diversas maneiras de organização e de arregimentação do operário não só italiano.

Essa realidade ocorria principalmente em eventos comemorativos e reivindicatórios, como os festejos de 1º de maio, conforme demonstra o convite transcrito a seguir, produzido por ocasião das homenagens aos proletários de 1909:

²⁶⁶ TRENTO, Angelo, op. cit., p. 199.

²⁶⁷ Como exemplo: Lista de Eleitores. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 31 jan. 1907.

²⁶⁸ BIONDI, Luigi, op. cit., p. 289.

Desde hontem circulou pela cidade o seguinte manifesto:

“Manifesto da Liga Operária. 1º de Maio”

Hoje 1º de Maio, é o dia consagrado as grandes reivindicações proletarias; istoé, o dia em que todos os trabalhadores conscientes cruzam os braços e desertam dos campos e oficinas, reunindo-se em grandes comícios, publicos levantando bem alto o seu protesto humanitário, contra as classes privilegiadas, exploradoras dos desprotegidos.

A idéa do 1º de Maio teve a sua origem no Congresso dos Operários realizado em Baltimore (America do Norte) em 1868 e por obra do “Labor União” em 1884, e no congresso que a mesma teve em 1885, onde foi decidida a grêve geral no dia 1º de Maio de 1886, afim de obter ás 8 horas de trabalho.

Desde aquella data o movimento operario na conquista das 8 horas foi sempre mais intenso, até obter em muitos lugares o dito horario.

Como acabamos de expôr, o dia 1º de Maio é o dia da reivindicação dos Direitos Humanos.

O dia 1º de Maio para os operários de Ribeirão Preto, ainda não está reconhecido, apenas estamos no principio da conquista do dito horario e precisamos conquistal-o em breve, unindo-nos em associações operarias afim de obter-mos todos os melhoramentos que necessitam os operarios.

Hoje 1º de Maio ninguém deve apresentar-se ao trabalho.

Reclamemos nossos direitos, ás 8 horas de trabalho.

Viva o 1º de Maio!

Viva os operários!

Ribeirão Preto, 1º de Maio de 1909.

É este o programma dos festejos a realizar-se hoje pela sociedade “Unione Italiana” e pela “Liga Operaria”.

As 4 ½ horas da manhã alvorada pela banda Giacomo Puccini.

As 3 horas da tarde passeata civica sahindo da sede da sociedade, percorrendo diversas ruas da cidade.

As 8 horas da noite, grande baile particular entre os socios das duas sociedades.

Convida-se os operarios em geral a reunirem-se na sede das sociedades Unione Italiana e Liga Operaria á rua Florencio de Abreu, n. 32, afim de tomarem parte da passeata civica que terá logar ás 3 horas da tarde.

A Comissão²⁶⁹.

Segundo Hobsbawm, a comemoração de 1º de maio talvez seja o mais ambicioso dos rituais do operariado²⁷⁰. No Brasil, a data passou a ser comemorada

²⁶⁹ Manifesto da Liga Operária. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 1 maio 1909. n.º 1334, Ano V.

²⁷⁰ HOBBSAWM, E. A transformação dos rituais do operariado In: **Mundos do trabalho**. p. 111.

já no final do século XIX – os primeiros registros datam de 1895, por iniciativa de um Centro Socialista, fundado em 1889 na cidade de Santos. O que chama a atenção nessa data não é somente sua característica principal – um evento organizado por proletários, cuja representatividade se alastrou em escala internacional –, mas, também, o fato de constituir-se num evento que promoveu a ocupação de um espaço social dentro do sistema capitalista, mesmo sofrendo constantes transformações diante da própria dinâmica do desenvolvimento do capitalismo.

Em Ribeirão Preto, a primeira informação que obtive sobre um evento oficial organizado por uma sociedade mutualista para o 1º de maio remonta ao ano de 1904, na *Unione Italiana*, que concedeu sua sede para uma festa em homenagem à data, através de um pedido do anarquista e membro da sociedade, Cesare Crinci²⁷¹. A partir daquele ano, a data passou a ser comemorada continuamente, o que não garantiu a permanência do seu significado. Pelo contrário, como advertiram Hobsbawm e Ranger, além da repetição anual ganhar contornos ritualísticos, tornou-se uma data comemorativa, uma ocasião de encontro familiar com discursos exclamativos, mas, paradoxalmente, tornou-se distante do cotidiano do trabalhador²⁷².

No início do século XX, principalmente após 1906, os eventos do 1º de maio enfocavam a questão da jornada de trabalho; porém, posteriormente, esse referencial foi sendo perdido paulatinamente, enquanto a data passou a ser utilizada para os objetivos políticos e sociais mais diversos. Dessa forma, a investigação histórica sobre as relações entre as sociedades mutualistas e a organização do movimento operário em Ribeirão Preto ajuda a esclarecer as articulações

²⁷¹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 4, 27 mar. 1904.

²⁷² HOBBSAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1879 a 1914. In: HOBBSAWM, E. e RANGER, T. (orgs.) op. cit., p. 294.

econômicas, sociais, políticas e culturais dentro da realidade em que estavam inseridos os imigrantes, destacando as semelhanças com o processo como um todo, mas também as especificidades locais e temporais.

A referência aos “mártires” de Chicago, diante dos acontecimentos em maio de 1886, obteve, no caso brasileiro, especificamente devido à presença de imigrantes italianos no fazer-se dessa classe operária, um significado ainda mais forte. Nesse sentido, Hobsbawm afirma que a comemoração de 1º de maio pelos italianos tendia a ser mais sensível à força simbólica e ritualística. O autor também cita um dos líderes operários, que dizia que “O 1º de maio era a páscoa dos trabalhadores”²⁷³.

Se essas percepções observadas foram direcionadas à classe operária italiana em seu próprio país, a experiência de estar em um país adotivo fez com que esses significados se fortalecessem, principalmente pelo fato de que a imigração em massa trouxe “italianos” para a América, bastante fragilizados, sem recursos e semi-analfabetos. Assim, num ambiente estranho e distante, as cerimônias adquiriram ressignificações e a associação dos eventos de 1º de maio às questões religiosas, messiânicas e cerimoniais ganharam ainda mais consistência.

LIGA OPERARIA

É este o programma desta sociedade:

Hoje na séde social, á rua Florencio de Abreu, 32, realizar-se-á um baile.

A' meia noite em ponto será cantado o hymno dos operários e em seguida serão dadas diversas salvas de tiros e queimado grande quantidade de fogos.

A's 5 da manhã será queimada uma bateria de 21 tiros e uma banda de musica fará alvorada, percorrendo diversas ruas desta cidade.

A' (?) ½ da tarde formar-se-á em frente a sede social um grande prestito que irá cumprimentar todas as autoridades, e imprensa, finalizando no theatro Carlos Gomes onde fará uma conferencia o sr.

²⁷³ HOBBSAWM, E. **Mundos do Trabalho**. op. cit., p. 112.

Eduardo Vissimon. Esta conferencia será presidida pelo dr. Fabio Barreto²⁷⁴.

Todas essas questões já arroladas aos eventos como o citado acima, aliadas à especificidade de terem ocorrido numa cidade do interior paulista no início do século XX, em concorrência com a organização patronal do Centro Operário São Benedito, trouxe mais uma *contingência* ao nascente movimento operário da cidade. Pois essa associação ligada ao patronato, com estratégias reordenadas por parte da elite local, de subordinação e de manutenção da dominação tradicional patrimonialista, oligárquica e anti-democrática, questões ricamente abordadas por José Murilo de Carvalho²⁷⁵, fragilizou e disputou espaços na organização dos trabalhadores.

CENTRO OPERARIO SÃO BENEDICTO

A's 8 horas da manhã o revmo. padre Euclides Carneiro celebrará na Cathedral uma missa em acção de graças, devendo comparecer todos os operarios, sem distincção de nacionalidade, e em seguida todos incorporados irão fazer uma visita ás obras do predio social, á rua Prudente de Moraes.

A's 5 horas da tarde, nesse mesmo local, formar-se-á um prestito que percorrerá as diversas ruas desta cidade em visita ás autoridades e imprensa. Finalizada que seja esta passeata terá lugar no salão nobre da Sociedade Legião Brasileira uma conferencia literaria, presidida pelo dr. Augusto Ribeiro de Loyolla sendo orador official o dr. Fabio Barreto que dissertará sobre o "Operariado"²⁷⁶.

Ao ler essas duas notícias, anunciadas no mesmo jornal, percebe-se a disputa de espaço – os eventos são definidos em horários contrários: quando termina um, começa o outro. Contudo, com poucas diferenças nas questões de

²⁷⁴ Liga Operária. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 30 abr. 1912, Ano VIII, n.º 2333.

²⁷⁵ CARVALHO, José M. de; **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

²⁷⁶ Centro Operário São Benedito. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 30 abr. 1912, Ano VIII n.º 2333.

cerimoniais e também no que diz respeito às presenças das autoridades locais como o advogado e vereador Fábio Barreto.

Assim, ao apreender de forma mais sistemática um diálogo com as evidências específicas da prática associativa italiana em Ribeirão Preto, a análise das sociedades mutuais ganha uma relevância não somente no “fazer-se” do perfil operário brasileiro, mas também na construção de uma cultura associativa que serviu como espaço de manobra na demonstração da importância do elemento imigrante perante a sociedade local. Desse modo, pode-se refletir ainda a respeito do crescimento de uma elite imigrante que, mesmo proporcionalmente reduzida diante do número absoluto do movimento de imigração em massa, constituiu uma rede de sociedades mutuais capaz de ir além de seus objetivos declarados, e que proporcionou, por sua vez, uma (re)invenção do sentimento de italianidade que é alimentada e (re)inventada até os dias atuais.

Pavilhão Italiano montado durante quermesse na Praça XV de Novembro nos dias 10, 11 e 12 de outubro de 1913. Data: Outubro de 1913. Fotógrafo: N/identificado (APHRP – F288)

CAPÍTULO 5

LAZER, SAÚDE E EDUCAÇÃO: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

5. LAZER, SAÚDE E EDUCAÇÃO: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

O final do século XIX foi marcado pelo alastramento do capitalismo, em particular na Europa, bem como de seu modo de vida como um modelo de modernização, sobretudo no continente americano. Nesse contexto, o processo de urbanização constituiu-se num dos maiores ícones – senão o maior – do salto científico-tecnológico que tipificou a segunda Revolução Industrial. As tentativas de compreensão dessa nova dinâmica econômica sobre a vida cotidiana, principalmente seus desdobramentos sociais, trouxeram a lume os debates mais calorosos a respeito da maneira como deveriam se processar as amplas transformações em curso.

No caso brasileiro, modernizar significava a substituição de uma paisagem colonial e arcaica por uma paisagem “moderna” e “civilizada”, como atestam os discursos parlamentares e cientificistas da época. Cumpre salientar que a idéia de modernização se inseriu como processo norteador, cuja condução foi realizada e direcionada por interesses e concepções urbanísticas dentro de moldes europeus, ao gosto da burguesia da *belle époque*, tratando-se de uma realidade permeada pela figura do missionário da civilização.

A crença na civilização e no progresso revestiu essas concepções de mundo com um caráter universal, que eram ditadas pelos setores dominantes nas mais diversas escalas da vida urbana, desde a grande capital – seguramente, a reforma do Rio de Janeiro foi o caso mais exemplar – até as cidades de porte médio e pequeno. Assim, um arcabouço de medidas “civilizatórias”, como embelezamento e

racionalização do espaço, foi adaptado ao desenvolvimento econômico e social de vários centros urbanos. Todavia, as atenções ao mundo do trabalho e da ordem foram igualmente constitutivas desse caráter modernizador. Desse modo, havia um discurso oficial vincado de autoritarismo e norteado por conceitos europeus, de ordenamento do humano, como registra Sidney Chalhoub:

As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio. Por um lado, o próprio perigo social representado pelos pobres aparecia no imaginário político brasileiro de fins do século XIX através da metáfora da doença contagiosa: as classes perigosas continuariam a se reproduzir enquanto as crianças pobres permanecessem expostas aos vícios de seus pais²⁷⁷.

A interferência ordenadora sobre o espaço não se restringia apenas às questões urbanísticas, mas também à noção do tempo dedicado ao trabalho e ao lazer. Segundo Dumazedier, em sua obra *Sociologia empírica do lazer*, essa atividade humana foi uma criação específica da sociedade industrial, acabando por defini-lo apenas como “tempo livre”²⁷⁸: um tempo disponível, que não era definido pelo indivíduo, mas como resultado das transformações salientadas acima, sendo desse modo um novo valor social que também precisava ser disciplinado diante do mundo “civilizado”.

O controle do tempo e do espaço no cotidiano urbano constituiu-se na base do ideal burguês de distinção entre lazer e trabalho, fortalecendo cada vez mais o discurso de ordenação, paradoxalmente cada vez mais desafiante no sentido de estabelecer uma ordem e uma “nova cultura”²⁷⁹.

²⁷⁷ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril** – cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 29.

²⁷⁸ DUMAZEDIER Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

²⁷⁹ CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Num sentido amplo do termo *cultura*, ou seja, com base na concepção de que a simples existência humana produz cultura, a questão da produção de uma “nova cultura” significou a existência de um conjunto de estratégias, originadas no seio de um grupo dominante, que visava à idéia de consenso do que seria essa nova forma de viver, em contraposição a uma multiplicidade de experiências individuais e coletivas sobre a noção de tempo, do espaço público e privado e de ritmos e dinâmicas locais²⁸⁰.

Daí Thompson ser explícito em sua obra *Costumes em Comum*, quando faz um alerta sobre o uso do termo “cultura”, afirmando se tratar de um conceito complexo, pois, ao se reunir tantas atividades e atributos em um único conjunto, pode-se, na verdade, confundir ou mesmo esconder distinções que precisariam ser feitas, principalmente em relação aos seus componentes – como ritos, modos simbólicos, atributos culturais de hegemonia, transmissão do costume de geração para geração – e ao desenvolvimento de formas historicamente específicas das relações sociais e do trabalho²⁸¹.

No referido processo de urbanização, além das suas existências materiais, os lugares constituíam porções espaciais onde pulsava uma pluralidade de articulações e de habilidades no cotidiano, capazes de promover novas adequações dos seus costumes dentro desse processo de transformações, conformando papéis e estratégias que compunham a readequação do *habitus*, visto como relações necessárias entre as condições conjunturais e o senso prático que cada grupo procurou maximizar²⁸².

²⁸⁰ Sobre este tema ver: LAPA, José A. **A cidade**: Os cantos e os antros. São Paulo: Edusp, 1996; MATOS, Maria I. S. de. **Cultura e cotidiano**: história, cidade e trabalho. Bauru: Edusc, 2002.

²⁸¹ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. op. cit., p. 17.

²⁸² Ibid., p. 90.

Assim, como componente essencial dessa dinâmica do capitalismo, principalmente em alguns estados do Brasil, a política de imigração apresentou-se como incremento populacional, uma contingência que redimensionou a paisagem do final do século XIX. O imigrante, numa luta diária de sobrevivência e adaptação, encontrou várias formas de organizar redes sociais nas quais, por meio de redimensionamentos e recriações, fosse possível uma sociabilização. Nesse sentido, as associações criadas pelos italianos, mesmo levando em consideração as questões de identidades regionais em detrimento de uma identidade nacional ainda em formação, organizaram-se, diversificaram-se e pulverizaram-se.

No caso do estudo sobre as sociedades organizadas em Ribeirão Preto, um ponto de referência é a análise das mesmas enquanto espaço de sociabilidade, de lazer, de resignificação de costumes e de criações de tradições – na condição de uma atividade urbana, o lazer faz parte desse processo de transformação e diversificação, convivendo, porém, com a permanência das atividades rurais, que também se redimensionavam pela presença crescente de imigrantes de várias partes do mundo²⁸³.

5.1 UMA TRADIÇÃO INVENTADA: O “VINTE DE SETEMBRO” E A DIVERSIDADE DE POSSIBILIDADES DE SOCIABILIZAÇÃO

A análise da importância da determinação de uma data-signo para a criação de uma tradição correlata à identidade italiana foi realizada no capítulo anterior.

²⁸³ SILVA, B. L. da. **O Rei da Noite na Eldorado Paulista**: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1890-1930). Dissertação de Mestrado em História, UNESP-Franca, 2000, p. 84.

Entretanto, é essencial ressaltar a maneira como a definição da nacionalidade, dos símbolos e dos ritos proporcionou um horizonte simbólico, assim como a interação social proporcionou um dado concreto no processo de legitimidade e de pertencimento a um grupo.

Os eventos passaram a ser organizados em torno do “20 de setembro”, data considerada pelos imigrantes italianos – sobretudo os dirigentes das associações – como um momento de coesão e de unidade nacional, sustentados, essencialmente, sob a perspectiva ideológica burguesa²⁸⁴. Contudo, isso não significa dizer que os festejos não alcançaram uma grande ressonância na maioria dos imigrantes da península itálica, e muito menos que não houvesse, por parte dos imigrantes anti-monarquistas, um movimento de resistência às homenagens ao governo da família Savóia. Sobre tal questão, pode ser observada a publicação, em 1898, de uma crítica no periódico humorístico e literário *A Mocidade*, da cidade de Ribeirão Preto, contrária à comemoração daquela data, sob alegação da falsidade que envolvia o evento, pois era obrigação da “Liga Democrática Italiana”²⁸⁵ a defesa da “doutrina e a instituição democrática”²⁸⁶.

Na cidade de São Paulo, também ocorreram manifestações contrárias à referida efeméride, devido à política de repressão aos movimentos sociais e associações adotada no Reino Italiano no final do século XIX²⁸⁷. Tal informação demonstra que desde o início da organização das sociedades no interior paulista ocorria uma interação direta com o que se passava nos centros maiores e, também,

²⁸⁴ Ver nota 169.

²⁸⁵ No curso das pesquisas para a elaboração da tese não foi encontrado registro algum a respeito dessa liga em Ribeirão Preto.

²⁸⁶ Periódico humorístico e literário **A mocidade**, Typ. do Jornal d'Oeste, Ano I, nº.1. de 03 jul. 1898. Único exemplar encontrado no Arquivo da Biblioteca Nacional.

²⁸⁷ BIONDI, Luigi. op. cit., pp. 163-164.

no país de origem. Nesse contexto, as ações e reações diante de determinadas situações assumiram formas distintas.

No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, as festividades do “20 de setembro” ocorriam, na maioria das vezes, baseadas numa espécie de combinação entre patriotismo e sentimento nostálgico da terra distante. No ano de 1899, as homenagens em Ribeirão Preto foram organizadas pelas duas sociedades “italianas”, que, por intermédio de uma comissão mista (Tabela 18), organizaram uma série de eventos, tais como uma alvorada, uma apresentação teatral e um baile.

Tabela 18 - Comissão para a organização das homenagens ao dia 20 de setembro de 1899.

Nomes	Sociedade	Ocupação profissional
Enrico Zapparoli	<i>Unione Italiana</i>	Proprietário de uma Confeitaria
Giovanni Riccardi	<i>Unione e Fratellanza</i>	Sem informação
Giuseppe Pieri	<i>Unione Italiana</i>	Sócio de Giovanni Beschizza em um armazém “Secos e Molhados”
Andrea Ippolito	<i>Unione Italiana</i>	Proprietário de um armazém de “Secos e Molhados”
Ippolito d'Ippolito	<i>Unione e Fratellanza</i>	Professor
Vicenzo Croce	<i>Unione Italiana</i>	Proprietário de uma Alfaiataria
Ítalo Ferratone	<i>Unione e Fratellanza</i>	Proprietário de um botequim

Fonte: Livro de Atas do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* – Ata n.º 18, 12 set. 1899.

Havia grande concorrência entre os membros das sociedades italianas para tomar parte de uma comissão organizadora de eventos, que contribuiu para reforçar ainda mais o desenvolvimento de um corpo de estratégias, conforme sustentado até aqui. Afinal, o que aparentemente traria uma série de responsabilidades, capitaneava o reconhecimento da colônia italiana e, por consequência, da sociedade local em relação aos organizadores. As vantagens eram ainda maiores quando os envolvidos com a organização estavam iniciando as suas atividades comerciais ou serviços especializados na cidade. Ademais, tratava-se de uma estratégia que estabeleceu uma consonância perfeita às expectativas acalentadas pela elite,

quanto ao universo do trabalho e da ordem, pois, além de os imigrantes terem sido preferidos aos negros para o trabalho na lavoura, realizaram seus ritos festivos dentro de um ordenamento que satisfizeram os ideais elitistas, ao contrário dos negros, cuja festividades eram cercadas por toda ordem de cerceamento.

Várias foram as festas organizadas para o “20 de setembro” ao longo da existência das sociedades, porém alguns pontos chamam a atenção: como ocorre com todos os eventos, esse possuía seus significados. Desse modo, torna-se facilmente perceptível o fato de que as associações existentes disputassem quem detinha maior legitimidade para representar a “colônia italiana”, assim como o “ideal da identidade italiana”.

Nesse sentido, a partir das transformações e dos diversos posicionamentos político-ideológicos, em alguns anos tal data foi comemorada, em outras permitiu ações contrárias às determinadas pelo Real Vice-Consulado Italiano, como ocorreu em 1905, quando, devido aos terremotos ocorridos na Calábria, a sociedade Pàtria e Lavoro (juntamente com o Vice-Consulado de Ribeirão Preto) decidiu cancelar a comemoração, enquanto a Unione Italiana posicionou-se pela permanência das homenagens, que ganharam naquele ano uma conotação mais popular, inclusive com matizes socialistas.

A partir da concepção de “tradições inventadas”, as comemorações do “20 de setembro” simbolizaram, de modo geral, a coesão social e a legitimação da idéia de nacionalidade, as quais foram essenciais na determinação de certos padrões de comportamento e valores concebidos como civilizados²⁸⁸. Porém, ligados às permanentes alterações das relações das sociedades de classes e à estruturação de conjuntos de valores e modos de vida, tais eventos acabaram por contribuir para

²⁸⁸ HOBBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In:; HOBBSBAWM, E.; RANGER, T. (orgs.), op. cit., p. 17.

a conscientização do indivíduo em relação aos conflitos inerentes à sociedade capitalista e à transmissão ou alterações de valores ao longo do tempo. Logo, a configuração desses significados esteve intrinsecamente ligada à cultura, que somente pode ser observada nas ações da vida social.

Tais eventos constituíram, principalmente no senso prático do cotidiano, um espaço social onde se mesclaram atividades de “lazer” associadas às “estratégias” sociais, sem obrigações oficiais outorgadas, mas consubstanciadas em sistemas específicos de “relações objetivas que podem ser de aliança, concorrência ou de cooperação”²⁸⁹. Nesses termos, o fato da possibilidade desses eventos serem também observados como espaço de sociabilidade, principalmente dos imigrantes mais bem sucedidos dentro da colônia italiana, chama a atenção, pois no decorrer dos anos o “vinte de setembro” passou a ser comemorado pelas sociedades compostas por italianos que haviam obtido certo prestígio social, sempre com o apoio oficial do Real Vice-Consulado.

VINTE DE SETEMBRO

AS FESTAS COMEMORATIVAS NO RIBEIRÃO PRETO - PASSEATA, SESSÃO LITERARIA E BAILE.

Foram animadas as festas celebradas hontem por iniciativa da “Sociedade Dante Alighieri” em homenagem á data de Vinte de Setembro.

Ao alvorecer houve a salva de 21 tiros do costume, tendo a banda “Giacomo Puccini” percorrido todas as ruas da cidade em saudação ao grande dia da queda do poder temporal e da unificação do reino italiano.

Varias casas nacionaes e estrangeiras hastearam os pavilhões das duas nacionalidades, notando-se neste numero a camara municipal, o forum, os consulados e as redacções.

O que porem, mais expressivamente denotou o vivo patriotismo da colonia italiana, foi a bella passeata civica que realizou ás 4 horas da tarde. No extenso prestito figuravam os membros mais grados das sociedades locaes, representantes das agremiações União Syria e Beneficiencia de Ribeirão Preto, Dante Alighieri, Sociedade

²⁸⁹ BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. op. cit., p. 94.

Hespanhola de Socorros Mutuos, Sociedade Ottomana, Sociedade União dos Viajantes, Umberto I, alumnos das escolas Regina Margherita, Zamarion, Bomvincini, etc. além de varios brasileiros e representantes da imprensa.

O imponente cortejo desfilou pelas ruas centraes, em ordem precedidos da banda “Giacomo Puccini” e tendo ao centro a illustre directoria da sociedade “Dante Alighieri”, com o respectivo estandarte e o formoso pavilhão da Italia.

A serie de cumprimentos foi iniciada pela saudação ao dr. Eliseu Guilherme, juiz de direito, pelo sr. Luiz de Maio, respondendo aquele magistrado; no Consulado da italia falou o sr. João Nociti, agradecendo o sr. João Miletto, digno titular daquela agencia real; em frente á Associação Commercial pronunciou um discurso de saudações o sr. Alfredo Teixeira, respondendo o sr. Garcia de Souza, presidente daquela sociedade; na redacção do “L'Eco Italiano”, reputado orgam da colonia, discursou o sr. Garcia de Souza, respondendo o prof. Ciardi; na redacção do “Diario”, devido ao lucto do director, houve apenas cumprimentos, na residencia do sr. prefeito municipal, Luiz Baptista Junior, não houve saudações por estar ausente aquella autoridade; e, finalmente, em frente á redacção desta folha, que foi distinctamente saudada pelo sr. Pio Coelho, agradecendo o nosso companheiro Jovelino Camargo.

Da redacção da “Cidade” o prestito se dirigiu ao Theatro Carlos Gomes onde se effectuava a annunciada sessão letteraria.

Era animadissimo o aspecto do interior do theatro com a platéa e camarotes regorgitando de ouvintes.

A brilhante sessão foi presidida pelo dr. Elizeu Guilherme Christiano, tendo a seu lado os srs. drs. Mario Pires, Mamede da Silva, João Beschizza, João Miletto, Jeronymo Hyppolito, dr. Pereira Barreto, dr. Julio Gallo, Luiz Baptista Junior, Antonio Pinto da Motta, Carlos Torres, cel. Moura Lacerda, João Nociti, Francisco Pugliani; e muitos outros dignos membros da colonia italiana, além de representantes de associações e escolas.

Aberta a sessão pelo dr. juiz de direito, teve a palavra o preclaro cientista dr. Luiz Pereira Barreto, que discursou admiravelmente sobre a data; falando em seguida os srs. João Miletto, cel. Moura Lacerda, Prof. Aristides Muscari, todos enthusiasmicamente applaudidos.

Terminados os discursos, subiram ao palco os alumnos de diversas escolas, recitando lindas poesias em italiano. Muito se destacou a menina Anita Tessitori, recitando com sentimento uma poesia de Carducci.

A sessão foi encerrada pelo dr. Eliseu Guilherme, que se congratulou com a colonia italiana pela magnifica commemoração de XX de Setembro.

A' noite realizou-se nos salões da Sociedade “Dante Alighieri” um animado baile, com selecta concorrência.

A “Cidade” reproduz hoje os seus agradecimentos pela forma gentil com que a estimada colonia italiana a tratou durante as festas, na pessoa de seus redactores²⁹⁰.

²⁹⁰ Vinte de setembro. **A Cidade**. Ribeirão Preto, 21 set. 1910, Ano VI, n.º 1766.

O artigo jornalístico citado acima, publicado num dos jornais mais lidos de Ribeirão Preto na época, caracteriza nitidamente a questão levantada. O evento foi todo organizado pela Sociedade *Dante Alighieri* e contou com a participação de autoridades, empresários locais e estrangeiros, da Associação Comercial e Industrial da cidade, além de associações de outras nacionalidades, mas sem nenhuma menção à Sociedade *Unione Italiana*, numa clara demonstração de posicionamentos distintos.

O *status* constitui outro âmbito passível de análise, uma vez que havia uma diferenciação social capaz de definir quem estava ou não apto a participar de determinado espaço social, como os bailes concorridos por uma seleta parcela da comunidade imigrante, organizados pela *Dante*, ou, antes ainda, pela *Pàtria e Lavoro*. Ao analisar as sociedades espanholas na Argentina, José Moya aponta a mesma questão, afirmando que esses espaços exclusivos atuavam como um mecanismo de segregação e possibilidade de aumentar prestígio de quem conseguia conquistar o uso desse espaço²⁹¹.

Desse modo, tratou-se de eventos nos quais as famílias do grupo de italianos em ascensão econômica – espécie de elite imigrante – encontrou oportunidades para convivência mais íntima, situação que incluía rememorações da distante terra de origem, ou mesmo a interação a respeito de notícias “frescas” trazidas por imigrantes que haviam reunido condições financeiras para viajar à Itália e retornar ao país adotivo, para dar curso às suas atividades econômicas. Note-se, nesse contexto, que dentre as atividades de lazer, o turismo já se tornara uma prática da elite.

²⁹¹ MOYA, José. C. op. cit., p. 298.

Essas práticas de lazer e de entretenimento constituíram-se em momentos ideais para alianças sociais e/ou familiares, pois nesses bailes aconteciam “flertes” entre jovens que desejavam casar-se com pessoas da mesma colônia, criando uma sociabilidade étnica e, ao mesmo tempo, uma determinação sócio-econômica, onde laços pessoais foram forjados (além dos laços institucionais).

Durante pesquisa nos livros de atas da *Unione Italiana*, observei que a sociedade não comemorou o “20 de setembro” por um determinado tempo. A última referência à sua organização e homenagem foi registrada em 1905. O tema retornou aos assuntos de assembléia somente em 1917, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, em grande parte em função da própria participação italiana na contenda internacional, além de mais uma onda de terremotos ocorridos na Calábria, que acabaram por promover uma aproximação entre a *Unione Italiana* e a *Dante Alighieri*, numa série de eventos em prol dos soldados em guerra e das vítimas dos terremotos.

Em face desses fatos transcorridos na Europa, a defesa da identidade sobrepujou as questões políticas e as diferenças sociais. A organização de uma comissão para a arrecadação de fundos para a “Cruz Vermelha Italiana” e de uma campanha de auxílio às vítimas das conseqüências dos terremotos na Calábria foi fundamental para o retorno das homenagens ao “20 de setembro”, organizadas pelas duas sociedades.

Ao manifestar um conjunto de estratégias dentro de tais contingências, a defesa da “colônia italiana” contra os discursos e ações nacionalistas que ganhavam algum corpo no Brasil possibilitou uma rearticulação dos mecanismos de preservação da “italianidade”. Ademais, a nação adotiva constituiu-se num terreno fértil para o desenvolvimento e reinvenções de estratégias, afinal, o italiano deparou-

se com uma elite pasmada diante do progresso transatlântico, cujas pretensões civilizatórias situavam-se além dos Pirineus, e, nesse sentido, destituídas de uma identidade brasileira.

Nicolau Sevcenko, em seu livro *Orfeu extático na metrópole*, discute a mobilização de moças e senhoras da sociedade paulistana para socorrer soldados franceses desmobilizados na Primeira Guerra, enquanto a população pobre sucumbia ante a enchente do mesmo período²⁹². Enquanto isso, os italianos reiteraram suas estratégias para a conquista do seu espaço, por meio da afirmação da sua identidade, do estabelecimento e revalorização de redes de solidariedade étnica.

Dentro desse contexto, em 1919 foi criado um *Circulo Italiano* em Ribeirão Preto, sediado no mesmo prédio da *Dante Alighieri*. Os objetivos dessa associação, bem definidos, circunscreveram a manutenção de certo viés de “cultura italiana”, sem relação com ações de socorros mútuos, e com uma grande preocupação na seleção dos sócios que participariam da associação²⁹³.

Além do *Círculo Italiano*, também foi criado o “*Comitato Femminile pró-patria*”, dentro da *Dante Alighieri*, em 1918, e que reuniu as senhoras “honradas” da colônia italiana²⁹⁴ – expressão que corresponde às esposas dos membros de maior prestígio social e econômico da sociedade italiana residente na cidade, que tiveram como uma de suas primeiras missões a organização da festa do “20 de setembro” daquele ano.

²⁹² SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, pp. 43-73.

²⁹³ Ata nº.15 da Reunião do Conselho Diretor do *Circolo Italiano*, realizada no dia 25 de abril de 1920. Interessante notar que além de selecionar os imigrantes italianos que poderiam pertencer ao Círculo, eles também permitiam a entrada de nacionais, desde que fosse aprovado pelo Conselho.

²⁹⁴ Comitato Femminile pró-patria. **A Cidade**. Ribeirão Preto, 27 ago. 1918, Ano XIV, n.º 4580.

5.2 PRESTÍGIO: EVENTOS BENEFICENTES E LAZER

As Sociedades de Socorro Mútuo foram assim denominadas porque defendiam propostas que poderiam proporcionar alguma forma de segurança aos sócios, ao menos no que dizia respeito às questões de tratamentos médicos, pagamento de pensões às viúvas, de funerais e de instrução aos filhos dos sócios. Os recursos monetários para o auxílio eram obtidos através de mensalidades pagas pelos membros associados. Segundo Biondi, além dos serviços habituais, as sociedades constituíam um espaço de lazer, com a presença, por exemplo, de grupos de teatro, bandas de música e bailes²⁹⁵.

Durante a pesquisa das atas das associações mutuais de Ribeirão Preto, notei ainda que a organização de eventos foi freqüentemente debatida, e continha, em seu espectro de ação, uma pluralidade de objetivos, sobretudo na *Unione Italiana*, onde as diversas festas apresentavam como objetivo básico o aumento da fonte de renda que a mantinha, pois na maior parte do ano os fundos da sociedade eram exíguos. São inúmeros os debates a respeito da necessidade de aumentar a mensalidade ou de organizar eventos “beneficentes” para promover o incremento monetário do caixa da sociedade. Quase sempre se decidia pela organização de atividades sociais como quermesses, tômbolas, bailes e apresentações do *Circulo*

²⁹⁵ BIONDI, L. Sociedades Italianas do Socorro Mútuo e Política em São Paulo, entre o século XIX e o século XX. **Travessia**: revista do migrante. Cidade da publicação, Ano XII, nº. 34, maio/agosto de 1999.

filodramático “Ermete Novelli”, que utilizou a sede da sociedade por vários anos para seus ensaios e apresentações²⁹⁶.

Num primeiro momento, é possível imaginar a questão orçamentária dos membros da sociedade, isto é, o aumento da mensalidade ou das taxas adicionais poderiam influenciar negativamente na renda familiar, e assim decidia-se por angariar fundos de outras maneiras. Porém, ao acompanhar as mudanças de valores das mensalidades, em relação ao preço de alguns gêneros alimentícios que freqüentemente apareciam na imprensa local, essa possibilidade se torna inócua²⁹⁷. Em 1895, segundo o Relatório Anual do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, o valor aproximado de um dia de trabalho no campo era de 2\$500 réis²⁹⁸, enquanto neste mesmo ano, a mensalidade da *Unione Italiana* era de 2\$000 réis²⁹⁹: valor pequeno, o que fez com que muitos sócios optassem por pagar trimestralmente.

Logo, a definição por eventos abertos ou fechados fazia parte da teia de ações estratégicas, uma vez que são perceptíveis objetivos para além do levantamento de fundos, pois funcionava também como importante possibilidade de propaganda da sociedade, uma vez que as festas foram sempre divulgadas nos periódicos em língua italiana e também nos jornais de maior exposição de língua nacional.

²⁹⁶ O surgimento de Círculos Filodramáticos no Brasil está diretamente ligado à prática associativa italiana que acabou por apoiar a criação destes círculos ou abrigá-los em suas sedes. Sobre este tema ver: SILVA, B. L. da. **O Rei da Noite na Eldorado Paulista**: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1890-1930). Dissertação de Mestrado, UNESP-Franca, Departamento de História, 2000; RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

²⁹⁷ Tabela de preços – Mercado Municipal. **A Cidade**. Ribeirão Preto, 18 abr. 1905.

²⁹⁸ Repartição de Estatística do Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**. 1895, vol. I, p. 102.

²⁹⁹ Livro de Mensalidade da *Unione Italiana*, relativas ao período 1895-1904.

Sociedade Operaria de Mutuo Socorro União Italiana

Recebemos delicado convite apara assistirmos amanhã na sua sede social na Rua Florenço de Abreu uma festa beneficente cujo programa é variado contendo duas comédias recitativa e um cheia cherzo comico em um ato. Seguindo de grande loteria gastronômica um baile familiar. Agradecemos a delicadeza do convite, faremos representar³⁰⁰.

A citação acima faz eco a uma festa realizada como auxílio à renda da sociedade. No entanto, além desse objetivo, numa das reuniões do Conselho, pouco antes da definição da organização festiva, o próprio presidente que acabara de assumir, Valentino Ferrante, reclamou da “inércia” em que se encontrava a sociedade. Em seu discurso sobre a necessidade de mudanças e de superação dessa fase, conclamou: “*com honra e, sobretudo união de todos os sócios, a sociedade voltará a prosperar*”³⁰¹. Nesse sentido, eventos ganhavam vários significados, tais como o de colocar a existência da sociedade em evidência, unir e envolver os sócios, e proporcionar espaços/momentos de socialização da “colônia italiana”, que em 1907 já se encontrava com composição bastante diversificada.

Em 1903 ocorreu mais um dos muitos momentos carregados de significado, logo após a crise de epidemia de febre amarela que assolou a cidade, quando todas as mutuais se enfraqueceram financeiramente devido ao imenso gasto provocado pelos tratamentos. Contudo, a *Unione Italiana* não aceitou a proposta do Real Vice-Consulado para a criação de uma única sociedade “italiana” na cidade – o que significaria unir-se à *Unione e Fratellanza* – e, mesmo extremamente enfraquecida, decidiu, em reunião com os poucos sócios ainda existentes, organizar alguns eventos para angariar fundos necessários para os custos dos funerais dos sócios mortos.

³⁰⁰ Sociedade Operária de Socorro Mútuo União Italiana. **A Cidade**. Ribeirão Preto, 31 mai. 1907, Ano III, n.º 746.

³⁰¹ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana* – Ata n.º 45, 05 maio 1907.

Nessa pequena assembléia, eles decidiram pela organização de duas festas – 26 de setembro e 28 de novembro –, além de definirem a diminuição do valor da taxa de admissão para 5\$000 réis (em 1903, a taxa era de 8\$000 réis), enquanto a mensalidade permaneceu a mesma: 2\$000 réis³⁰². Pensando a partir da adequação diante das necessidades objetivas enfrentadas pela sociedade, esse fato traz consigo a chave para refletir sobre a capacidade desse grupo que, ao levar em consideração suas experiências já adquiridas, conseguiu dentro do seu “campo” definir suas posições e atualizar o *habitus*, no sentido de reinvenções para a sua sobrevivência.

Uma redefinição também se deu nas outras duas sociedades – *Unione Meridionale* e *Unione e Fratellanza* –, que aceitaram a fusão, diante do apoio do Vice-Consulado na estruturação de uma nova sociedade, revestida de “tradição” e do uso máximo das “expectativas herdadas, regras que não só impunham limites aos usos como revelavam possibilidade, *normas e sanções tanto da lei como das pressões vizinhas*”³⁰³.

Nesse contexto, a construção de uma nova ordem urbana, através dos códigos de postura que impunham horários de circulação pelas ruas da cidade, das ordens de prisão aos “vagabundos e embriagados” e do fortalecimento das autoridades policiais, permitiu que a sociedade ribeirão-pretana experimentasse novas formas de viver, ditas “modernas”, num movimento de aproximação e distanciamento, diante das situações vivenciadas, das novas determinações da elite local.

Com essas formas de sociabilidade, num sentido mais “perspicaz”, a sociedade imigrante estreitou seus laços em torno desse cotidiano por meio de uma

³⁰² LIVRO DE ATAS da Assembléia Geral da sociedade *Unione Italiana* – Ata s/n, 06 set. 1903.

³⁰³ THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. op. cit., p. 91 (grifo meu).

rede de sociabilidades, observadas nos diversos eventos “lícitos, honrados e familiares” que tais sociedades promoviam, os quais, ao abrigar círculos filodramáticos, bandas, escolas etc., contribuíram para a formação desse espaço renovado, que se apresentou heterogêneo, inclusive entre os próprios imigrantes.

A sede da *Unione Italiana* abrigou, durante o período estudado pela pesquisa, o “Circolo Filodramatico Ermete Novelli”, a “Banda Ítalo-brasileira” e várias “escolas”, além de ceder seu espaço esporadicamente para diversas associações recreativas que necessitavam de um salão para a organização de seus eventos. É claro, contudo, que todas essas associações pagavam “aluguel” pelo uso do espaço e, nos casos específicos do Círculo Filodramático e da Liga Operária, com quem a *Unione Italiana* manteve uma ligação de maior duração, configuraram-se ainda outras formas de relações.

Durante essa maior convivência, várias questões sobre o uso do espaço foram sendo reordenadas diante das necessidades cotidianas da Sociedade – as divisões de despesas e reformas, por exemplo –, ainda que se considere que a maior parte de seus membros, tanto do Círculo quanto da Liga, também compunha o quadro de membros da própria sociedade. Além disso, durante a maior parte do tempo, essas associações compartilharam posicionamentos, experiências vividas, percebidas e conscientizadas, passando por uma percepção de que aquele espaço social funcionava como *lócus* de relações de cooperação entre papéis sociais diferentes, apropriando-se de um capital cultural e simbólico e estendendo-o às redes de solidariedade e de disputa dentro da própria associação, com vistas à manutenção do *habitus*, por meio de intensos debates sobre responsabilidades, deveres, organização de eventos e, sobretudo, sobre a manutenção do capital sócio-cultural adquirido.

Durante as duas primeiras décadas do século XX, a *Unione Italiana* manifestou-se cotidianamente em ações conjuntas com grupos de imigrantes italianos que também se distanciaram dos interesses e objetivos da política oficial do Ministério das Relações Exteriores da Itália, da qual eram afins a *Pàtria e Lavoro* e, posteriormente, a *Dante Alighieri*. Assim, durante esse período, a *Unione Italiana* tornou-se um espaço onde operários, trabalhadores semi-qualificados e alguns pequenos comerciantes da colônia italiana se sentiram pertencentes a um grupo, unido não só pela questão étnica, mas também pelas relações de identidade de classe e de posicionamentos político-ideológicos.

Outro impasse vivenciado pela *Unione Italiana*, em 1909, foi a discussão sobre a permissão do uso de sua sede para a instalação de um cinematógrafo³⁰⁴. Ao pensar os discursos da época, a existência de um sala de projeção de filmes caracterizava a modernização, um verdadeiro símbolo do modelo civilizatório, bem como um espaço seguro que poderia servir para vários níveis sociais. Vale lembrar que o cinema teve um intenso desenvolvimento seguido por uma “legião de entusiastas”, empolgados pelo dinamismo dessa nova tecnologia³⁰⁵.

Entretanto, houve muita resistência por parte dos sócios da *Unione Italiana* em aceitar alugar a sede para tal fim. No curso das atas, o debate em torno do significado de uma sociedade mutuária colocou a questão da possibilidade do uso da sala “apenas” para instituições beneficentes; desconsiderando-se, contudo, que naquele momento a sociedade já havia se envolvido em diversos episódios políticos, apesar de oficialmente sempre manter em seus estatutos a qualidade de sociedade apolítica. Porém, o que mais pesou na demora em aceitar a inovação foi uma

³⁰⁴ A primeira vez que o uso da sala foi questionado para uso de um cinematógrafo foi em 1909. LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* - Ata n.º 08 – 08 jul. 1909.

³⁰⁵ SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p. 93.

espécie de resistência em perder toda uma cultura percebida através da transmissão de costumes e de uma continuidade histórica. Em uma das reuniões de assembléias mais fervorosas sobre o assunto, mesmo tendo uma proposta financeira interessante por parte do Senhor Aristide Muscari – proprietário de um cinematógrafo –, foi decidido pelo não-aluguel, tendo como maior alegação a demonstração da decadência da sociedade³⁰⁶.

Todavia, novas tecnologias, novos padrões de comportamento, de consumo e um dinamismo cultural, onde o cinema era o símbolo de uma “revolução”, apareceram não só nas grandes capitais do país, como também no desenvolvimento das cidades do interior, principalmente do chamado “Oeste Paulista”. Mesmo com a alegação de Maria Elisa Borges, segundo a qual Ribeirão Preto não possuía um caráter urbano digno diante da grandiosidade econômica que a região representava³⁰⁷, a “nova cultura” inseriu-se paulatinamente, através do apoio da elite local, e o lazer como forma de divertimento e reparador do cotidiano de trabalho ganhou força, enquanto que as atividades que não apresentavam a dicotomia lazer/trabalho passaram a ser vistas como arcaicas.

Dentro desse contexto, foi possível entender a resistência à instalação do cinema na sede da sociedade, que acabou por aceitar o aluguel, em 1919. Administrado por Evaristo Silva, que já tinha uma longa trajetória na cidade, no que dizia respeito aos teatros e cinemas, tornou-se, segundo Tuon, o melhor cinema da cidade³⁰⁸. Entretanto, para a *Unione Italiana*, esse acordo representou uma nova dimensão do papel por ela representado, levando a sua aproximação com a *Dante Alighieri*, como uma espécie de apoio às estratégias de manutenção da identidade

³⁰⁶ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* – Ata n.º 59 – 30 set. 1912.

³⁰⁷ BORGES, Maria E. **A pintura na “Capital do Café”**. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 35.

³⁰⁸ TUON, L. I. O cotidiano cultural em Ribeirão Preto. op. cit., p. 141.

construída, enquanto as ações de socorros mútuos tornar-se-iam cada vez mais classistas, privadas e filantrópicas, isto é, funcionando como Companhias de Seguros – associações civis de distinção jurídica no qual o socorro mútuo e a pensão eram os maiores atrativos e as Sociedades beneficentes em geral.

5.3 BENEFICÊNCIA E SAÚDE

A importância dos discursos higienistas no processo de modernização do espaço urbano foi um tema freqüente nos programas dos serviços sanitários que, desde o início da república, tornaram-se responsabilidade dos municípios e dos estados³⁰⁹. As questões de saúde e saneamento, entrelaçadas às questões políticas, aos interesses da elite local e à fragilidade das políticas públicas, acabavam por enfraquecer as comissões sanitárias e os poucos profissionais existentes na região. A carência de um programa nacional de combate às epidemias e de uma ausência de política pública assistencial permanecia no Brasil “civilizado” que o governo desejava vislumbrar. As soluções sempre apontavam na direção do isolamento, ou nas ações de higienização do espaço público, isto é, justificando a segregação espacial entre “pobres e ricos” nos projetos remodeladores dos núcleos urbanos.

Foi dentro desse contexto que a expansão da prática associativa, principalmente nas duas primeiras décadas do século XX, tornou-se um dado relevante da própria construção do tecido citadino. O surgimento de várias

³⁰⁹ FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Bele Époque paulista**. São Paulo: Unesp, 2004, p. 67.

associações foi um dado concreto num país que ainda não possuía uma política pública social e que o público e o privado ainda eram pouco definidos nas questões sobre as responsabilidades sociais. Por isso, é impossível desprezar a proliferação de sociedades beneficentes religiosas, laicas e mutuais em geral, em todo o Estado.

Em Ribeirão Preto, entre o final do século XIX e início do XX, através de um levantamento feito a partir das entidades registradas na Repartição de Estatística do Estado de São Paulo, foi possível identificar um bom número de associações mutuais ou beneficentes.

Tabela 19 - Relação das Sociedades de Ribeirão Preto entre os anos de 1890 a 1920

Sociedades	Data de Fundação	Sócios
Associação Comercial e Industrial	1904	-
Associação das Damas de Caridade	1919	120
Associação de Assistência e Proteção a Infância	1912	-
Associação dos Empregados no Commercio	1910	-
Centro Operário São Benedito	1912	268
Conferencia de São Vicente de Paulo	-	-
Instituto Dr. Antonio Gouveia	1918	52
Loja Maçonica "Estrella d' Oeste	1885	118
Pia União Diocesana de Santo Antonio Pádua	1910	1037
Sociedad Espanola de Soccorros Mútuos	1904	69
Sociedade Amiga dos Pobres	1910	349
Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto – Santa Casa	1896	97
Sociedade Beneficente Portuguesa	1907	212
Sociedade de Santo Antonio dos Pobres	-	-
Sociedade Legião Brasileira	1903	239
Sociedade União Beneficente Syria	-	-
Sociedade União da Cruz Vermelha	1914	-
Sociedade União de Santo Antonio de Pádua	-	-
Sociedade União dos Viajantes	1903	151
Societá Dante Alighieri	1910	109
Societá di Mutuo Soccorso Unione Italiana	1895	204
Societá Italiana Pàtria e Lavoro	1903	-

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico de São Paulo.** Volumes de 1893 a 1920.

Diante desse quadro que apresenta as associações formadas em Ribeirão Preto e diante ainda das matérias veiculadas na imprensa local, a hipótese mais

contundente é a de que essas sociedades foram criadas com objetivos similares de constituir espaços de sociabilidade e lazer, de proteção e amparo aos necessitados e de fortalecimento e criação, no caso das étnicas, de identidades coletivas.

As associações *Amiga dos Pobres*, *Legião Brasileira* e *Centro Operário São Benedito* foram organizações “filantrópicas” organizadas pelo padre Euclides Carneiro, que adquiriu um grande prestígio controlando instituições de caridade, cultura, lazer e principalmente na área da saúde, através da Sociedade Beneficente Santa Casa, onde foi provedor no período entre 1902 a 1915. A Sociedade Legião Brasileira chamava atenção por ter se dedicado a reunir uma “elite intelectual local” através de palestras literárias, científicas e da formação de uma das maiores bibliotecas da cidade, que foi inaugurada em 1914³¹⁰. Gerenciadas por uma elite local, freqüentemente foram auxiliadas com subscrições feitas publicamente e registradas nos maiores jornais da cidade. Ao acompanhar a imprensa local, foi possível perceber a consolidação de poder e *status* que a diretoria e os “benfeitores” dessas instituições adquiriram perante a sociedade em geral. Através de homenagens, a elite local reforçava seu poder, materializando sua presença e ajuda através de retratos, bustos e diplomas, que compuseram um panteão de pessoas “iluminadas e caridosas”.

Uma amostra dos papéis desenvolvidos por essas associações foi o conjunto de ações diante da denominada epidemia de “gripe espanhola”, que surgiu em 1918, em meio à movimentação das tropas envolvidas na Primeira Guerra Mundial³¹¹. Entre agosto e dezembro daquele ano, a “gripe espanhola” percorreu todos os

³¹⁰ Segundo o Anuário Estatístico de 1916, a associação possuía 1.200 obras em 1.614 volumes. Desse total, 694 em língua portuguesa, 297 em francês, 117 em italiano, 24 em espanhol, 41 em latim, 16 em inglês, 9 em alemão e em outras línguas.

³¹¹ Essa epidemia também foi chamada de “Influenza hespanhola”, pois se acreditou que ela teria surgido na Espanha; entretanto, tal fato já foi desmistificado pela Medicina.

continentes, atacando as comunidades de surpresa, vitimando milhares de pessoas³¹². Diante da gravidade da enfermidade, tanto governo quanto sociedade civil experimentaram a necessidade da formação de uma política sanitária mais adequada e preventiva.

A GRIPPE HESPAÑHOLA

A Delegacia de Saude assim como a Prefeitura estão fazendo larga distribuição de boletins com as instruções que devem ser escrupulosamente observadas pelo povo, a fim de evitar a “influenza hespanhola”.

No interesse de todos, recommendamos ao publico a maior observancia dos conselhos emanados daquela repartições, para evitar a propagação da epidemia, que no Rio está tomando um caracter muito grave³¹³.

Nesse sentido, foram ordenadas as lavagens das ruas e das praças, a desinfecção dos mercados públicos, das estações de trem e dos veículos, além das medidas de profilaxia em geral. Foram ainda recomendados cuidados de caráter individual: as pessoas deveriam fazer uso de desinfetantes nas vias respiratórias superiores e evitar aglomerações ou a permanência em espaços fechados. Dessa forma, foram suspensas as visitas ao cemitério, os eventos sociais, as apresentações das bandas na praça XV de novembro, os jogos e as aulas nas escolas.

O poder público, alimentado pela imprensa aliada, discursou sobre o quanto essa epidemia era “democrática”, pois não distinguia diferentes segmentos sociais. Contudo, a maioria das vítimas era formada por trabalhadores e por uma população que sobrevivia de forma subumana, não oferecendo, portanto, resistência nenhuma ao aumento das vítimas. Foi dentro desse contexto que as associações, organizadas

³¹² BERTUCCI, Liane, M. Práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In: CHALHOUB, S. *et alii* (orgs.), **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2003, pp. 197-200.

³¹³ A Gripe Hespanhola. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 23 out. 1918.

principalmente pela elite da cidade, manifestaram-se em ações conjuntas, de acordo com as decisões tomadas pela Delegacia da Saúde, mesmo que estivesse sendo alvo de críticas diante da demora em tomar decisões³¹⁴.

O único hospital mais organizado era a Santa Casa, administrada pela Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto, mas que não possuía leitos suficientes, nem em períodos mais tranquilos, o que tornou a situação epidêmica insustentável. Assim, a abertura de hospitais improvisados nas sedes de associações, tais como da Legião Brasileira, da Loja Maçônica Estrela d'Oeste, da *Dante Alighieri* e da *Unione Italiana*, somada às atividades da Cruz Vermelha, foram extremamente importantes para contenção da epidemia. Suas sedes transformaram-se em hospitais. A organização de comitês para a arrecadação de dinheiro e a disposição dos médicos e farmacêuticos nos atendimentos conduziram a um conjunto de ações definitivas para o fim da epidemia. Entretanto, toda essa filantropia esteve inserida num certo “teatro de representações”, onde foram produzidas estratégias – práticas sociais – legitimadoras de suas condutas para eles próprios e para toda a sociedade³¹⁵.

A presença pública, a manutenção de destaque e a importância na construção do mundo civilizado trouxeram para esses grupos a certeza de pertencimento ao seletivo grupo capaz de trazer o “futuro”. Assim, como sugere Thompson, diante das necessidades que esses sujeitos definiram como imperativas para sua existência, eles acabaram por formular seus próprios valores, discursos e ações³¹⁶. Por sua vez, o desvendar desses simbolismos, ritos e estratégias tornam-se essenciais na compreensão dessa lógica histórica, principalmente se repensada

³¹⁴ O serviço de hygiene na actual epidemia. **Diário da Manhã**. Ribeirão Preto, 27 set. 1918.

³¹⁵ CHARTIER, R. **História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.; MAUSS, M. **Antropologia e sociologia**. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

³¹⁶ THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses**. op. cit., pp. 260-261.

constantemente através da própria dinâmica da realidade econômica, social, cultural e política estudada. Ao transcender os objetivos oficiais dessas instituições, a questão do prestígio em participar da organização dessas sociedades, dentro do campo simbólico, cumpriu uma função política de legitimação da dominação e de distinção entre as classes³¹⁷.

5.4 EDUCAÇÃO

Ao pensar educação como uma das atividades básicas de todas as sociedades, parti da evidência de que ela congrega em si uma responsabilidade de transmissão, integração e harmonização cultural. Daí a estratégia da organização escolar, desde o século XVI, como suporte para a defesa da liberdade, tomada de empréstimo justamente pela nascente burguesia, com vistas a um rearranjo de forças voltado à organização de um suposto direito natural, formulado por uma sociedade contratual, que via na expansão da instituição escolar um instrumento de consolidação da nova ordem burguesa.

A história da educação no Brasil, principalmente após a proclamação da República, coincidiu com o auge do discurso sobre libertação e “evolução” da humanidade. Através da educação formal, laica, e da retórica em relação ao respeito às diferenças entre os homens, o pensamento científico positivista propunha a implantação de escolas gratuitas, como estratégia de aumentar a participação política na construção da “democracia” brasileira. A implementação de

³¹⁷ Sobre a questão de poder simbólico e de prestígio ver: MOYA, J. C. op.cit., p. 298; BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. op. cit., p. 11.

grupos escolares e de escolas isoladas foi uma das frágeis tentativas do governo federal em popularizar o ensino.

No caso de Ribeirão Preto, o primeiro grupo escolar foi organizado em 1895³¹⁸ e se chamou: Grupo escolar “Dr. José Guimarães Junior”, inaugurado na cidade em 1º de julho daquele ano. Além dessa escola, existiam na cidade as chamadas escolas isoladas, formadas geralmente com uma única “classe”, com alunos de diferentes idades e níveis de ensino, coordenados por um único professor – isso sem considerar alguns professores particulares que organizavam salas de aulas dentro de suas residências, formando, assim, um conjunto de “escolas” particulares constantemente anunciadas na imprensa local.

Foi dentro desse contexto que a prática associativa dos imigrantes, desde o seu início, teve como um dos seus objetivos centrais a possibilidade de organizar escolas, no sentido estratégico de aumentar a convivência social e de não permitir que as colônias imigrantes não conjugassem o valor da educação como fator de civilidade. Em Ribeirão Preto, segundo o Anuário de Estatística do Estado de São Paulo relativo ao ano de 1911, a primeira escola italiana surgiu um ano antes do primeiro grupo escolar público.

Tabela 20 - Lista de Escolas Italianas registradas no Anuário Estatístico de São Paulo - 1911

Escola	Fundação	Alunos	Período	Nacionalidade Pais
Dante Alighiere	1901	59	Diurno/misto/ primário/ secundário	56 alunos têm pai italiano e 03 têm pai brasileiro.
Umberto I	1895	108	Diurno/Primário	80 têm pai italiano, 20 pai brasileiro, 06 têm pai português e 2 de outras nacionalidades.
Princesa Yolanda	1895	79	Diurno/Primário	40 têm pai italiano, 27 pai brasileiro, 07 pai espanhol, 05 portugueses.
Alessandro Manzoni	1905	78	Primário e Secundário	54 têm pai brasileiro, 12 italiano, 10 português, 2 espanhol.

³¹⁸ Inspetoria Geral do Ensino. **Anuário do Ensino do Estado de São Paulo**. 1907/1908, pp. 227-229.

Escola	Fundação	Alunos	Período	Nacionalidade Pais
Regina Margherita	1894	52	Diurno / Primário	44 têm pai italiano, 02 brasileiro, 01 português, 04 espanhol, 01 de outra nacionalidade.

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. Anuário Estatístico de São Paulo, 1911, vol.2.

Fato relevante a ser pesado nessa análise é o número significativo dos imigrantes italianos analfabetos, provenientes das campanhas de imigração, e também a questão de que o projeto maior era trabalhar, fosse na cidade, fosse na lavoura. Entretanto, não se deve ignorar ainda o fato de que esses imigrantes, num processo constante de adaptação, encontraram na organização das sociedades étnicas diversas formas de sobrevivência, num primeiro momento, e que, através do próprio desenvolvimento, bem como dos locais onde elas se organizaram, as estratégias foram se reformulando e a criação de escolas passou a ser objetivada.

Todas as sociedades analisadas nesta pesquisa organizaram “escolas” em suas sedes ou cederam o espaço para que professores as organizassem. É importante ressaltar que essas escolas não dispunham de material adequado, mantinham-se com poucos recursos, com raros subsídios do governo italiano e tinham muita dificuldade em manter uma constância, principalmente entre o final do século XIX e início do XX, além do fato de existirem mais escolas do que sociedades mutuais italianas, como nos exemplos apresentados na tabela anterior, onde somente as escolas “Dante Alighieri” e “Alessandro Manzoni” estavam ligadas às sociedades da época, ao contrário das demais.

A utilização da escola como espaço de transmissão e redirecionamento de valor e identidade foi logo percebida não apenas pela prática associativa, mas também pelas autoridades brasileiras, que, desde 1898, determinaram que em todas as escolas étnicas fossem ministradas aulas de língua portuguesa, assim como a

história e a geografia do Brasil, e não apenas as do país de origem. Se fosse levado em consideração apenas questões numéricas, isto é, a proporção de alunos freqüentes em escolas, no caso específico, italianas, aparentemente não haveria motivos para o governo brasileiro se preocupar, pois, de acordo com dados do *Ministero degli Affari Esteri*, em 1908 existiam apenas 115 escolas no Estado de São Paulo³¹⁹. Diante do imenso contingente de italianos, esse pequeno número de escolas, associada à questão levantada por Pasquale Petrone acerca da pouca duração dessas escolas e dos professores improvisados que eram responsáveis por tais instituições³²⁰, não haveria motivos de preocupação por parte do governo brasileiro.

Entretanto, neste trabalho foi possível desvendar que durante o período estudado – final do século XIX até a década de 1920 – essa sucessão de tentativas e alternâncias de escolas modestas, com poucos alunos, criou uma trama capaz de arregimentar imigrantes que, mesmo tendo poucos recursos, ou ainda, por necessitarem da força da mão-de-obra de seus filhos em seus pequenos empreendimentos, ao se organizarem socialmente, acabaram por apoiar a existência dessas escolas, demonstrando assim a preocupação com a educação da “colônia italiana”. Além da questão do mosaico de profissões desenvolvidas nesses núcleos urbanos, a profissão de professor também era uma possibilidade de sobrevivência, profissão e até mesmo uma certa inserção social³²¹.

Essa questão assumiu enormes proporções, como se observa no Relatório publicado pela “Inspeção Geral do Ensino”, organizado por ordem do Governo do

³¹⁹ TRENTO, A. op. cit., p. 182.

³²⁰ PETRONE, Pasquale. Italianos e descendentes no Brasil. In: DE BONI, Luis. (org.) **A presença italiana no Brasil**. vol. II, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 603.

³²¹ CORREA, Rosa. L. T. **Conviver e sobreviver**: estratégias educativas de imigrantes italianos (1890-1920). Tese de Doutorado, USP, 2000, p. 104.

Estado entre 1907 e 1908 e apresentado ao Secretário dos Negócios do Interior, que dedicou um espaço dentro do documento, somente para relatar as questões das escolas privadas e estrangeiras, especialmente as italianas:

ENSINO PRIVADO – ESCOLAS ESTRANGEIRAS – LÍNGUA VERNACULA

Tem presentemente o Estado, em funcionamento regular, um numero consideravel de escolas estrangeiras.

Só na capital funcionam presentemente cerca de cem estabelecimentos dessa natureza, com matricula superior a seis mil crianças.

Resta saber si taes estabelecimentos, em que o portuguez não é lingua official, podem offerecer ao Estado reaes vantagens como auxiliares do Governo na ministração do ensino preliminar.

Não só a difficuldade de conseguir logar em nossas escolas publicas, em vista da desproporção entre o numero de candidatos á matricula e s lotação desses estabelecimentos, como tambem o desejo de que seus filhos aprendam a lingua patria, faz com que estrangeiros domiciliados em nosso paiz, principalmente os italianos, procurem escolas particulares.

Ora, é natural que a colonia italiana procure de preferencia essas escolas onde as crianças, aprendendo a lingua, a geographia e a historia de Italia, aprendem, por isso mesmo, a amar a Italia.

É natural tambem que essas escolas, mais ou menos, protegidas pelo governo italiano – ao passo que o governo do Estado em nada as auxilia – se vão lentamente afastando de nós e, cada vez mais, por assim dizer, italianizando o ensino.

Nestas condições, taes escolas serão verdadeiramente perniciosas em seus effeitos, porque preparam, de brasileiros natos, uma geração futura de italianos que serão, em face de nossas leis, cidadãos brasileiros, terão de partilhar comnosco a vida nacional, serão chamados um dia a desempenhar um papel em nossa organização economica e politica.

Não há, como sabeis, fiscalisação por parte do Estado nas escolas estrangeiras. Não há nem póde haver, com o numero de inspectores escolares de que o Estado actualmente dispõe.

Há entre essas escolas muitas que positivamente não são boas. O Estado, entretanto, tem que aceita-las uma vez que não póde dar melhores a todos os filhos de estrangeiros aqui domiciliado.

Ao governo convirá, entretanto, utilizar as escolas estrangeiras como auxiliares na ministração do ensino, sujeitando-as a um regime uniforme de organização e fiscalisação.

Sem duvida nenhuma, na quase totalidade das escolas italianas, o ensino de lingua portugueza, de geographia e da historia do Brazil, é considerado em plano muito secundario e apparece apenas como complemento á disposição de lei. Entretanto, é necessario que se considere a lingua portugueza, bem como a nossa geographia e historia, como materias essenciaes, porque as crianças que frequentam as escolas estrangeiras, são em sua maioria naturaes do Brazil e, como cidadãos brasileiros, devem ser esducadas.

Em seu relatório do anno findo, diz o inspector escolar Snr. Miguel Carneiro Junior, referindo-se ao ensino da lingua nacional nas escolas estrangeiras:

“A lei n. 489 de 29 de Dezembro de 1896 torna obrigatorio o ensino da lingua nacional, bem como o da geographia e da historia do Brazil, nas escolas estrangeiras. Como, porém, essa lei não está regulamentada, o inspetor escolar só pôde averiguar si nessas escolas é ou não feito tal ensino.

É claro que isto é insufficiente: o inspector escolar precisa verificar si esse ensino se faz realmente e bem; precisa conhecer a feição que o mestre dá ao ensino, a extensão e o limite do curso; precisa conhecer emfim, si essas escolas estão nacionalisadas.

Tal é, sem duvida, o espirito da citada lei, cuja regulamentação me parece de necessidade inadiavel.

Si o Governo do estado pôde e deve exercer sobre as escolas estrangeiras uma inspecção regular e assidua, exigindo, de accôrdo com disposição de lei, o ensino bem feito da lingua vernacula, da geographia e historia do Brazil, exigindo que os alumnos que as frequentam sejam preparados como cidadãos brasileiros para as necessidades da nossa vida social; é natural que as auxilie em proporção ao que dellas exija e na medida dos beneficios que ellas pôdem prestar ao Estado.”

Considerando apenas as escolas italianas da Capital, temos um effectivo de quase 5.000 crianças matriculadas.

Si o governo tivesse de fornecer ensino gratuito a todos esses alumnos, deveria crear mais de cem escolas, que acarretariam para o Estado uma despesa annual superior a tresentos contos.

Ora, desde que o ensino nestes estabelecimentos seja convenientemente regularizado, elles podem prestar bons e reaes serviços, e não é natural que taes serviços fiquem sem uma compensação, visto que proporcionam ao Estado uam economia tão avultada.

Com uma despesa annual, talvez inferior á decima parte do que seria necessario para se dar ensino gratuito ás crianças que frequentam escolas estrangeiras, poderíamos fornecer a estas escolas livros e materiaes escolares e dar-lhes um professor para o ensino da lingua nacional, geographia e historia.

Terão, assim, os professores uma justa compensação ao serviço que delles se exige em bem da instrucção publica do Estado e, com tal beneficio, daremos o primeiro passo para nacionalisar as escolas estrangeiras [...]³²².

Observa-se, a partir da leitura desse documento, o conhecimento do governo em relação à falta de condição para assimilar todos os filhos de imigrantes em escolas nacionais, além de deixar claro que a sanção de uma lei não havia resolvido

³²² RODRIGUES, João Lourenço. **Relatório apresentado ao Exmo. Secretário dos Negócios do Interior (1907-1908)**. In: ANUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Inspetoria Geral do Ensino, p. 118.

o desafio de nacionalizá-los culturalmente. De acordo como os dados oficiais do governo italiano, existiam 115 escolas no Estado, no ano de 1908, enquanto que no Relatório feito pelo governo brasileiro constatou-se a matrícula de cinco mil alunos em escolas italianas somente na capital. Isso nos leva a pensar que, ao lado do número reduzido de escolas subsidiadas pelo governo italiano, existiu um número imenso de estabelecimentos de ensino que se organizavam de forma isolada, com apenas um professor, além dos que foram mantidos pelas sociedades mutuais ou beneficentes, e, por conseqüência, mantidos pelos sócios.

Logo, a educação foi usada como uma das mais recorrentes e persuasivas estratégias executadas pelos imigrantes italianos, ao perceberem dentro das contingências da imigração a possibilidade de readaptação de práticas e costumes, isto é, da cultura como elemento fundamental na experiência de auto-afirmação individual e coletiva em um novo espaço – em outras palavras, o *habitus*, como possibilidade de inovação na inter-relação entre probabilidades objetivas e as aspirações subjetivas, encontrando no espaço escolar um instrumento de reprodução social central no conjunto de práticas que visaram produzir um capital social capaz de legitimar o sentimento de pertencimento³²³. Interessante é o fato de essa percepção aparecer, primeiramente, entre o contingente imigrado, e não dentro do próprio governo Italiano, que se encontrava mergulhado, justamente, num processo de construção de uma identidade nacional.

Segundo Bertonha, houve uma liderança no processo de unificação por parte da classe média urbana e intelectual, empenhada na institucionalização da nova nação, onde a escola primária foi fundamental³²⁴. Contudo, somente depois da primeira década do século XX, com a organização da “Associazione Nazionalista

³²³ BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **La Reproduction**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.

³²⁴ BERTONHA, João F. op. cit., p. 57.

Italiana”, que o governo Italiano começou a utilizar a população emigrada como difusora da italianidade³²⁵. Dessa maneira, a noção thompsoniana de experiência vivida e percebida constituiu-se concretamente, para esses imigrantes, num espaço de ação, gerando essa trama que foi capaz de sustentar uma memória coletiva dessa identidade nacional reinventada até hoje.

Dois italianos se destacaram como professores em Ribeirão Preto: Vítório Zamarion, oriundo da região do Vêneto, e Aristide Muscari, calabrês. Infelizmente, não foi possível, através da documentação analisada, perceber como as questões sobre as diferenças dialetais apareciam. No discurso dos dois professores, a questão da língua italiana aparecia como algo a ser mantida e transmitida (assim como a questão da nacionalidade), compactuando, de certa forma, com a ideologia alimentada pela política imperialista de disseminação de culturas nacionais, que encontrou nos “italianos” migrantes uma forma de disseminação de uma história, uma língua e uma cultura comuns.

Vítório Zamarion organizou uma escola como atividade profissional em 1901, segundo o Departamento de Estatística do Estado, cujo nome se referia ao ícone da literatura italiana, Dante Alighieri. Entretanto, ele somente entrou como sócio da *Unione Italiana* em 1903, aparentemente a primeira associação da qual fez parte, justamente em um período muito fragilizado devido à epidemia de febre amarela. Logo após a sua entrada, ele já passou a fazer parte do Conselho Diretor³²⁶ e, a julgar pelo que indicam as fontes, a utilizar a sede para lecionar³²⁷.

O uso do espaço não era uma questão harmoniosa, acabando quase sempre por gerar polêmicas e disputas de uso por diversos objetivos. Antes de Zamarion, a

³²⁵ Ibid. p. 160.

³²⁶ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* – Ata n.º 21, 10 jan. 1904.

³²⁷ Seguindo a leitura das Atas, foi possível constatar que a escola “Dante Alighieri” ocupou a sede da Sociedade *Unione Italiana* entre os anos de 1905 a 1908.

sede da *Unione Italiana* já havia sido usada como escola pelo senhor Giuseppe Fabretti, que se retirou da sociedade durante a crise de 1903, devido à epidemia e às discussões sobre o destino da associação. Apresentando-se, anos depois, como professor da escola de Aristide Muscari. Aliás, no que diz respeito ao seu uso como espaço escolar, durante o período estudado, a sede da *Unione Italiana* foi utilizada por diversos professores.

A atuação do professor Zamarion chamou bastante atenção pela organização demonstrada durante a utilização da sede da *Unione Italiana* para sua escola, e um ritual que caracteriza bem o aspecto classificador da instituição escolar foi o das avaliações. No caso da escola “Dante Alighieri”, um aspecto da sua importância e referência pode ser percebido quando as listas de aprovados saíam publicadas na imprensa local:

Lista de Aprovados

Lista dos aprovados no exame do collegio Dante Alighieri dirigido pelo professor Vitório Zammarion, Todas essas provas foram realizadas com a presença do inspector de instrução: O doutor Afonso Gama.

Faltaram três alunos Luiz Spano, Euclides Venonezzi e Bruno Cazzali. No primeiro ano foram aprovados Dino Zamarion, Gildo Rossi, Ana Fornani e Maria Schibuola, aprovados simplesmente Pedro Meneghine, Silvio Ferrante, Humberto Pasqualim, Humberto Fornari, Martino Martins, Rosa Antonella, Sontina Sartori, Ermínia Sartori, Florinda Vendite, Elena Conduazi, Hermilinda Currade , aprovados para o segundo ano Virgínia Martin, Hermano Rossi, João Pasqualin, Adolfo Scatena, João Allonso, Leonilda Angeli, Italina Signoratto, Felix Zamarion, Adalgiso Angeli, Dante Sartori, Guido Romane, Maria Martin, Guerino Trombone, João Vilane, Josefina Geringhele. Aprovado para o terceiro ano Giacomo Pelosi, Antonio, Malas Pina, Hugo Zamarion, Amadeu Pasqualin, Letícia Zamarion, Virginia Martin. Aprovado para o quarto ano Antonio Benassi, Heitor Benassi. Outro colégio que também aparece é o colégio Petrucci. Depois da avaliação, aconteceu uma apresentação literária dos alunos.

Os alunos que apresentaram no colégio Petrucci: Nicoleta Cardia, Ida Peggioni, Angelina Andriani, Assunta Oranges, Olga Lippi, Emilia Spinelli, Teresa Capoa, Lea Fortes, Anita Tessitori, Nicoleta Cardia, Aninha Croscio³²⁸.

³²⁸ Lista de Aprovados. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 21 dez. 1907.

A presença de Zamarion e do Inspetor de Instrução, Dr. Afonso Gama, e a veiculação dos resultados pela imprensa conferiam à escola e, conseqüentemente, à Sociedade que a abrigava um respaldo e um papel civilizatório no desenvolver da cidade. Outra particularidade desse período em que essa escola esteve ligada à *Unione Italiana* foram as regras determinadas em Assembléia Geral para o seu uso:

Artigo n.º 1 – Será cedida a sala social para uso da escola.

Artigo n.º 2 – Os filhos dos sócios que estudam no 1º e no 2º ano pagarão 2 mil réis. E os que estão no 3º e 4º ano pagarão 3 mil réis.

Artigo n.º 3 – É dever do professor de manter a sala devidamente organizada, com higiene e com materiais, porque o dinheiro será aplicado exatamente nisso, na aquisição de materiais escolásticos, que são matérias escolares com cartas geográficas e lanches para o “*povo comer na escola*”.

Artigo n.º 4 – não terá o ensino religioso.

Artigo n.º 5 – O material escolar será de responsabilidade da escola. Uma comissão eleita da assembléia formada por três pessoas será obrigada a fazer a fiscalização de higiene e andamento da escola. Essa comissão ficará no cargo durante um ano e pode ser reeleita.

Artigo n.º 6 – A comissão é obrigada a aplicar os exames anuais dando a eles a possibilidade do andamento do curso.

Artigo n.º 7 – A responsabilidade da escola é da comissão e do professor.

Artigo n.º 8 – É obrigação do professor ao menos uma ambientação da sala social. A questão das paredes é também do professor e a comissão, serão responsáveis pelas festas que serão feitas em benefício da escola.

Artigo n.º 9 – Se a sociedade não se interessar mais em ter a escola na sala social ela tem que avisar o professor Zamarion com ao menos 50 dias de antecedência para que o professor possa escolher outro lugar para fazer a escola e se o professor também quiser sair ele é obrigado a avisar com 30 dias de antecedência.

Artigo n.º 10 – O professor perderá o cargo se transgredir ao regulamento que está sendo deliberado.

Artigo n.º 11 – É obrigação da comissão facilitar o trabalho do professor, respeitando o fornecimento, o funcionamento, e intermediar as relações que digam a representação da escola perante a Câmara Municipal ou uma autoridade consular³²⁹.

Outro sócio bastante envolvido com essa escola, no período em que ela se utilizou do espaço da *Unione Italiana*, foi Cesare Crinci, que também se apresentava como professor e freqüentemente fez parte da comissão responsável pela escola,

³²⁹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana*. As regras foram decididas em reunião de Assembléia Geral – Ata n.º 31, 23 abr. 1905. Porém foram transcritas apenas na Ata n.º 45, 10 fev. 1906.

além de ter sido o maior partícipe na criação das regras apresentadas acima. Contudo, foi ainda o porta-voz dos problemas referentes à educação nas reuniões, como, por exemplo, o problema do envio de material escolar por parte do Consulado, material que não havia chegado até a Sociedade. Nessa questão já estão inseridos vários problemas de disputa entre as duas sociedades da época – *Unione Italiana* e *Pàtria e Lavoro* –, pois a alegação do Real Vice-Cônsul da cidade para a não entrega do material foi a de que a sociedade era subversiva. Tal episódio já caracterizava o reconhecimento de anarquistas como Cesare Crinci e de outros socialistas, ou mesmo de republicanos, que uniam suas forças dentro da *Unione Italiana* numa espécie de ensaio para os anos posteriores, quando a sociedade posicionou-se de forma mais radical em relação à resistência à política oficial do Real Consulado italiano.

Todo esse conjunto de regras não isentou de problemas o processo de escolarização incentivada pela *Unione Italiana*. A falta de alunos e de pagamento foi uma contenda constante. O respeito às regras e o cuidado com o espaço também ocuparam várias discussões em Assembléias e inquietaram os ânimos, além da questão do subsídio do governo italiano, que nunca chegava à Sociedade. Todos esses fatores colaboraram para o desligamento da escola “Dante Alighieri” à *Unione Italiana* no ano de 1909, período em que a associação, juntamente com a “Liga Operária”, investiu na possibilidade de organizar uma Escola “Pró-Moderna”, baseada na pedagogia libertária de Francisco Ferrer³³⁰.

³³⁰ Francisco Ferrer y Guardia nasceu em 10 de janeiro de 1849, em Allela (próximo a Barcelona), e morreu em 13 de outubro de 1909. Foi livre-pensador, criador da Escola Moderna, em 1901, segundo um projeto prático de pedagogia libertária, mas foi condenado à morte sob a acusação de ter sido o instigador de uma revolta anti-clerical, conhecida como Semana Trágica de Barcelona, em 1909. Sua pedagogia baseava-se em uma base racional, anti-clerical e na compreensão de que a educação estava fundamentalmente ligada ao desenvolvimento do caráter e a preparação de um ser moral e físico equilibrados.

O movimento de organização dessa escola esteve diretamente ligado à repercussão da morte de Ferrer e ao surgimento, naquele momento, de várias escolas em diversos locais do mundo e que tinham como base a sua proposta pedagógica. Aparentemente, a escola iniciou suas atividades com dois professores: responsável pela turma masculina, o senhor Giuseppe Fabretti, que havia voltado para a *Unione Italiana*; e, pela turma feminina, a senhora Marcucci, que, ao contrário dos outros mestres, teve que passar por uma avaliação de sua qualificação para ser admitida.

Para arrecadar fundos para essa nova escola, membros da *Unione Italiana* e da “Liga” organizaram uma comissão mista responsável pela organização de uma festa em favor da escola, que foi realizada na noite de 26 de março de 1910. Esse evento merece uma análise detalhada, haja vista o jogo de disputa investido em tal festividade.

A comissão foi formada por Serafino Alonso, Andrea Castaldelli, Battista Lanni, Silvio Cecci e Celestino Ferrigo, representando a *Unione Italiana*, e Isaia Grazi, Luigi Zamborini, Dionísio Faccioli, Giovanni Bertonha, pela “Liga”³³¹. Nota-se a ausência do professor “Giuseppe Fabretti”, que durante os debates sobre a organização da festa sugeriu a entrada do Senhor Giovanni Beschizza como sócio da *Unione Italiana*. Tal pedido causou uma verdadeira “guerra” dentro da assembléia, visto que o Sr. Beschizza já tinha sido membro e havia muitos anos que ele não mantinha ligação alguma com a Sociedade, além de ter se posicionado contra todas as manifestações organizadas pela “Liga Operária”.

Esse caloroso debate acontecia justamente durante os preparativos para a festa, gerando um clima de disputa de espaço dentro da associação entre os sócios

³³¹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* – Ata n.º 17, 13 fev. 1910.

que também faziam parte da Liga e os que não faziam, como era o caso de Giuseppe Fabretti, que também já havia tido problemas com outros sócio, Luigi Zamborini, em virtude da compra de tijolos para a construção de um muro na *Unione Italiana*, visto que a comissão que havia sido organizada para execução da obra não teria comprado os tijolos no local estabelecido pela assembléia. A alegação da compra ter sido feita em outro lugar foi feita por Zamborini, que teria acusado o secretário, senhor Fabretti, de não ter anotado a mudança em ata³³². Portanto, haviam acontecido desentendimentos anteriores à festa, que acabaram por repercutir no evento, quando Fabretti brigou com Zamborini, chegando a apontar uma arma durante e causando confusão³³³.

A questão da honra e das ofensas pessoais era recorrente entre os imigrantes italianos membros das mutuais e, ao analisar esses fatos, é importante compreender o papel que cada um adquiriu nos diversos espaços da sociedade de adoção. As questões políticas e sociais mesclavam-se às questões pessoais que se articulavam entre o caráter individual e social dos componentes do grupo, possibilitando assim a percepção, a partir dessas evidências, da condição integradora que define o passado humano não como um agregado de histórias separadas, “mas [sim como] uma soma unitária do comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras, tal como os atores individuais se relacionavam de certas maneiras [...]”³³⁴.

Em Assembléia, durante os debates sobre as conseqüências do ocorrido na festa, percebe-se o quanto o tema da escola foi deixado em segundo plano e a

³³² LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* – Idem. A questão é que havia sido definido que os tijolos seriam comprados na Olaria de Zamborini, em Sertãozinho, fato que não ocorreu, uma vez que foram comprados em uma olaria na própria cidade, de propriedade do senhor Golfeto.

³³³ LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana*. Ata n.º 28, 31 mar. 1910.

³³⁴ THOMPSON. E. P. **Miséria da teoria**. op. cit., pp. 50-51.

imagem dos membros perante a sociedade local tornou-se o centro das atenções. A permanência de Giuseppe Fabretti na associação foi debatida segundo os interesses dos componentes do grupo, e a discussão transcorreu durante várias reuniões, até que o próprio Fabretti pediu demissão em ofício, alegando questões de ordem econômica³³⁵.

Através de estratégias e objetivos diferentes, Aristide Muscari também se destacou como proprietário, diretor e professor de uma escola italiana chamada “Alessandro Manzoni”, organizada, segundo a documentação, no ano de 1905. Ligada permanentemente à política do Real Vice-Consulado e à sociedade *Pàtria e Lavoro*, representou muito mais do que um espaço educacional, no sentido de transmissão de valores nacionais, mas também como espaço de diferenciação social.

Aristide Muscari esteve envolvido com a organização e administração da *Pàtria e Lavoro*, articulando muito bem sua imagem de “homem culto” representante da colônia italiana. Por vezes, como professor, representante de grandes jornais, proprietário de cinematógrafo e de um estúdio fotográfico, membro diretor da *Pàtria e Lavoro*, e, posteriormente, como membro da *Dante Alighieri*, sua presença era certa nos eventos oficiais da “colônia italiana” e da sociedade local, quando era requerida a presença de imigrantes italianos. Os rituais organizados em sua escola apresentavam-se sempre com mais detalhes na imprensa local, além de contar com a presença de várias autoridades locais:

ESCOLA “ALESANDRO MANZONI”

Realisaram-se hontem, ao meio dia, com a presença dos srs. João Millete, vice-consul italiano; José Micelli, Carlos Torres, representante da “Fanfulla”; Renato Barillari pelo “Diario”; Luiz de Maio, Francisco Muller, José de Andréa, professores José Fabretti, Luiz bigliato,

³³⁵ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana*. Ata n.º 29, 02 out. 1910.

Carolina Petrucci, exmas. senhoras e senhoritas, os exames da Escola “Alessandro Manzoni” proficientemente dirigida pelo professor Aristides Muscari.

Ao terminar os exames foram recitadas pelos alunos belíssimas poesias em italiano, sendo distribuídas nessa ocasião aos alunos que obtiveram as melhores provas diversas medalhas. O sr. vice-consul foi saudado pelo inteligente menino Amerco(?) Pellicani que ofereceu-lhe em seguida um bouquet de flores naturais. S. s. agradeceu em frases entusiasmadas.

Pelo professor Aristides Muscari foram distribuídos aos assistentes cerveja e doces em profusão.

A “A Cidade” que se fez representar, agradece o convite com que foi distinguida³³⁶.

Outro fato é que, além de ser um ofício, a escola tornou-se uma pequena empresa que contratava outros profissionais, inclusive com posicionamentos contrários ao do diretor, como foi o caso de Giuseppe Fabretti, o que parece demonstrar a carência de profissionais relativamente capacitados para tais funções.

As iniciativas educacionais desenvolvidas por esses imigrantes italianos, de forma complementar às demais estratégias de inserção e de prestígio social, constituíram-se, também, em formas de resistência e adaptação num espaço onde não havia apoio nem por parte do governo brasileiro, nem por parte do governo italiano. Dessa forma, mesmo após a década de 1920, quando foi promovida uma série de reformas educacionais, a continuidade das iniciativas desses imigrantes, diante das necessidades cotidianas, demonstra uma diversidade de ações que compuseram a história da educação brasileira, além da importante contribuição para a formação da língua nacional. Afinal, as afinidades lingüísticas permitiram uma integração relativamente rápida entre o italiano e o português.

³³⁶ Escola Alessandro Manzoni. **A Cidade**, Ribeirão Preto, 19 mar. 1910.

Capa do Estatuto da Società Italiana di Muto Soccorso "Unione Italiana". Ribeirao Preto: Casa Beschizza, 1911.

CAPÍTULO 6

ESTATUTOS E ASSEMBLÉIAS: A ORGANICIDADE EM NOME DA LEGITIMIDADE

6. ESTATUTOS E ASSEMBLÉIAS: A ORGANICIDADE EM NOME DA LEGITIMIDADE

Em seus estudos sobre mutualismo na Espanha, Michel Ralle argumenta sobre a dificuldade de se analisar os estatutos criados pelas sociedades mutuais, uma vez que eles não oferecem uma continuidade que possibilite o acompanhamento das modificações em suas trajetórias³³⁷. No que tange às mutuais estudadas nesta pesquisa, por sua vez, o mesmo obstáculo se fez presente. Contudo, de posse de alguns estatutos, atas oficiais, livros-caixas e informações obtidas junto à Repartição de Estatística do Estado de São Paulo, além do emprego de um estudo de legislação, o acompanhamento das alterações dessas trajetórias adquiriu um caráter mais dinâmico, visto que essas alterações foram fundamentais para o comportamento da própria organização e legitimação dessas sociedades.

Uma das primeiras características que chamou a atenção foi a preocupação em organizar o conjunto de regras – deveres e direitos – que tais associações teriam, antes mesmo de sua existência propriamente dita na sociedade. Em geral, observa-se nas primeiras atas de reuniões que o grupo organizador da sociedade já apresentava um estatuto, que normalmente era aprovado em seguida. É claro que tais associações, normalmente, contavam com a participação de sócios que já tinham tido alguma experiência associativa anterior, o que explica de certo modo a velocidade com que os primeiros estatutos foram definidos.

³³⁷ RALLE, Michel. A função da proteção mutualista na construção de uma identidade operária na Espanha (1870-1910). In: **Cadernos AEL Sociedades operárias e mutualismo**. N.º 10/11, v. 6. 1999, pp. 18-19.

Outra questão que também pode ser observada na bibliografia utilizada na pesquisa é que a prática associativa por parte dos imigrantes italianos já contava, em 1895 – data de fundação da primeira sociedade estudada em Ribeirão Preto –, com a existência de várias sociedades mutuais ou beneficentes somente no Estado de São Paulo, sem levar em consideração outros estados, como, por exemplo, os do Sul e a capital federal da época, que já apresentavam práticas associativas antes da política de imigração em massa³³⁸.

Em seu artigo “Sociedades italianas de socorro mútuo e política em São Paulo, entre o século XIX e o século XX”, Luigi Biondi fez uma espécie de retrospectiva sobre as sociedades mutuais, mostrando que a sua existência em solo europeu – mas não só na Itália – resultou da transformação das antigas corporações de artesãos ou de grêmios organizados por trabalhadores de uma mesma categoria³³⁹. Assim, é preciso ressaltar que essas experiências anteriores serviram de base para o início dessa prática nos países além-mar.

Por outro lado, isso não significa dizer que elas se desenvolveram no “novo mundo” da mesma forma e com os mesmos objetivos que em seu país de origem. O próprio processo migratório em si é um fator de readaptação a essas práticas, que, somadas às próprias contingências do momento – expansão capitalista e especificidades dos grupos e das regiões para as quais esses migrantes se direcionavam –, também determinaram o processo de criação e funcionamento dessas associações. Todavia, coexistiram em sua organicidade algumas características básicas, as quais Ralle e Biondi chamaram de um exercício democrático e laico que os trabalhadores, em geral, foram exercitando numa

³³⁸ A Società Italiana di Beneficenza é considerada a primeira sociedade italiana no Brasil. Ela surgiu em 1854 no Rio de Janeiro. Cf. CENNI, F. op. cit., p. 298.

³³⁹ BIONDI, Luigi. Sociedades italianas de socorro mútuo e política em São Paulo, entre o século XIX e o século XX. **Revista Travessia**. n.º 34, maio-agosto/99, pp. 05-12.

espécie de concepção coletiva, em contraposição ao processo individualizador do próprio capitalismo. Daí o funcionamento das sociedades mutuais não se diferenciar muito nas suas formas organizacionais.

A gerência organizada pelos próprios membros, numa espécie de “contrato social”, sem a necessidade de pessoas externas às organizações (advogados, juizes, legisladores) para a formulação das regras que norteavam as entidades; a existência de assembleias deliberativas, cargos eletivos – na sua maioria voluntários; e os constantes debates nas alterações estatutárias e no próprio cotidiano das sociedades, tudo isso acabou por se tornar uma “escola”, no sentido de aprendizagem para um exercício de coletividade, diante dos interesses de classe ou mesmo diante dos interesses pessoais.

O exercício associativo trouxe um acúmulo de experiências que não pode ser desconsiderado, ainda mais quando se pensa nas várias possibilidades abertas no processo de formação das diversas formas de organização coletiva, desde as associações de classe, até as agremiações e partidos políticos, que se organizaram em diferentes regiões brasileiras desde o século XIX. Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é descrever o funcionamento das sociedades pesquisadas.

Em relação à sua forma organizacional, as associações normalmente funcionavam por meio das Assembleias Gerais Ordinárias – em caso de urgência, eram convocadas reuniões extraordinárias –, onde eram convocados todos os sócios, e, posteriormente, elas eram conduzidas com base numa pauta elaborada pelo Conselho Diretor. Contudo, todos tinham direito a fazer proposições, críticas, ou mesmo manifestar-se através de discursos elogiosos à associação ou a um sócio específico, desde que fossem respeitadas as regras da assembleia.

Com mandato de um ano, todos tinham direito a votar e a serem votados para a formação do Conselho Diretor, cujos principais cargos eram os de presidente, vice-presidente, secretário, vice-secretário e tesoureiro. Havia ainda, dependendo da sociedade, outros cargos, como os de porta-bandeira, revisor de contas, além de um pequeno número de conselheiros que participavam das reuniões da Diretoria, com o objetivo de auxiliar e também assumir responsabilidades, juntamente com o restante do Conselho.

Toda essa estrutura gerava uma constante redistribuição de cargos, ainda que em diversos momentos tenha havido certa permanência em virtude do direito de reeleição; os cargos não eram vitalícios e muito menos hereditários, o que proporcionava uma série de disputas e articulações por parte dos sócios que concorriam aos cargos, regrados pelos estatutos. Nestes, eram definidos ainda os deveres e responsabilidades de cada um, e outra questão que aparece então é a de que esses cargos não recebiam nenhum benefício por parte da sociedade – somente o secretário que, por acumular uma série de responsabilidades, poderia receber “salário”. Contudo, isso não acontecia em todas as sociedades, principalmente quando ainda possuíam um número pequeno de sócios.

Observa-se nas listas de sociedades mutuais e beneficentes apresentadas nos Anuários do Estado de São Paulo outra prática muito comum, também definida em estatuto: a nomeação de sócios-honorários e beneméritos. Normalmente, eram considerados sócios-honorários cidadãos de qualquer nacionalidade que, de alguma forma, houvessem contribuído para o bem-estar da humanidade em geral, enquanto os beneméritos eram sócios que tivessem prestado algum serviço relevante para a associação. Ter acesso a esses títulos era de muita validade na sociedade como um todo. As solenidades de homenagens e os rituais de entrega do diploma carregavam

uma simbologia da legitimidade da ação efetuada que, além de alimentar o panteão dos bem-feitores para a construção de um mundo mais “civilizado”, também se constituiu numa estratégia de inserção, respeito e representatividade da instituição em questão.

Tabela 21 - Resumo do número de sociedades étnicas: Italianas e demais nacionalidades; contendo o número de sócios Efetivos, Honorários e Beneméritos do Estado de São Paulo (1902 – 1913)

Ano	Nº Soc	Sócios Italianos	Hon.	%	Benem	%	Nº Soc.	Sócios de outra nacionalidade	Hon	%	Benem	%
1902	29	1787	135	7,55	78	4,36	17	6567	46	0,70	444	6,76
1903	28	1296	135	10,42	74	5,71	17	8516	568	6,67	1105	12,98
1904	29	3684	153	4,15	275	7,46	22	3600	604	16,78	751	20,86
1905	36	1859	180	9,68	208	11,19	19	2884	6741	233,74	719	24,93
1906	34	1906	305	16,0	251	13,17	25	4243	1367	32,22	110	2,59
1907	43	3410	393	11,52	349	10,23	29	4609	87	1,89	294	6,38
1908	55	3491	241	6,90	365	10,46	21	5389	116	2,15	260	4,82
1909	59	2329	42	1,80	206	8,84	12	3651	1071	29,33	127	3,48
1910	104	4464	152	3,41	238	5,33	34	9127	5	0,05	14	0,15
1911	67	5158	359	6,96	326	6,32	41	6694	5673	84,75	219	3,27
1912	76	5173	316	6,11	416	8,04	40	11064	5859	52,96	191	1,73
1913	104	5748	61	1,06	504	8,77	34	5908	901	15,25	150	2,54

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico de São Paulo.** volumes de 1902 a 1913³⁴⁰.

Assim, ao acompanhar detalhadamente essa documentação, mesmo fragmentada e com informações desencontradas, foi possível demonstrar a importância dos sócios-honorários e beneméritos nas associações étnicas do Estado e o quanto as associações italianas, percentualmente, usaram diversas vezes dessa estratégia, nomeando em alguns anos mais sócios-honorários e em outros mais beneméritos. Usando como referência a cidade de Ribeirão Preto, o que consegui relacionar foi que, nas sociedades italianas, num primeiro momento, isto é, quando ainda estavam em formação, a nomeação de sócios-honorários trazia a público o reconhecimento de sua existência perante a sociedade local, e, com o desenvolvimento destas, o número de beneméritos aumentava, pois as sociedades

³⁴⁰ Nos Anuários, as informações sobre sócios-honorários e beneméritos foram registradas somente até o ano de 1913; nos anos seguintes, passou a ser informado apenas o número total de sócios. Outra observação importante é que, no ano de 1905, o número de sócios-honorários das sociedades de outras nacionalidades foi maior que o total de geral de sócios, o que demonstra que havia muitas falhas nas informações registradas nos Anuários.

acabavam por homenagear pessoas que haviam tido alguma relevância na associação. No caso das sociedades italianas, isso é bastante nítido, o que acaba por diferenciá-las das outras, aumentando a hipótese de inserção social dos próprios imigrantes na sociedade de adoção.

6.1 A FORMALIDADE COMO LEGITIMIDADE DAS SOCIEDADES EM RIBEIRÃO PRETO

Conforme explicitado nos conteúdos das atas de reuniões das sociedades italianas, a preocupação com a formalidade era uma constante. O exemplo da nascente *Unione Meridionale*, em 1900, no que tange à preocupação com a formalidade de reuniões que ocorriam nas próprias casas dos membros fundadores, usando como referência a proposta de colocar na porta da residência onde fosse ocorrer a reunião uma bandeira, simbolizando que naquele local estava reunida uma “entidade”, é bem elucidativo; mas este foi apenas um exemplo dentre tantos outros. O que foi percebido ao acompanhar o desenvolvimento das sociedades é que as experiências eram levadas de uma sociedade para outra, e que esse formalismo, além de ser uma excelente estratégia para a determinação de um espaço, foi também um elemento importante nesse aprendizado sobre as formas coletivas de organização social.

Na formulação dos estatutos e nas definições do próprio funcionamento da sociedade, os sócios tinham uma participação ativa, tanto como forma de reforçar o seu espaço ou os seus direitos adquiridos, quanto nas tentativas de resistência ou de ação reivindicatória, no sentido de abertura ou ampliação de espaço. Ao analisar uma lei do século XVIII na Inglaterra, Thompson acaba por concluir que

[...] a lei, como outras instituições que, de tempos em tempos, podem ser vistas como mediação (e mascaramento) das relações de classe existentes (como a igreja ou os meios de comunicação), tem suas características próprias, sua própria história e lógica de desenvolvimento independentes³⁴¹.

Da mesma forma, as diversas definições e redefinições de estatutos das sociedades possuem uma lógica própria, inserida na composição do campo. Assim, mesmo sem ter tido em mãos os documentos relativos a todas as mudanças estatutárias, foi possível perceber uma lógica subjacente às regras que, diante de novas estratégias, readaptavam-se ou se modelavam diante do contexto específico, vivendo, por conta própria, seus conflitos, interesses e objetivos, nem sempre declarados.

As comissões de honra formadas normalmente para a averiguação de comportamento dos sócios são um bom exemplo para o entendimento da “lei” como mediação, disputa ou reforço das relações existentes. Na passagem do ano 1899 para o ano 1900, a *Unione Italiana* encontrava-se bastante desestruturada, justamente em virtude dos conflitos de disputa por espaço. Num novo contexto, onde ela não era mais a “única” sociedade italiana da cidade – a *Unione e Fratellanza* fora fundada em 1898 –, ocorreu, então, uma grande disputa pelos cargos do Conselho Diretor da *Unione Italiana*, com eleições extremamente tumultuadas, agressivas e com várias ofensas entre os sócios³⁴². Desse tumulto, dois sócios teriam desrespeitado o estatuto da sociedade: os senhores Giovani Prianti e Rafaele Notari. O interessante, porém, foi a composição da comissão que definiria se eles seriam expulsos ou não: a comissão foi composta por Giovanni Beschizza, Otávio Gianetti, Vincenzo Tadine e Vincenzo Croce, este último o mesmo que teria retirado o sócio

³⁴¹ THOMPSON, E. P. **Senhores e caçadores**: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 353.

³⁴² LIVRO DE ATAS do Conselho Diretor da Sociedade *Unione Italiana*. Ata n.º 25, 14 jan. 1900.

Rafaele Notari da assembléia, pois, de acordo com a ata, estaria ofendendo a sociedade e o secretário Germano Barilari, ao passo que Giovanni Prianti, que havia sido tesoureiro no ano anterior, teria apenas defendido a expulsão do antigo secretário Giovanni B. Scarpa, membro que Notari defendera.

Os artigos do estatuto foram utilizados como argumentação tanto para a expulsão de Notari, como para a permanência de Prianti, que segundo a comissão não poderia ser eliminado da sociedade, pois se encontrava doente³⁴³. Através de toda a polêmica gerada em torno das definições de regras, abriu-se espaço para uma nova eleição do Conselho Diretor, que assumiu em março daquele ano, contendo obviamente os sócios que alimentaram a discórdia entre os membros da diretoria anterior, com o objetivo de não perder a representatividade que aquela sociedade ainda possuía na virada do século.

Tabela 22 - Composição do Conselho Diretor da *Unione Italiana* em março de 1900.

Cargo	Representante	Profissão	Região
Presidente	Vicenzo Croce	Alfaiataria	Lombardia
Vice-presidente	Gustavo Pergola	Negociante	Campânia
Secretário	Germano Barilari	Professor	Abruzzo
Tesoureiro	Giovanni Beschizza	Secos e Molhados e Industrial	Toscana

Fonte: Livro de Atas da Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana*, Ata n.º 33, 22 abr. 1900.

Aparentemente, a composição dessa Diretoria (tabela 22) foi estrategicamente articulada com o objetivo de fazer com que a *Unione Italiana* continuasse a representar oficialmente a “colônia Italiana” na cidade, numa atitude que exemplifica o uso da legitimidade de uma “lei” com vistas a conservar o seu *habitus*, isto é, o seu papel dentro da movimentação de vários grupos na luta pela representatividade.

³⁴³ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana*, Ata n.º 32, 01 mar. 1900.

A partir da descrição de alguns estatutos, tornou-se viável uma análise mais aprofundada dos cargos e das possibilidades que essas pequenas sociedades, do interior do Estado, conseguiram alcançar no início do século XX. O que foi muito diferente dos estatutos elaborados já na década de 1910 pela *Dante Alighieri* ou, ainda, pelo *Circolo Italiano*, criado em 1919. No decorrer das duas primeiras décadas do século XX, ocorreram diversas reformulações nas sociedades existentes, dentre as quais, a segregação por níveis sociais (e não mais apenas pela questão étnica ou mesmo por posicionamentos político-ideológicos, o que, entretanto, não consta em nenhum estatuto analisado). Enquanto que na *Unione Italiana* a questão mutual e de resistência ganhou força na segunda metade da década de 1900, a defesa de um sentimento de “italianidade” tornou-se essencial à *Pàtria e Lavoro* e, posteriormente, à *Dante*, associadas à política do Real Vice-Consulado.

Uma demonstração desse norte mais “internacionalista” foi o valor dado à palavra “*operaia*”, que constou por muitos anos no nome completo da *Unione Italiana* e também na definição, em seu estatuto, da obrigatoriedade da comemoração de 1º de maio. Tal modificação ocorreu na reforma estatutária de 1905. Nos dizeres dos próprios membros que nomearam a comissão para trabalhar na reformulação: “A comissão deverá trabalhar com o objetivo humanitário”³⁴⁴. Dessa forma, é possível observar uma maior influência dos ideais socialistas, e mesmo anarquistas, no redirecionamento da associação, naquele momento, inclusive por retirar do estatuto a obrigatoriedade de se comemorar a data de “20 de setembro”.

³⁴⁴ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana*, Ata n.º 33, 04 jun. 1905.

O ano de 1905 foi singular, nesse sentido, pois, no mesmo ano em que ocorreu a reforma estatutária que obrigava a sociedade a comemorar oficialmente somente a data de 1º de maio, a *Unione Italiana* preparou um grande evento para o dia 20 de setembro, justamente por desconsiderar a decisão do Real Vice-Consulado de não comemorar a data naquele ano, devido aos terremotos que haviam assolado a Calábria. Nesse momento, a defesa das homenagens ao “20 de setembro”, mesmo não contando mais no estatuto, ganhou um sentido reivindicatório, contando com a presença de Antonio Picarollo e de uma palestra que não se restringiu à glorificação da data.

Isso não significa dizer que a *Unione Italiana* desligou-se da questão étnica. A não-alteração do nome é um grande indício dessa defesa. No período estudado, os estatutos não deixaram de ressaltar, de forma recorrente, a questão nacional. Os estatutos sempre iniciavam com a importância do nome “*Unione Italiana*” e a definição de que a sociedade era formada por italianos “honrados e trabalhadores”.

Art. 1º - [...] Potranno essere soci tutti gli italiani geograficamente parlando, che s'no tenuti in conto dabbenne, che esercitano un mestieri od un ufficio onorato.³⁴⁵

Art. 3º— Possono far parte della società tutte le persone che sono italiane, o figlio, o d'origine italiana, purché godono fama di onesti e laboriosi, abbiano compiuto 16 anni e non oltrepassate i 50 di età³⁴⁶.

A questão da moralidade associada à nacionalidade foi a marca de uma época em que valores como honestidade, esforço e coragem caracterizavam condutas, sendo costumes socialmente válidos. Logo, esse conjunto de características funcionou como uma senha para a consolidação da prática de convivência e assimilação desses imigrantes italianos. A ideologia do trabalho, no sentido de uma consciência alienadora, segundo Martins, encontrou nessa

³⁴⁵ Statuto della Società di M. S. Unione Italiana, Ribeirão Preto, SP, Casa Beschizza, 1898.

³⁴⁶ Statuto della Società di M. S. Unione Italiana, Ribeirão Preto, SP, Casa Beschizza, 1911.

experiência associativa uma espécie de resistência, mesmo que passiva à concepção individualizadora do capitalismo³⁴⁷. Assim, além da própria questão do processo de formação da classe operária no Brasil, a participação dos imigrantes foi importante na conformação de novas relações sociais, que compuseram, através dessas organizações, uma identidade histórica.

Entretanto, essas práticas associativas não contribuíram somente para a formação de uma identidade da classe operária, pois, além da própria estratificação da classe operária que se diferenciava por suas “especialidades”, os imigrantes considerados componentes dessa tipificação, nomeada por Hobsbawm como “aristocracia operária”, foram partícipes importantes como espécies de líderes e representantes de todos os trabalhadores honrados e que conseguiram, através da capacidade organizativa, seu *status*³⁴⁸.

Dessa forma, a formalidade e a legitimidade das sociedades mutuais italianas, principalmente em cidades de menor porte, foram estratégicas, no sentido de conseguir o reconhecimento da sociedade local. Ao acompanhar o desenvolvimento das sociedades italianas em Ribeirão Preto, percebe-se uma necessidade concreta de reconhecimento, especialmente se pensarmos que comerciantes, artesãos, pedreiros, serralheiros, pequenos industriais e prestadores de serviços tinham como grande objetivo, em geral, pertencer e sobreviver no meio urbano – ou pelo menos ali prestarem seus serviços e serem reconhecidos, mesmo estando cientes de que um número restrito de italianos conseguiu esse reconhecimento com o apoio das sociedades –, visto que eles estiveram sempre encabeçando comissões e subscrições, representando externamente um discurso, uma imagem e um espaço comum (ainda que o seu interior fosse composto de vários segmentos sociais da

³⁴⁷ MARTINS, Jose de. op. cit., p. 200.

³⁴⁸ HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**. op. cit., p. 264.

colônia italiana onde se disputava, constantemente, quem teria legitimidade de representar o ideal nacional, não só perante a sociedade local, como também entre a própria colônia italiana).

Assim, mesmo com a constituição de várias associações italianas na cidade e todas se posicionando oficialmente como apolíticas, elas declaravam de formas diferenciadas a questão da identidade nacional através de artigos estatutários ou de decisões em assembléia:

Art 2º Detta Società ha per scopo:
IX – Di mantenere sempre vivo negli animi dei soci l'amore per la
patria lontana, ed il rispetto alle leggi³⁴⁹.

O objetivo apresentado acima, consta na reforma estatutária de 1898 da *Unione Italiana*, onde o objetivo de alimentar o “amor à pátria” permaneceu, porém nos estatutos de 1905 e 1911, a preocupação como esse objetivo estatutário não aparece mais; nesse sentido eles se restringiram à permanência do nome o qual se apresenta no mesmo artigo onde se declara que o principal objetivo da sociedade é:

Art. I - [...] nell'intento di contribuire all'unione, all'organizzazione e al miglioramento morale e materiale degli italiani al Brasile

A *Unione e Fratellanza* e posteriormente a *Pàtria e Lavoro*, por sua vez, também se mantiveram estatutariamente “apolíticas”, e, mesmo sem a posse de seus estatutos, foi possível perceber o que essas associações compreendiam como “Amor à Pátria”. No caso da *Unione e Fratellanza*, a definição do uso das três cores da bandeira italiana em seu lábaro e a conseqüente expulsão dos sócios que questionaram essa decisão como sendo uma atitude clara de apoio à monarquia (e sustentando, portanto, que ela deveria modificar seus emblemas), além do apoio incondicional do Real Vice-Consulado a tal associação, demonstram o quanto as questões político-ideológicas apresentavam-se muito além das regras estabelecidas.

³⁴⁹ Statuto della Società di M. S. Unione Italiana, Ribeirão Preto, SP, Casa Beschizza, 1898.

Já na organização da *Pàtria e Lavoro*, essa questão tornou-se mais declarada: logo na ata de fundação, com a presença do Real Vice-Cônsul da cidade, a assembléia terminou com manifestações de apoio ao rei, à pátria, ao Brasil e ao Real Consulado italiano³⁵⁰. Em 1906, quando ocorreu uma reforma estatutária nessa sociedade, a permanência do lábaro da sociedade com três cores e o símbolo da monarquia foram questionados, sob a alegação de que constava em seu estatuto que a instituição era apolítica. A resposta do presidente foi imediata e clara: “Se amamos a nossa pátria e ela é uma monarquia, é dever dos imigrantes italianos não serem contrário a ela³⁵¹”. E, com a organização em 1910 do comitê da *Dante Alighieri* na cidade, esse posicionamento foi prontamente estabelecido em seu estatuto, que apresentou como primeiro artigo:

Art. 1º Fica constituída na cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, Brasil, uma sociedade literária, recreativa e beneficente, sob a denominação de Sociedade Dante Alighieri. Que tem por fim manter vivo entre os seus sócios o sentimento de italianidade e aumentar a consideração junto aos brasileiros, praticando obras de instrução, educação e beneficência³⁵².

Os estandartes como símbolos essenciais à conformação de tradição já foram analisados nesta pesquisa; o que desejo ressaltar é apenas o quanto através das mudanças desses símbolos também é possível acompanhar como eram efetuados os redirecionamentos estatutários das associações e, por conseqüência, a atuação dos componentes desses grupos. Na fundação da *Unione Italiana* em 1895 o emblema da sociedade foi descrito em estatuto da seguinte forma:

³⁵⁰ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro*. Ata n.º 1. 20 set. 1903.

³⁵¹ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Pàtria e Lavoro*. Ata s/n 12 ago. 1906.

³⁵² Esse estatuto de 1912 transcrito em português, encontra-se nos autos do processo de intervenção do Ministério da Justiça, pela não obediência ao decreto lei n.º 383 de 18 abr. 1934 e nem ao decreto lei nº3.016 de 24 ago.1938. A cópia desse processo pertence ao conjunto de documentos de origem pública (estadual) oriundo da Seção de Arquivo Geral do Fórum de Ribeirão Preto, disponível no acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Data do processo: 02 out. 1938.

A sociedade terá a bandeira tricolor trazendo o emblema real de um lado, e o símbolo da sociedade do outro, com os dizeres *Società Operai di mutuo Soccorso Unione Italiana* e a bandeira verde-amarela com o emblema da República brasileira de um lado e o símbolo *fratellanza* do outro lado³⁵³.

Na década de 1910, a mesma associação apresentava como estandarte um lábaro verde com um sol ao fundo e duas mãos entrelaçadas, sem nenhuma menção aos símbolos nacionais italianos, porém com a permanência do nome e da defesa dos italianos em estatuto. Outro ponto relevante nas prioridades definidas como principais objetivos dessa sociedade foi a importância dada às regras de socorro mútuo. Nesse sentido, principalmente nas duas primeiras décadas do século XX, a *Unione Italiana* foi a única associação mantida por italianos ou descendentes que continuou a priorizar a amenização dos problemas enfrentados pelos imigrantes na cidade, enquanto as outras foram cada vez mais se distanciando da ajuda mútua e mesmo da beneficência que ocorria somente em situações especiais de necessidade coletiva, tendo como exemplo a epidemia de gripe espanhola em 1918.

As definições de como seriam as ajudas promovidas pela *Unione Italiana* constantemente tinham que ser alteradas devido a vários fatores. Um dos principais foi a própria expansão da cidade, necessitando de parcerias com um número maior de médicos, farmacêuticos e mesmo de sócios que pudessem trabalhar em prol da sociedade, pois apenas uma pessoa responsável pela cobrança das mensalidades não conseguia mais abranger todos os bairros. A questão era que, mesmo com o aumento do número de sócios, a mensalidade era pequena, a falta de recursos, constante e os debates sobre como administrar o dinheiro arrecadado, também. Na reforma estatutária de 1911, depois de várias polêmicas, alguns regulamentos sobre as ações de socorro mútuo foram modificados e outros mantidos, como, por

³⁵³ Statuto della Società di M. S. Unione Italiana, Ribeirão Preto, SP, Casa Beschizza, 1898. O símbolo de *fratellanza* ao que se refere a descrição é o desenho das duas mãos entrelaçadas.

exemplo, a continuidade da escolha mensal de uma comissão responsável pelas visitas aos doentes. Compreender a importância dessas comissões de visita é interessante não só pela questão da visita como uma espécie de solidariedade ao sócio doente, mas também porque elas acabavam por ter a responsabilidade de verificar a veracidade do problema enfrentado. Sobre esse ponto, houve diversos casos denunciados como abusivos e uma grande preocupação com o uso indiscriminado do apoio da sociedade³⁵⁴. O direito gratuito aos medicamentos e ao atendimento médico foi mantido, porém os medicamentos teriam que ter a receita médica e o tratamento médico a ser realizado teria que ocorrer fora da “região central”, fazendo com que o médico tivesse que se locomover até o sócio doente quando este morasse fora dessa região central (chamada por eles de “cidade”), isto é, bairros mais afastados, núcleo colonial ou mesmo nas fazendas – e, nesses casos, o sócio deveria pagar ao médico a despesa da “viagem”³⁵⁵.

Aparecem também, nessa reforma, um detalhamento maior sobre os direitos dos sócios e a questão da carência, que no início da sociedade era de seis meses, sem discriminação de tipos de doença, e, a partir desse crescimento quantitativo de sócios e conseqüentemente dos valores utilizados no auxílio-doença, os direitos modificaram-se:

Art. 11 – Il socio effettivo ha diritto al sussidio per malattia acuta, dopo pagato 3 mesi le tasse mensili, e per malattia cronica, dopo pagato le tasse mensili pel' corso di cinque anni.

Art. 12 – Non hanno diritto a sussidio gli affetti di malattia venerea e gli ammalati in causa di ubriachezza, rissa provocada e cattiva condotta un genere³⁵⁶.

³⁵⁴ O debate dessas questões apresentam-se no decorrer das reuniões de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana* durante todo o ano de 1910, o que levou justamente à reforma estatutária de 1911.

³⁵⁵ LIVRO DE ATAS de Assembléia Geral da Sociedade *Unione Italiana*. Ata n.º 40 18 ago. 1911.

³⁵⁶ Statuto della Società di M. S. Unione Italiana, Ribeirão Preto, SP, Casa Beschizza, 1911.

Através desses artigos do estatuto aprovado em 1911 e das comissões de visita, é possível perceber a preocupação em alicerçar muito bem um conjunto de ações que essencialmente serviram para que a sociedade continuasse a existir, mesmo em momentos de muita fragilidade econômica, e também da constante preocupação com o comportamento diário dos sócios, no sentido de deixar claro que não auxiliariam membros que tivessem um comportamento inadequado em sua vida pública. A retirada do subsídio financeiro no período em que o sócio entrasse em tratamento também demonstra a falta de recursos e o aumento do número de imigrantes que se associava à *Unione Italiana*, justamente pela necessidade de uma segurança e de apoio em momentos adversos, já que isso não acontecia nem por parte do governo brasileiro, nem por parte do governo italiano. Essa alteração aconteceu já na reforma estatutária de 1900, quando o termo “*bisogno*” foi retirado, deixando apenas “*sussidio per malattia*”³⁵⁷. Assim, as regras definiam oficialmente qual era a responsabilidade da sociedade; porém, em várias situações, dependendo das reservas financeiras e da situação em que se encontrava o sócio necessitado, a assembléia acabava por aprovar um determinado auxílio financeiro, promovendo, várias vezes, eventos como festa ou uma simples tómbola, para arrecadação da verba necessária, aproveitando-se desses casos especiais também como estratégia para um maior envolvimento de todos os sócios com os problemas enfrentados pela sociedade.

³⁵⁷ LIVRO DE ATAS de Assembléia geral da Sociedade *Unione Italiana*. Ata n.º 37, 10 jun. 1900.

Tabela 23 - Comparativo entre Receitas e Despesas da Sociedade de Socorro Mútuo *Unione Italiana* entre o período de 1910 a 1920³⁵⁸:

Receitas	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Contribuição	100%	100%	69%	93%	-	100%	63%	66%	71%	59%	63%
Donativos	-	-	6%	-	-	-	-	-	-	2%	-
Subvenção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Juros/Aluguel	-	-	3%	7%	-	-	-	-	8%	14%	28%
Outros	-	-	22%	-	-	-	37%	34%	20%	25%	10%

Despesas	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Socorro Médico	96%	90%	36%	3%	-	96%	83%	63%	87%	94%	97%
Pharmácia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Socorro Pecuniário	-	5%	2%	-	-	-	-	-	-	-	-
Pensão	-	3%	-	-	-	-	-	11%	13%	-	-
Funeral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aluguéis	-	-	10%	4%	-	-	-	26%	-	6%	-
Ordenados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Despesas com expediente	-	-	2%	93%	-	-	17%	-	-	-	1%
Outros	4%	2%	50%	-	-	4%	-	-	-	-	2%

Fonte: Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. **Anuário Estatístico de São Paulo.** Volumes de 1910 a 1920.

Esta tabela foi organizada com o objetivo de se visualizar as fontes de receita de uma sociedade mutual e os serviços efetuados com tal orçamento. Infelizmente, de todas as sociedades registradas do município de Ribeirão Preto na Repartição de Estatística do Estado de São Paulo, somente a *Unione Italiana* manteve uma constância em enviar os dados, de modo que as demais apareciam nos registros, mas, provavelmente, não enviavam os dados para que os Anuários fossem publicados, ficando a tabela com os campos não preenchidos. Portanto, no caso da *Unione Italiana*, foi possível acompanhar essas informações que, na maioria dos anos, também eram colocadas pelos revisores de contas³⁵⁹ nas aberturas das atas de Assembléia geral no período de troca de Diretoria. Sobre as despesas, o

³⁵⁸ A tabela foi organizada por percentual e não em valores, primeiramente, devido à dificuldade de conversão da moeda, mas também para que a leitura dos dados fosse facilitada.

³⁵⁹ Revisor de contas era um cargo eletivo que tinha como função a verificação da contabilidade da associação. Na *Unione Italiana*, eram eleitos, geralmente, três revisores a cada ano.

percentual maior sempre correspondia aos tratamentos médicos e a receita basicamente girava em torno das mensalidades e de locações da sede para vários eventos.

A questão da saúde pública, a partir da fundação, em 1892, do Serviço Sanitário Estadual, esteve inserida numa disputa entre os poderes municipais e estaduais, que, mesmo com discursos científicos, delineava as forças de centralização do poder estadual³⁶⁰. Dentro dessa contenda sobre quem era responsável pela saúde pública, as associações mutuais ou beneficentes acabavam por assumir algumas responsabilidades, registradas em seus estatutos. Como exemplo, podemos citar os artigos que definiam as ações da sociedade em caso de epidemia e até mesmo a organização de comissões sanitárias entre os sócios, cuja responsabilidade era verificar a situação em que se encontravam os membros infectados, ou mesmo, para averiguar as condições higiênicas e sanitárias das residências dos associados, oferecendo auxílio caso fosse necessário³⁶¹. Sobre esse tema, vale ressaltar que mesmo as sociedades que se distanciaram das ações de socorro mútuo, coma a *Pàtria e Lavoro* e posteriormente a *Dante Alighieri*, também organizaram comissões sanitárias que se aliaram às diretrizes do Serviço Sanitário, diante das epidemias que assolaram a cidade durante o período estudado.

Enfim, as obrigações de uma sociedade mutual definidas em estatutos foram questões de conflitos, direcionamentos e prioridades que se tornaram visíveis não como modelos de práticas associativas, mas como análises das experiências concretas dessas associações estruturadas dentro do dinâmico processo de concretização do capitalismo.

³⁶⁰ TELLAROLLI JUNIOR, Rodolfo. **Poder e saúde:** as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 1996, p. 201.

³⁶¹ Statuto della Società di M. S. Unione Italiana, Ribeirão Preto, SP, Casa Beschizza, 1898.

6.2 AS PRÁTICAS ASSOCIATIVAS ITALIANAS E ALGUMAS ESTRATÉGIAS PARA A MANUTENÇÃO DO SENTIMENTO DE “ITALIANIDADE”.

A expansão das associações étnicas, em especial das italianas, não foi um fato isolado. A prática associativa, além de ser uma experiência já vivenciada na Europa dentro do contexto migratório do século XIX, adquiriu novas características e readaptações. O ato migratório é, por definição, um momento de mudança em que associado, à necessidade urgente de adaptação, encontrou nas práticas associativas uma forma de sobreviver e conviver em um novo lugar.

A segunda metade do século XIX foi marcada pela expansão capitalista e pela formação de novas formas de viver. O sentimento de que o futuro havia chegado, alimentado ainda pelos discursos cientificistas, fez com que a Europa colocasse em prática uma política imperialista que tinha no incentivo à emigração dos europeus para as colônias ou novos países a possibilidade concreta de proliferação e concretização da civilização e do progresso, guiados pelos iluminados políticos e cientistas europeus. Nesse sentido, esse movimento migratório mundial fez parte de um processo centralizador, individualizante e competitivo do liberalismo europeu.

A Itália, especificamente, encontrava-se numa situação diferenciada em vários sentidos em relação aos demais países europeus. Um deles era a inexistência de um império colonial italiano e outro era a experiência migratória dentro da própria península, que existia desde o período medieval como um mecanismo de sobrevivência, e que, no processo de industrialização e concentração

de capital, esse movimento espalhou-se pelo mundo e principalmente para o continente americano. Porém uma das maiores particularidades desse movimento italiano do século XIX é que ele aconteceu concomitantemente com o processo de unificação italiana. Assim, quando nos referimos à imigração em massa de italianos para o Brasil ou para outras regiões, não podemos nos esquecer de que a idéia de coletividade e unidade identitária desses “italianos” ainda não estava formada³⁶².

Nesse sentido, o estudo das práticas associativas auxilia com bastante pertinência a questão da formação identitária desses migrantes que encontrou na contingência da migração para lugares diversos, a necessidade concreta de se organizar coletivamente para garantir sua sobrevivência. Imigrantes de várias regiões da península itálica acabaram percebendo na união em torno de uma identidade nacional, uma possibilidade maior de inserção nos países de adoção. O que não significou que esses imigrantes se percebessem italianos, primeiramente eles foram identificados como tais, pelas sociedades que os receberam. Dessa forma, a organização coletiva desses imigrantes encontrou na “nacionalidade” uma forma de inserção e conquista de espaços dentro da sociedade de adoção. Segundo dados oferecidos por alguns pesquisadores, pela Repartição de Estatística do Estado de São Paulo e pelo *“Bollettino dell’emigrazione”* produzido pelo governo italiano em 1908, foi possível apresentar um cálculo aproximado da proliferação de sociedades italianas no Estado de São Paulo. Em 1906 foram registradas a existência de 136 associações, 182 em 1908 e 392 em 1912³⁶³, usei o termo aproximado, justamente porque esses números correspondem às associações registradas no Diário Oficial do Estado, segundo o decreto nº173 de 1893, que abriu possibilidade das associações possuírem um caráter jurídico, entretanto não é difícil

³⁶² Sobre a história da Itália, ver: BERTONHA, João F. **Os italianos**. op. cit.

³⁶³ Esses dados foram organizados por Angelo Trento. In: op. cit., pp. 172-173.

imaginar que muitas associações não faziam esse registro. A pulverização de sociedades em alguns estados brasileiros não pode ser desconsiderada, nem mesmo podem ser vistas como apenas uma “reunião de conhecidos da mesma região de origem”, a organização dessas associações envolveram questões pessoais, regionais, diferenças socioeconômicas, políticas e mesmo de disputa pelo poder pela legitimidade simbólica perante a sociedade local.

Foi nesse contexto que ocorreram algumas tentativas de organizar uma Federação que organizasse diretrizes e prioridades que as associações italianas deveriam seguir. Em 1890, ocorreu uma primeira tentativa em organizar um Congresso Italiano para a criação de um “grande instituto” que acabou acontecendo em 1894, mas fracassado diante da pouca adesão e dos vários conflitos sobre como deveria ser uma federação. Domenico Rangoni, um italiano republicano que havia chegado ao Brasil em 1890, envolveu-se rapidamente em associações, dirigindo o “Circolo XX Settembre” em 1891 que também publicava um jornal de língua italiana chamado *Il Messaggero* e em 1898 compôs o grupo que organizou a “Lega Democratica Italiana” com o propósito de centralizar em um único grupo todos os militantes de uma tradição democrática e republicana³⁶⁴, programou mais uma tentativa de organizar uma Federação.

O Congresso chegou a ser realizado na cidade de São Paulo entre os dias 12 a 18 de maio de 1904, aparentemente bem organizado, foi dividido em comissões que ficaram responsáveis por temas específicos e com a obrigação de entregar as propostas no final do evento. Participaram desse Congresso 98 associações (80% do Estado de São Paulo), 29 escolas, 8 jornais e 265 particulares, num total de 143 delegados. A particularidade desse Congresso, segundo Angelo Trento, foi a

³⁶⁴ BIONDI, Luigi. **Entre associações étnicas e de classe: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo**. op. cit., pp. 148-149.

pluralidade de facções regionais e políticas presentes³⁶⁵, porém o que mais chamou minha atenção foram os temas abordados pelas oito comissões:

1. Rapporti politiche e giuridici degli italiani qui residenti colla madre Pàtria ed il Brasile. Necessita de leggi, trattati e convenzione fra le due Nazione che permettano agli italiani nel Brasile ed ai brasiliane in Italia di esercitare i loro diritti politiche e civile senza venir meno ai doveri cha hanno verso la patria d'origine e quella di adozone.
2. Educazione ed istruzione. Mezzi e provvedimenti per diffondere la coltura e la lingua italiana nell Brasile, e per fondare e mantenere scuole ed istituti italiani d'istruzione.
3. Beneficenza: protezione: Tutela ed assistenza degli indigenti e degli incapaci. Mezzi con cui provvedere al bisogno.
4. Previdenza. Mutualità. Cooperazione nelle diversi formi di consumo, assistenza, credito, assicurazione, produzione e lavoro.
5. Commercio ed industrie italiani e loro sviluppo nel Brasile
6. Emigrazione e colonizzazione- lavoro manuale e lavoro intelectuale
7. Necessità di raccogliere gli italiani e di organizzarne le forze a scopi di miglioramento e benessere individuale e coletivo, morale ed economico.
8. Partecipazione al Primo Congresso Coloniale che si terra in Italia. Quesiti, voti e pareri da presentarsi all studio e discussione dell medesimo³⁶⁶.

As questões tratadas nesse evento demonstraram, primeiramente, a capacidade organizativa e consciente por parte dos organizadores que tinha Domenico Rangoni como mentor, porém não foram apenas os temas, mas o quanto a questão de organizar um programa oficial de regras e atuações desses imigrantes aparecia como essencial para o fortalecimento, reconhecimento e legitimação da presença italiana nas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais do Brasil. A organização da federação não aconteceu devido, essencialmente, aos diversos e conflitantes posicionamentos político-ideológicos dos participantes.

Entretanto, a prática associativa teve nesse período uma determinante importância na construção de um sentimento de italianidade e da constante alimentação de uma memória comum da pátria de origem. Nesse sentido, em uma

³⁶⁵ TRENTO. Angelo. op cit., p. 176.

³⁶⁶ *Il Brasile e Gli Italiani* Edizioni del **Fanfulla**, Bemporad e Figlio, Firenze, 1906, pp. 815-824.

palestra proferida por Rangoni em 1902, no salão da *Lega Lombarda*, seus questionamentos sobre qual seria a imagem que os brasileiros teriam dos italianos, passados cem anos, permanecem, hoje, como possibilidade de análise, justamente num momento de globalização das sociedades e de uma renovada busca de identidades. Enfim, o renascimento de sociedades italianas em vários países onde houve um grande contingente migratório é, sem dúvida, um reflexo dessas novas tensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os imigrantes italianos que aqui chegaram entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX precisaram refazer suas vidas, refazendo a si mesmos. Eles tiveram pela frente uma dura experiência de adaptação, que lhes obrigou a articular um conjunto diverso de estratégias para conquistar seu lugar na sociedade brasileira, ainda em formação.

Na dinâmica cotidiana das experiências humanas concretas, o processo de assimilação desses imigrantes italianos não foi homogêneo, tendo se diferenciado diante das contingências enfrentadas em relação à região, à sociedade local receptora e à cultura local. Porém, enfrentando essas contingências, os imigrantes vivenciaram a possibilidade de readaptação de práticas e de costumes interiorizados, como possibilidade de inovação na inter-relação entre probabilidades objetivas e as aspirações subjetivas.

Nesse sentido, a recriação de relações sociais a partir das possibilidades percebidas encontrou na prática associativa um instrumento resistente para enfrentar o novo momento vivenciado pelos imigrantes em função do deslocamento de seu país de origem. Num primeiro momento, essa coletividade objetivou amenizar e remediar situações concretas de sobrevivência e enfrentar as condições adversas de assimilação do imigrante, apresentadas pela nova sociedade. Vale ressaltar que muitos dos imigrantes tiveram inicialmente um tratamento semelhante ao que era dado aos escravos, pois eles migraram para uma terra desconhecida, onde não havia nenhum ambiente legal que os amparasse. Nesse contexto, as

associações de socorro mútuo situaram-se no centro do processo de estruturação dos núcleos urbanos formados no desenvolvimento da economia cafeeira.

A organização de sociedades mutuais étnicas, entendidas como prática social vinculada, de um lado, às necessidades básicas e às misérias do urbanismo, e, de outro, ao processo de construção de alteridades e de assimilação estrangeira através da legitimidade representada pela capacidade associativa, demonstrou a importância em ampliar a reflexão sobre as especificidades geradas não só no próprio desenvolvimento de um comportamento associativo, como também o quanto as contingências dos espaços vivenciados instigaram estratégias diferenciadas dessas associações.

Dessa forma, a fundação e o desenvolvimento das Sociedades Italianas em cidades como Ribeirão Preto puderam ser analisados com vistas não apenas ao contexto mais amplo de afirmação das relações capitalistas, mas também como estratégia que perseguiu, através de meios e condições específicas, a representatividade perante a sociedade receptora; ou seja, trata-se da maneira pela qual os imigrantes se organizaram e assimilaram a nova pátria, com especial atenção às especificidades da região onde se fixavam. Nesse sentido, o interior paulista foi um *locus* interessante, cujas práticas sócio-culturais e políticas possuíam regras e repertórios próprios, muitas vezes distintos daquilo que ocorria nos centros maiores, conforme saliento mais de uma vez no decorrer da tese.

Ao analisar os livros de atas de sociedades de mútuo-socorro italianas em Ribeirão Preto, foi possível acompanhar a dinâmica de situações contingenciais, onde as experiências individuais e coletivas manifestaram-se dentro de um conjunto de habilidades utilizadas, principalmente, como estratégia para a conquista de um espaço na sociedade local. Percorrendo as ações desses grupos, notei que, com o

objetivo de conquistar a liberdade/dignidade, fosse pelo trabalho, fosse pelo exercício da cidadania ou ainda pela declaração afirmativa de luta de classes, a solidariedade apresentava-se como prática necessária para um futuro “melhor”. Assim, através das dinâmicas dessas sociedades mutuais em Ribeirão Preto, foi possível perceber essa linha tênue, mas coerente, onde o imigrante desejava o fim das injustiças sociais sofridas, o fim da condição de não-proprietário e a conseqüente participação da vida social e política do novo espaço, e que, através de ações diversas, mantiveram a “solidariedade” e a (re)criação de uma “identidade nacional” como temática hábil e de fácil aceitação.

Através dessas observações, pude recuperar os elementos factuais da formação histórica do mutualismo italiano, à medida que empreendi a análise das condições sócio-culturais de seu surgimento no bojo do desenvolvimento da infraestrutura urbana ribeirão-pretana. Tal contexto abarcou as questões atinentes à reprodução do ideário republicano em sua faceta pragmática, quer dizer, a imposição da ideologia da ordem e do trabalho como esteio do progresso, onde essas associações assumiram um papel relevante no propósito da construção desse futuro.

Feita essa primeira incursão analítica, enfoquei as características econômicas, os aspectos técnicos e sócio-culturais que instituíram uma determinada concepção de modernização diante da problemática imigrantista, associada ao vertiginoso crescimento econômico experimentado pela cidade naquelas primeiras décadas de imigração em massa. A partir dessa armação empírico-analítica (desdobrada das proposições teórico-metodológicas apresentadas), o mutualismo foi tratado como uma espécie de organização social que se inseriu, simultaneamente, entre a premência das necessidades cotidianas num nível elementar e, num nível

mais abstrato e de alcance mais amplo e longínquo, a auto-representação imigrante. Esse foi o processo de construção de alteridades, que culminou na assimilação estrangeira no contexto associativista do interior paulista, cujas práticas sócio-culturais e políticas possuíram regras e especificidades históricas.

Com isso, se é algo evidente pensar as práticas sociais no interior das mutuais como tendo sido mediadas por redes de solidariedade, fiz questão de demonstrar que um dos nós fundamentais para a compreensão do alcance dessas mesmas práticas está justamente em apreender quais eram as formas, as estruturas disponíveis, os conteúdos, os arranjos sociais, que estavam em questão. Ficou patente que a representação da solidariedade estava, ao fim e ao cabo, à mercê de aparatos institucionais, os quais, no processo mesmo de constituição, distanciaram-se do objetivo precípua que lhes deu razão de existência, qual seja, a manutenção de uma experiência solidária. Na verdade, o processo de institucionalização serviu principalmente a um pequeno grupo italiano que se destacou economicamente. Os laços de solidariedade étnica ficaram para o calor das festividades e dos interesses pragmáticos inerentes ao prestígio daqueles que ascendiam socialmente e de maneira acentuada, como foi o caso de vários italianos no contexto de Ribeirão Preto.

Aliás, reafirmo que a questão da identidade étnica esteve presente de modo insistente no interior das mutuais. Reitero esse postulado, uma vez que esse tema, mesmo com vários significados, foi decisivo para estabelecer a discussão das estratégias adotadas como práticas sociais cotidianas que consagraram ao imigrante um status diferenciado e que lhe impuseram uma necessidade de pertencimento. Por isso, o apelo das mutuais foi tão convidativo e a participação nelas se tornou uma necessidade de auto-afirmação e construção de uma cultura associativa que

serviu como espaço de manobra na demonstração da importância do elemento imigrante perante a sociedade local.

Ao descortinar a dinâmica desses espaços como reprodutores sociais, através das promoções de eventos onde o espaço adquiriu uma pluralidade de articulações capaz de promover adequações aos costumes dentro de um constante processo de transformação, foi possível ampliar a análise para uma expansão da prática associativa que ocorria num país onde ainda não havia uma política social, fato que conferiu, assim, uma maior complexidade entre o público e o privado sobre as responsabilidades sociais e o prestígio social que isso lhes conferia.

As iniciativas educacionais desenvolvidas por esses imigrantes italianos, de forma complementar às demais estratégias de inserção e de prestígio social que se constituíram, também foram formas de resistência e adaptação num espaço onde não havia apoio nem por parte do governo brasileiro, nem por parte do governo italiano. Outra questão que necessita ser ressaltada é o papel que as sociedades de socorro mútuo tiveram na participação dos eventos liderados pelos movimentos grevistas e organizações congêneres, sem com isso colocá-las como uma espécie de raiz do movimento operário. Certamente, as sociedades mutuais contribuíram de forma relevante para o processo de formação do movimento operário brasileiro. Portanto, nesse embate, o mutualismo como estratégia contribuiu historicamente para o delineamento de determinadas formas de relações do próprio poder público e da sociedade civil em geral com as organizações sociais e políticas surgidas entre o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, quando a máquina estatal alcançou a configuração moderna básica que só começou a ser desmontada, em parte, no contexto do neoliberalismo.

Diante disso, a atenção dada à discussão criteriosa do termo cultura e suas implicações foi um dos elementos centrais do desenvolvimento dos meus argumentos. Sem tal incursão, considero improdutivo quaisquer análises sobre o desenvolvimento das estratégias de sobrevivência tecidas nos debates das mutuais diante dos crescentes problemas enfrentados em relação à sociedade adotiva. Sem o elo cultural, seria impossível compreender como pessoas com visões de mundo tão distintas como a burguesa, a anarquista, a socialista, os conservadores e afins, pudessem sentar para discutir amiúde problemas pertinentes à sua condição de imigrantes. De fato, essa polivalência e elasticidade da noção de cultura foram sistematicamente utilizadas como substrato gregário do contingente imigrante italiano. Vale destacar, mais uma vez, a construção dessa identidade, na medida em que a maioria desses imigrantes não portava esse sentimento pátrio em sua terra natal, posto que se tratou de uma construção cultural ocorrida no países de adoção e assegurada pelas mutuais, sendo esta especificidade histórica uma das questões mais relevantes no conjunto de estratégias da dinâmica da cultura associativa, sobre a qual concentrei meus esforços, no sentido de contribuir para a ampliação da compreensão acerca da importância da coletividade na formação e na transmissão de uma cultura enredada nas constantes transformações dos costumes.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

1. Fundo “Sociedade Italiana Mutuo-Socorro”: formado por três livros de atas. Dois livros pertencentes a uma sociedade chamada *Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione e fratellanza*, um composto de atas do Conselho Diretor (Libro per i verbale delle sedute del consiglio direttivo) e outro de atas da Assembléia Geral (Libro per verbali dell’aduanze generali). Esta sociedade foi fundada em 1898 e existiu até 1903. O outro livro de atas pertence à *Società Unione Meridionale*, esta sociedade foi fundada em 1900 e existiu até 1903.

2. Fundo “Sociedade de Mutuo Socorro e Beneficência Pátria e Trabalho”: formado por um livro de Atas da Assembléia Geral (Libro per verbali dell’ aduanze generali) referente ao período de 1903 a 1910.

3. Fundo “Sociedade Nacional Dante Alighiere”: formado por documentos contábeis e livros de presença no Conselho Diretor e na Assembléia geral, produzidos entre os anos de 1910 a 1941.

4. Fundo “Circulo Italiano”: composto por um livro que contem atas da Assembléia Geral e do Conselho Diretor entre os anos de 1919 a 1922.

5. Fundo “Câmara Municipal”: deste fundo foi levantado da parte administrativa, o Relatório da Câmara Municipal de Ribeirão Preto apresentado em 10/01/1903 sobre o ano anterior. Este relatório trata de várias questões administrativas como finanças, melhoramentos e obras públicas, água e esgoto, higiene, iluminação. Ele contém informações sobre um recenseamento de deliberação em 26/07/1902 e apresenta em anexo o seu resultado geral e também um resumo. Da parte de Representação, as listas de chamadas de eleitores entre 1881-1909, pois esta lista contém o nome dos eleitores. A partir desta documentação é possível verificar quais destes sócios já haviam se nacionalizado.

6. Fundo “Prefeitura Municipal”: Foram levantados os Avisos de Lançamento de Imposto Predial (1895-1905). Nesta documentação contém o nome do proprietário, o endereço e a natureza do imóvel.

7. Periódicos e Almanques

- **Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto: estatístico, histórico, commercial, agrícola, literário, informações variadas.** Sé, Mania & Cia Editores, 1913. Typ do Almanach, Ribeirão Preto, 1913.
- **O Município e a cidade de Ribeirão Preto na comemoração do 1º centenário da Independência nacional: 1822-1922.** João Rodrigues Guião. Lei n.º 270 de 1922. Câmara Municipal de Ribeirão Preto, 1923.
- EMBOABA, Osmani **Album Comemorativo de 1º centenário da cidade de Ribeirão Preto**, Ribeirão Preto, 1956.
- SANTOS, Plínio Travassos. **O Ribeirão Preto: Histórico e para História.** Ribeirão Preto: 1948.
- EMBOABA, Osmani. **História da Fundação de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto: s/d.

Società Operaia Italiana di Mutuo Soccorso “Unione Italiana”

- *Libro per verbali delle sedute del Consiglio Direttivo. 1895-1900.* 90 atas da Società Italiana di Mutuo Soccorso “Unione Italiana”.
- *Libro per verbali delle aduanze generali. 1900-1908.* 76 atas da Società Operaia Italiana di Mutuo Soccorso “Unione Italiana”.
- *Libro per verbali delle sedute del Consiglio Direttivo. 1900-1908.* 159 atas
- *Libro per verbali delle sedute del Consiglio Direttivo. 1909-1917.* 145 atas
- *Libro per verbali dell’ aduanze generali. 1909-1917.* 40 atas
- Pasta de Correspondências – algumas cartas recebidas pela Sociedade entre 1905-1932.
- *Lettera.* Livro de cópias de cartas enviadas entre 1917 e 1927.
- *Libro dei soci.* Lista da relação de sócios.
- *Statuto della Società Italiana di Mutuo Soccorso “Unione Italiana” dell’anni: 1898, 1911, 1923, 1927 e 1941.*
- *Libro della presenza dei soci 1898-1901.*
- *Libro della presenza dei soci 1904-1913.*
- *Album della Società Operaia m. s. Unionelitaliana di Ribeirão Preto*
- Revista comemorativa do 1ºcentenário da Sociedade “Unione Italiana”

Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) – Universidade Estadual de Campinas

Artigos, Opúsculos, Folhetos e Livros do Fundo “Coleção Imigração Italiana” Revista Nuova Antologia, Scienze, lettere ed Arti.

- “L’imigrazione italiana in america” – 15/02/1895 por Vincenzo Grossi
- “Della protezione degli emigranti italiani in America” – 15/12/1895 Luigi Bodio.
- “Gl’italiani a Sao Paolo” – 16/09/1896 por Vincenzo Grossi
- “Dell’emigrazione italiana e della legge” – 31/01/1901 por Luigi Bodio
- “L’imigrazione italiana in Brasile” – 01/12/1921 por Ugo Imperatori
- “Il problema dell’ emigrazione italiana in Brasile” – 16/01/1924 por Renato La Valle.

Revista La Riforma Sociale. Vol VII, anno IV, 15 de junho de 1897.

- “Le classi sociali al Brasile e loro funzioni” – Ferruccio Mosconi
- “L’imposta de ricchezza mobile e le classi lavoratrici” – Frederico Flora.

Revista Italica Gens: Federazione per l’assistenza degli emigranti trasoceanici, fondata e diretta dall’Associazione Nazionale pei Missionari Cattolici Italiani (Torino) – 1913 e 1914.

- “I sussidi alle scuole italiane in America” – Ranieri Veronesi –1914
- “L’Italica Gens nello stato di San Paolo del Brasile” – Eugenio Bonardelli (representato in San Paolo)
- “Salari correnti e prezzi deu generi di prima necessita nella città de S. Paolo del Brasile” – Ranieri Veronesi (direttore e responsabile Torino)
- “Il caffè nello Stato di S. Paolo e la sua importanza finanziaria” – 1914- Eugenio Bonardelli
- “La fezenda” - Eugenio Bonardelli 1914
- “La protezione dei coloni italiani nello stato de S. Paolo” - Eugenio Bonardelli. 1914
- “Gli scioperi agrari nello stato di S. Paolo” - Eugenio Bonardelli 28/04/1913
- “Vita intellecttuale sociale religiosa degli italiani nello stato di S. Paolo” - Giuseppe Capra.
- “La piccola proprietà nello stato di S. Paolo” - Eugenio Bonardelli – 1915

Rassegna Contemporanea diretta da G.A. di Cesaro e Vincenzo Picardi - giugno 1908 – anno I, fasc 06

- “La nazionalità delle colonie italiane” – A. Franceschini

Rassegna Mensile di politica estera coloniale e di emigrazione “ La vita italiana all’estero” Roma, 25 de febbraio de 1914.

- “Il problema della cittadinanza, nell rapporti degli italiani nell’america del sud”. Giacomo Pavoni.

Revista Coloniale - 1913

- “Contro l’imigrazione al Brasile” – Angiolo Cabrini – 1913

- “La fisiologia d’uno sciopero” - Antonio Picarolo – 1913

Ministero degli Affari Esteri – commissariato dell’emigrazione. Bollettino del Ministero degli Affari Esteri. Roma.

- “Dell emigrazione italiane e della leggi” – 31 de gennaio de 1901 por Luigi Bodio

- “Elenco di leggi, decreti e regolamenti circa l’emigrazione dagli stati d’Europa e l’immigrazione e colonizzazione in America. Africa, Asia ed Oceania” – 1907 por Luigi Bodio.

- “Avvertenze per chi emigra nel Brasile” – 1904 (distribuição gratuita feita pelo commissariato dell’emigrazione).

- “La convenzione di lavoro ed emigrazione fra l’Italia ed il Brasile” commissariato generale dell’emigrazione, 1921.

- “Le Società italiane all’estero nel 1908” – 1908.

- “Condizioni dei coloni italiani nello stato di San Paolo” por A. Rossi

- “O distrito do V. Consulado em Ribeirão Preto” – 1915 por M. B. Zanotti.

Bolletino della Società geográfica italiana

- “Resulti del censo del 1890 nel Brasile” – março de 1898. nº 03

- “Imigrazione nell stato di S. Paolo” – junho de 1898. nº06

- “La colonia italiana della città di S. Paolo” – outubro de 1906. nº10

- “Spedizione nell America meridionale, una visita di P. Walle nello Stato de S. Paolo”. Nº12

- "Le proprietà urbane degli stranieri nell stato de S. Paolo" - setembro de 1911.

Bolletino della Camara di Commercio i Industri italo-brasiliana .

- "I mezzi necessari per lo sviluppo dei commerci itali-brasiliani" – 1919

Revista Italia Coloniale

- "Interessi coloniali: per le trattative commerciali col Brasile" – 1902,

Livros

BARTOLOTTI, Domenico. **L'oro verd del Brasil**, Toscana: società editrice 1928.

BELLI, Natale. **Giornalismo italiano in Brasile**, São Paulo: 1923.

RANGONI, Domenico. **Il lavoro collettivo degli italiani al Brasile**: Conferenza popolare, em 16 de febbraio de 1902.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Sessão de Periódicos:

1. Jornais de língua nacional

A Mocidade. Ribeirão Preto, 3 de julho de 1898.

O Trabalho. Ribeirão Preto, maio de 1909 a maio de 1910.

Diário da Manhã. Ribeirão Preto:

- Julho a dezembro de 1907

- Julho a dezembro de 1908

- Janeiro a dezembro de 1917

- Julho a dezembro de 1918

- Janeiro a dezembro de 1920

2. Jornais de língua italiana:

Il Messaggero : giornale settimanale indipendente. Ribeirão Preto, janeiro a fevereiro de 1909.

Lo Scudiscio (periódico humorístico, literário e noticioso). Ribeirão Preto, 27 de agosto de 1899.

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo. *Anuário Estatístico de São Paulo*. Volumes de 1893 a 1926.

Diário Oficial do Estado de São Paulo. Volumes do período 1890-1920.

Memorial do Imigrante

Livros de Registros de Entrada dos imigrantes que chegaram à Hospedaria (versão digitalizada)

Istituto Italiano Di Cultura, San Paolo

Il Brasile e gli Italiani. Edizioni del “Fanfulla”, Bemporad e Figlio, Firenze, 1906.

Cinquant’anni Di Lavoro de gli italiani in Brasile. Volume I, SP: Società editrice Italiana, 1936.

PISANI, Salvatore. **Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell’imigrazione**. São Paulo, 1937.

DE ROSA, Luigi. **Emigranti, capitali e banque (1896-1906)**. Napoli: Edizione del Banco di Napoli, 1980.

Jornal “A Cidade” de Ribeirão Preto

Coleção privada do jornal “A Cidade” – Biblioteca

Volumes disponíveis:

- 1º e 2º semestres de 1905
- 1º e 2ª semestres de 1907
- 1º e 2ª semestres de 1910
- 1º semestre de 1911
- Novembro e Dezembro de 1911
- 1º semestre de 1912
- 2º semestre de 1913
- 1º e 2ª semestres de 1915

- 2º semestre de 1916
- 2º semestre de 1917
- 1º e 2ª semestres de 1918
- 1º e 2ª semestres de 1919
- 1º e 2ª semestres de 1920
- 1º e 2ª semestres de 1921
- 1º e 2ª semestres de 1922

BIBLIOGRAFIA

- ALIER, Verena M; HALL, Michel. Greves de colonos na Primeira República. In: **II Seminário de Relações de Trabalho e Movimentos Sociais**. São Paulo: Cedec, 1979, mimeo.
- ALVIM, Zuleika. **Brava Gente!** os italianos em São Paulo (1870-1920). São Paulo: Brasiliense, 1986. 189 p.
- ALVIM, Zuleika e RAMOS, José Sachetta. Italianos em São Paulo: Dimensiones de la italianidad en el Estado de São Paulo en 1920. In: **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, n.º 29, 1995, pp. 113-126.
- AMORIM, Galeno (org.). **Os Desbravadores**: personalidades que fizeram história no interior paulista. 2ª ed. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2002. 173 p.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005. 283 p.
- AZEVEDO, Célia Maria M. De. **Onda Negra, Medo Branco**: o negro no imaginário das elites do século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 267p.
- BAILY, Samuel. Lo studio degli immigrati italiani in Argentina in prospettiva comparata, **Identità Degli Italiani in Argentina**: Reti Sociali/Famiglia/Lavoro, Centro Studi Emigrazione – Roma, 1993, pp. 23-38.
- _____. Marriage patterns and immigrant assimilation in Buenos Aires, 1882- 1923. **The Hispanic American Review**, 60 (1): 32-48, 1980.
- _____. Las sociedades de ayuda mutua y el desarrollo de una comunidad italiana en Buenos Aires, 1858-1918. **Desarrollo Económico Revista de Ciencias Sociales**, Enero-Marzo 1982, vol. 21, n.º 84, pp. 485-514.
- BALAKRISHNAN, Gopal. (org.). **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. 335 p.
- BARBOSA, Agnaldo de Souza; WALKER Thomas W. **Dos Coronéis à Metrópole**: Fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no Século XX. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000. 222 p.
- BARRANCOS, Dora. As leituras comentadas: um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914-1930, **Cadernos do AEL**, n. 8/9, 1998, pp. 151-164.
- BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**: Especialidades e Abordagens. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004. 222 p.
- BASSANEZI, Maria Silvia B. Família e Imigração Internacional no Brasil, **CEDHAL** Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, USP, texto 7, 1996.

- BATALHA, Cláudio H. M.; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando Teixeira. **Cultura de Classes: Identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. 438 p.
- BATALHA, Cláudio H. M.. “**Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária**”, Cadernos do AEL, n.º 10/11, 1999, pp. 41-68.
- BEIGUELMAN, Paula. **A Crise do Escravismo e a Grande Imigração**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 62 p.
- _____. **A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1968. 152 p.
- _____. **Os Companheiros de São Paulo**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Símbolo, 1977. 123 p.
- BERNASCONI, Alicia. Le asociación italiane nel secondo dopoguerra: nueve funzioni per nuovi immigrati?, **Identità Degli Italiani in Argentina: Reti Sociali/Famiglia/Lavoro**, Centro Studi Emigrazione – Roma, 1993, pp. 319-340.
- BERTONHA, João F. **Os Italianos**. São Paulo: Contexto, 2005. 300 p.
- BERTUCCI, Liane, M. Práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In: CHALHOUN, S. et al (org) **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. pp. 197-200.
- BIANCO, Maria E. B. **A Sociedade Promotora de Imigração: (1886-1895)**. Cap. III e IV. Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1982. pp. 44-86.
- BIONDI, Luigi. Anarquistas Italianos em São Paulo. O grupo do Jornal Anarquista “La Battaglia” e a sua visão da sociedade brasileira: O embate entre imaginários libertários e etnocêntricos”. **Cadernos do AEL**, n. 8/9, 1998, pp. 117-150.
- _____. Sociedades Italianas de Socorro Mútuo e Política em São Paulo, entre o século XIX e o século XX. **Revista Travessia**, n.º 34, maio/agosto, 1999, pp.05-12.
- _____. Identidade de classe e identidade nacional entre solidariedade e conflito: socialistas e republicanos italianos na São Paulo do início do século XX e suas relações com as associações patrícias e o nascente sindicalismo, **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXVI, n.º 1, julho 2000, pp.131-162.
- _____. **Entre Associações Étnicas e de Classe: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)**. 567 f. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2002.
- BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio; PEPE, Adolfo (a cura di). **La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in América Latina**. Brescia: Câmara Del Lavoro, CGIL, 1992.

- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco In: **Dicionário de Política**. 5ª ed. v 1 Brasília: Editora da UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- BOITO JUNIOR, Armando *et alii*. **A Obra Teórica de Marx**: atualidades, problemas e interpretações. Campinas: Xamã, 2000. 294 p.
- BORGES, Maria E. **A Pintura na “Capital do Café”**: sua história e evolução no período da Primeira República. Franca: Unesp, 1999. 128 p.
- BORNADELLI, E. La protezione dei coloni italiani nello Stato di San Paolo, In: **Italica Gens**, Turim: Julho/Setembro de 1915: pp.171-184.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. Oeiras: Celta, 1972.
- _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989. 311 p.
- _____. **Questões de Sociologia**. ORTIZ, Renato (org.) “Coleção Grandes Cientistas Sociais” São Paulo, Ática, 1994. 208 p.
- BOURDIEU, Pierre. & PASSERON, Jean C. **La Reproduction Elements pour une Theorie du Systeme d’Enseignement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970. 279 p.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 149 p.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Cidades & História – Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA, **ANPUH**, 1992.
- BRESCIANI, Maria S.; LEWKOWICZ Ida; SÂMARA, Eni M. (orgs.) **Jogos da Política**: imagens, representações e práticas. São Paulo: Marco Zero, ANPUH 1992. 269 p.
- BURKE, Peter. **Sociologia e História**. Porto: Afrontamento, 1980. 112 p.
- CANDELARESI, Ana M.; MONTERISI, Maria T. **La presencia italiana en la ciudad de Córdoba**: 1869 – 1895. Tomo I, Córdoba, 1989. 147 p.
- CANO, Wilson. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**, Rio de Janeiro: Difel, 1977. 317 p.
- CAPRARA, Loredana. **Cultura e Língua Italiana nas Músicas Populares dos Séculos XIX e XX**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997. 65 p.
- CARELLI, Mário. **Carcamanos e Comendadores**, São Paulo: Ática, 1985. 222 p.
- CARONE, Edgar. **Classes Sociais e Movimento Operário**. São Paulo: Ática, 1989. 309 p.
- CARVALHO, José M. de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. 196 p.

- _____. "Os Três Povos da República". In: Maria Alice Resende (org). **República do Catete**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2002. pp. 61-87.
- CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**: "Andiamo in 'Mérica'...". 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2003. 535 p.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986. 241 p.
- _____. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 287 p.
- _____. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. 304 p.
- CHALHOUB, Sidney *et alii*. **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. 428 p.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1980. 239 p.
- CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria S. C.. **Ideologia e Mobilização Popular**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CEDEC: Paz e Terra, 1985. 209 p.
- CHIAVENATO, Júlio J. **Coronéis e Carcamanos**. 2ª ed. Ribeirão Preto: Funpec Editora, 2004. 213 p.
- CINTRA, Rosana A. **Italianos em Ribeirão Preto**: vinda e vida de imigrante (1890-1900). 205 f. Dissertação de Mestrado em História e Cultura Social, UNESP, Franca, 2001.
- CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**: comemorativo do 140º aniversário de Ribeirão Preto. Volume IV. Ribeirão Preto: Legis Suma, 1996. 423 p.
- COLOGNESE, Silvio A. **Associações Étnicas de Italianos**: São Paulo: Itália Nova Editora, 2004. 192 p.
- CONSOLMAGNO, Marina. **Fanfulla**: perfil de um jornal de colônia (1893-1915), 400f. Dissertação de Mestrado - Instituto de História Social, USP, São Paulo, 1993.
- CORRÊA, Rosa L. T. **Conviver e Sobreviver**: estratégias educativas de imigrantes italianos (1880-1920), 232 f. Tese de Doutorado – Instituto Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2000.
- COSTA, Emilia Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 361 p.
- _____. **Da Senzala à Colônia**. 3ª ed. São Paulo: Unesp, 1998. 570 p.
- CRUZ, Heloisa de F. **Trabalhadores em Serviço**: dominação e resistência – São Paulo- 1900/1920. São Paulo: Marco Zero, 1991. 98 p.

- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da Ordem: a doença mental na república**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 79 p.
- DAVATZ, Thomas. **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. prefácio e notas de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Livraria Martins, 1941.
- D'ÁVILA, Rosemeire Pereira. **Lembranças da Imigração: Cenas e cenários de vida dos imigrantes espanhóis em Bauru 1892-1930**. São Paulo: Edusc, 2004. 182 p.
- DE BONI, A. A. de (org). **A Presença Italiana no Brasil**, volumes I, II, III. Porto Alegre: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1987, 1990, 1996.
- DE LUCA, Tânia R. **O Sonho do Futuro Assegurado: o mutualismos em São Paulo**. São Paulo: Contexto, 1990. 177 p.
- _____. Inmigracion, Mutualismo e Identidad: São Paulo (1890-1935), **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, n.º 29, 1995, pp. 191-203.
- DEAN, Warren. **Rio Claro, Um Sistema de Grande Lavoura: 1820-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 205 p.
- _____. **A Industrialização de São Paulo: (1880 -1945)**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 269 p.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. 249 p.
- DEMARTINI, Zélia B. F.; TRUZZI, Oswaldo. (orgs.). **Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas**. São Paulo: EdUFSCar, 2005. 221 p.
- DEVOTO, Fernando J., Las sociedades italianas de ayuda mutua em Buenos Aires y Santa Fé. Ideas y problemas, **Studi Emigrazione, Etudes Migrations** 75, 1984, Setembro, pp. 321-341.
- DOSSE, François. **A História**. Bauru: Edusc, 2003. 325 p.
- EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2005. 204 p.
- EMBOABA, Osmani. História da Fundação de Ribeirão Preto, **Revista de História**, Ano VI, Volume X, n.º 21 e 22, janeiro-junho, 1955, pp. 339-438.
- ESTUDOS DE HISTÓRIA: revista do Programa de Pós-Graduação em História, Franca, Unesp, vol. 8, n.º 2, 2001. 305 p.
- FAORO, Raimundo. **Os donos do Poder: a formação do patronato político brasileiro**. 10ª ed. vol. 2, Porto Alegre: Globo, 1985. 750 p.
- FARIA, Rodrigo S. de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**. 426 f. Dissertação de Mestrado em História, Unicamp, Campinas, 2003.

- FAUSTO, Boris. Expansão do Café e política cafeeira. In: Boris Fausto (dir.) O Brasil Republicano - estrutura de poder e economia (1890-1930). Tomo III. **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1977, vol. 1.
- _____. **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991. 62 p.
- _____. **Trabalho Urbano e Conflito Social: 1890-1920**. 5ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000. 283 p.
- _____. (org). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2000. 577 p.
- _____. **Crime e Cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001. 326 p.
- FAVERO, Luigi. Fonti per lo studio dell'emigrazione in Argentina, **Identità Degli Italiani in Argentina: Reti Sociali/Famiglia/Lavoro**, Centro Studi Emigrazione. Roma: 1993, pp. 1-22.
- FERLINI, Vera L. A.; FILLIPINI, Elizabeth. Os núcleos coloniais em perspectiva historiográfica, **Revista Brasileira de História**, vol. 13, n.º 25/26, set.92/ago.93, pp. 121-132.
- FERNÁNDEZ, Alejandro E. L'associazionismo italiano nella provincia de Mendoza, **Identità Degli Italiani in Argentina: Reti Sociali/Famiglia/Lavoro**, Centro Studi Emigrazione – Roma, 1993, pp. 241-270.
- FOLLIS, Fransérgio. **Modernização Urbana na Belle Époque Paulista**. São Paulo: Unesp, 2004. 151 p.
- FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. **Cadernos do AEL**, n.º 10/11, 1999, pp. 171-218.
- FRANZINA, Emilio. **Storia Dell'Emigrazione Veneta: Dall'Unità al Fascismo**, Cierre Edizioni, Verona, 1991. 168 p.
- _____. **A Grande Emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2006. 472 p.
- FREITAS, Daici C. A. de. **Os Signos da Modernidade nos Cafezais**. 2 v. Tese de doutorado, ECA – Instituto de Propaganda, USP, São Paulo, 1994.
- FREITAS, Marcos C. (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. 476 p.
- GABRIEL, Maria C. C. – **Além das Fronteiras do Colonato: o ajustamento da coletividade italiana à sociedade local campineira durante a grande imigração – 1886 a 1920**, 187 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1995.

- GARCIA, Maria A. M. - **Trabalho e Resistência**: os trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto (1890-1920), 198 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Sociais, Cultura e Ideologia, Unesp, Franca, 1993.
- GEBARA, Ademir. **O Mercado de Trabalho Livre no Brasil**: 1871-1888. São Paulo: Brasiliense, 1986. 221 p.
- GERALDO, S. **O Resgate da Memória Proletária em Ribeirão Preto**. Dissertação de Mestrado, ECA – USP, São Paulo, 1990.
- GROSSELLI, Renzo M. **Da Schiavi Bianchi a Coloni**: un progetto per le fazendas. Trento: Edizione A Cura Della Provincia Autonomia, 1991. 443 p.
- GUMIERO, Elaine A. **Ribeirão Preto e o desenvolvimento do seu comércio**: 1890-1937. 197 f. Dissertação de Mestrado em: Relações Sociais, Cultura e Ideologia, Unesp, Franca, 2000.
- HALL, Michael, M. **The Origins of mass Immigration in Brazil**: 1871-1914. Tese de doutoramento. Columbia University, 1969, mimeo.
- HALL, Michael. “Os Imigrantes na Cidade de São Paulo” In: **História da Cidade de São Paulo**: A Cidade na Primeira Metade do Século XX 1890-1954. vol. 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. pp. 121-151.
- HALL, Michael; STOLCKE, Verena, A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo, **Revista Brasileira de História**, n.º 6, setembro 1983, pp. 80-120.
- HARDMAN, Foot; LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**: das origens aos anos 20. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991. 336 p.
- HARDMAN, Francisco F. **Nem Pátria, Nem Patrão**: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983. 199 p.
- HECKER, Alexandre. **Um Socialismo Possível**: A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. 225 p.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 121 p.
- HISTÓRIA, São Paulo, Ed. Unesp, vol. 13, 1994. 264 p.
- HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316 p.
- HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 459 p.
- _____. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 598 p.
- _____. **Sobre História**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 336 p.

- _____. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre História. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 460 p.
- _____. **A Era dos Impérios**: 1875 – 1914. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 546 p.
- _____. **Nações e Nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 230 p.
- HOLLOWAY, Thomas. **Imigrantes para o café**: Café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 297 p.
- HUTTER, Lucy M. **Imigração Italiana em São Paulo (1902-1914)**: o processo imigratório. São Paulo: IEB-USP, 1986. 248 p.
- IANNI, Constantino. **Homens Sem Oaz**: os conflitos e os bastidores da emigração italiana. São Paulo: Difel, 1963. 246 p.
- KANDAS, Esther. **A Instituição da Companhia Agrícola de Ribeirão Preto (1891-1895)** Dissertação de Mestrado, Cap. I e II, Instituto de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1979, pp 33-97.
- KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e Vadiagem**: A origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987. 133 p.
- LAGES, José A. **Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro**: O Povoamento da Região pelos entrantes Mineiros na Primeira Metade do Século XIX. Ribeirão Preto: VGA editora, 1996. 264 p.
- LANNA, Ana L. D. **Uma Cidade em Transição**: Santos, 1870-1913. São Paulo: Hucitec, 1996. 270 p.
- LAPA, José R. A. **A Cidade**: os cantos e os antros, Campinas 1850-1900. São Paulo: Edusp, 1996. 361 p.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 1994. 553 p.
- LEAL, Victor N. **Coronelismo, Enxada e Voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978. 276 p.
- MARTINS, José S. **A Imigração e a Crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Editora Pioneira, 1973. 222 p.
- _____. **Subúrbio**: vida cotidiana e História no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 356p.
- MARX, Karl. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. vol. 1, Lisboa: Edições Avante!; Edições Progresso, 1982. 621 p.

- MATOS, Maria I. S. **Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho**. Bauru: Edusc, 2002. 206 p.
- MAUSS, Marcel. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2ª ed., 2005. p 535.
- MERTZIG, Lia R. L. **As Dificuldades de Adaptação do Imigrante no Estado de São Paulo: Repatriação e Reemigração – 1889-1920**. Cap. 1, 6 e 7, Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1977. pp. 11-21; pp. 104-145.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984. 392 p.
- MOURA, Esmeralda B. B., O processo de imigração em São Paulo nas primeiras décadas republicanas: questões em aberto, **CEDHAL** Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, USP, texto 8, 1996.
- MOYA, José C. **Primos y Extranjeros: La inmigración en Buenos Aires, 1850-1930**. Argentina: Emecé Editores, 2004. 569 p.
- MUNAKATA, Kazumi. **A Legislação Trabalhista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 112 p.
- OLIVEIRA, Maria C. F. A. e PIRES, Maria C. S. A Imigração italiana para o Brasil e as Cidades, **Núcleo de Estudos de População - NEPO**, Campinas: UNICAMP, 1992. 71 p.
- PEREIRA, João B. B., **Italianos no Mundo Rural Paulista**. São Paulo: Edusp, 2002. 255 p.
- PICAROLO, Antonio. La fisiologia d'uno sciopero. In: **Revista Coloniale**. Roma, (8): 1-30, agosto de 1913.
- PINTO, Luciana S. G. **A Dinâmica da Economia Cafeeira de 1870 a 1930**. Dissertação de Mestrado em História Econômica, UNESP, Araraquara, 2000.
- PINTO, Maria Inez M. B. **Cotidiano e Sobrevivência: a vida do trabalhador pobre em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1994. 260 p.
- PISANI, Salvatore. **Lo Stato di San Paolo nel Cinquentenario del l'imigracione**. São Paulo: 1937.
- PRADO, Antônio A. (org.). **Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 308 p.
- QUEIROZ, Maria, I. P. **O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa Ômega, 1976. 230 p.
- RALLE, Michel. A função da proteção mutualista na construção de uma identidade operária na Espanha: (1870-1910), **Cadernos do AEL**, n.º 10/11, 1999, pp. 13-40.

- RIBEIRO, Maria T. J. **Desejado e Temido**: Preconceito contra o imigrante italiano na Primeira República. Dissertação de Mestrado – Instituto Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1985.
- RIBEIRO, Suzana B. **1920-1930: Italianos do Brás Imagens e Memórias**. São Paulo: Brasiliense, 1994. 162 p.
- RIOS, José A. **Aspectos políticos da assimilação do italiano no Brasil**, São Paulo, Sociologia n.º 4, Fundação Escola de Sociologia e Política, 1959. 75 p.
- RODRIGUES, José Albertino. **Sindicato e Desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Difusão Européia, 1968. 215 p.
- ROIO, José L. D. **Trabalhadores no Brasil**: imigração e industrialização. São Paulo: Ícone, 1990. 156 p.
- ROSA, Lílian R. de O. **Comunistas em Ribeirão**: 1922-1947. Franca: UNESP, 1999. p. 129.
- ROSOLI, Gianfausto. Le organizzazzioni cattoliche italiane in Argentina e l'assistenza agli emigrati italiani, **Studi Emigrazione, Etudes Migrations** 75, pp. 381-407.
- ROSSI, A. Condizioni dei coloni italiani nello Stato di San Paolo. In: **Bolettino dell'Emigrazione**. Roma, (7): 3-57, 1902.
- SALLES, Maria R. R. **Médicos Italianos em São Paulo (1890-1930)**: um projeto de ascensão social. São Paulo: Ed. Sumaré: FAPESP, 1997. 182 p.
- SALLUM JUNIOR, Brasílio. **Capitalismo e Cafeicultura**: 1880-1930. São Paulo: Duas Cidades. 1982. 258 p.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**, São Paulo: Hucitec, 1993. 174 p.
- SCHWARCZ, Lilia K. M. História e Antropologia: embates em região de fronteira. In: SCHWARCZ, Lilia K. M. *et alii* (org.). **Antropologia e História**: debates em região de fronteira. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 11-31.
- SCHWARCZ, Lilia K. M. *et alii* (org.). **Antropologia e História**: debates em região de fronteira. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 11-31.
- SILVA, Adriana C. B. **Imigração e Urbanização**: O Núcleo Colonial Antônio Prado em Ribeirão Preto, 151 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Engenharia Urbana, UFSCAR, São Carlos, 2002.
- SILVA, B. L. da. **O Rei da Noite na Eldorado Paulista**: François Casoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1890-1930). Dissertação de Mestrado em História, UNESP/Franca, 2000.
- SILVA, Marcos A. da (org.). **República em Migalhas**: história regional e local. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990. 200 p.

- SILVA JÚNIOR, Adhemar L. da. Etnia e classe no mutualismo do Rio Grande do Sul 1854-1889. Porto Alegre: **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, vol. XXV, n.º 2, dez. 1999.
- SIMÃO, Azis. **Sindicato e Estado**: suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Ática, 1981. 228 p.
- SOUZA, Wlaumir D. de. **Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante**: Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o Caso Idalina. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 234 p.
- Studi Etudes Emigrazione Migrations**, Centro Studi Emigrazione, Roma, Anno XXI, Settembre-1984, n.º 75.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. 390 p.
- _____. O Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: **História da Vida Privada no Brasil**: República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. vol. 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. pp. 7-48.
- TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. Imigração e epidemias no estado de São Paulo. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, III (2): 265-283 jul-out 1996.
- _____. **Poder e Saúde**: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 1996, p. 201.
- THOMPSON, Edward. P. **A Miséria da Teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 231 p.
- _____. **Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase**: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. 2ª Ed. Barcelona: Crítica, 1984. 318 p.
- _____. **Senhores & Caçadores**: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 432 p.
- _____. **A Formação da Classe Operária Inglesa**: a árvore da liberdade. vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 204 p.
- _____. **A Formação da Classe Operária Inglesa**: a maldição de Adão. vol. II. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 347 p.
- _____. **A Formação da Classe Operária Inglesa**: a força dos trabalhadores. vol. III. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 440 p.
- _____. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 493 p.
- _____. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Campinas: Unicamp, 2001. 286 p.

- TRENTO, Ângelo. **Outro Lado do Atlântico**: um século de imigração italiana. São Paulo: Nobel, 1989. 574 p.
- TOLEDO, Edilene. **Travessias Revolucionárias**: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Editora Unicamp, 2004. 415 p.
- TUON, Liamar I. **O Cotidiano Cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)**, 162 f. Dissertação de Mestrado em Relações Sociais, Cultura e Ideologia, Unesp, Franca, 1997.
- VALADÃO, Valéria. **Memória Arquitetônica de Ribeirão Preto**: (Planejamento Urbano e Política de Preservação), 265 f. Dissertação de Mestrado – Planejamento Urbano, Unesp, Franca, 1997.
- VANGELISTA, Chiara. **Os Braços da Lavoura**: Imigrantes e “caipiras” na Formação do Mercado de Trabalho Paulista (1850-1930). São Paulo: Hucitec, 1991. 293 p.
- VIANNA, Luiz W. **Liberalismo e Sindicado no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 288 p.
- ZAMBONI, Ernesta. **Processo de Formação e Organização da Rede Fundiária da Área de Ribeirão Preto (1874 a 1900)**: uma contribuição ao estudo de estrutura agrária., 137 f., Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,– USP, São Paulo, 1978.
- ZAMBONI, Maria C. **A Mogiana e o Café**: Contribuições para a História da Estrada de Ferro Mogiana, 164 f. Dissertação de Mestrado – Instituto Relações Sociais, Cultura e Ideologia, Unesp, Franca, 1993.

ANEXOS

Non ignara mali, miseris succurrere disco.

Vigilia.

Società Operaia Mutuo Soccorso e Beneficenza "UNIONE ITALIANA"

RIBEIRÃO PRETO — Stato di San Paolo — Brasile

Il Consiglio Amministrativo ha nominato Socio *Marcos* di questa filantropica Istituzione e determinato di lasciarli il presente **DIPLOMA** munito del gran Sigillo della Società come documento a questo titolo.

Ribeirão Preto, *Março* 1924.

Il Tesoriere *Marcelo* il Segretario *Nicola*

Casa da Câmara e Cadeia – edificação construída entre 1886 e 1889.
Fotógrafo: Flosculo de Magalhães - Data: 1910

Fórum e Cadeia – edificação construída entre 1886 e 1889.
Fotógrafo: Flosculo de Magalhães - Data: 1910

Teatro Carlos Gomes
Fotógrafo: Aristide Motta (APHRP) - s/d.

Teatro Carlos Gomes - interior
Fotógrafo: Aristide Motta (APHRP) - s/d.

Atto
della
Solenne sessione di
Battesimo
del Carro-Lettiga per la P.^a Ass.
Internazionale

L'anno mille novecento due e questo giorno di Domenica del mese di Aprile, in questa città di Ribeirão Preto, Stato di A. Paulo (Brasil), nel locale Teatro Carlo Gomes, ove con invito personale, furono invitate: Autorità, Stampa, medici, avvocati, Società, Loggie, Circoli e distinte famiglie, s'adunavano pure i soci di questa Società "Unione e Fratellanza", e molto popolo, per assistere al Battesimo civile del Carro-Lettiga per la Comp.^a di Pubblica Assistenza Internazionale, d'accordo col programma antecedentemente pubblicato.

Presiede l'Illustre cittadino D.^o Eliseo Guilherme Christiano Dig.^{mo} Giudice di Scrivito di Ribeirão Preto, che alle ore 11, $\frac{3}{4}$ ant.^a dichiara aperta la Sessione solenne.

Oratore ufficiale l'Illustre medico brasiliano D.^o Leal da Cunha. Padrino della civile cerimonia di battesimo al carro-lettiga, è l'Illustre cittadino Col.^o Luízinho da Cunha Lima Junqueira, assieme alla distinta Signora D.^{ma} Maria Lomenica Bonaccorsi-Livi che è la madrina scelta per la stessa cerimonia civile.

Dopo breve esordio in cui manifesta la sua gratitudine per

per l'onore conferitogli, presiedendo sì onorevole sessione, passò la parola all'oratore ufficiale già ricordato il quale in un felicissimo discorso tutto ispirato all'alto sentimento umanitario e tessendo l'elogi alla coraggiosa iniziativa di questa Società e in particolar modo alla costanza spiegata sempre dal Consiglio Direttivo, riscote meritate applausi diverse volte.

Con logica stringente dimostra i benefici che questa potrà arrecare alla popolazione essendo posta in pratica, ed elogiando pure l'inventore del Carro-Lettiga, che per tal forma men dolorosi si torneranno gli spasimi delle vittime, viene a far mostrare al pubblico il citato Carro-Lettiga, che essendo collocato sul palcoscenico del Teatro, appronisce nella totale sua maestosa figura alzando il riparo che lo celava alla pubblica vista. Dopo un prolungato Oh!!! Ho!!! d'ammirazione nel scelto pubblico, s'avvicinano al medesimo Carro-Lettiga i cittadini scelti a padrino e madrina, l'oratore Ufficiale e il Presidente della Sessione per compiere l'atto solenne di civile battesimo. Prende quindi alle mani la fratellanza bottiglia dello Champagne, il cittadino scelto a Padrino ed in cerimonia il quale in atto dignitoso la consegna alla madrina del Carro-Lettiga la quale a sua volta prende la bottiglia e battendola sulla ruota, rompe il vetro, spazzando in croce, col liquido, la Lettiga, a voce alta e chiara pronuncia le seguenti parole, alle ore 12 e 28 minuti, meridiane.

Pel bene dell'Umanità, vi
ti battezzo col nome
"Charitas"

Chiude quindi la solennità di quest'atto, l'Illustre oratore ufficiale con poche ed opportune parole d'occasione riscote

ROTELLINI, Vitaliano. Il Brasile e gli Italiani. Publicação especial do Fanfulla. 1906.

Vista interna della Casa Beschizza (Bazar), ditta Beschizza e C., in Ribeirão Preto.

ROTELLINI, Vitaliano. Il Brasile e gli Italiani. Publicação especial do Fanfulla. 1906.

Hôtel De Martino e Filho: Veduta esterna.

ROTELLINI, Vitaliano. Il Brasile e gli Italiani. Publicação especial do Fanfulla. 1906.

Uffici della Casa Gerolamo Ippolito in Ribeirão Preto.

ROTELLINI, Vitaliano. Il Brasile e gli Italiani. Publicação especial do Fanfulla. 1906.

ROTELLINI, Vitaliano. Il Brasile e gli Italiani. Publicação especial do Fanfulla. 1906.

ROTELLINI, Vitaliano. Il Brasile e gli Italiani. Publicação especial do Fanfulla. 1906.

Sociedade Dante Aleghieri
Fotógrafo: Maggiori - Data: 1923

Vicente Lo Giudice
Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto - Data: 1913

Mercado Municipal
Fotógrafo: n/identificado - Data: 1910

Rua General Osório vista a partir da Avenida Jerônimo Gonçalves
Fotógrafo: Flosculo de Magalhães - Data: 1910

Santa Casa de Misericórdia
Fotógrafo: n/identificado - Data: 1910

Rua da Estação: Mogyana ao fundo
Fotógrafo: Ernesto Kühn - Data: s/d

Família Giroto junto a casa localizada no núcleo colonial Antonio Prado
Final do século XIX

Filhos de Euterpe - Corporação Musical
Fotógrafo: Mattos - Data: 1899

Inauguração do Prédio da UGT – União Geral dos Trabalhadores
Fotógrafo: n/identificado - Data: 1934

Rua General Osório vista a partir da rua Tibiriçá
Fotógrafo: Ernesto Kuhn - Data: 1933 (aprox.)

Praça XV de Novembro vista a partir da rua General Osório, durante o anoitecer
Fotógrafo: n/identificado - Data: 1920